



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA**

DANIEL WELTON ARRUDA CABRAL

**RELAÇÃO AFETIVA PESSOA-AMBIENTE NA PRAINHA DO CANTO
VERDE: PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA**

FORTALEZA

2015

DANIEL WELTON ARRUDA CABRAL

RELAÇÃO AFETIVA PESSOA-AMBIENTE NA PRAINHA DO CANTO VERDE:
PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos de mediação: trabalho, atividade e interação social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- C118r Cabral, Daniel Welton Arruda.
Relação afetiva pessoa-ambiente na Prainha do Canto Verde : processos de participação comunitária / Daniel Welton Arruda Cabral. – 2015.
236 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Psicologia.
Orientação: Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.
- 1.Pessoas – Prainha do Canto Verde(Beberibe,CE) – Aspectos psicológicos. 2.Afeto(Psicologia).
3.Vida comunitária – Prainha do Canto Verde(Beberibe,CE). 4.Psicologia ambiental – Prainha do Canto Verde(Beberibe,CE). 5.Política ambiental – Prainha do Canto Verde(Beberibe,CE) – Participação do cidadão. I. Título.

DANIEL WELTON ARRUDA CABRAL

RELAÇÃO AFETIVA PESSOA-AMBIENTE NA PRAINHA DO CANTO VERDE:
PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: __ / __ / __

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Ariane Kuhnen
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof^a. Dr^a. Sylvia Cavalcante
Universidade de Fortaleza (Unifor)

AGRADECIMENTOS

São tantos aqueles que nos cercam e nos apoiam, e que mesmo por um momento nos fazem um pequeno gesto de incentivo, seja nos inspirando, dando uma palavra amiga, trocando um texto, ou nos alegrando nos momentos de descanso, ou mesmo aqueles que embora não tenham contribuído diretamente neste trabalho contribuíram para minha formação pessoal e conseqüentemente profissional, que com certeza serei injusto, e não conseguirei incluir todos neste agradecimento.

Primeiramente, à professora Zulmira Bomfim, por depositar confiança em mim durante toda esta caminhada, mesmo sem me conhecer no início, e pela forma cuidadosa com que me acolheu em todos os momentos deste processo, tanto de empolgação quanto de ansiedade, com o mesmo zelo e carinho.

Às professoras Ariane Kuhnen e Sylvia Cavalcante, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação do projeto desta pesquisa.

Aos meus pais Wilton Cabral e Coeli Arruda, por me apoiarem nesta caminhada, incentivando na busca dos meus sonhos e projetos pessoais e compreendendo muitas vezes a minha ausência nos períodos finais deste trabalho.

À minha irmã Marcelle Cabral, pela leitura e opinião sobre o texto, pela ajuda com a revisão, pela amizade e incentivo e por sempre estar disposta a me ajudar quando preciso.

À minha tia Maria Alice, que foi muitas vezes como uma segunda mãe para mim, cuidando e apoiando, inclusive com minha educação, desde a minha infância, sendo um exemplo para mim.

Para todos os parceiros e parceiras desta caminhada de mais de dois anos que, em diferentes momentos, que vão desde a seleção até a defesa, me apoiaram, até mesmo com pequenos gestos de atenção e carinho ou com a compreensão das ausências necessárias: Deyseane Lima, Clara Bezerra, Fernanda Souza, Fernando Rômulo, Hamilton Daniel, Leandro Lélis, Irving Marcelino, Fabíola Fernandes, Wanne Belmino, Alexandre (Mike), Virgínia Uchôa, Tatiana Rodrigues, Victor Franco, Franzé Moraes, João Igor, Janaína Ortins, Liana Sena e muitos outros.

À Samila Andrade, pelo apoio e incentivo tanto pessoal quanto logístico em momentos cruciais deste processo.

À Cleide Madeiro, especialmente pela ajuda no final da coleta de dados e nas discussões sobre a Prainha.

À Karla Peixoto e Camila Peixoto, além da amizade dedicada, por falarem sempre o que eu preciso ouvir, cada uma a seu jeito.

À Joana Carolina, pelo apoio e compreensão na reta final deste trabalho, e também na ajuda com os softwares de análise de dados.

Ao Luiz Lacerda, pelas contribuições com a análise estatística.

Aos meus mestres que na graduação me ensinaram a ter prazer nos estudos de Psicologia Social, em especial Christina Sutter, Elton Gurgel, Tereza Gláucia e Verônica Salgueiro, e a todos os professores que fazem parte da Pós-graduação de Psicologia/UFC que tanto contribuíram com meu processo de aprendizagem.

A toda a minha família estendida, tios, tias, sobrinhas, primos, primas, avôs e avós, que mesmo algumas vezes mais ausentes do que gostaríamos, sei que torcem por mim.

A todos os companheiros do LOCUS (Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental – UFC), em especial aos colegas da pós-graduação: Lucíola Limaverde, Débora Linhares, Zelfa Feitosa, Ana Kristia, Diego Menezes e Fábio Paz.

Aos profissionais do Instituto Chico Mendes que fazem seu trabalho com muita dedicação e amor.

A FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela concessão da bolsa de pesquisa.

E de forma especial a todos os moradores da Prainha do Canto Verde, que me acolheram e tanto me ensinaram sobre sua terra e seu mar, e que muitas vezes fizeram com que me emocionasse com a história de sua luta.

RESUMO

Este trabalho discute a participação comunitária e a relação afetiva (sentimentos e emoções) dos sujeitos com o ambiente, na Prainha do Canto Verde, em Beberibe, Ceará. Seus objetivos envolvem, além de uma análise da inter-relação destes dois fatores, um levantamento do modo de vida comunitário, e o estudo das implicações da participação/ausência participativa nas representações e afetos dos sujeitos em relação ao lugar. Para isso, utilizamos o referencial teórico da Psicologia Social, Psicologia Comunitária, Psicologia Ambiental e de autores que estudam a categoria afetividade, em uma tentativa de superar o dualismo presente tradicionalmente na Psicologia que dicotomiza subjetividade e objetividade, razão e emoção. O público alvo foram os moradores adultos, de ambos os sexos e diferentes escolaridades, da referida localidade, que foram analisados a partir de dois grupos: participantes de ações comunitárias e não participantes de ações comunitárias. Para tal, utilizamos as seguintes metodologias: observação-participante, investigando o modo de vida local e o funcionamento comunitário; entrevistas individuais e grupo focal, utilizadas para entender as diferenças entre o posicionamento dos dois grupos sobre as ações participativas e a percepção do lugar; e aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos, investigando os sentimentos e as emoções dos sujeitos em relação ao ambiente, a partir das seguintes imagens: pertencimento, agradabilidade, contraste, insegurança e destruição. Na Prainha do Canto Verde, nos deparamos com um forte sentimento de comunidade e laços de solidariedade e cooperação entre seus moradores. Foi encontrada uma diferença entre participantes e não participantes de ações comunitárias no tocante a: sentimento de comunidade, apego ao lugar, sensação de segurança/insegurança, preocupação com a preservação ambiental e percepção dos problemas locais. A participação comunitária, que é massiva e engajada, se evidenciou muitas vezes como ligada à identidade destes sujeitos, formada desde a sua infância, especialmente pela identificação com a participação dos pais. A participação se mostrou vivenciada a partir de sentimentos como “desejo” e “paixão”, e motivada pela vontade de preservar o local e o modo de vida para seus filhos. Como resultado dos mapas afetivos a imagem de “pertencimento” esteve significativamente mais associada ao grupo participante de ação comunitária, já as imagens de “contrastes”, “insegurança” e “destruição”, ao grupo dos não participantes. A imagem “agradabilidade” esteve presente de forma significativa nos dois grupos. Entre os participantes, encontramos especialmente sentimentos em relação ao lugar como: amor, paz, tranquilidade, alegria. Entre os não participantes, também encontramos estes sentimentos, porém também surgiram sentimentos como tristeza e infelicidade. Dessa forma, evidenciou-se que a participação comunitária interfere nos sentimentos e nas emoções dos sujeitos em relação ao lugar, corroborando com a tese de Bomfim, que correlaciona a estima de lugar e a participação social, e sua conseqüente potencialização da ação humana.

Palavras-chave: Participação comunitária. Relação pessoa-ambiente. Afetividade.

ABSTRACT

This study discusses community participation and affectionate relationship (feelings and emotions) between the subjects and the environment in Prainha do Canto Verde, Beberibe, Ceará. The objectives involve, besides the analysis of the interrelation of these two factors, a survey about the community way of living, and the study of the implications of the participatory/absence participation on the subjects' representations and affections related to the place. For that, we use theoretical reference from Social Psychology, Community Psychology, Environmental Psychology, and authors who study the category affectivity, with the attempt to overcome the dualism that is present traditionally in Psychology that dichotomizes subjectivity and objectivity, reason and emotion. The target group was the adult local residents, of both genders and different educational levels, from the mentioned location, and they were analyzed according to what follows: participants of community action and non-participants of community actions. For that, we use the following methodologies: participant observation, investigating the local way of living and community functioning; individual interviews and focus groups, used to understand the differences between the positioning of the two groups about the participatory actions and the perception of the place; and the application of the instrument that generates the affective maps, investigating the feelings and the emotions of the subjects related to the environment, starting from the following images: belonging, pleasantness, contrast, insecurity and destruction. In Prainha do Canto Verde, we observed a great feeling of community and bonds of solidarity and cooperation among the residents. A difference between the participants and non-participants of the community actions was found concerning the following: community feeling, attachment to the place, sensation of security and insecurity, preoccupation with the environment preservation and the perception of local problems. Community participation, which is massive and engaged, was most of the time highlighted with a link to the identity of these subjects, shaped since childhood, especially because of the parents' participation. The participation was showed through feelings like *desire* and *passion*, and motivated by the will of preserving the location and the way of living to their children. As a result of the affective maps the image of *belonging* was significantly associated to the group participant of the community action, whereas the images of *contrasts*, *insecurity* and *destruction* to the group of the non-participants. The image *pleasantness* was present in both of the groups. Among the participants, we found the following feelings related to the place: love, peace, tranquility, happiness. Among the non-participants, we also found those feelings although sadness and unhappiness were present. Thus, community participation interferes in the feelings and emotions of the subject in relation to the place, supporting Bomfim's thesis, which correlates the esteem of the place and the social participation and its consequent potentiation of human action.

Key-words: Community Participation. Relation person-environment. Affectivity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Síntese do processo de categorização dos mapas afetivos	103
Gráfico 1 – Distribuição percentual da estima de lugar	151
Gráfico 2 - Distribuição percentual da estrutura dos mapas afetivos	152
Gráfico 3 – Distribuição percentual das imagens dos mapas afetivos	152
Gráfico 4 – Distribuição comparativa das imagens dos mapas afetivos.....	153
Figura 1 - Prainha do C.V. Música “Vilarejo”.....	154
Figura 2 - Prainha do C.V. Cardume de Sardinhas	155
Figura 3 - Prainha do C.V. Paraíso IV	156
Figura 4 - Prainha do C.V. Planta	159
Figura 5 - Prainha do C.V. Minha Casa	161
Figura 6 - Prainha do C.V. Família	162
Figura 7 - Prainha do C.V. Sem Trabalho.....	163
Figura 8 - Prainha do C.V. Perigo.....	165
Figura 9 - Prainha do C.V. Que o mar está levando	167
Figura 10 – Tabela comparativa dos dados quantitativos	169
Gráfico 5 – Distribuição dos dados quantitativos brutos da estima de lugar	170
Gráfico 6 – Comparativo dos dados quantitativos entre os sujeitos que participam/ não participam de ações comunitárias	171
Tabela 1 – Combinação entre dados quantitativos e qualitativos de todos os mapas afetivos analisados	172

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMPCV – Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde

CDPDH – Centro de defesa dos direitos humanos

CEBS – Comunidade Eclesiais de base da Igreja Católica

Compesce – Comitê de Pesca do Estado do Ceará

CPP – Conselho Pastoral dos Pescadores

ICMBio – Instituto Chico Mendes de conservação da biodiversidade

IGMA – Instrumento Gerador de Mapas Afetivos

GF – Grupo Focal

LOCUS – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental

Resex – Reserva Extrativista

STJ – Superior Tribunal de Justiça

TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido

UFC - Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 TRANSFORMAÇÃO A PARTIR DA RELAÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DE CONCEITOS DE VYGOTSKY E FREIRE.....	17
2.1 Vygotsky e a contextualização sobre seus estudos da Consciência	17
2.2 Freire os estudos sobre a Conscientização.....	25
2.3 Vygotsky e Freire: Articulações entre dois saberes.....	29
3 PSICOLOGIA, AFETIVIDADE E RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE	33
3.1 Espinosa e seu estudo sobre a Afetividade.....	35
3.1.1 O contexto histórico de Espinosa	35
3.1.2 Monismo e crítica a religiosidade	37
3.1.3 Potência de ação e afetividade	40
3.2 Psicologia Ambiental e afetividade.....	46
3.2.1 Percepção Ambiental	47
3.2.2 Sensação de Segurança/Insegurança	48
3.2.3 Apropriação	50
3.2.4 Desenvolvimento Sustentável	52
3.2.5 Relação afetiva pessoa-ambiente	54
3.2.6 Apego ao lugar	57
3.2.7 Apreensão dos afetos pelo IGMA.....	58
4 PSICOLOGIA, COMUNIDADE E PARTICIPAÇÃO	63
4.1 Psicologia e o interesse pelas comunidades.....	63
4.2 O estudo da participação.....	68
4.2.1 Formas de participação	68
4.2.2 A participação comunitária	70

5 METODOLOGIA	75
5.1 História e participação na Prainha do Canto Verde.....	75
5.1.1 Breve história da Prainha do Canto Verde	75
5.1.2 Participação comunitária e luta pelo Mar.....	76
5.1.3 Participação comunitária e luta pela Terra	80
5.2 Caracterização da pesquisa	84
5.3 Inserção no campo e dificuldades encontradas	87
5.3.1 Primeiros contatos.....	87
5.3.2 Investigando os sujeitos que participam das ações comunitárias	89
5.3.3 Investigando os sujeitos que não participam das ações comunitárias	93
5.4 Metodologias Utilizadas.....	96
5.4.1 Observação Participante	96
5.4.2 Grupo Focal e entrevistas	96
5.4.3 Mapas Afetivos	99
5.4.3.1 Composição do IGMA	99
5.4.3.2 Análise do IGMA	102
6 ANÁLISE DOS DADOS	104
6.1 Grupo Focal.....	104
6.1.1 Participação Comunitária na Prainha do Canto Verde	105
6.1.1.1 A prática da Participação.....	105
6.1.1.2 Dedicção de tempo ao Movimento	107
6.1.1.3 O que motiva a Participação	109
6.1.1.4 A origem da formação participativa	111
6.1.1.5 O rodízio de funções	113
6.1.1.6 Cansaço e transição na organização comunitária	114

6.1.1.7 O desejo de perpetuação do Movimento e do modo de vida nativo	115
6.1.2 O modo de vida na comunidade.....	118
6.1.2.1 Intimidade e tranquilidade na comunidade	118
6.1.2.2 Relação com o tempo e com a natureza	119
6.1.2.3 Sensação de Segurança	120
6.1.2.4 Solidariedade e Partilha	121
6.1.2.5 Sentimento de pertencimento familiar	124
6.1.2.6 Divergências na Prainha do Canto Verde	125
6.1.2.7 As mudanças em curso na localidade	125
6.1.2.8 Comparação com outras localidades	128
6.1.2.9 As melhorias vindas com a Reserva Extrativista	132
6.2 Entrevistas.....	135
6.2.1 A falta de participação comunitária	136
6.2.2 A visão sobre a tranquilidade da Prainha	137
6.2.3 Questão econômica e falta de emprego.....	139
6.2.4 Sensação de segurança/insegurança	142
6.2.5 Problemas enfrentados pela comunidade	144
6.2.6 Conflitos entre os moradores	145
6.2.7 Reserva Extrativista.....	147
6.3 Mapas Afetivos	150
6.3.1 Imagem de “pertencimento”	154
6.3.2 Imagem de “agradabilidade”.....	159
6.3.3 Imagem de “contraste”	162
6.3.4 Imagem de “insegurança”	165
6.3.5 Imagem de “destruição”.....	167

6.3.6 Análise estatística complementar.....	169
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS.....	180
APÊNDICES.....	186
ANEXOS	229

1 INTRODUÇÃO

O meu¹ interesse pela comunidade da Prainha do Canto Verde se deu em uma viagem turística que fiz à localidade, em janeiro de 2009, na qual tive contato com representantes da Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde (AMPCV). Nessa ocasião, senti-me atraído pelas relações comunitárias dessa localidade, devido ao gosto pela Psicologia Social Crítica, pela Psicologia Comunitária e pelos processos de participação popular e de gestão democrática os quais me levaram a solicitar mais informações sobre as movimentações da referida associação. Fui recebido e informado de forma muito amistosa pelos associados.

É necessário contextualizar que minha inserção nas práticas de participação popular se deu de forma bastante precoce. Já na época de estudante secundarista, comecei a frequentar reuniões de juventudes de partidos políticos de esquerda e de movimentos sociais, e acabei me tornando um jovem muito inquieto e questionador no colégio em que estudava. Era visto de forma estranha pela direção pela maneira que me vestia, pelo jeito intenso que me envolvia nas eleições políticas, tanto na esfera federal quanto municipal, por questionar, desde as macro estruturas vigentes no país, até os micro cerceamentos que ocorriam na escola. A falta de escuta dos desejos dos estudantes era patente, passei a ser líder de sala, mas mais do que isso, comecei a formar articulações com pessoas de outras turmas, tentei, com o apoio de alguns colegas, construir uma rede na escola que pudesse ser forte o suficiente para ser ouvida. Passava nas salas de aula quando conseguia e, quando não, articulava os estudantes nos corredores, convidando-os para manifestações públicas, como a defesa da meia passagem dos estudantes ou denunciando o autoritarismo que percebia na escola.

Com o tempo surgiu a ideia da formação de um grêmio de estudantes. Vários outros alunos compraram a briga, formamos um grupo de cerca de quarenta a cinquenta estudantes que realizavam reuniões periódicas que tinham um caráter fortemente reivindicatório e, como a escola em questão era muito tradicionalista, não via com bons olhos essas práticas e nunca concordou com a formação do grêmio.

¹ No decorrer deste trabalho, todas as experiências e sensações pessoais vivenciadas por mim serão relatadas na primeira pessoa do singular.

Também era prática tentar proibir que as reuniões ocorressem dentro do colégio. Busquei apoio desses partidos e instituições, o que me aproximou de muitas lutas políticas, mas o projeto do grêmio estudantil nunca saiu do papel. Porém, tenho certeza de que aquele movimento foi muito importante tanto para mim quanto para aqueles estudantes que vivenciaram, durante algum tempo, a experiência da participação social ou da luta por ela.

Entre para o curso de Psicologia na Universidade de Fortaleza (Unifor). Nesse período, tanto a ânsia pela participação política como a amizade com várias pessoas que também tinham esse desejo me fizeram disputar a eleição do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da universidade quando ainda cursava o primeiro semestre, disputa esta que acabamos vencendo. Passei pouco tempo na gestão, pois fui aprovado em um concurso público e me tornei bancário e tive que me afastar da universidade durante algum tempo, continuando minha militância política a partir do viés trabalhista, nos movimentos sindicais dos bancários, no qual militei por oito anos.

Como estudante universitário, sempre me interessei pela Psicologia Comunitária e pela Psicologia Social, assim como busquei estudar os processos reivindicatórios de luta política e participação da comunidade. Fiz pesquisas nas áreas de orçamento participativo do município de Fortaleza e de gestão democrática nos conselhos escolares das escolas municipais; participei, na Unifor, de um grupo de estudos de Paulo Freire, onde a questão da conscientização política era bastante discutida; e fui um dos fundadores de um grupo de extensão em direitos humanos na Universidade Federal do Ceará, que sempre teve como foco a luta política pelos direitos das minorias desassistidas.

Como se pode perceber, os processos de organização popular sempre me chamaram a atenção e me encantaram. Quando visitei a Prainha², fiquei instigado com a quantidade de pessoas articuladas e com como essas pessoas, mesmo sendo residentes de uma localidade tão humilde, conseguiam manter um alto nível de esclarecimento e argumentação política. A partir do contato com os

² Em alguns momentos utilizaremos apenas o termo “Prainha” para nos referirmos a Prainha do Canto Verde.

associados e demais moradores, soube que estavam lutando para a criação de uma Unidade de Conservação da Natureza, a Reserva Extrativista (Resex)³ da Prainha do Canto Verde, o que acabou ocorrendo por meio de um decreto do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 5 de junho de 2009, sendo essa, atualmente, a maior reserva do estado do Ceará, com 29.794 hectares, compostos tanto por mar quanto por terra (CEARÁ, 2009).

Isso suscitou vários questionamentos: Como é desenvolvida a participação comunitária neste local? Como é o modo de vida na comunidade e como esse se relaciona com a participação? Quais os afetos⁴ (sentimentos e emoções) envolvidos na relação desses sujeitos com o ambiente? E, por último, que se configurou como a pergunta de partida deste trabalho: Qual a relação entre esses afetos com a participação comunitária existente na comunidade?

Foi a partir daí que surgiu o interesse de transformar essa curiosidade, que ainda precisou ser bastante lapidada durante os próximos dois anos, em uma produção acadêmica a partir do mestrado em Psicologia na Universidade Federal do Ceará. Desta forma estes questionamentos se transformaram nos objetivos desta pesquisa acadêmica. Percebi que não conseguiria respondê-los apenas a partir do estudo da Psicologia Social e Comunitária, mas, para entender a implicação dos sujeitos na preservação da praia, bem como funciona a relação deles com o ambiente, percebi que iria ter de me inteirar melhor acerca dos referenciais teóricos da Psicologia Ambiental, área com a qual, embora conhecesse e intuitivamente admirasse, não tinha ainda nenhuma profundidade. Nesse momento foi fundamental o contato com as produções acadêmicas do LOCUS (Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental – UFC), com o qual eu comecei a entender melhor este referencial teórico, e o qual me engajei tanto em suas pesquisas como em suas atividades de extensão.

Cabe aqui um parêntese para explicar que a existência da Reserva Extrativista foi fundamental para a escolha do local de pesquisa por dois motivos: Primeiro, porque para esta comunidade ela foi uma vitória de uma luta coletiva

³ Explicaremos mais detalhadamente o que é a Resex, no item 3.3.3, quando explorar a história e lutas sociais da comunidade.

⁴ No item 2.1.3 trabalharemos o conceito de “afeto” a partir do pensamento de Espinosa.

travada durante muitos anos, o que apontava para uma forte participação comunitária implicada politicamente, que era o tipo de participação de desejávamos estudar. Segundo, porque acreditamos na necessidade de uma maior investigação sobre a política das Unidades de Conservação, algo razoavelmente novo, mas que já vem sendo alvo de estudo na Psicologia Ambiental. Dessa forma, embora não seja objetivo deste estudo nos focarmos na questão da comunidade residir em uma Reserva Extrativista, esse fato e suas consequências atravessarão este estudo.

No primeiro capítulo deste estudo, iremos nos deter no conceito de “conscientização”, presente nos estudos de Freire (1970, 1979, 1980, 1996), inter-relacionando-os com o conceito de “consciência”, de Vygotsky (1998, 2004). Esses estudos nos ajudaram a entender melhor a participação comunitária, pois apesar dos dois autores terem nascido em épocas e contextos muito diferentes, foram extremamente engajados na transformação da realidade social em que viviam, enfatizando os contextos sociais e a realidade histórica como fundamentais para transformação. Realizamos uma breve contextualização histórica dos dois autores, bem como exploramos estes dois conceitos, trazendo algumas interseções entre o pensamento destes.

No segundo capítulo, iniciaremos dissertando sobre os estudos espinosanos sobre a afetividade. A exemplo do que fizemos no primeiro capítulo, com Freire e Vygotsky, realizamos uma rápida contextualização de sua conjuntura sócio-histórica para, posteriormente, explorarmos o intrincado processo da subjetividade humana. Em seguida, exploramos, através da Psicologia Ambiental, os estudos da relação afetiva entre sujeito e ambiente, apresentando alguns conceitos por meio de diferentes autores desta disciplina e, por fim, os correlacionamos com a metodologia dos mapas afetivos de Bomfim (2008, 2010).

No terceiro capítulo, nos detivemos no estudo das comunidades pela Psicologia, especialmente a partir do referencial teórico da Psicologia Social Crítica, com as contribuições de Lane (1981, 1987) e Psicologia Comunitária, em especial através do trabalho de Góis (1994, 2004, 2005, 2008). Exploramos o conceito de “participação” através do pensamento de Demo (2009), Sawaia (1996, 2002b) e Scherer-Warren (2002). Depois, nos voltamos para os processos de participação

comunitária na Prainha do Canto Verde, local em que ocorreu nosso estudo, a partir de buscas online, cartilhas comunitárias e da tese de Galdino (2014).

O quarto capítulo traz a descrição dos procedimentos metodológicos realizados pela pesquisa. Nele, traremos inicialmente uma descrição prática de nossa caminhada de pesquisa, apontando seus caminhos, implicações e dificuldades. Em seguida, apresentaremos as metodologias que realizamos no decorrer da pesquisa. Utilizamos uma abordagem multimétodos, combinando as seguintes metodologias: Observação-participante, grupo focal, entrevistas, e Instrumento gerador dos mapas afetivos (IGMA), este último contendo tanto uma análise qualitativa quanto quantitativa.

Por fim, no quinto e último capítulo, apresentaremos as análises que foram organizadas de acordo com as metodologias aplicadas: Entrevistas individuais e grupo focal e a aplicação do IGMA. Analisamos dois grupos de sujeitos: os que participam de atividades comunitárias e os que não participam de atividades comunitárias. A análise foi composta de três partes: na primeira, analisamos os conteúdos provenientes do grupo focal realizado com os sujeitos que participam das atividades, na segunda, nos debruçamos sobre as entrevistas realizadas com os sujeitos que não participam, e na terceira, analisamos os mapas afetivos provenientes dos dois grupos, tanto de forma qualitativa quanto de forma quantitativa.

Na considerações finais apontamos os principais caminhos que relacionam a afetividade com a estima de lugar e seus desdobramentos da participação nas pessoas estudadas na Prainha do Canto Verde, bem como futuros campos nesta área que acreditamos ser importante futuras investigações.

CAPÍTULO 2: TRANSFORMAÇÃO A PARTIR DA RELAÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DE CONCEITOS DE VYGOTSKY E FREIRE

Optamos por realizar a comparação entre o pensamento destes dois autores por entendermos, que apesar de terem pertencido a contextos sócio-políticos extremamente diferentes, ambos pautavam seus estudos na busca da transformação, seja do sujeito, como da sociedade. Iremos analisar aqui os estudos de Vygotsky sobre a consciência, ou seja, sobre a subjetividade individual, formada a partir das relações sociais, e os de Freire sobre os processos de conscientização, pautados nos encontros coletivos e na busca concreta da transformação social a partir do diálogo. Acreditamos que estes autores contribuirão para entendermos melhor o processo de participação e transformação da consciência dos sujeitos em consciência crítica.

2.1 Vygotsky e a contextualização sobre seus estudos da Consciência

A obra de Vygotsky se tornou conhecida especialmente a partir de seus estudos aplicáveis à educação, principalmente ao desenvolvimento infantil, com o desdobramento de conceitos como o de Zona de Desenvolvimento Proximal e o de Mediação. Porém, alguns autores do Ocidente que se dedicam a um estudo de caráter teórico da obra vygotskyana, bem como pesquisadores brasileiros, destacam como praticamente indiscutível a centralidade do conceito de “consciência” na obra de Vygotsky (CASTRO; ALVES, 2012). Iremos realizar uma breve contextualização de como esse autor passou a se desdobrar sobre este conceito a partir de sua realidade histórica.

Na segunda metade do século XIX, os seguidores de John Locke, na Inglaterra, enfatizavam, a partir de seus pressupostos empiristas da mente, que a origem das ideias deveria ser explicada a partir das estimulações ambientais – no entanto, não tinham tido êxito em descrever como essas sensações simples poderiam se combinar até se transformarem em ideias mais complexas. Por sua vez, os discípulos de Kant contradiziam os primeiros, afirmando que ideias complexas não poderiam ser decompostas em elementos simples. Ambos tinham uma

influência cartesiana e entendiam que o estudo científico do ser humano deveria estar restrito ao seu corpo físico, já que o estudo da mente estava a cargo da filosofia (COLE; SCRIBNER, 1998).

Por volta de 1860, diversas publicações passam a trazer estudos comparativos entre seres humanos e animais, enfatizando a ideia da existência de uma continuidade entre eles. A mais famosa delas foi *A origem das espécies*, de Charles Darwin.

Três correntes psicológicas passaram a se contrapor e disputar entre si, nessa época. A primeira foi fundada por Wundt, em 1890, e buscava descrever o conteúdo da consciência humana relacionando-a com a estimulação externa, tendo como unidade básica as “sensações” e utilizando o método experimental. Vale ressaltar, porém, que o próprio Wundt declarava que os “processos psicológicos superiores” (ou seja, as funções complexas propriamente humanas) não poderiam, em princípio, ser compreendidos por sua metodologia, demonstrando assim seu não alinhamento com o pensamento positivista. Muitos dos que lhe sucederam no estudo experimental da psicologia não concordavam com esse pensamento e esperavam que o método experimental explicasse também os comportamentos humanos mais complexos a partir desta mesma unidade básica, as sensações.

Enquanto essa primeira escola tinha a “consciência” como o centro dos seus estudos, surge uma nova teoria que entendia que o estudo da consciência não era suficientemente científico, tendo em vista a impossibilidade metodológica de se chegar diretamente até esse conteúdo – e assim, acusando estes primeiros de idealismo. Essa nova corrente se preocupou especialmente com o estudo do comportamento, a partir de sua unidade mínima “estímulo-resposta” (COLE; SCRIBNER, 1998). Nesse campo de pensamento, havia uma forte influência do entendimento de que o comportamento do homem e dos outros animais eram fortemente correlacionáveis; dessa forma, eles se debruçaram em pesquisas com animais, o que em teoria serviria de indício para o melhor entendimento do comportamento humano.

Os estudos que abriram campo para essas pesquisas foram os experimentos de Pavlov, que conseguiram, a partir de uma prática ativa de condicionamento, transformar um estímulo não condicionado em condicionado.⁵ A partir de uma generalização dessa prática, estaria aberta a chave para o entendimento do comportamento humano. Para os estudiosos dessa corrente/época, era a combinação dos estímulos inatos e condicionados (somada à maturação natural do corpo), a partir de uma série de condicionamentos ocorridos no decorrer da vida do sujeito, que explicava todo o seu desenvolvimento e comportamento. Nas palavras de Vygotsky (2004), o sujeito era entendido como um “saco de estímulos”.

Ambas as correntes entendiam que a forma correta de se compreender os processos psicológicos era a partir dos seus constituintes elementares: para Wundt, as sensações; para os comportamentalistas, a unidade estímulo-resposta. Surge então a psicologia da gestalt, criticando ambas justamente nessa raiz. Para a gestalt, o maior erro da psicologia era o de tentar, através de processos psicológicos simples (ou inferiores), explicar os processos complexos (ou superiores).

Na Rússia pós-revolução, o Instituto de Psicologia de Moscou era chefiado por Chelpanov, adepto à psicologia introspectiva de Wundt, o qual defendia que o marxismo não era capaz de explicar as propriedades da consciência individual. Kornilov passa a lhe fazer oposição, defendendo que a psicologia soviética deveria se alinhar aos estudos da psicologia do comportamento, aprofundando seu estudo na busca de uma psicologia de base marxista (COLE; SCRIBNER, 1998). Para ele, os estudos dessa psicologia, para que fossem considerados verdadeiramente materialistas, deveriam estar restritos aos comportamentos observáveis. O estudo da consciência era considerado muito idealista para ser objeto de estudo de uma psicologia que buscava ser materialista-

⁵ O condicionamento pavloviano (ou clássico) transforma um estímulo não condicionado em um condicionado. Um exemplo disso é seu experimento com cachorros. Cachorros naturalmente apresentam o comportamento de salivação no contato com comida. Antes de apresentar comida aos cães Pavlov passou a apresentar um estímulo neutro (que não provocava o comportamento de salivação) que foi um sinal sonoro. A partir do momento que houve um pareamento de estimulações (som e comida) os cães passaram a salivar apenas ao ouvir o sinal sonoro. Assim o sinal sonoro, passou de estímulo não condicionado, para condicionado.

histórica, e dessa forma esse estudo passava a ser visto como de interesse burguês. Em 1923, Chelpanov é demitido e Kornilov passa à direção do Instituto.

Dentro desse contexto, em 1924, Vygotsky faz uma palestra intitulada “Consciência como um objeto da psicologia do comportamento”, na qual ele, contradizendo toda a influência intelectual e política de Kornilov, defende que a consciência não pode continuar sendo excluída dos estudos da psicologia do comportamento, e que, “ao fechar para si o problema da consciência, a psicologia está fechando para si o caminho da investigação de problemas mais ou menos complexos do comportamento humano” (VYGOTSKY, 2004, p. 56).

Vygotsky tecia críticas às tentativas de imprimir uma leitura marxista para a psiquê, que buscavam simplesmente transpor conceitos de uma área para outra. Para ele, era necessária uma incorporação dos pensamentos de base materialista-histórica para se criar uma nova psicologia, integrada com os postulados materialistas, e que conseguisse superar as contradições dessa ciência na época.

Vygotsky compartilhava as críticas da psicologia da gestalt às abordagens comportamentais e introspectivas, por promoverem um atomicismo psicológico. Porém, para ele, a gestalt “fez do problema um postulado” (2004, p. 175). Dessa forma, no entendimento do autor, eles só se preocuparam com a descrição dos fenômenos complexos, desconsiderando a explicação da formação deles.

Para ele, essas duas posturas evidenciavam a crise da psicologia, na qual havia uma ruptura na ciência psicológica, entre ciência natural e ciência mental, na qual a primeira apenas explicava os processos básicos, seja a partir das unidades “sensoriais” ou de estímulo-resposta, e a segunda apenas descrevia os processos psicológicos complexos.

O autor criticou duramente a psicologia comportamental, que ganhava cada vez mais espaço em seu país, acusando-a de ser uma “psicologia sem consciência”, na qual os métodos acabavam privando qualquer investigação de reações não manifestas, como, por exemplo, a fala interna. Esse erro era gravíssimo especialmente porque Vygotsky percebia que justamente essa fala interna, esse “pensar consigo mesmo”, está sempre orientando e dirigindo a ação humana.

O autor tecia uma crítica à forma indiscriminada com que parte das ciências da época tentava transpor as leis do domínio da psicologia animal para o ser humano. Para ele, a lei que explicava o comportamento a partir exclusivamente dos reflexos inatos e dos reflexos condicionados, utilizada pelos pesquisadores comportamentais de sua época, servia muito bem para dar conta de todo o comportamento animal, mas com os seres humanos isso seria muito mais complexo.

Existem pelo menos três componentes relevantes na compreensão do comportamento humano, que fogem à equação “reflexos inatos + reflexos condicionados = comportamento”, são eles: a experiência histórica, a experiência social e a experiência duplicada (VYGOTSKY, 2004). A experiência histórica é aquela passada de geração a geração por meio da cultura – ou seja, ela não é transmitida geneticamente. É com ela, por exemplo, que durante milhares de gerações nossos antepassados transmitiram os ensinamentos da fabricação de instrumentos de caça e pesca para as gerações mais novas.

O ser humano possui também a experiência social: é por meio dela que um sujeito não precisa necessariamente passar por uma experiência para aprender sobre ela, pois um outro indivíduo pode lhe transmitir sua experiência pessoal e esse aprendizado pode ser útil para que o primeiro reorganize seu comportamento. Isso não acontece com os outros animais.

Também temos a capacidade de nos adaptarmos ativamente ao meio. Nós transformamos a natureza para que ela se acomode a nossas necessidades, e fazemos isso através de um planejamento anterior. Quando um sujeito constrói uma casa, ele primeiro a projeta interiormente e só depois executa. A esse tipo de experiência que Vygotsky chamou de “experiência duplicada”.

Percebemos então que, por meio desses três tipos de experiência, Vygotsky demonstra por que não se pode simplesmente aplicar uma lei de comportamento animal para a esfera humana. O sistema humano é extremamente mais complexo, e a teoria dos reflexos condicionados, apesar de bastante útil na explicação de alguns comportamentos, não dá conta por si só de toda essa complexidade.

O reflexo é um conceito abstrato: metodologicamente tem grande valor mas não pode se converter no conceito principal da psicologia como ciência do comportamento do homem, porque esse comportamento de homem não constitui de forma alguma um saco cheio de reflexos nem seu cérebro é um hotel para os reflexos condicionados que causalmente se alojam nele. (VYGOTSKY, 2004, p. 63).

Para Vygotsky, existia uma diferença fundamental entre os seres humanos e os outros animais: essa diferença é o que marcava a aquisição humana das funções psicológicas superiores, enquanto os outros animais operavam apenas no nível das funções psicológicas inferiores. São justamente essas experiências exclusivamente humanas que formam e são formadoras das funções superiores e, em última instância, da própria consciência.

Vygotsky era um autor de base materialista-histórica. O pensamento de Marx trouxe no conceito de “instrumento” o elemento principal que permitiu o processo de hominização. Foram a capacidade de dominar o uso do instrumento e a possibilidade de transformar deliberadamente a natureza que nos tornaram humanos. O processo exclusivamente humano da experiência duplicada, que colocamos acima, evidencia isso.

Vygotsky traz o conceito de signo para a psicologia como análogo ao de instrumento para o marxismo. Da mesma forma que um instrumento pode ser utilizado para mediar uma atividade de transformação da natureza, pode servir para solucionar um dado problema psicológico, como fazer lembrar alguma coisa. “O signo age como um instrumento de atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. Mas essa analogia, como qualquer outra, não implica uma identidade desses conceitos similares” (VYGOTSKY, 1998, p. 70).

A principal analogia entre signo e instrumento está na função mediadora que ambos proporcionam. A diferença fundamental entre eles é que, enquanto o instrumento tem a função de orientador externo, ou seja, de modificar o objeto, o signo possui a função de orientador interno, sendo voltado para o controle do funcionamento interno, ou seja, age sobre o sujeito, o que é a base da formação da consciência.

Para Vygotsky, a palavra comporia os chamados “reflexos reversíveis”. “A palavra escutada é um excitante, a pronunciada, um reflexo que cria esse mesmo excitante. Aqui o reflexo é reversível porque o excitante pode se transformar em reação e vice-versa” (VYGOTSKY, 2004, p. 81). Dessa forma, esses são reflexos excitantes, que podem, por sua vez, ser criados pelo homem. Assim, a palavra e o signo são definidos como excitantes sociais, ou seja, que provêm das pessoas, que criam a base do comportamento social, tendo em vista que servem de regulador do próprio sujeito.

Os excitantes sociais se destacam porque eu mesmo posso reconstruir a mim, individualmente, esses mesmos excitantes: porque logo se convertam para mim em reversíveis e, por conseguintes, determinam meu comportamento de um modo diferente dos demais. (VYGOTSKY, 2004, p. 81).

Dessa forma, se revela a origem da consciência e ao mesmo tempo do comportamento social. À medida que dominamos o mecanismo de conhecimento do outro, passamos a dominar o mecanismo de conhecimento de nós mesmos. “A linguagem é, por um lado, um sistema de ‘reflexos de contato social’, e por outro, um sistema de reflexos da consciência” (VYGOTSKY, 2004, p. 81).

2.2 Freire e os estudos sobre a Conscientização

A exemplo do que fizemos com Vygotsky, também com Freire, antes de aprofundarmos os seus estudos sobre o conceito de “conscientização”, faremos uma breve contextualização da sua história, pois entendemos que sua vida e o contexto político no qual surgem seus pensamentos são de grande importância para compreensão dos fundamentos de sua teoria.

Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife. Sua família era de classe média, mas, com a crise de 1929, passaram por grandes dificuldades econômicas, chegando mesmo a viver momentos de miséria e fome. Freire, apesar de ter sido bacharel em direito, nunca chegou a exercer a profissão de advogado, tendo sempre se dedicado à sua paixão: a educação.

Freire trabalhou como diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social de Pernambuco, onde iniciou seu trabalho na luta pela alfabetização. Em 1961, passou a ser diretor do Departamento de Extensões Culturais do Recife, quando passou a realizar as primeiras experiências populares de alfabetização de adultos. A primeira experiência de educação popular massiva de adultos se deu na cidade de Angicos e é um marco até os dias de hoje para a educação – não só no Brasil, mas em todo o mundo. Por meio do que posteriormente se tornaria conhecido como “Método Paulo Freire de alfabetização”, foram alfabetizados 300 adultos cortadores de cana.

Sob o governo popular de Jânio Quadros, iniciativas progressistas se espalhavam na educação no Brasil. O governo se empenhava para fazer reformas de base em uma tentativa de tornar a educação de qualidade acessível a um maior número de brasileiros, e a multiplicação de experiências iniciais como a de Angicos foi aprovada em um Plano Nacional de Alfabetização que previa a formação de educadores populares em mais de 20 mil núcleos no País.

No Brasil e em boa parte da América Latina, movimentos tanto da educação como da psicologia comungavam do ideal de aproximação com as camadas populares a partir de um viés não mais assistencialista, mas sim emancipador, percebendo os sujeitos como ativos formadores de história política. Porém, em nosso país, um duro golpe adia boa parte desses projetos: parte da elite do Brasil, preocupada com as medidas de cunho popular que estavam sendo progressivamente realizadas e financiadas, articula, juntamente com setores das forças armadas, um golpe militar que retira o presidente João Goulart (após a renúncia de Jânio Quadros, motivada por pressões políticas), instalando um período de perseguição a intelectuais, artistas, políticos e cidadãos que de alguma forma discordassem do recém-instalado governo. A imprensa passa a ser censurada, não há espaço para o diálogo. Não há lugar também para nenhum tipo de iniciativa popular de empoderamento das comunidades mais pobres de nosso país.

O projeto de alfabetização popular de Freire, por ser também formador de uma consciência política cidadã e pela sua ligação com o projeto político vinculado ao nacionalismo desenvolvimentista de João Goulart, é acusado de ser subversivo, e

Freire acaba sendo preso por 72 dias e depois exilado. Ele passou todo o período da ditadura no exterior, boa parte dele no Chile, e só voltou na época de anistia e de abertura política do País, em 1980.

O método de alfabetização de Freire não visava apenas à alfabetização do sujeito, mas também a construção de uma consciência crítica, política e comunitária; buscava que o sujeito, a partir do diálogo, atingisse uma maior autonomia pessoal e comunitária. Essa construção fazia parte de um processo chamado de “conscientização”.

O conceito de conscientização não foi cunhado por Freire, mas sim por uma equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, vinculado ao Ministério de Educação e Cultura, por volta de 1964 (FREIRE, 1979) – entretanto, esse conceito se tornou internacionalmente conhecido a partir da obra de Freire.

O método de Freire era composto por cinco fases diferentes. Não exploraremos aqui a totalidade delas por não ser esse o objetivo deste momento, porém é necessário destacar que o método se iniciava do universo vocabular do sujeito: a partir do educando é que seria formado o universo vocabular a ser explorado, no qual era relevante não apenas a riqueza silábica e fonética, mas especialmente o conteúdo prático da palavra, “o que implica procurar o maior compromisso possível da palavra numa realidade de fato, social, cultural, política [...]” (FREIRE, 1979, p. 24).

O diálogo era gerado de forma circular a partir de “temas geradores”, advindos do universo vocabular dos sujeitos. Um pedreiro, por exemplo, poderia querer aprender a escrever “tijolo”, e com isso a palavra era trabalhada silábica e foneticamente – para além disso, entretanto, a palavra era também problematizada a partir de questionamentos circulares, como: “Você trabalha construindo casas? Mas você tem sua própria casa? Por que você não tem sua casa, mas vive fazendo casa para os outros?” Dessa forma, mais do que ensinar o sujeito a aprender a ler e a escrever, o viés do trabalho era ajudar no processo de conscientização, tomada de consciência crítica da realidade.

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. [...] O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a “desvela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. (FREIRE, 1979, p. 15).

Freire apresentava a existência de três tipos diferentes de sociedade: as sociedades fechadas, as sociedades em transição e as sociedades abertas. A cada tipo de sociedade era correspondente um tipo de consciência prevalecente: a consciência semi-intransitiva, transitiva ingênua e transitiva crítica (FREIRE, 1979).

Nas sociedades fechadas, existe uma estrutura social rígida, uma profunda dependência de outros países, que acaba gerando subserviência e um verdadeiro *apartheid* entre ricos e pobres. Acontece o predomínio da consciência semi-intransitiva: nela, os sujeitos estão completamente imersos apenas naquilo que gravita em sua órbita. Existe uma tendência ao conformismo e à passividade, e a explicação para os fenômenos é naturalizada ou atribuída a instâncias superiores. Temos o que Freire chamava de “cultura do silêncio”, não existindo uma atividade na luta pela efetivação e ampliação dos direitos (FREIRE, 1979).

Nas sociedades em transição, na qual prevalece a consciência transitiva-ingênua, os sujeitos começam a sair da condição de imersão absoluta. “Quando as fendas começam a aparecer na estrutura e quando as sociedades entram no período de transição, imediatamente as massas, que até este momento estavam submersas e silenciosas, começam a sair de seu estado” (FREIRE, 1979, p. 68). Embora, segundo Freire, nem sempre na consciência transitiva ingênua os sujeitos consigam romper automaticamente com a “cultura do silêncio”.

Nas sociedades em transição, as contradições vão se tornando cada vez mais evidentes, provocando muitos conflitos. Nela, mesmo estudantes e intelectuais pertencentes a elites percebem a sua condição e passam a querer não mais fazer parte desses esquemas, buscando uma alteração das regras do jogo. As artes deixam de ser acessíveis apenas à burguesia e passam a ser um instrumento do povo. A política deixa de ser restrita aos líderes populares e passa a fazer parte da vida das pessoas comuns.

Da mesma forma que há um momento de surpresa nas massas quando começam a ver o que antes não viam, há uma surpresa correspondente nas elites quando começam a sentir-se desmascaradas pelas massas. Esse duplo 'des-verlar-se' provoca inquietudes tanto nuns como noutros. As massas chegam a sentir-se desejosas de liberdade, desejosas de superar o silêncio no qual sempre haviam permanecido. As elites sentem-se desejosas de manter o 'status quo' não permitindo senão transformações superficiais para impedir a mudança real em seu poder de dominar. (FREIRE, 1979, p. 69).

Nessas sociedades, existe a tendência a uma interpretação dos problemas de forma bastante simplista, pela tendência de julgar que o tempo passado foi melhor, em um grande teor emocional com uma forte polarização de opiniões: os sujeitos não se deixam guiar pelo diálogo, e sim pela polêmica. Esse estágio é muito propício a golpes militares como o que aconteceu em 1964, no Brasil.

Já nas sociedades abertas, a predominância é da consciência transitiva crítica, que consegue analisar os fatos com maior profundidade e sem tanta passionalidade. É o diálogo, e não a polêmica que lhes conduz. Nelas, existe uma maior aproximação e diálogo entre as classes mais pobres e as mais favorecidas, os sujeitos se sentem autônomos e comprometidos com sua realidade; nelas, os processos de conscientização podem ser percebidos com facilidade.

2.3 Vygotsky e Freire: Articulações entre dois saberes

A primeira inferência que podemos fazer sobre o pensamento desses dois autores, é sobre o conceito de "consciência", para Vygotsky, ela estava relacionada, em um primeiro plano, à aquisição das funções psicológicas superiores, enquanto para Freire ela estava além disso: dizia respeito a um tipo específico de consciência, ou seja, a consciência política, de sujeito construtor e modificador da realidade concreta. Porém, Vygotsky não se referia à consciência apenas como sinônimo de psiquismo humano. O autor utilizou duas palavras distintas em russo para se referir à "consciência": a primeira é Soznanie, que significa a consciência em si, e a segunda é Osoznanie, que significa o despertar da consciência crítica, uma tomada de consciência (CASTRO; ALVES, 2012). Este último significante traz uma maior

relação com o conceito freiriano de conscientização e está presente em várias obras de Vygotsky.

Algo que salta aos olhos como uma consonância no pensamento dos dois autores é a importância do contexto social para a formação da consciência. No pensamento de Vygotsky, o que permite a formação de nossa consciência é a palavra, o signo, que é apreendido no contato com o social, ou seja, é só a partir do outro que o sujeito pode ter consciência de si mesmo. A palavra é o orientador interno que permite a formação da consciência.

Para Freire, o outro é fundamental no processo de conscientização, pois a base desse processo é o diálogo. Assim, tanto na formação da consciência que nos torna humanos como na formação da consciência crítica, necessitamos da mediação de outros sujeitos. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em có-comunhão” (FREIRE, 1970, p. 27).

Podemos dizer que os dois pensadores buscaram entender e promover o desenvolvimento humano. Vygotsky se focou no estudo da formação dos processos psicológicos superiores, em como a criança aprende a partir do universo simbólico que a cerca. Ele estava especialmente preocupado com as fases iniciais do desenvolvimento. Já Freire, um educador de adultos, estava mais interessado em momentos subsequentes desse desenvolvimento, quando o sujeito já está ambientado com os códigos culturais que o formaram. Os dois se focaram em momentos diferentes, porém complementares do desenvolvimento; talvez por isso um e outro sejam tão relevantes no estudo e na pesquisa de educação.

Ambos foram fortes críticos do sistema educacional em sua época. Os dois faziam oposição a uma educação baseada na simples transmissão de conhecimento. Para Vygotsky, a velha escola tsarista não tinha condições de enfrentar as tarefas da nova escola, pois vivia isolada e distante das penúrias do povo russo, que necessitava muito de educação, sendo 90% deles analfabetos (PRESTES, 2013).

Freire criticava a forma de educação que ele chamava de “bancária”, ou seja, na qual o sujeito é considerado como agente passivo no qual o conhecimento

deve ser “depositado”. Percebemos que, para os dois autores, a melhor forma de potencializar a consciência dos sujeitos era através de uma educação contextualizada, que levasse em consideração as necessidades específicas daqueles sujeitos (FREIRE, 1970).

A análise do contexto sócio-histórico era profundamente relevante para os dois autores. Talvez a base marxista tenha enfatizado em ambos a relevância da análise aprofundada desse aspecto. No processo de análise e principalmente no estímulo ao desenvolvimento humano, havia, tanto na análise genética de Vygotsky quanto no método freiriano, uma disposição à análise contextual.

Vygotsky fazia muitas críticas aos cientistas de sua época que tentavam isolar o fenômeno estudado laboratorialmente. Para ele, quando o fenômeno era isolado, perdia completamente as suas características, passava a ser artificial. Eram justamente os caracteres ambientais, o contexto, que faziam com que o fenômeno fosse autêntico. Vygotsky se focava na análise dos processos, e não dos objetos. Ele criticava a ciência da época que eliminava o caráter dinâmico dos processos, como se fossem estáticos.

Freire, por sua vez, estava sempre situando os sujeitos a partir de sua realidade histórica e social concreta. Ele fazia muitas críticas à importação de metodologias educativas que não traziam consonância com a realidade do local de onde eram importadas. As cartilhas de educação traziam frases como “Eva viu a uva”, mas nunca traziam “Sebastião pegou na enxada”. O contexto social e as implicações políticas dos educandos nunca eram explorados. “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (FREIRE, 1991, p. 56).

No estudo da psicologia histórico-cultural, especialmente nos trabalhos de Leontiev, a consciência e a atividade aparecem como instâncias fundamentalmente conectadas. Vimos acima que, no pensamento de Marx, é a partir do uso do instrumento e da modificação deliberada da natureza que o homem se diferencia dos demais animais. Enfatizamos aqui a palavra “deliberadamente” porque a

utilização do objeto está estreitamente relacionada à consciência do fim da ação. “É o instrumento que é de certa maneira portador da primeira verdadeira abstração consciente e racional, da primeira generalização consciente racional” (LEONTIEV, 1978, p. 82). Assim, a atividade cumpre a função de mediadora, proporcionando o desenvolvimento da consciência (XIMENES; VIEIRA, 2008).

Vygotsky, inspirado no materialismo histórico-dialético, também aponta para a relação da ação com a formação da consciência, especialmente quando relata a “experiência duplicada”. O sujeito, a partir da consciência, projeta aquilo que irá construir na natureza, diferente dos demais animais, que o fazem por instinto. Vygotsky (2004) traz de Marx a ideia de que há algo que o pior mestre de obras leva vantagem, logo de início, sobre a melhor abelha: o fato de que, antes de executar a construção, projeta-a em seu cérebro. A atividade consciente, que surge em decorrência do trabalho, traz no seu interior também o componente social: ela é coordenada não de forma individual, e sim de forma coletiva. No trabalho, a atividade de um sujeito tem de estar completamente articulada com a dos demais.

Para Freire, na conscientização, era necessário que a consciência estivesse vinculada com a atividade. Ele enfatiza o fragmento final “ação” na palavra. Para o autor, as atitudes deveriam estar vinculadas ao discurso, o que demonstra um comprometimento ético do sujeito e aponta para um maior nível de conscientização. Por utilizar um referencial marxista, Freire estava implicado com a necessidade de uma mudança social, e essa transformação em sua concepção só poderia ocorrer quando houvesse uma consonância entre a consciência e a ação, tanto dos sujeitos como das comunidades.

Consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. [...]. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (FREIRE, 1980, p. 26).

Vygotsky descreve dois níveis de desenvolvimento: o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial (VYGOTSKY, 1998). O primeiro é aquele que já foi consolidado pelo sujeito. O segundo é determinado pelas habilidades que o

indivíduo já construiu, mas que estão em processo. Entre o primeiro e o segundo, existe algo que Vygotsky chamou de zona de desenvolvimento proximal: nela o sujeito consegue resolver determinado problema, mas necessita de ajuda externa. Pedagogicamente, isso significa que os educadores devem estar atentos às habilidades de cada educando, considerando-as no processo da educação.

Vimos que, no método de educação freiriano, era fundamental se partir do universo vocabular dos educandos. Também no processo de conscientização, era a partir das ideias deles que o processo do diálogo se iniciava. Para os dois autores, era fundamental entender o conhecimento do educando para que, a partir dele, a consciência pudesse atingir níveis cada vez mais altos. A educação conteudista, que apenas utiliza o estudante como depósito de conhecimento, sem compreender seu nível de desenvolvimento, que trata a educação como uma via de sentido único, que não analisa o conhecimento prático do educando, era alvo de ambos, embora Freire tenha sido mais enfático nesse sentido. Freire tinha um profundo respeito pelo conhecimento de todos os sujeitos: “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.” (FREIRE, 1989, p. 16).

Podemos refletir que as pessoas se encontram em diferentes zonas de desenvolvimento de diferentes aspectos da conscientização política. É muito relevante a compreensão do universo de conhecimento do sujeito, pois este deve ser estimulado justamente em sua zona de desenvolvimento proximal, conseguindo ser capaz de transformar seu desenvolvimento potencial em real – e isso, no método freiriano, se faz através do diálogo.

A partir dos processos de conscientização mediados pelo diálogo, os sujeitos vão desenvolvendo autonomia. A autonomia é um conceito central no pensamento de Freire (1996). O autor enfatiza a necessidade de levar em conta o conhecimento do aluno em qualquer processo educativo. Ele coloca que é papel do educador incentivar a curiosidade e a capacidade questionadora dos educandos, e ele deve estimulá-los a se comportarem como seres históricos e ativos de suas opiniões e atitudes.

Petroni e Souza (2009) traçam paralelos entre o conceito de autonomia em Freire e de autorregulação em Vygotsky. Eles relatam que, para Vygotsky, “a autorregulação é a função psicológica mais importante, já que ela permite que o sujeito tenha controle sobre outras funções psicológicas ao dominar sua conduta” (PETRONI; SOUZA, 2009, p. 356). A autorregulação é o resultado das mediações realizadas pelas interações sociais demarcadas pela cultura e internalizadas pelo sujeito, permitindo que este controle as suas condutas. Para Freire, a autonomia é a capacidade de agir por si, de escolher e sustentar suas próprias decisões de forma ativa, de expor suas opiniões e argumentar. Percebemos que os conceitos trazem muitas aproximações. Podemos supor que a conquista da autonomia faça parte do processo de autorregulação, um tipo específico de autorregulação, profunda e complexa, construída historicamente a partir do diálogo, a partir de um enraizamento na própria história do sujeito.

Podemos refletir que a própria conscientização é um tipo específico de “tomada de consciência”, conceito utilizado por Vygotsky. Podemos dividir, apenas para fins didáticos, três momentos diferentes. No primeiro momento, o contato social permite a formação da própria consciência a partir da palavra, ou seja, do aparato psíquico do sujeito, o que torna possível, em um estágio posterior, situações de “tomada de consciência” pelos sujeitos. Na tomada de consciência, o sujeito tem uma ampliação do seu conhecimento: segundo Vygotsky, quando o indivíduo percebe seu erro, ele aumenta a possibilidade de ter mais acertos em uma nova tentativa. No contexto da consciência política, essa tomada de consciência pode incluir situações nas quais os sujeitos entram em contato com visões críticas da realidade, abandonando explicações mágicas ou fatalistas. A partir do diálogo, do contato com a própria realidade histórica, da aquisição de conteúdos mais abstratos, o sujeito pode se encaminhar para um terceiro momento, que é a própria conscientização, na qual o sujeito vai se tornando cada vez mais autônomo.

CAPÍTULO 03 – PSICOLOGIA, AFETIVIDADE E RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE

3.1 Espinosa e seu estudo sobre a Afetividade

Antes de iniciarmos a discussão sobre a importância do pensamento de Baruck Espinosa para as discussões sobre a afetividade faremos uma breve contextualização sobre a vida desse autor, a exemplo do que fizemos no primeiro capítulo com Freire e Vygotsky.

3.1.1 O contexto histórico de Espinosa

A família de Espinosa é de origem e tradição Judia e residia na Espanha até 1492 de onde fugiram para Portugal na tentativa de preservar suas convicções religiosas. Neste mesmo ano mais de 100 mil judeus seguiram o mesmo caminho, impelidos pela monarquia espanhola que exigia sua conversão ao catolicismo. Em Portugal o monarca D. Manuel era bem mais tolerante com os judeus, porém devido a pressão das monarquias católicas, e em especial da Espanha, adotou o caminho da conversão coletiva forçada de milhares de pessoas e em contrapartida concedeu a estes quarenta anos de total abstinência de questionamento religiosos. Isto na prática tornou possível a congregação de uma grande comunidade judaica, que congregava a sua fé a portas fechadas, porém, se declarava publicamente como católica: a esses sujeitos se dava o nome de marranos, que em Árabe significa “porcos”. Pelo significado do nome fica patente que os marranos era tratados como sujeitos de uma estirpe inferior (PONCZEK, 2009).

Em 1580 Felipe II, da Espanha sobe ao trono Português fazendo com que se inicie uma forte perseguição a estes “novos cristãos”. Por volta de 1600 o Pai de Espinosa, Menasseh ben Israel, segue com sua família para Amsterdã, um local que vivia uma ótima atmosfera com um grande crescimento econômico, e uma enorme efervescência cultural graças a sua relativa tolerância religiosa e liberalismo político. A Holanda, de predominância protestante, era bem mais complacente a religião judaica e de certa forma entusiastas de suas habilidades no comércio e na administração. Este país se tornou o primeiro na Europa onde o credo religioso era

garantido por lei. Isso proporcionou que diversos judeus, especialmente de Portugal pudessem se reunir em uma grande comunidade, depois de muitos anos de perseguição e intolerância, muitos deles ávidos por retomar o contato com a tradição, leis e ensinamentos do povo de Israel, e em alguns casos de forma bem ortodoxa e radical. Foi nesse contexto que Espinosa nasceu e se criou.

A comunidade Judaica de Amsterdã era muito plural e possuía muitas divergências internas, boa parte destas relativas aos judeus “puros” e os marranos, que muitas vezes eram olhados com desconfiança, como se fossem traidores da crença de Israel. Havia disputas teológicas que escondiam também disputas políticas. Um episódio que marca bem isto, e que pode ter tido forte influencia sobre o pensamento de Espinosa foi o de Uriel da Costa, ex-marrano, que afirmava que apenas a lei escrita possuía valor sagrado e que, nesta, não eram ensinados a imortalidade da alma nem os suplícios eternos. Para ele Deus era entendido mais como uma força racional e amorosa que cria, governa e harmoniza a natureza. (CHAUI, 1995) Fazendo isto estava questionando o poder dos rabinos que sob a autoridade de passar as leis orais, e por meio de dogmas como a ameaça da punição eterna da alma, e do medo da comunidade de um Deus colérico e impiedoso, conseguiam mais autoridade e respeito. Essa idéia de um Deus como uma força racional e especialmente a oposição do sentido de Deus como um sujeito do qual se deve ter medo, foram muito relevantes dentro da filosofia espinosana.

Uriel é então punido, e o herem⁶, no seu caso, significa a total exclusão da comunidade o que implica não só no afastamento social de todas as pessoas, que passam a ser proibidas de lhe dirigir a palavra, como também na sua falência financeira, pois as proibições também restringiam suas trocas comerciais. Para suspender o herem foi submetido a um verdadeiro ritual de flagelação, com açoite em praça pública, e teve o corpo seminu coberto de cinzas e pisoteado por todos a porta da Sinagoga. Ele nunca conseguiu se recuperar a todo o sofrimento e humilhação o que culmina no seu suicídio pouco tempo depois (CHAUI, 1995).

⁶ Herem é a forma mais grave de exclusão da comunidade judaica.

Espinosa frequenta desde muito novo os estudos da religião de Israel, na Sinagoga de Amsterdã. Ele falava além do Português, espanhol, holandês, francês e conhecia latim e hebraico. Interessou-se muito pelos estudos de Descartes, e pelo pensamento racionalista, especialmente no que se refere ao método cartesiano. Embora as conclusões as quais chegou Espinosa, sejam bem distantes das de Descartes, este se inspirou em seu método.

Espinosa reconhece em Descartes um precursor quando este, na carta-prefácio das *Paixões da alma*, expressa sua intenção de explicar as paixões não como um orador, nem mesmo como um moralista, mas de explica-las por suas causas primeiras como um filósofo natural. Porém, a falta de rigor na aplicação da regra da evidência e a adesão a teses metafísicas fazem com que a ciência das paixões e a técnica proposta para controlá-las sejam falsas e ilusórias, de modo que o galho supremo da árvore do saber não pode dar frutos esperados. (GLEIZER, 2005, p. 14)

3.1.2 Monismo e crítica religiosa

O entendimento da ideia de Deus de Espinosa era completamente diferente tanto das visões católicas, evangélicas, judaicas, como da de Descartes, que lhe serviu inicialmente de inspiração, na busca por seu próprio método. Espinosa entendia Deus e a natureza como uma única coisa. Essa visão se afastava não só da visão de todas as culturas religiosas hegemônicas na época, como confrontava com a estrutura política monárquica, vigente em praticamente toda a Europa, pois Espinosa atribuía a visão de Deus da época, tida como um sujeito soberano onisciente e onipotente, a figura de monarca do mundo, criticando então não só a fé neste Deus como algo ingênuo e supersticioso, como o próprio modelo político preponderante na Europa na época.

Partindo daí Espinosa se torna um forte crítico de todas as igrejas. Para ele Deus era uma força de potência interna que estava contido na natureza e também nos sujeitos, dessa forma a igreja era desnecessária, e servia mais como um instrumento de despotencialização, tendo em vista que fazia dos sujeitos não livres mas sim escravos do medo da condenação eterna e da fúria divina. A partir dessas várias críticas que este tecia de forma aberta a fé judaica, Espinosa é convidado a se retratar, e é submetido a um interrogatório sob a acusação de

heresia. É nesse contexto que Espinosa toma a decisão de se afastar da comunidade judaica e escreve “Apologia para justificar uma ruptura com a Sinagoga” que obviamente tem uma péssima repercussão dentro da comunidade, fazendo com que Espinosa passasse a ser alvo de retaliações que culminam com sua excomunhão, que diferentemente de Uriel, se dá em caráter irrevogável.

Como sabemos, a excomunhão traz sérias consequências para o sujeito dentro da comunidade, pois proíbe que as pessoas se comuniquem com ele, trazendo além das implicações sociais óbvias também penalizações financeiras. Dessa forma Espinosa abandonou sua cidade e afastou-se dos negócios do Pai e passou a ser artesão, passando a produzir e polir lentes de microscópio, trabalho de ganho financeiro bastante humilde, mas que davam a Espinosa a liberdade de não ter de abandonar suas ideias e crenças e lhe permitiam continuar se dedicando ao estudo e desenvolvimento de sua filosofia. Sua paixão pela liberdade era tão fervorosa que chegou a abrir mão da proposta de ser professor de filosofia na renomada Universidade de Heildeberg por ter medo de ser obrigado a renunciar ao seu pensamento, tendo em vista que havia a exigência da Universidade dele “não ofender os princípios da religião estabelecida” (CHAUI, 1995).

Como dissemos, Espinosa se opunha a visão de um Deus o qual considerava monárquico, dotado de todo poder sobre os homens. Um homem super poderoso que criou a tudo e governa a todos a partir de desejos ocultos de difícil compreensão para os mortais. Essa concepção servia apenas para sustentar uma casta privilegiada de homens que são ao mesmo tempo representantes e interpretes das suas vontades. O filósofo era defensor do racionalismo absoluto, ou seja, que a totalidade do real é inteligível e que pode ser inteiramente apreendida através da razão. Ele criticava toda forma de superstição e via ela como um grande mal que aprisionava os sujeitos.

Para construir sua principal obra, a *Ética*, Espinosa partiu do pensamento de Descartes, que buscava chegar a uma verdade inquestionável a partir de seu método. Descartes defendia que corpo e alma (ou consciência) são duas substâncias finitas essencialmente distintas, que não possuem nada de comum entre si, sendo a primeira definida pelo extensão e a segunda pelo pensamento,

embora estivessem unidas no homem (pois aquilo que afeta o corpo afeta a alma e vice versa) interagindo por meio da glândula pineal.

Espinosa faz uma forte crítica a este pensamento tendo em vista a óbvia ligação entre essas duas realidades, sabendo que a alma é responsável pelo movimento voluntário do corpo, e que os sentimentos obviamente tem o poder de afetar o corpo, ele entendia como inadmissível a ideia de que o corpo e a alma são compostas por substancias distintas.

A partir do princípio de razão suficiente, que reza que “tudo tem uma causa e uma razão”, Espinosa escolhe em sua análise o método sintético, em oposição ao cartesiano que era analítico e partia do efeito em direção a causa. Para Espinosa conhecer verdadeiramente era conhecer pelas causa. Sendo Deus a causa primeira de todas as coisas, ele sustenta que é preciso partir do conhecimento da essência de Deus, para dele deduzir o conhecimento do Universo. Porém é necessário se substituir a crença em um Deus pessoal, antropomórfico, por um Deus imanente à natureza, da qual as coisas não se regulam por nenhum “propósito” mas pelo simples exercício de uma potência causal desprovida de finalidade (GLEIZER, 2005, p. 14).

Espinosa entendia que havia uma incompatibilidade entre substancialidade e finitude, isso conduz a tese monista de que há uma única substancia absolutamente infinita. Então para Espinosa pensamento e extensão (os únicos atributos conhecidos por nós, embora existam outros que não temos acesso) constituem expressões heterogêneas de uma única realidade. (GLEIZER, 2005, p. 14) Assim Deus é um ser único que se expressa de diversas formas, infragmentável, porém matizado e produzindo uma infinidade de coisas finitas, que são seus “modos”. Assim, tudo que faz parte da natureza, incluindo nós mesmos, são modos da substância infinita, ou seja, Deus. Esta concepção que afirma que só existe uma única substância da qual tudo é derivado, se chama de monismo.

Essa visão de Espinosa é bem antagônica ao pensamento que influenciado pelo pensamento cartesiano vigorou durante toda a modernidade, uma visão dicotômica que coloca uma separação entre o pensamento e o corpo no

campo científico, e antagônica também ao pensamento religioso que se propaga até os dias de hoje no ocidente, que liga Deus a uma figura antropomórfica que possui um plano para a vida de cada sujeito. Se entender Deus como natureza e o corpo e alma como algo único e indivisível ainda é um desafio nos tempos de hoje, pode se imaginar como era revolucionário o pensamento deste filósofo em seu tempo.

Para tempos de crise ambiental, entender a natureza como algo divino talvez ajudasse ao homem contemporâneo criar uma relação com esta que não fosse apenas baseada no uso e exploração. Quando entendemos que somos os seres centrais e mais importantes da existência, pois Deus criou tudo pensando exclusivamente em nosso usufruto, corremos mais o risco de entender a natureza a partir de uma relação utilitarista. Se pensamos que fazemos parte da essência dividida junto com todos os outros elementos existentes, saímos de uma lógica antropocêntrica e avançamos para a construção de um pensamento biocêntrico, onde o homem sai do patamar de dono da natureza e passa a ser uma parte deste todo, que deve estar integrada e comprometida com a sua preservação e equilíbrio.

3.1.3 Potência de ação e afetividade

Para Espinosa existem três tipos de conhecimento, o primeiro é a opinião ou imaginação, e ele é produtor de superstição, ignorância e falsidade. Aqui estão as percepções que temos por experiência vaga, normalmente fonte de engano. Já o segundo é a razão. Como sabemos Espinosa era racionalista e acredita que a realidade do mundo era totalmente cognoscível e poderia ser apreendida através da razão. E o terceiro conhecimento era um aprofundamento deste que o autor chamou de “ciência intuitiva” que além da esfera racional exigia uma apropriação do mundo, continha também uma esfera afetiva que era a projeção da beatitude e da felicidade, e que incluía também a esfera da ação no mundo, consciente de participar da natureza divina. Ou seja, esse terceiro conhecimento, o mais potente de todos, incluía além da consciência, a esfera da atividade, e da afetividade, e mostra a esfera ética do pensamento de Espinosa.

Espinosa articula epistemologia e ética, quando afirma a indissolubilidade entre conhecimento e ação no âmbito da ciência

intuitiva. O saber produzido neste nível implica na realização de atos inspirados no amor e na consciente ligação do homem com a totalidade do ser. (BRANDÃO, p.80, 2008)

Este pensamento se encontra com as reflexões que fizemos acima dos estudos de Vygotsky e Freire quando estudamos como importância da conscientização está articulada com a participação, ou seja, com a ação do sujeito no mundo, uma ação implicada. Aqui, a díade “consciência” e “atividade” incluímos a dimensão afetiva, tendo em vista que estes três aspectos estão intrinsecamente ligados a esfera ética, como ecoa no pensamento de Espinosa.

O filósofo entendia que todas as coisas são dotadas de uma potência para a vida, o “conatus”, ou seja um impulso para desenvolver-se e expandir-se. Quando esse conatus se refere ao pensamento e a corporeidade entendemos ele como “desejo”. O contato e o movimento para aquilo que desejamos amplia nosso conatus.

Espinosa dava ênfase a capacidade dos corpos se afetarem mutuamente, e em especial os corpos humanos, pois a consciência se estabelece em uma relação com o exterior mediada pelo corpo. Dessa forma falava da importância dos encontros, para ele quando nos encontramos com modos com os quais nos relacionamos positivamente, desejamos, experimentamos a expansão de nossa potencia de ação é quando experimentamos a alegria. Quando pelo contrário a partir dos encontros experimentamos modos que não convêm ao nosso ser, como uma pessoa ou situação que nos provoca mal estar, diminuímos nossa potencia de agir, ou seja, nos despotencializamos e experimentamos a tristeza. “Sendo a expressão do desejo individual, o conatus é fundamento de sociabilidade, pois se realiza no encontro com o outro. Sua tendência é abrir ao máximo a capacidade dos indivíduos de afetar os outros e de serem afetados por ele” (BRANDÃO, p. 83, 2008).

Fica patente que o contato relacional é de extrema importância dentro da filosofia espinosana. Os sujeitos, na promoção de bons encontros, tem a possibilidade de aumentarem suas potencias de ação reciprocamente. A potencia de ação está ligada além da alegria também a autonomia e liberdade, desta forma a

partir dos encontros os sujeitos podem sair do nível individual e fomentar de forma conjunta essa autonomia.

Outra reflexão interessante, que articula com o tema da nossa pesquisa é que Espinosa falava da positividade dos contatos não só com as pessoas mas de uma forma geral com os modos da substancia, dessa forma, podendo ser com a natureza de uma forma geral, incluindo aí os lugares. Lugares que provocam alegria, bem-estar e bons encontros são também potencializadores e pelo contrário locais que nos provocam mal-estar, tristeza e que produzem encontros desagradáveis diminuem a nossa potência de ação.

Os afetos eram um importante objeto de estudo deste filósofo, diferente dos demais intelectuais de sua época que entendiam os afetos como contrário de racionalidade, ou seja, algo que servia apenas para nos tirar a razão e a lucidez. Espinosa, apesar de ser racionalista, defendia que estudar os afetos era muito importante, pois este não dicotomizava razão e afetividade, ele sabia que estes estavam tão unidos, e eram tão inseparáveis, como o corpo e a alma. Para ele os afetos deveriam ser estudados a luz da racionalidade.

Espinosa (2003) acreditava que as afecções, eram cognoscíveis, ou seja, se poderia por meio do estudo dos afetos, utilizando a razão, se chegar até as suas propriedades, da mesma forma como se estudava os demais elementos da natureza. Essa ideia pode parecer comum hoje, mas vai totalmente de encontro ao que se pensava na época e o que de certo modo se acreditou durante a modernidade. Os afetos eram vistos como algo menor, ou como algo muito abstrato que seria impossível ser estudado, ou que apenas servia para atrapalhar a racionalidade. Seu pensamento era tão revolucionário para época, que não é a toa que boa parte dos intelectuais da contemporaneidade que estudam o afeto, ainda se desdobram sobre seus textos do século XVII para melhor compreendê-lo.

Para Espinosa (2003), o afeto são as afecções do corpo, pelas quais a potência de ação deste é aumentada ou diminuída, assim como as ideias sobre estas afecções. Dessa forma, Espinosa atribui os afetos tanto ao corpo quanto a

alma (ideias dessas afecções), ou seja, os afetos alteram a potencia de agir tanto do corpo, quanto a potencia de agir da alma, ou seja, a potência de pensar.

A consciência tem ideia de tudo que ocorre ao corpo, portanto os afetos são, não apenas as modificações corporais, mas também as ideias destas modificações. O que é interessante aqui é que, na sua concepção [de Espinosa] psicofísica de afeto, ele não separa o corpo da alma e nem o sentimento da ideia. Os dois processos ocorrem juntos e, por este motivo, as afecções referem-se tanto ao corpo quanto ao espírito. (BRANDÃO, 2008, p. 86)

Também fica muito claro em seu conceito que uma afecção neutra não aumenta nem diminui a potencia de agir. Percebemos aqui claramente a relação entre a atividade e a afetividade no pensamento de Espinosa. Todo afeto serve ou para potencializar nossa ação, gerando autonomia e liberdade permeado por sentimentos positivos representado em sua expressão máxima pela alegria, ou pelo contrário, despotencializa nossa ação, gerando servidão, representado em sua expressão máxima pela tristeza. Dessa forma, aquilo que sentimos, nossas emoções e sentimentos falam diretamente à nossa ação perante a vida.

Assim, fica clara a importância de a partir do entendimento e conhecimento sobre os sentimentos dos indivíduos, conseguirmos fazer uma leitura mais completa de suas atitudes ou falta de atitudes, de sua coragem e busca ativa por autonomia e liberdade ou de sua passividade, conformismo e servidão. As leituras de Espinosa deixam muito clara essa correlação direta.

O filósofo chama os afetos ativos de ações e os passivos de paixões. Somos ativos e alegres quando somos “causa adequada” de nossas ações cotidianas. Espinosa define “causa adequada” aquela cujo efeito pode ser clara e distintamente compreendido por ela, e inadequada aquela cujo efeito não pode ser compreendida apenas por ela, e sua explicação remete a causas exteriores. (Espinosa, 2003) Para o filósofo as ações da mente provêm exclusivamente das ideias adequadas, enquanto as paixões dependem das ideias inadequadas. As ideias adequadas estão associadas as afecções corpóreas com conhecimento de suas causas e efeitos. Brandão (2008) coloca que somos causa adequada de tudo

que provocamos contanto que compreendamos claramente estes eventos como sendo causados por nós, o autor complementa que:

Ser sujeito do conhecimento, deduzindo os efeitos das causas, e ser sujeitos histórico, constituindo-se a si mesmo como causa de suas ações, significa, no entender de Espinosa, a mesma coisa. Não é, pois, sem razão que aqueles que lêem a obra de Espinosa concluem que sua filosofia se traduz como um formidável convite à ação. (p. 87)

Dessa forma, para Sawaia a potencia de ação é “a capacidade de ser afetado pelo outro, num processo de possibilidades infinitas de criação e de entrelaçamento nos bons e maus encontros. É quando me torno causa de meus afetos e senhor de minha percepção.” (SAWAIA, p. 125, 2002b). Já o contrário disto é a potencia de padecer, que para a autora é “viver ao acaso dos encontros, joguetes dos acontecimentos, pondo nos outros o sentido de minha potência de ação” (SAWAIA, p. 125, 2002b).

Desejo, alegria e a tristeza são os afetos primitivos do sistema espinosiano. Aquilo que se aproxima da alegria tende a se expandir, e da tristeza tende a se acabar. As ações são necessariamente alegres já as paixões podem ser tristes ou alegres, elas são causas inadequadas ou parcialmente adequadas, dessa forma escapam ao nosso poder, não estão sob o nosso controle. Dessa forma apenas por meio das ações poderemos ter a certeza da alegria e liberdade (GLEIZER, 2005).

É a partir dos três afetos primários que se constituem toda a gama de afetos sentidos pelo homem. Explicaremos como esses afetos dão origem ao amor e ao ódio. Nesse ponto a capacidade imaginativa humana é fundamental. A alma necessariamente se esforça para imaginar aquilo que nos alegra, e essa alegria é revivida continuamente com a conservação de sua intensidade, esforçando-nos para representar esse objeto exterior como presente. Assim, pela vontade do amante de unir-se a coisa amada, esse objeto acaba sendo ligado ao sentimento de alegria, permitindo a sensação de permanência, isso é o que entendemos por amor (GLEIZER, 2005).

O ódio por sua vez surge da diminuição da potencia de agir, acompanhada da tristeza, ao contrário do que acontece com o amor, o corpo se

esforça em resistir a ideia triste, porém “o esforço em reconstruir um campo perceptivo onde não há lugar para esse objeto tende a estabelecer uma ligação obsessiva com o que pode destruí-lo” (GLEIZER, 2005, p. 42). Assim amor e ódio nascem de representações imaginativas, que como sabemos são fonte de confusão e falsas interpretações.

O medo e a esperança também são originários da alegria e tristeza. Medo e esperança se apresentam como pares opostos mediados pela dúvida. Melhor explicando, Espinosa define a esperança como “uma alegria inconstante nascida da imagem de uma coisa futura ou pretérita, de cujo sucesso duvidamos”, dessa forma podemos dizer que a esperança é uma alegria instável e duvidosa. Já a o medo pode ser visto como “uma tristeza inconstante nascida também da imagem de uma coisa duvidosa”. Se retirarmos destes afetos a dúvida, da esperança resulta a segurança e do medo surge o desespero (SILVA, 2003).

O medo é um sentimento sobre o qual Espinosa dissertou bastante. Para ele é o medo é a causa primeira das superstições. Por meio deste sentimento é que os homens perdem sua liberdade, viram escravos, acreditam em qualquer coisa. Percebemos na história de Espinosa como ele se rebelou tanto contra a religião contra a política vigente, criticando o modelo monárquico, para ele essas duas instâncias só se sustentavam através do medo, e da ignorância que este provocava. Ele dizia que não havia nada mais eficaz para controlar as multidões que as superstições. E se teve algo que fica claro ao analisar a biografia de Espinosa é que este nunca se deixou paralisar pelo medo, sempre convicto de suas ideias enfrentou com coragem sua luta pela liberdade.

Diante do exposto podemos refletir que talvez a saída para superar esse medo esteja no que Espinosa chamou de os bons encontros, encontros potencializadores de ação, que promovam autonomia de forma coletiva, e que consigam fazer a esperança se sobressair ao medo e virar segurança. São esses encontros que conforme veremos abaixo buscamos nos debruçar na Prainha do Canto Verde.

3.2 Psicologia Ambiental e afetividade

A Psicologia Ambiental estuda a inter-relação entre o sujeito e o ambiente, ou seja, ela se interessa tanto por como o homem vem modificando seu ambiente para que este atenda melhor suas necessidades, como de que maneira esse ambiente, seja ele natural ou construído, vem também moldando os seres humanos. Inclui-se na definição de ambiente não só a dimensão física, mas as dimensões sociais e culturais, mediando a percepção, a avaliação e as atitudes do indivíduo.

Essa inter-relação é dinâmica, tanto nos ambientes naturais quanto nos construídos. Ela é dinâmica porque os indivíduos agem sobre o ambiente (por exemplo, construindo-o), mas esse ambiente, por seu turno, modifica e influencia as condutas humanas. Logo, não estamos estudando nem o indivíduo *per se*, nem o ambiente *per se*. (MOSER, 1998, p. 122).

Marx, em seus estudos sobre a sociedade, desenvolveu a ideia de que o homem se diferenciou dos demais animais a partir do trabalho, ou seja, pela transformação da natureza de acordo com as suas necessidades. Para o autor, ao transformar o ambiente o homem acabava ao mesmo tempo modificando a sua própria natureza.

O trabalho é antes de tudo um processo entre o homem e a natureza, um processo no qual o homem por sua atividade realiza, regula e controla suas trocas com a natureza. Ele põe em movimento as forças naturais que pertencem à sua natureza corporal, braços e pernas, cabeças e mãos, para se apropriar das substâncias naturais sob uma forma utilizável para sua própria vida. Agindo assim, por seus movimentos sobre a natureza exterior e transformando-a, o homem transforma ao mesmo tempo a sua natureza (MARX, 1985, p. 149).

Assim como nós transformamos nosso ambiente e nos transformamos ao transformá-lo, também esse ambiente adquire características próprias, e passam também a nos modificar. Hall (1977) coloca que o homem passou a dominar a natureza, modificando-a, e esta passou também a moldá-lo, assim, nossas cidades formam diferentes tipos de personalidade em seus cortiços, hospitais psiquiátricos, presídios, edifícios de classe média, casas de periferia, ambientes urbanos ou rurais.

Apesar da Psicologia Ambiental se dedicar ao estudo da inter-relação sujeito-ambiente, é o homem o centro de nossa preocupação, e é justamente por isso que essa disciplina se insere dentro dos estudos de cunho psicológicos, e não

ecológicos, onde cada elemento do sistema ambiental tem o mesmo peso (MOSER, 1988).

[...] como psicólogos, estamos fazendo um discurso sobre a pessoa, sempre em inter-relação com o seu contexto ambiental, é verdade, mas colocamos a pessoas como centro de nossa preocupação. Então, a especificidade da Psicologia Ambiental é a de analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente. É fato bastante conhecido que determinadas especificidade ambientais tornam possíveis algumas condutas, enquanto inviabilizam outras. (MOSER, 1988, p. 122)

Iremos, no decorrer deste capítulo, discutir alguns conceitos ligados à Psicologia Ambiental que trazem relação com o objeto de estudo que nos propomos a investigar em nosso trabalho: A percepção ambiental, a sensação de segurança/insegurança, apropriação, desenvolvimento sustentável, relação afetiva pessoa-ambiente, e apego ao lugar, todos eles trazem relação com os conteúdos apreendidos nesta pesquisa, e serão importantes para discutirmos os resultados tanto das entrevistas e grupo focal, quanto o do instrumento gerador dos mapas afetivos (IGMA).

3.2.1 Percepção Ambiental

A percepção é compreendida como um conjunto de sensações, experiências, memórias e sentimentos ligados ao contexto sócio-físico, cultural e temporal vivenciados pelo sujeito em relação ao lugar (TUAN, 1980). A percepção do objeto e a percepção ambiental são completamente diferentes entre si, na primeira o sujeito se encontra apartado do objeto enquanto na segunda ele se encontra submerso, pois este o circunda, contém, e abraça (ELALI, 2010).

A percepção sobre o ambiente, de dois ou mais sujeitos que estejam nele, será, para cada um deles, absolutamente única e particular. Isso ocorre pois como não temos arcabouço cognitivo suficiente para captar e processar todas as informações disponíveis em um ambiente, precisamos nos concentrar em determinados aspectos para alcançar, pelo menos, de forma parcial, esta realidade. Mas que parcela do ambiente selecionamos captar? Essa escolha varia de acordo com os interesses, motivações, características físicas do sujeito, posicionamento

quanto ao ambiente, experiências vivenciadas anteriormente tanto dentro como fora daquele ambiente, cognição, afetos, fase do ciclo vital, tipo de instrução educacional recebida, contexto político econômico, gostos, desejos, enfim, uma infinidade de aspectos físicos, psicossociais, socioculturais e históricos.

A percepção ambiental está relacionada ao modo como as pessoas experienciam os aspectos ambientais presentes em seu entorno, para o que são importantes não apenas os aspectos físicos, mas também os aspectos sociais, culturais e históricos (KUHNNEN, p. 250, 2011)

Um mesmo ambiente além de variadas percepções, também desperta sentimentos diversificados, pois a forma como você percebe um ambiente influencia seus sentimentos assim como seus sentimentos por um lugar influenciam a sua percepção. Um ambiente que possa parecer agradável a um sujeito, pode parecer degradado para outro; um local que provoca alegria em um, pode levar um segundo a ter sentimento de medo e sensação de insegurança; um canto que provoca um forte desejo de permanência para alguns, pode gerar uma grande ansiedade em se afastar em outros.

A percepção do sujeito é pautada em sua história de vida, cultura, valores e na comunidade no qual ele está inserido. As metodologias desenvolvidas no estudo da Psicologia Ambiental ajudam a decifrar como o ambiente interfere nos comportamentos humanos, tendo em vista que o nosso aparato cognitivo não consegue dar conta de todos os aspectos – então o ambiente acaba operando abaixo do nível da consciência, sem que o indivíduo perceba como está se relacionando (influenciando e sendo influenciado) por ele.

A percepção do espaço pelo homem não é neutra, isenta de valores, mas sim culturalmente marcada (MOSER, 2005). Os processos históricos interferem na forma como o sujeito interpreta e se relaciona racional e afetivamente com o ambiente. Dessa forma, diversas variáveis modificam a forma como o sujeito se relaciona com os lugares, alterando suas concepções e sentimentos em relação a este. Algumas metodologias específicas do estudo da relação pessoa-ambiente buscam tornar tangível algo que muitas vezes não é sequer percebido pelos sujeitos.

3.2.2 Sensação de Segurança/Insegurança

Algo que tem sido objeto de estudo da Psicologia Ambiental é a sensação de segurança/insegurança dos sujeitos em relação ao lugar. Essa sensação não coincide necessariamente com o risco concreto que o sujeito sofre no local. Vários aspectos se fazem presentes para ampliar/diminuir essa sensação. Corraliza & Berenguer (2010) colocam dois aspectos como fundamentais nessa sensação: A deterioração do lugar que faz com que este seja associado a atividades marginais e a configuração espacial que possibilite ou não rotas de fugas.

Além desses dois aspectos o “apoio social” também remete ao nível de segurança que o sujeito possui ao transitar por algum local. Ressaltamos que o fato de ter pessoas em um determinado lugar não transmite essencialmente que o sujeito irá ter um sentimento de segurança neste. Para que essa sensação seja transmitida é necessário que este sujeito sinta efetivamente que essas pessoas representam um apoio (CERQUEIRA, 2012).

Para Baumam (2003) a sensação de insegurança é crescente no mundo moderno, ele ressalta que a busca por segurança nunca foi tão enfatizada como em nossa sociedade atual, relatando que jamais os sujeitos se sentiram tão inseguros, ameaçados e amedrontados. Para o autor, a individualização da vida e as responsabilidades inerentes a ela se contrapõe as comunidades que precederam-nos, que eram baseadas na solidariedade e cooperação. Desta forma a capacidade de crença na possibilidade do apoio alheio vem cada vez mais se reduzindo.

Essa supervalorização da individualidade, aliado ao conseqüente enfraquecimento dos laços sociais, são tendências determinantes da situação que se encontram as cidades atuais no que concerne a essa generalização as sensação de insegurança, interiorização da vida e evitamento do outro. (CERQUEIRA, p. 09, 2012)

Os sentimentos do sujeito pelo lugar influenciam diretamente na sensação de segurança/insegurança, tanto pela sensação de familiaridade, quanto por influenciar sua análise de se pode confiar ou não no apoio social que faz parte deste contexto. Dessa forma podemos entender que se os sujeitos percebem a localidade como um local onde a solidariedade e a cooperação permeiam irão se sentir mais seguros neste local.

A globalização vem realizando a tarefa de interligar cada vez mais todos os pontos do planeta, isso normalmente acaba levando a uma uniformização de padrões, comportamentos e necessidades. O desejo da individualização e do consumo vem sendo cada vez mais ideais sociais a serem seguidos, chegando como valores a praticamente todos os lugares do mundo, isso dificulta ainda mais a existência de locais onde a solidariedade e a cooperação sejam tão primados quanto o individualismo e as vitórias pessoais. Dessa forma a sensação de insegurança tão presente nas grandes cidades brasileiras começa a se interiorizar, seja para as cidades menores, zonas urbanas, litorais, etc.

Cabe aqui uma ressalva, a sensação de segurança/insegurança não está só relacionada a violência urbana, mas também a outras esferas. Outro exemplo que pode ser associados ao sentimento de insegurança são as zonas de vulnerabilidade relacionadas a fenômenos naturais. Para moradores que tem suas casas construídas em palafitas, por exemplo, o inverno pode causar sensação de insegurança; pessoas que moram próximo ao mar, períodos de cheia podem representar uma ameaça, etc. Nesses casos também a sensação de insegurança não depende apenas do risco real sofrido pelo sujeito, mas por diversos outros fatores.

3.2.3 Apropriação do espaço

Um conceito bastante explorado nos estudos da relação pessoa-ambiente é o de apropriação, ele é tomado de Marx que utilizava-o em oposição a alienação. (CAVALCANTE; ELIAS, 2011) A alienação é um processo de exteriorização de uma atividade humana, que posteriormente é desconhecida como tal. Por exemplo, o termo é usado quando o trabalhador, depois de terminado o processo produtivo, não consegue se reconhecer no produto final, algo clássico nas linhas de produção, onde o trabalhador faz apenas uma pequena fração do produto inteiro. Quando, pelo contrário, o trabalhador por não ser apartado do resto da cadeia produtiva, consegue conhecer o produto como algo seu, como normalmente ocorre em uma atividade artesanal, por exemplo, dizemos que o trabalhador se apropriou do produto de seu trabalho.

Utilizamos o termo apropriação em relação ao ambiente em analogia ao conceito marxista, ou seja, é quando o sujeito se identifica com determinado lugar, consegue reconhecê-lo como seu. Este conceito significa exercer domínio sobre um espaço e objetos, embora não seja obrigatório ter sua posse legal. (CAVALCANTE; ELIAS, 2011)

A apropriação se relaciona com a diferenciação entre os conceitos de “espaço” e “lugar”. Para Cavalcante e Nóbrega (2011) o “espaço” pode ser pensado como uma extensão entre dois pontos, ou seja, uma área geométrica, ele é matéria caracterizada em relação ao indivíduo, dessa forma é neutro, não sendo atribuído a ele significação. Já o “lugar” é um espaço de identificação, local de parada, com ele estabelecemos relação (moramos, trabalhamos, nos relacionamos), ele possui significação e valoração que emitimos de acordo com a vivência que possuímos relacionada a ele.

A relação da pessoa com um espaço é o que permite sua transformação em lugar. Enquanto lugar, o espaço ganha importância e sua identificação situa-se para além de seus limites físicos. Ele é principalmente reconhecido pelo valor atribuído a vivência e aos sentimentos relacionados a ele. É neste ponto que reside a diferença entre espaço e lugar. (CAVALCANTE; NÓBREGA, p. 183, 2011)

São elementos estruturais e complementares do processo de apropriação a apropriação por “ação/transformação” e a apropriação por “identificação simbólica” (CAVALCANTE, NOBREGA, 2011). Embora estes dois processos aconteçam muitas vezes de forma imbricada, a “ação/transformação” normalmente acontece primeiro e consiste em comportamentos que vão desde a demarcação de um espaço até a sua ocupação, incluindo atitudes como reivindicção, delimitação e defesa territorial. Já a “identificação simbólica” compreende os processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transformam o espaço, ou seja, o personaliza em uma busca a melhor adaptá-lo ao bem-estar dos sujeitos (CAVALCANTE, NOBREGA, 2011).

O processo de apropriação do espaço se dá tanto em ambientes privados como públicos, mas em processos diferentes. Em ambientes privados como a casa, o quarto, ou seu trabalho, o indivíduo tem mais liberdade para transformar o local, personalizando-o e deixando-o da maneira que lhe pareça mais agradável, adaptando-o a ele.

Já a apropriação dos ambientes públicos é mais complexa. Vários aspectos estão relacionados ao seu acontecimento. Primeiramente requer um cuidado e atenção dos agentes públicos em criar condições agradáveis e que gerem identificação com o público destinado aquele local. Para isto os estudos de Psicologia Ambiental podem ser uteis a ajudar a administração pública a criar locais que sejam mais agradáveis e causem maior identificação a determinado coletivo de pessoas.

A globalização das sociedades modernas traz também consequências para os espaços públicos. É comum que o individualismo e a sensação de insegurança faça com que parte da população se isole e só se aproprie dos espaços privados, abandonando o desejo da apropriação destes espaços públicos. (CERQUEIRA, 2012) Comunidades em que os vínculos pessoais estão mais presentes, a apropriação dos espaços públicos acontece de forma mais natural, até porque é nesses espaços que muitas vezes acontece a convivência comunitária.

3.2.4 Desenvolvimento Sustentável

A Psicologia Ambiental se funda estudando a influencia do ambiente físico, notadamente dos espaços construídos sobre o comportamento humano, o que justificou o termo “psicologia arquitetural” utilizado nos primeiros tempos. (PINHEIRO, 2003) Suas pesquisas eram relacionadas a como ajustar os ambientes de modo a proporcionar mais bem-estar aos indivíduos. Porém, desde o final do século XX, começa a ser marcada por um grande desafio: ser um referencial teórico/prático que venha intervir na crise ambiental a qual ameaça a sustentabilidade do planeta e ajudar a resguardar sua preservação para as gerações futuras.

Essa crise foi produzida pelo modo de vida de consumo desenfreado estimulado pelo sistema capitalista. A Psicologia Ambiental cada vez mais estuda temas como o desenvolvimento sustentável para tentar conter ou pelo menos minimizar os efeitos dessa crise.

Está contido no conceito de desenvolvimento sustentável o desafio de apresentar um ponto de encontro entre interesses econômicos de desenvolvimento e interesses ecológicos de preservação das condições ambientais de vida. O desenvolvimento sustentável traz consigo a virtude de promover o reconhecimento de fatores comportamentais e sociais, como incorporados à questão ambiental, o que coloca a Psicologia como saber estratégico no enfrentamento dos problemas ambientais, tendo em vista o papel direto do homem na origem da crise, e sendo ele também objeto de pesquisas que buscam apontar soluções (MATIAS; PINHEIRO, p. 2, 2008).

Kuhnen (2011) adverte que o desenvolvimento sustentável, o qual tem pautado as políticas públicas, tem a promoção da proteção ambiental como carro-chefe, mas inclui também adoção de uma melhor distribuição de renda em nível global, a busca de um equilíbrio entre presente e futuro a partir de uma preocupação com as próximas gerações, a busca de integração entre diferentes componentes do desenvolvimento econômico e a afirmação dessas políticas como uma metacaracterística inerente a qualquer projeto. A autora lembra que, para que possamos nos desenvolver com sustentabilidade, é necessário que adotemos um novo paradigma tanto para os processos decisórios dos setores públicos como também para os de nossa existência pessoal. Ou seja, é necessário uma mudança tanto pessoal-subjetiva quanto político-social.

O surgimento de preocupações com o desenvolvimento sustentável proporcionará à Psicologia Ambiental um novo ímpeto. Suas preocupações, que até então estiveram focalizando essencialmente o hábitat e o ambiente urbano, principalmente o comportamento ante as condições físicas e sociais, ampliaram-se progressivamente em direção aos modos de vida, de um lado, e à integração dos comportamentos pró-ambientais em uma visão mais global, do outro. (MOSER, p. 191, 2001)

No âmbito pessoal-subjetivo a Psicologia Ambiental vem ampliando seus estudos sobre condutas pessoais que ajudam/prejudicam a conservação do planeta, buscando soluções que diminuam a crise a qual vivenciamos neste período, e procurando soluções que incentivem os comportamentos pró-ambientais. Para Moser (1998) bem mais difícil que promover transformações de atitudes dos sujeitos em relação ao ambiente, é conseguir a manutenção destas, tendo em vista que normalmente esses hábitos pró-ambientais acabam sendo temporários, e a maior

parte dos sujeitos acabam voltando a ter comportamentos de não implicação ambiental.

Já em relação a esfera político-social, pactos e acordos internacionais tem sido feitos e leis tem sido criadas por todo o mundo na tentativa de diminuir os impactos das ações do homem no planeta, embora ainda de forma muito incipiente, pois sabemos que muitas vezes a preservação ambiental interfere na lucratividade das grandes corporações, que possuem forte influencia sobre os governos. Dessa forma dentro de nosso sistema vigente, o capitalismo, a preservação normalmente muitas vezes é colocada de lado frente ao desenvolvimento e a expectativa de lucratividade.

De qualquer maneira, os alertas de cientistas das mais diversas áreas sobre a crise ambiental, incluindo aqui da própria Psicologia Ambiental, bem como as pressões dos movimentos sociais especialmente os ambientalistas, vem pressionando os governos de vários países do mundo a tomar atitudes de preservação. No Brasil a lei que instituiu no ano 2000 o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (BRASIL, 2000) se insere nessas atitudes governamentais. A Prainha do Canto Verde, locus de nosso estudo, está localizada em uma Unidade de Conservação da categoria Reserva Extrativista.

3.2.5 Relação afetiva pessoa-ambiente

Relatamos anteriormente o esforço de Espinosa em incluir nos estudos da racionalidade a dimensão afetiva. Ou seja, de demonstrar que afetividade também pode ser objeto de estudo da ciência. Vimos que para ele pensamento e extensão constituem expressões heterogêneas de uma única realidade. Na queda de braço da formação do pensamento moderno a visão espinosana não prevaleceu e foi deixada de lado. O pensamento que se tornou hegemônico na modernidade foi o cartesiano que dentre seus conceitos chaves estava a visão dual entre corpo e espírito, ou seja, para Descartes a realidade física se opõe paradoxalmente a realidade mental (PINTO, 2005).

Dentro do pensamento cartesiano as afecções humanas eram fenômenos de perturbação espiritual e a razão tinha o dever de se impor e “vencer” estas paixões. A afetividade representava simplesmente uma mera paixão da alma, de modo que se procuraria enfatizar muito mais a função racional do que a afetividade em si mesma (PINTO, 2005).

Dessa forma desde o renascimento até os dias atuais esse pensamento influenciou a ciência e a sociedade a decompor mente e corpo, razão e afetividade. O entendimento de que a dimensão afetiva era prejudicial a racionalidade fez com que nos estudos científicos se buscasse isolar qualquer tipo de afeto, qualquer estado subjetivo onde se encontrasse emoções e sentimentos.

A psicologia ao se tornar ciência muitas vezes colaborou para a formação desse tipo de pensamento ao propagar como um valor positivo uma exacerbada necessidade de controle e adestramento das emoções, patologizando qualquer tipo de comportamento aparentemente não lógico, ou que fugisse aos padrões normativos.

Quanto ao profissional de psicologia, seja na ciência ou na profissão, era esperado o máximo afastamento de suas emoções, como se houvessem dois sujeitos, um que pensa e outro que sente, e este segundo deveria esperar do lado de fora quando o profissional estivesse em serviço.

Além da patologização das emoções a psicologia muitas vezes se viu enredada com uma super valorização da racionalidade, como por exemplo no uso de medidas valorativas do quociente de inteligência (QI) humano. Sabemos que a ciência psicológica muitas vezes foi utilizada como ferramenta de adestramento, para controlar sujeitos de forma a maximizar sua capacidade produtiva, para o nosso sistema econômico vigente. (BOCK, 2003) As emoções, como oposição a racionalidade, entendido como algo que deveria ser adestrado, se insere também como uma prática psicologizante, com viés ideológico, que serve para atender o interesse das classes dominantes donas dos meios de produção.

Com o passar do tempo algumas vezes na psicologia passaram a se opor a essa visão dicotômica entre corpo e alma. A perspectiva histórico-cultural comunga com a visão monista espinosana, até mesmo por ter sido influenciada por seu

pensamento, unificando essas duas esferas e se colocando também contra a perspectiva de cisão entre razão e emoção. Para essa linha teórica, o sujeito não é compartimentado, e desta forma razão e emoção estão imbricadas se afetando mutuamente (LOOS; SANT'ANA, 2007).

Para Vygotsky (1996) os aspectos cognitivos, afetivos, sociais e da atividade são interdependentes. Para ele a vida emocional não se encontra separada dos outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral. Ele denuncia que dentre todas as categorias estudadas pela psicologia a “emoção” sempre foi renegada e criticava a forma como a psicologia tradicionalmente buscou reprimir, debilitar e eliminar as descargas emocionais, entendendo que a racionalidade humana deveria avançar enquanto as emoções retroceder.

Atualmente, dentro da psicologia, a afetividade já é uma categoria de estudo de notado reconhecimento. Estudiosos de diversos campos psicológicos realizam estudos nesta área. Sawaia (1999) ressalta a importância das investigações psicológicas, a partir da categoria afetiva, buscar uma síntese entre a oposição subjetividade e objetividade. Nesta investigação ganha destaque o rompimento do paradigma racionalista e positivista, acabando com a dicotomização entre razão e emoção e sua consequente compartimentalização do humano, buscando o entendimento integralizado dos sujeitos. Essa visão é marcada eticamente pelo confronto com os ideais patologizantes sobre as emoções humanas.

A recuperação do afeto só é ato de superação da crítica epistemológica se o for na contramão de ênfase em seu caráter de negatividade, de anomia inquietante que perturba a razão e, portanto, de variável a ser adestrada ou usada para explicar as exceções não contabilizadas pelo cálculo estatístico (SAWAIA, 2002, p.12).

Os estudiosos da área de Psicologia Ambiental voltavam-se especialmente para o estudo dos processos cognitivos e comportamentais, focando numa perspectiva estritamente física. Apenas por volta da década de 1990 alguns pesquisadores passaram a investigar a vinculação afetiva entre pessoas e ambiente (LIMA; BOMFIM, 2009), e os aspectos simbólicos passaram a ser vistos como relevantes.

3.2.6 Apego ao Lugar

Uma categoria de estudo importante na Psicologia Ambiental, que perpassa a questão da relação pessoa-lugar, é a de “apego ao lugar”. Segundo Giuliani (2004) a relação de afeto com o local é uma necessidade fundamental humana. Tuan (1980), um dos maiores representantes do movimento da Geografia Humanista, defende a ideia de que a afetividade não está relacionada apenas às pessoas, mas também ao espaço geográfico, que muitas vezes traz emoções de afiliação ou é percebido como símbolo pela pessoa. Para o autor é a partir destes sentimentos o sujeito transforma o espaço em lugar. Dessa forma, podemos dizer que “o apego ao lugar é marcado por afetos e emoções presentes na relação entre as pessoas e os lugares” (LIMA; BOMFIM, p. 496, 2009).

Como somos capazes de nos afeiçoar aos nossos pertences pessoais, que podem ser entendidos como uma extensão da nossa personalidade, com o decorrer do tempo, o sujeito deposita parte de sua vida não somente no seu lar, mas também no seu bairro (TUAN, 1983, p.148).

Para Giuliani (2004) três processos colaboram para gerar este sentimento dos sujeitos em relação ao lugar. O primeiro refere-se à satisfação das necessidades do sujeito no local. Esse aspecto está mais ligado aos componentes cognitivos, e se relaciona com a funcionalidade do ambiente. Apesar disto, podemos refletir que existem também componentes subjetivos de ordem afetiva, pois aquilo que é “necessário” para um, pode não ser para outro em condições semelhantes, pois a necessidade também está ligada aos desejos e ambições destes sujeitos.

O segundo processo relaciona-se com os significados dos lugares a nível simbólico em relação à identidade do sujeito, ou seja, está perpassado pela ordem simbólica, o que aquele local significa, qual a importância dele para o sujeito, as identificações subjetivas com os moradores e com o modo de vida local. Já o terceiro processo se refere ao tempo de residência e familiaridade, com ênfase nas questões emocionais, no sentimento de bem estar e na sensação de segurança/insegurança.

Percebemos que esses três aspectos estão completamente imbricados uns nos outros, pois a concepção do sujeito sobre o que atende ou não suas

necessidades, está relacionado a sua identidade, e os significados estabelecidos com os lugares com que teve relação, por sua vez, se relacionam com os períodos em que o sujeito esteve neles, bem com qual fase do ciclo de vida isso ocorreu.

. De uma forma geral o contato com a natureza provoca uma sensação de agradabilidade que aumenta as possibilidades de uma relação afetiva positiva em relação ao lugar. Tuan (1980) relata que, para o homem do campo, o sentimento em relação ao lugar, tem uma tendência de se estabelecer de forma mais intensa.

Além do contato com a natureza outro fator que colabora para um aumento do sentimento de apego ao lugar, são as memórias do sujeito em relação a este, especialmente quando elas estão associadas a aspectos positivos e são marcadas por determinada temporalidade. O aspecto temporal é positivamente relevante na formação do apego ao lugar, principalmente quando associado a determinadas fases do ciclo vital, especialmente a infância e adolescência, e combinadas a memórias positivas associadas, ainda mais quando a experiência é marcada pelo contato com a natureza, fonte de agradabilidade. Nestes casos é comum que o sujeito possua um sentimento de enraizamento com este lugar, até mesmo porque o lugar é constituinte da identidade deste.

O lugar que o indivíduo nasceu, o lugar onde vive ou os lugares onde viveu e que se tornaram importantes para ele constituem referências para a construção identitária realizando ao longo da vida do sujeito, na busca por sua individualização. (MOURÃO, A. R. M; CAVALCANTE, S. p. 208, 2011).

3.2.7 A apreensão dos afetos pelo IGMA

Na discussão sobre a relação afetiva sujeito-ambiente é relevante trazer as reflexões sobre como as emoções e sentimentos, como a alegria, a tristeza e o medo, interferem na ação do sujeito. Dessa forma, dependendo dos sentimentos com os quais os homens estejam conectados, isso pode resultar em atitudes diferentes em relação ao lugar.

A filosofia espinosana indica que a alegria aumenta a potencia de ação dos sujeitos os conduzindo para a liberdade e a autonomia, enquanto o medo e tristeza, diminuem essa potencia, escravizando os indivíduos. Sabemos que os sujeitos se relacionam afetivamente também com os lugares, dessa forma o contato

com estes lugares produzem afetos que influenciam o comportamento dos sujeitos, seja aumentando sua potencia de ação, seja diminuindo.

Vimos a partir de Espinosa que os bons encontros, por nos afetar, geram sentimentos que aumentam a potencia de ação, enquanto que encontros com os quais nos relacionamos negativamente geram sentimentos que aumentam a potencia de padecimento. Os encontros que Espinosa se referia são entre os “modos das substâncias infinitas”, assim podemos incluir não apenas os encontros entre seres humanos entre si, mas também com a natureza e os lugares. Dessa forma diferentes encontros sujeito-ambiente irão provocar afetos diferenciados, que podem aumentar ou diminuir sua potencia de ação.

Bomfim (2010) posiciona seu estudo sobre afetividade dentro da perspectiva histórico-cultural da Psicologia Social, em uma tentativa de superar o dualismo cartesiano presente na psicologia, buscando um entendimento mais global que não seja pautado na dicotomia subjetividade e objetividade, razão e emoção. A autora aponta que a prática emancipatória da Psicologia Social deve considerar as dimensões sensíveis das emoções e dos sentimentos no cotidiano e que a afetividade é uma dimensão mediadora da ação-transformação.

Em sua busca de estudar a relação pessoa-ambiente sob este viés integrativo se viu com uma dificuldade: os sentimentos e emoções dos habitantes de uma cidade ou comunidade em relação a ela não são identificados e nomeados com facilidade. A partir desta dificuldade se dedicou em sua tese na construção de um instrumento que conseguisse apreender os afetos dos sujeitos em relação ao ambiente: o instrumento gerador dos mapas afetivos.

Tudo que é do campo da afetividade é difícil de ser expresso por meio de palavras. Bomfim (2010) versa que o caminho que vai da sensação à enunciação é muito complexo – assim, encontrar meios que acessem esses sentimentos e emoções que são criados e recriados no dia a dia dos indivíduos com sua comunidade, bairro ou cidade acarreta certo grau de intangibilidade. “Chegar a estas sensações, aos sentimentos, sem correr o risco de acessar somente processos racionais, é um grande desafio metodológico” (BOMFIM, 2010, p. 255).

A formulação dessa metodologia se fundamentou tanto na Psicologia Ambiental como na Psicologia Social. Do referencial da Psicologia Ambiental, a principal fonte foram os mapas cognitivos de Lynch. Sua teoria se fundamenta na ideia de que cada pessoa possui um mapa mental da cidade que vive, mesmo que seja fragmentário e baseado em sua própria percepção ambiental. O estudo de Lynch, porém, leva em consideração apenas os aspectos físicos da estrutura da cidade, e da identidade do sujeito, mas não desenvolve o do significado e os aspectos simbólicos. (BOMFIM, 2010).

Da Psicologia Social, a autora utilizou especialmente o referencial da perspectiva histórico-cultural, “que argumenta sobre os afetos como constitutivos do subtexto da linguagem sobre o objeto estudado” (BOMFIM, 2010, p. 256). Assim, é necessário captar o subtexto da linguagem, as emoções. Dessa forma, a autora utiliza um método semelhante ao de Lynch quando solicita que o sujeito faça o desenho de sua cidade, porém utiliza uma abordagem totalmente diferente, privilegiando os aspectos simbólicos.

O IGMA parte da solicitação que o sujeito pesquisado faça um desenho que represente sua forma de ver, representar ou sua forma de sentir o local que desejamos investigar (escola, bairro, cidade, comunidade, etc). A partir de desenhos, metáforas e palavras que aparecem na aplicação do IGMA, é possível investigar os sentimentos e afetos da pessoa em relação ao lugar.

No trabalho que culminou com a construção do IGMA de Bomfim (2010), somadas as pesquisas posteriores realizadas utilizando-o, foram encontradas cinco categorias diferentes de imagens a partir da análise das respostas dos participantes. Vale ressaltar que essas imagens não são classificadas pela análise dos desenhos em si, mas sim pela análise das respostas dos sujeitos sobre o desenho. Cada uma delas demonstra um tipo de relação afetiva diferente que o sujeito estabelece com o ambiente investigado:

A) Pertencimento

Essa imagem se manifesta por meio de sentimentos de identificação e apego ao lugar. Ela traz correlação com uma identidade de lugar

constituída e a apropriação do espaço. O sujeito sente que aquele lugar faz parte dele e ele faz parte daquele lugar.

B) Agradabilidade

Ela revela sentimentos positivos dirigidos ao local avaliado que é percebido como agradável e provoca sensações de bem-estar. Ele representa um conjunto de imagens que tendem a entender o local como gerador de experiências agradáveis ou que tenham uma funcionalidade importante para o sujeito.

C) Insegurança

A insegurança é compreendida como oppositora ao pertencimento. Essa categoria está associada a sensações de que algo inesperado, e as vezes negativo está para acontecer. Os sentimentos provocados são de medo, insegurança e ameaça. Vale ressaltar que ela é gerada pela representação que o sujeito tem do lugar e não pela periculosidade dele em si.

D) Destruição

É compreendida como oppositora a agradabilidade, o sujeito evidencia as experiências vivenciadas no local como desagradáveis, identificando-o como degradado e destruído. A essa imagem está vinculado sentimentos como vergonha, nojo e desprezo.

E) Contraste

Nessa imagem o respondente possui sentimentos antagônicos em relação ao lugar. Normalmente surgem representações ligadas as categorias de pertencimento e/ou agradabilidade em combinação com insegurança e/ou destruição. Muitas vezes identificamos conjunções como “mas”, “contudo”, “no entanto”, “entretanto” e “porém” expressando esse conflito entre algo que o sujeito aprova e algo que desaprova.

Os estudos utilizando a metodologia dos mapas afetivos apontam que as imagens de agradabilidade e pertencimento que levam a predisposições positivas dos habitantes com a cidade ou localidade “são elaboradas a partir de sentimentos de amor, admiração, alegria, bem-estar, prazer, orgulho, desfrute, recordações agradáveis, etc, em outras palavras sentimentos que, em nossa compreensão, compõem a estima positiva” (BOMFIM, p. 215, 2010).

Bomfim (2010) relacionou essa estima positiva com a atividade e condutas dos indivíduos revelando que ela aumenta a potencia de ação do sujeito no seu encontro com a cidade, levando-o a uma implicação positiva com o lugar. Desta forma “a estima positiva da cidade, vinculada à participação em associação, conduz-nos a tese de que a estima é um indicador da ação do indivíduo na cidade e de sua participação” (BOMFIM, p. 216, 2010).

Já as categorias de insegurança e destruição são as que levam a predisposições negativas dos habitantes com a cidade compondo uma estima negativa. Esta por sua vez, ao contrário do que ocorre com a estima positiva, leva a uma falta de implicação do sujeito com o lugar, resultando em potencia de padecimento. Segundo Bomfim, estas imagens se formam a partir de sentimentos como “medo, tristeza, insegurança, solidão, desesperança, desconforto, ambiguidade de emoções e sentimentos, descaso, etc. São sentimentos e emoções que diminuem a potencia de ação do habitante no seu encontro com a cidade” (BOMFIM, p. 214, 2010).

Já a categoria “contraste” foi inicialmente interpretada como uma estima negativa, indicando desta forma uma redução da potencia de ação do sujeito. Porém, com o avanço dos estudos utilizando esta metodologia, foi demonstrado que as imagens de contraste, por possuir propriedades bastante ambíguas, podem indicar tanto uma estima potencializadora como despotencializadora de ação.

CAPÍTULO 04 – PSICOLOGIA, COMUNIDADE E PARTICIPAÇÃO

4.1 O estudo das comunidades pela psicologia

Na década de 1970, na América Latina, a Psicologia Social oscilava entre duas visões distintas. A primeira, de tradição norte-americana, tinha uma visão pragmática e era ligada à busca da harmonização dos grupos, tornando-os mais felizes e produtivos, para que pudessem reconstruir um mundo devastado depois da II Guerra Mundial (LANE, 1987). Essa concepção está ligada à tentativa de modernização dos setores atrasados e pobres da sociedade, ou seja, de um ajustamento social dos indivíduos para melhor se adaptarem ao capitalismo.

Esta linha de pensamento estava ligada a corrente behaviorista e mais psicologizante da realidade social, cognitivistas, e a-históricas devido a busca de leis generalizáveis para o comportamento do indivíduo em sociedade, porém sem a análise do contexto social e político.

A outra tendência baseava-se na tradição filosófica e sociológica europeia que não buscava a simples adaptação do sujeito ao sistema de produção, mas que o via de forma mais abrangente (LANE, 1987). É lá onde surgem as primeiras críticas incisivas à Psicologia Social norte-americana, denunciando o seu caráter ideológico e mantenedor das relações sociais (LANE, 1981). No entanto,

A resposta à “crise” [da Psicologia Social] na Europa não representou uma ruptura com o modelo teórico norte-americano, senão ao fato de se tentar atribuir à Psicologia Social um caráter mais social. Não obstante, embora essa fosse uma Psicologia menos individualista, continuava a ser uma Psicologia individualista. (CARVALHO; SOUZA, 2010).

Essas críticas demonstram que na Europa havia a necessidade de se criar uma Psicologia Social marcadamente distinta da norte-americana, porém não havia efetivamente um rompimento, tendo em vista que esta ainda era baseada no método experimental (CARVALHO; SOUZA, 2010).

No Brasil havia uma forte tendência a uma importação dos ideais norte americanos, primeiro por uma grande número de psicólogos brasileiros que

realizaram suas formações nos EUA, depois pela grande quantidade de livros traduzidos de lá que chegavam no Brasil.

A partir de 1960, os remanescentes das primeiras turmas de psicólogos do País começaram a trabalhar em bairros periféricos junto às comunidades de baixa renda – porém, no início ainda não havia uma ruptura com as teorias dominantes em Psicologia Social, pois estas, na verdade, tentavam reproduzir os consultórios particulares de psicologia dentro das periferias.

Nesse momento histórico, e ainda em meio a essas duas correntes de Psicologia Social no Brasil, eclode um golpe militar no ano de 1964. O País passa a viver sob um regime totalitarista no qual a voz da população é cada vez mais calada, as mídias passam a ser censuradas e qualquer forma de oposição ou crítica passa a ser vista como subversão e baderna. Cresce na população um forte sentimento de revolta, que passa a se traduzir em resistência a esse regime em vários campos de nossa sociedade. Na América Latina, muitos regimes totalitaristas passam a existir, vários deles, como no Brasil, com o apoio e o financiamento dos Estados Unidos, e em todos eles o sentimento de revolta faz eclodir movimentos de resistência.

Em meio a essa efervescência política, os psicólogos continuavam a estudar Psicologia Social a partir de autores europeus e americanos, pertencentes a uma realidade social e política extremamente diferente da nossa, orientados para outro público e para outras necessidades. Não conseguindo transpor os textos teóricos para a realidade prática, os psicólogos sociais passam a operar de forma praticamente intuitiva, fazendo uma nova Psicologia Social com a cara da América Latina, que se funde primeiro na prática e só depois tenta articular uma teoria concreta que a sustente.

Boa parte dos atores que se mobilizavam na formação de uma nova Psicologia Social estava inconformada com as condições desse regime político autoritário, e cada vez mais se implicava na construção de uma sociedade mais justa, menos desigual, com condições sociais favoráveis a todos, e começava cada vez mais a questionar a ordem social, política e econômica vigente. É esse sentimento que serve como plano de fundo para a construção das teorias que serviriam para pautar essas novas práticas da psicologia que vinham surgindo. Essa nova Psicologia Social que surge na América Latina e contrapunha a uma psicologia

social que defendia uma concepção individualista e psicologizante sobre o homem e a sociedade, passou a ser chamada de Psicologia Social Crítica, para se diferenciar desta visão anterior.

Os autores ligados as correntes mais psicológicas começam a ser questionados e a psicologia social passa a sofrer influencia de teorias como a da Representação Social (Moscovici) e a práxis marxista. Dessa forma enquanto a Psicologia Social americana que se baseava em uma perspectiva naturalizante e a-históricas do homem passa a sofrer grandes críticas no Brasil e em boa parte da América Latina, a corrente sócio-histórica fundamentada no materialismo dialético, que visava um comprometimento social do psicólogo começa a ganhar força, principalmente a partir do estudo de autores como L. S. Vygotsky, A. N. Leontiev e A. R. Luria.

Em método Histórico Social na Psicologia Social (2005), diversos autores fundamentavam as premissas teóricas e metodológicas dessa teoria, que foi chamada comumente de Psicologia Sócio-histórica, em contraposição a psicologia social psicológica norte americana. Eles afirmam que o materialismo positivista da psicologia sócio norte-americana se fundava na neutralidade, em um entendimento de que a psicologia do indivíduo explicaria a psicologia da sociedade, e que sua característica naturalizante se baseava na compreensão de uma cognição abstrata e descontextualizada e, por consequência, a-histórica. O materialismo histórico dialético usado pelos psicólogos sócio-históricos, por outro lado, produza uma visão comprometida com a realidade da população, já que defendiam o resgate da historicidade e a produção de conhecimento comprometido com a transformação social. (ALMEIDA, 2012,p. 132)

Na Psicologia Social Crítica, o psicólogo passa a ser visto como agente potencializador da transformação social. Essa nova psicologia logo se articula com a Educação Popular de Paulo Freire, que buscava a libertação dos sujeitos a partir dos diálogos intermediados pelos Círculos de Cultura, os quais eram facilitadores dos processos de conscientização.

Nessa perspectiva crítica, constrói-se a Psicologia Comunitária no Brasil e nos países latinos. Assim, “na América Latina, a expressão ‘Psicologia Comunitária’ é empregada desde 1975, com o objetivo de fazer uma nova Psicologia Social” (GÓIS, 2004, p. 137). Esta compreende a comunidade como um lugar de se fazer história, na qual a condição de exploração das classes oprimidas poderia ser superada a partir de uma postura política ativa. A Psicologia Comunitária, entendendo o homem a partir de um contexto histórico e social e filiada à Psicologia

Social Crítica, ganha bastante força com o passar do tempo na América Latina, e é a partir do seu referencial teórico, sob a sua visão de homem e de mundo que iremos construir este trabalho.

A Psicologia Comunitária é uma área da Psicologia social que estuda a atividade do psiquismo decorrente do modo de vida do lugar/comunidade [...]. Visa ao desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos e comunitários, através de um esforço interdisciplinar que perpassa a organização e o desenvolvimento dos grupos e da comunidade (GÓIS, 1994, p. 43).

A Psicologia Comunitária surge então marcada pelo compromisso desse profissional com os setores menos favorecidos da sociedade e orientados para uma mudança social. Ela é pautada também por uma rejeição a princípios mecanicistas, busca métodos participativos de intervenção que envolvam as pessoas no seu próprio processo de mudança e no da comunidade local. Nela, a função do psicólogo é ser um catalisador da mudança, e sua função é proporcionar instrumentos que promovam a gestão da comunidade, deixando de ser um perito para se tornar um facilitador de mudanças (ÁLVARO; GARRIDO, 2006). Dessa forma,

O psicólogo, que na fase anterior se confundia com o educador social, com o assistente social e com o clínico fora do consultório, agora se tornou "militante" com o objetivo de promover a passagem da consciência de classe em si à consciência de classe para si, favorecendo a 'tomada de consciência' da exploração e da alienação e a organização da população em movimentos de resistência e reivindicação. (SAWAIA, 1996, P.46).

O conceito de comunidade não se restringe à moradia em um mesmo espaço físico. A comunidade é algo bem mais complexo, no qual cabe destaque para as seguintes características: espaço comum compartilhado; identificação social; relações e laços comuns; desempenho de função social; componentes relacionais; vinculação afetiva entre os moradores e o ambiente; construção histórica e social. Implica ainda a territorialidade atrelada à convivência, para que não perca o sentido íntimo das relações entre pessoas (GÓIS, 1994, 2005). Ou seja: para que se possa falar de comunidade, é necessário um espaço comum compartilhado, uma proximidade tanto no sentido físico (vizinhança) quanto no social (relação de

convivência). Todas essas características vão construindo a forma como o sujeito sente e se relaciona com a comunidade, e esses fatores estão correlacionados ao “sentimento de comunidade”, um conceito importante em nosso estudo.

Percebe-se no conceito de comunidade a presença da sensação de pertencimento dos moradores à comunidade, bem como de sentimentos e emoções direcionados a ela, e são justamente esses fatores que se combinam, podendo resultar no sentimento de comunidade. Esse sentimento está presente quando os moradores de determinado local se veem e se reconhecem com um laço de identidade grupal, assim como também identificam nesses laços uma rede de apoio e confiança compartilhada (GÓIS, 2008). Ou seja, a forma como esses moradores confiam uns nos outros, se apoiam mutuamente, podendo até chegar, em certos casos, a relações tão estreitas que muitas vezes se assemelham a relações familiares.

Quando esse sentimento está presente, os sujeitos se referenciam como fazendo parte daquela determinada comunidade, fato que pode ser explicitado com orgulho pelo morador. Esse sentimento traz uma relação com a participação, pois quanto mais o sujeito se sente como pertencente a dada comunidade mais terá a tendência de querer participar dos rumos e de lutar pelos seus interesses. Vale ressaltar que o sentimento de comunidade não excluía as contradições presentes na comunidade, desentendimentos e intrigas entre moradores.

A forma como o sujeito sente e percebe a comunidade está contida na percepção que o sujeito tem do ambiente, tendo em vista que o ambiente é composto tanto pelos aspectos físicos como dos sociais e culturais, incluindo aí os sujeitos e, por sua vez, a comunidade. Dessa forma, os afetos dos sujeitos em relação à comunidade influenciam os sentimentos e emoções dos sujeitos em relação ao ambiente como um todo, trazendo aqui uma articulação da Psicologia Comunitária com a Psicologia Ambiental.

A Psicologia Comunitária busca o desenvolvimento dos sujeitos comunitários, entendidos como indivíduos que compreendem o modo de vida da comunidade, que podem apreender o mundo não de forma ingênua, mas sim de forma crítica, que romperam com a identidade de oprimido e são agentes de ações que buscam autonomia pessoal e comunitária. Dentro desse processo de

emancipação dos sujeitos e da comunidade, surge o conceito de “conscientização”, que nos ajuda a entender esse processo a partir da colaboração de Paulo Freire, que embora tivesse seus estudos ligados especialmente ao desenvolvimento da educação popular foi fundamental para o desenvolvimento de alguns conceitos e práticas da Psicologia Comunitária.

A Psicologia sócio-histórica se fundamenta na ideia do homem como ser histórico e na possibilidade de transformação social. A compreensão da ideologia como dominação aponta o entendimento de uma psicologia social crítica que tende ao compromisso social e à conscientização. Assim, sua maior preocupação não está em formular leis gerais sobre o comportamento social, mas sim, no entendimento das relações de dominação ideológicas e de sua possível saída, através do conscientização (ALMEIDA, 2012,p. 133).

A conscientização é parte fundamental para o desenvolvimento comunitário, processo de crescimento da comunidade pelo qual esta desenvolve uma consciência crítica e adota um posicionamento ativo e autônomo, a partir da participação política efetiva, rompendo com a identidade de oprimido, se instalando desta forma o ponto de partida para a transformação da realidade.

4.2 O estudo da participação

4.2.1 Formas de participação

Sabemos a partir de Vygotsky (1998) que os seres humanos desenvolvem a sua consciência, a partir do contato de uns com os outros. O conceito de “autorregulação” para este autor é o resultado das mediações realizadas pelas interações sociais demarcadas pela cultura e internalizadas pelo sujeito. É através do “signo”, que tem função mediadora formada a partir da relação com os homens, que se desenvolve a consciência. Dessa forma é através do contato interativo com o outro que nos formamos. “Como nenhum homem é uma ilha e desde suas origens o homem vive agrupado com seus iguais, a participação sempre tem acompanhado as formas históricas que a vida social foi tomando” (BODERNAVE, p. 12, 1983). Assim podemos falar que desde a infância a formação da consciência do indivíduo está relacionada com a sua participação.

Freire (1979) fala da importância da participação para a conscientização dos sujeitos sociais. No primeiro capítulo deste trabalho relacionamos o conceito de “autorregulação” em Vygotsky com o de “autonomia em Freire” que é capacidade do sujeito de agir por si mesmo, escolhendo e sustentando suas próprias decisões, argumentando, dialogando, e debatendo. É assim que os sujeitos caminham gradativamente de uma consciência semi-intransitiva para uma consciência transitiva crítica. Desta forma, é através da participação, do engajamento com outros sujeitos, do diálogo, que o sujeito atinge a autonomia e o pensamento crítico.

Então esta participação cotidiana humana, que é o que permite nossa humanização, é a mesma que Freire relatava como o caminho para a autonomia? Certamente que não, se tratam de “participações” diferentes, o que torna este conceito bastante extenso. Assim,

somos instados a participar nas diferentes esferas da vida social: intimidade, trabalho, política, família, comunidade [...] em uma observação empírica mais detalhada, o que mais se evidencia é sua polissemia [da participação]. As formas de participação variam: de intensidade, desde a simples adesão até a absorção do indivíduo; de espacialidade, participação “face a face”, anônima, virtual, local, global; de motivo, por obrigação, por interesse, por imposição, por afeto; de temporalidade, longa duração, imediata. (SAWAIA, p. 119, 2002b)

Sawaia relata que existe um contexto ideológico por trás da variedade de sentidos da participação, revelando que este conceito aparece como central tanto nos discursos liberais, nos ditatoriais, como nos revolucionários. Assim um determinado discurso ideológico pode perceber determinada ação como participativa, e outro não.

Neste estudo buscaremos estudar a participação dos sujeitos na esfera pública, ou seja, uma participação que se implica na busca da modificação das estruturas sociais. Desta forma buscaremos estudar a participação de base comunitária e viés político, socialmente engajada, que busca uma transformação social local, embora que para tanto, muitas vezes, tenha que se articular com esferas globais.

Para Scherer-Warren (2002) uma das formas de participação dos sujeitos nas esferas públicas é por meio do associativismo civil e dos movimentos sociais, elas possibilitam a formação de identidades coletivas e ideários comuns, que são os

pré-requisitos para a demanda coletiva de direitos e para a criação de novos valores e normas para a vida societária.

O autor cita algumas formas de participação por meio do associativismo civil: Os grupos de ajuda mútua, que são grupos que ações solidárias para minimizar o sofrimento de determinados segmentos sociais; as associações de classe, que são os sindicatos e associações profissionais que lutam pela defesa de uma categoria específica, as organizações não-governamentais, que trabalham a serviço de determinados problemas específicos, tendo institucionalidade própria, com registro civil como entidades sem fins lucrativos, e buscam normalmente parceria, nem sempre muito saudáveis, com o Estado; As Organizações de defesa da cidadania, que são grupos sem institucionalidade, lutando pela melhoria da qualidade de vida e defesa de direitos de determinados grupos; O associativismo de base religiosa, no qual a base institucional realiza-se em conexão a uma religião, que por vezes se ligam a movimentos de cidadania como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) ligada a Igreja Católica; e por fim as Associações comunitárias, a qual segundo o autor:

É por meio delas que os moradores encaminham suas reivindicações para a melhoria da infra-estrutura do bairro ou da comunidade de referência; para a melhoria da qualidade de vida (na saúde, educação, lazer, meio ambiente, etc); para reconhecimento de suas tradições culturais (pela promoção de eventos, festas, festivais, etc). Pode-se incluir nessa categoria as antigas sociedades Amigos do Bairro, os Conselhos Comunitários (criados por iniciativas governamentais, mas que na prática muitas vezes se confundem com as associações criadas por iniciativa da sociedade civil), as mais recentes Associações de Bairro, de Moradores ou de Favelados e grupos locais de defesa cultural.(SCHERER-WARREN, p. 43, 2002)

4.2.2 A participação comunitária

Demo (2009) defende que existe uma tendência histórica à dominação, ou seja, a existência de um lado minoritário que comanda e um majoritário que é comandado. A participação não existe como algo preexistente, ou seja, ela não ocorre de forma natural. Dessa forma sua definição de “participação” é que ela é uma conquista, sendo um processo infundável, em constante vir-a-ser, que sempre se refaz. Dessa forma onde existir participação, se fez existir a partir de um processo de conquista.

Essa visão implica no processo de participação como algo ativo, que não é concedido. Mesmo quando o processo de participação parece ter sido concedido, como nos casos em que as instancias governamentais suscitam essa participação, cabe ao sujeito dizer que tipo de participação deseja, e não apenas aceitar a participação que lhe é oferecida ou mesmo imposta, tendo em vista que está implícita uma ação na luta por poder.

No âmbito comunitário esta luta é muitas vezes difícil de ser iniciada. Galdino (2014) relata a necessidade das comunidades carentes, diante de todas as suas necessidades básicas e de recursos econômicos e humanos, de conseguir sair da condição de submissão. Para o autor a necessidade de parceiros externos nos momentos iniciais é fundamental para a superação da situação de precariedade e normalmente exploração que estas comunidades estão sujeitas. Esse papel muitas vezes é realizado a partir de técnicos, como os profissionais de psicologia, que são contratados normalmente por organismos governamentais, que trabalham com o desenvolvimento comunitário. Nestes casos Demo (2009) revela a importância de um planejamento participativo para a efetivação de uma transformação social local nestas comunidades, o autor revela que tal planejamento é composto por três componentes:

O primeiro é o processo inicial de formação de consciência crítica, através do qual se elabora o conhecimento dos problemas locais comunitários, e por meio deste processo se busca dialogar com a comunidade sobre suas questões, problematizando as injustiças sofridas por estes, buscando ampliar um olhar crítico diante da realidade. Sendo tomada essa consciência crítica por parte dos moradores, passamos para um segundo momento que é a formulação de uma estratégia concreta de enfrentamento dos problemas comunitários, em uma busca por somar o conhecimento técnico com o saber popular na organização desta estratégia. Já o terceiro momento é a efetivação deste segundo ponto, e aparece como fundamental a necessidade de uma organização que Demo (2009) retrata como o teste fundamental dos compromissos democráticos do grupo. O autor nos lembra que neste processo, algo fundamental neste é superar as alienações do técnico:

Partindo do fato de que não é pobre [o técnico], de que é formado na universidade, tendo pois educação dita superior, de que trabalha no governo, de que é pequeno-burguês, etc. conclui-se cristalinamente que é um ser tendencialmente alienado, frente aos interessados na política social (DEMO, p. 47, 2009)

Dessa forma é fundamental que o técnico não se coloque como condutor das políticas, mas sim como um agente motivador, mobilizador dos recursos comunitários. É preciso entender que os efetivos conhecedores da realidade são os moradores comunitários, tomando cuidado para não privilegiar os aspectos técnicos em detrimento do saber popular e local, abandonando ideias pré-estabelecidas, e estando aberto para um profundo entendimento das questões comunitárias locais, pois só assim poderá atuar de forma efetiva e mobilizadora.

Bodernave (1983) relata que a participação tem duas bases complementares: na primeira, afetiva, participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com os outros, isto provoca bem-estar e na segunda, instrumental, participamos porque é mais eficaz se conquistar algo com várias pessoas do que sozinho.

Para Sawaia (2002b) até os anos 1980 o paradigma da análise e planejamento da participação era caracterizado pela ênfase no coletivo na objetividade e na racionalidade. Assim, participação pressupunha um alto nível de conscientização política e social, mobilização coletiva, e seu alvo de ação era a estrutura social, seja transformadora, seja reformista. A intimidade normalmente era renegada e as ações focadas em um alvo no futuro.

Depois disto a participação passou a adquirir um sentido mais subjetivo surgindo espaço para a preocupação não apenas com o coletivo, mas também com a individualidade e a afetividade. Essas mudanças superam a dicotomia entre razão e emoção, e o reducionismo que via a participação como algo exterior ao sujeito. “Autonomia, emancipação, e diversidade tornam-se valores éticos mais aplaudidos em substituição à liberdade e à igualdade” (SAWAIA, p. 118, 2002b).

Porem a autora revela que o grande risco da inclusão da subjetividade na visão de participação é de nos deixarmos perder em um dogmatismo subjetivista que nega as outras dimensões da participação, como já vem ocorrendo, levando as

peças a se desinteressarem por política e se voltarem apenas a grupos de terapias de auto-ajuda, ou entenderem a participação apenas como uma ação de foro íntimo “como se o interior de casa um fosse reduto exclusivo de exercício de liberdade, da justiça e da felicidade” (SAWAIA, p. 118, 2002b).

Desta forma o grande desafio é incluir nos estudos de participação a esfera afetiva, dando voz as questões de cunho subjetivo e particular, porém sem se desfocar da luta pela modificação das questões estruturais de nossa sociedade, em uma busca pela diminuição das desigualdades sociais, das injustiças, e da emancipação humana.

Sawaia ressalta a importância de a participação deixar de ser um imperativo categórico, ou seja, de se superar o caráter repressivo/sacrificial da participação, livrando o sujeito da obrigação moral de participar. A participação é inclusiva, é um empoderamento, e dessa forma deve fazer sentido na vida real e concreta dos sujeitos, trazendo alegria e felicidade, e não vista como um sacrifício que trará resultados futuros.

A participação não vem de fora, é uma necessidade do sujeito. É a paixão que leva os homens a se comporem com outros homens, o que significa que só por contingências históricas nega-se o caráter participativo da subjetividade, como, por exemplo, no capitalismo, em que, pela mediação de forças sociais, a subjetividade é apropriada e devorada pela lógica do lucro, sustentando formas de não participação ou pseudoparticipação como o individualismo e a participação em prol dos interesses do outro. (SAWAIA, p.123-124, 2002b)

Scherer-Warren (2002) relata a importância de novas redes que vem se formando a partir do mundo virtual. Ele relata que o futuro dos movimentos sociais aponta para uma integração de diferentes lutas por direitos. As associações comunitárias, por exemplo, passam a entrar em contato com movimentos sociais de luta por direitos mais amplos, articulando a comunidade com o mundo, a memória com a utopia da transformação. Isto resulta em uma ação local que tem como plano de fundo um pensamento global.

Percebemos então que quando a participação surge do desejo e da paixão, é fundada a partir de bons encontros, que promovem vida e alegria, e desta forma busca se expandir na busca de novos bons encontros. Assim os desejos de

transformação local podem se expandir para além das fronteiras da comunidade, se articulando com movimentos de todo o mundo, criando uma rede de solidariedade compartilhada e apoio mútuo, com maior poder de pressão e barganha, e maior capacidade de transformação da realidade.

CAPÍTULO 05 – METODOLOGIA

5.1 Caracterização do *locus* de pesquisa

Iremos narrar um pouco da história da Prainha do Canto Verde utilizando fontes variadas como cartilhas da comunidade, livros, pesquisas científicas e material retirado de sites que reconstruam a história da localidade. Vale ressaltar que toda história é contada sobre determinado ponto de vista, marcado por valores, ideologias, cognições e sentimentos sobre aquilo que se conta. Apesar das diferentes fontes não foi objetivo deste trabalho uma profunda pesquisa documental, dessa forma o que consta neste subcapítulo está marcado pela forma de ver, pensar e sentir dos diferentes autores das fontes pesquisadas.

A comunidade está localizada no município de Beberibe, pela sua maior rota de acesso, a CE 040, fica a 110 quilômetros da cidade de Fortaleza e a 35 quilômetros de Aracati.

5.1.1 Breve história da Prainha do Canto Verde

A história da Prainha começa na segunda metade do século XIX, quando Joaquim Caboclo, junto com sua esposa Filismina, construíram a primeira casa de taipa na prainha – logo depois, a irmã de Caboclo, Chica Benvinda, e seu marido, Zé Cariri, se juntaram a eles. Além de Zé Cariri, ainda vieram morar mais dois de seus irmãos, Pedro Cariri e Angelco. Também outras famílias começaram a chegar ao entorno da praia, como a de Raimundo Cabloco, que tinha um filho por nome Raimundo Canto Verde, o qual morava na vizinhança e vinha todo dia pescar. Achando ele a praia muito bonita pelas imensas quantidades de verde, começou a chamá-la de Prainha, a qual logo passou a ser conhecida como Prainha do Canto Verde, e assim continua até hoje (ASSOCIAÇÃO, 2011).

As famílias tinham muitos filhos, e entre eles surge uma primeira liderança, Bernardinho, filho de Zé Cariri. Ele aprendeu a ler sozinho no mar, com o

ABC no chapéu. Era um sujeito influente não só dentro da comunidade, mas também muito respeitado fora – até porque era um dos poucos sujeitos da redondeza que sabiam ler e escrever. Ele era bastante implicado com a comunidade, além de grande viajante que conhecia muita gente influente, e uma viagem que fez na jangada “7 de Setembro” até Belém do Pará contribuiu para aumentar a sua fama. Ele, o tio Joaquim Caboclo e outro pescador conhecido como Deca navegaram 14 dias para chegar a Belém no dia 7 de setembro de 1928. Essa é a primeira notícia documentada da Prainha do Canto Verde. Bernardinho acabou morrendo no mar, tempos depois, com seu filho mais novo, mas sua fama ainda dura até os dias de hoje (ASSOCIAÇÃO, 2011).

Como a Prainha do Canto Verde era um local onde a sobrevivência era bem melhor a cada dia, mais famílias chegavam. A organização social nessas famílias funcionava da seguinte forma: os homens iam para o mar pescar, enquanto os que não pescavam iam às vazantes plantar e as mulheres cuidavam da casa com seus afazeres domésticos. Como não tinham dinheiro, as casas eram de palha e de taipa. A maioria das famílias tinha muitos filhos, até porque a falta de acesso a saúde e cuidados higiênicos fazia com que a mortalidade infantil fosse muito elevada. Por não haver escolas na comunidade, e como os pais não sabiam ler e escrever, algumas famílias matriculavam os filhos na escola do Jardim, comunidade ao lado. Dessa forma, aqueles que aprendiam a ler iam ensinando uns aos outros. (ASSOCIAÇÃO, 2011).

5.1.2 Participação comunitária e a luta pelo Mar

Existe um momento emblemático na história da Prainha do Canto Verde: uma segunda viagem, que pode ser considerada um marco no início da luta reivindicatória na comunidade – apesar de a viagem para Belém ter também uma repercussão política por enaltecer a figura do pescador como um sujeito bravo e lutador, mas sem um fim político explícito como esta segunda. Em 1941, o “Jacaré”, liderança local, e outros três pescadores embarcaram em uma jangada rumo ao Rio de Janeiro exclusivamente para protestar junto ao presidente Getúlio Vargas contra

o abandono dos pescadores. Jacaré morreu de forma trágica durante a filmagem da viagem feita pelo diretor americano Orson Welles. Dessa forma, podemos perceber que a Prainha é verdadeiramente um berço de luta dos pescadores cearenses (PRAINHA, 2011).

Essa luta reivindicatória por melhorias políticas na vida dos pescadores passa a se organizar estruturalmente em 1980 para reivindicar melhores condições de trabalho e apoio à pesca artesanal. Muitas entidades passam a apoiar essa luta como o Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP) por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica, criado a partir da articulação da comunidade da Prainha com o apoio do Movimento dos Pescadores do Ceará (Mopece) e Movimento Nacional dos Pescadores (Monape). (GALDINO, 2014)

Galdino (2014) ressalta a importância da ajuda externa dentro do Movimento de emancipação da Prainha do Canto Verde. O trabalho deste autor tem amplo valor para esta comunidade pois é um completo resgate da história dos movimentos sociais naquela comunidade. O autor generaliza a necessidade deste apoio para as comunidades relatando que:

Baseados em nossa experiência extensionista e com arrimo nos achados desta pesquisa, acreditamos que nenhuma comunidade carente, em todas as suas necessidades básicas e altamente dependente de recursos humanos e financeiros, consegue sair de um estado de sujeição e submissão sem a ajuda de parceiros e mantenedores, pelo menos em um estágio inicial, até que seus habitantes se tornem críticos e conhecedores de seus direitos de cidadania. (GALDINO, 2014, p. 125)

Em 1989, é criada a AMPCV, com o apoio do Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDPDH) da Arquidiocese de Fortaleza, com forte influência do religioso e militante de direitos humanos internacionalmente reconhecido Dom Aloísio Lorscheider (PRAINHA, 2011).

No início da construção do Centro Comunitário [sede da AMPCV] a ideia era que fosse uma igreja, mas como as instituições que iam ajudar financeiramente não puderam contribuir para construção do templo religioso, decidiu-se então pela construção de um Centro Comunitário. Em 1985, mesmo com a construção do Centro Comunitário estando somente no alicerce, aconteceu o primeiro evento no local: o Seminário Rural, que contou com a participação de representantes de comunidades de todo o Ceará e com a presença de Dom Aloísio Lorscheider, Cardeal e Bispo de Fortaleza. (GOMES, VIEIRA NETO, p. 30, 2010)

Galdino (2014) relata outro importante apoio externo, que foi a chegada de um estrangeiro suíço que chegou à comunidade em 1987 como turista, mas que acabou adotando-a como sua e foi responsável uma grande mudança dentro do movimento social local.

O estrangeiro resolveu adotar a localidade, casou-se com uma nativa e lá estabeleceu sua residência em 1992. Desde então instalou-se na comunidade uma nova etapa da história de seu movimento social. Esse sujeito externo, doravante de transformou num sujeito interno, passando a produzir uma nova dinâmica, uma visão renovada, mais focada no produto e na produção. Com essa perspectiva, ele organizou a ideia do entreposto de pesca em projeto que, após ser discutido e aprovado em assembleia da Associação, teve seu financiamento intermediado por seus amigos suíços. (GALDINO, 2014, p. 128)

Esse estrangeiro ainda vive na localidade e ainda tem influencia política na região, especialmente na articulação de apoio internacional. Porém a comunidade já possui um nível de autonomia extremamente elevado, como iremos perceber no decorrer desta pesquisa, não sendo mais dependente de agentes externos, fazendo gestões rodiziadas e garantindo uma continuidade não personalista. (PRAINHA, 2011)

O fim da década de 1980 e o início da década de 1990 são marcados por vários conflitos no mar, com a invasão de vários barcos piratas pescando lagosta com compressor, prática proibida pela legislação por pescar milhares de filhotes de lagostas, destruindo a reprodução desses animais na região. Os pescadores da praia passam a se organizar para lutar contra essa prática se articulando com boa parte das comunidades do litoral leste, o conflito chega a atingir um ponto de tensão tão alto que culmina com o assassinado de pescadores da região. (PRAINHA, 2011)

A luta e a resistência dos moradores continuam, e em 1993 sai da Prainha do Canto Verde a Jangada S.O.S. Sobrevivência para o Rio de Janeiro, com o objetivo de refazer a viagem de Jacaré, mas desta vez com 20 paradas ao longo do caminho para encontros com pescadores, grupos de direitos humanos, ONGs e o público em geral. A força política dos pescadores da Prainha e do litoral leste cearense passa a ser cada vez mais reconhecida nacionalmente. Essa jangada foi construída de forma comunitária e seu uso era feito através de um rodízio, parte da renda obtida com ela foi que possibilitou a construção da AMPCV. (GALDINO, 2014)

Esta jangada ainda existe e fica em frente a Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde.

Hoje, esta jangada não é mais utilizada para pesca, mas é uma peça importante de memória da história local, porque foi nela que quatro pescadores viajaram da Prainha do Canto Verde até o Rio de Janeiro pelo mar. Tratava-se da viagem-protesto que ficou conhecida na história como S.O.S. Sobrevivência, que denunciou a pesca predatória e a especulação imobiliária, durou 73 dias e mobilizou meios de comunicação e a opinião pública nacional e internacional. (GOMES, VIEIRA NETO, p. 29, 2010)

A conservação desta jangada que foi um ícone da história da Prainha do Canto Verde mostra a importância que a comunidade dá para seus fatos históricos, mostrando um cuidado pela preservação da memória coletiva do lugar.

No contexto da organização desta viagem que foi idealizado e criado o Instituto Terramar, que hoje é referência nacional no trabalho contra a pesca predatória e combate a especulação imobiliária no litoral. A partir daí começou a se ampliar a relação e envolvimento com outras comunidades, realizando redes que visavam cooperar na busca de soluções comuns para as comunidades praijeiras.

Em 1995, quinhentos pescadores e suas mulheres, acompanhados do Superintendente do Ibama, protestaram em frente à sede do Governo do Estado e entregaram a “Carta da Prainha do Canto Verde” ao representante do Governador Tasso Jereissati. A partir dessa pressão, aconteceu a primeira reunião com o Secretário de Desenvolvimento Urbano, e ainda em 1995 foi criado o Comitê de Pesca do Estado do Ceará (Compesce). Foi uma das primeiras vezes no Brasil que pescadores artesanais e entidades da sociedade civil participaram da gestão da pesca. Para fortalecer mais ainda essa luta, foi criado o Fórum dos Pescadores contra a Pesca Predatória do Litoral Leste. A Compesce, a partir de várias de suas lideranças, começou a apoiar as comunidades pesqueiras do entorno, estendendo-se até o Rio Grande do Norte, estado vizinho, que começou a também se engajar nos processos de luta, repetindo vários dos passos dos pescadores do litoral leste cearense (MOVIMENTO, 2011).

5.1.3 Participação comunitária e a luta pela terra

Paralelamente a isso, no fim da década de 1990 a Prainha surge como uma nova alternativa para o turismo, com uma proposta comunitária e sustentável, indo na contramão da maior parte das praias cearenses, que investiram em um turismo predatório, pautado apenas nas lógicas de consumo, e não no cuidado com o ambiente. Nesse mesmo período, o Instituto Terramar lança o curso de formação para lideranças do Ceará, e em quatro anos capacita mais de 100 homens e 25 mulheres nesse litoral, aumentando assim o protagonismo político e social na região (MOVIMENTO, 2011).

Um processo de luta por terras pela comunidade envolve uma disputa judicial que se inicia no fim da década de 1970. Entre 1976 e 1978, um grileiro⁷ comprou um pequeno terreno a mais ou menos dois quilômetros da praia e conseguiu registrar no cartório uma área de 749 hectares adquiridos por “usucapião”, incluindo boa parte de faixa da praia, embora houvesse moradores locais vivendo lá. Em 1984, mesmo o objeto desse processo de usucapião sendo de competência federal, a juíza da Comarca de Beberibe julgou a ação favorável ao grileiro. Iniciou-se aí uma luta tanto judicial como de atritos físicos entre a comunidade e uma imobiliária, que teria comprado esta terra do grileiro. Em 1989, a recém-criada AMPCC, juntamente com os advogados da CDPDH, iniciam ação rescisória, buscando a demarcação e a devolução da terra para a comunidade. É dado um prazo de 45 dias para produção de prova testemunhal e pericial, mas o processo fica engavetado por mais de dez anos. (HISTÓRICO, 2011)

Em 1992, moradores tentam construir uma creche, mas ela tem os alicerces destruídos por capangas no meio da noite. No campo legal, em 1995, o superintendente da Delegacia de Patrimônio da União (DPU) reconhece por escrito o direito de um pescador construir sua casa a 60 metros da praia, declarando que essa era terra da União e que a imobiliária não poderia intervir. Outras casas e barracos são destruídos por capangas, e o conflito segue tanto local como

⁷ Grileiro é o sujeito que se apossa ou tenta se apossar de terras mediante falsas escrituras de propriedade.

judicialmente. Em 1998, a AMPCV registra o pedido para a regularização da terra com o Governador do Estado do Ceará. Em 1999, o juiz da Comarca de Beberibe finalmente desengaveta a ação rescisória de 1989; ordena a perícia e ouve as testemunhas para devolver o caso à Justiça superior. (HISTÓRICO, 2011)

No decorrer desse processo, o dono da Imobiliária passa a esta mais presente na comunidade, fazendo plantações nas dunas na tentativa de fixá-las. Dá-se início a um conflito entre moradores e a imobiliária a partir da tentativa desta última de cercar o terreno. Apesar da construção da cerca ter sido embargada pela Justiça, a imobiliária prossegue sua execução, e, por fim, após uma reunião com grande parte da população, a comunidade delibera a destruição da cerca, que é feita de forma coletiva. (HISTÓRICO, 2011)

Em 2001, a Justiça julga procedente a ação rescisória, anulando o registro de usucapião. A imobiliária perde todos os direitos sobre a terra, mas entra com recursos empurrando o processo para o Superior Tribunal de Justiça (STJ), vindo a perder novamente apenas cinco anos depois, em 2006 (PRAINHA, 2011). Em 2009, a partir dos esforços da comunidade, é decretada a Reserva Extrativista (Resex) em uma área de 29.794 hectares, uma das maiores conquistas da localidade. Dessa forma, essa área da praia passa a ser gerida pela comunidade.

Existem diversos tipos de Unidade de Conservação da Natureza, e a Reserva Extrativista é uma delas. A Resex é uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, tendo como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade (BRASIL, 2000).

A área destinada à Reserva Extrativista (Resex) é de domínio público e tem o seu uso concedido a sua população nativa, cuja subsistência é retirada da própria localidade. Ela é gerida por um Conselho Deliberativo, constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das populações tradicionais residentes na área, possuindo como objetivos a preservação dos meios de vida e a cultura da região. Nela, a visitação pública é permitida, desde

que compatível com os interesses locais e de acordo com o Plano de Manejo da Área (BRASIL, 2000). Na prática, a preservação dos meios de vida da população significa também a preservação do meio ambiente, resguardando a área de interesses meramente comerciais, como a pesca predatória, prática que torna inviável qualquer projeto de sustentabilidade.

A Resex protege também a atual forma de interação cultural da praia, pois proíbe a venda dessa terra, que é coletiva, e de direito dos moradores da comunidade, evitando assim, a possibilidade de uma invasão do turismo predatório e da especulação imobiliária, preservando o meio ambiente e os laços comunitários.

Surge, porém, uma grande oposição à reserva: um grande empresário que se diz dono de 334 hectares e que possui uma casa a qual foi construída no local, valendo hoje alguns milhões de reais. (PRAINHA, 2011) Por influencia deste é organizado um grupo político que deseja o fim da reserva em sua parte terrestre. A tese da nova associação é que a Reserva deveria haver apenas na parte do Mar e não na parte da Terra. É mais do que explícito os interesses privados desta ação, já que desta forma a Resex não poderia agir contra a especulação, podendo ter suas ações apenas voltadas contra a pesca predatória.

A partir disto foi formada uma outra associação, Associação dos Moradores do Canto Verde e Adjacências (AMPCVA), que passa a ser conhecido por muitos apenas como “associação nova”, enquanto a AMPCV passou a ser chamada de “associação velha”. Embora a maioria dos habitantes da comunidade tenha construído uma história de luta e resistência em defesa da terra, esse posicionamento não é unânime, e existem aqueles que querem o fim da posse coletiva da terra, ou seja, desejam o fim da reserva. No discurso daqueles que lutam pela preservação da reserva, existe a denúncia de cooptação dos moradores, que são influenciados por meio de barganhas pessoais pelo interesse privado. Para exemplificar as proporções deste conflito, abriremos um grande parênteses em que narrarei duas experiências pessoais que tive ainda na fase exploratória desta pesquisa, depois seguiremos com a história da comunidade.

Em uma visita que fiz à região, antes mesmo da qualificação, de cunho exploratório, mas também turístico, pude ver uma festa organizada, com bandas de

forró, por esse empresário, na qual havia muitas pessoas com a contraditória frase “Natureza sim, reserva não”. A frase de natureza paradoxal tenta passar aos moradores locais a ideia que ser contrário à reserva não é necessariamente ser contrário à natureza.

Neste dia, percebi muitos carros do tipo 4x4 e alguns ônibus que traziam sujeitos dos entornos, deixando claro que pelo menos em parte essa cooptação é real e influencia os rumos políticos na comunidade. Fica evidenciado que o interesse privado e o coletivo travam duros combates na comunidade.

Em uma outra experiência, esta logo após a qualificação, quando fazia os primeiros contatos para iniciar os procedimentos metodológicos da pesquisa, estive em um restaurante na beira da praia que é de propriedade de um familiar da maior liderança local da associação velha. Até então eu não sabia do fato e ainda estava começando a me apropriar do conflito existente. Vendo passar na beira da praia uma liderança local a qual já havia feito contato, acenei e convidei-o para se sentar a nossa mesa. Ele prontamente aceitou o convite mas subitamente o proprietário local o expulsou do restaurante aos gritos e empurrões, dizendo que ele não podia adentrar aquele recinto.

Os empurrões não chegaram a derrubar a liderança porém a agressão me assustou. Rapidamente paguei a conta e deixei o que consumia pelo meio, e convidei-o para um outro restaurante. Apesar do susto, que foi rápido, a experiência aumentou meu interesse por entender melhor esse conflito e as relações comunitárias do local. Dois dias depois essa liderança me mandou um email pedindo meu nome completo e informando que iria realizar um boletim de ocorrência com o fato, informei-o e dois dias depois este me mandou uma cópia do documento o qual contava pormenorizadamente o ocorrido.

Percebemos que ali havia uma territorialidade que dizia respeito ao conflito entre as duas associações. Fomos aos poucos percebendo que alguns lugares pareciam ser território mais de uma que de outra, e que de acordo com o entendimento político do sujeito sobre este conflito ele se sentia mais a vontade em certos lugares e menos em outros. Ficou claro que a luta e participação popular pela preservação da terra traz conflitos para os moradores, pois muitas vezes a

preservação vai de encontro a interesses particulares, seja de sujeitos externos à comunidade, seja de moradores.

Articulando com nossa discussão sobre desenvolvimento sustentável e dificuldade de administração entre sustentabilidade e desenvolvimento, os sujeitos que defendem a reserva parecem está mais preocupados com a sustentabilidade e os bens coletivos, enquanto os contrários parecem se importar mais com a desenvolvimento e a propriedade privada. A dificuldade global de administrar o desenvolvimento mantendo a sustentabilidade, e os conflitos que surgem a partir da polarização destes dois aspectos, podem ser percebidos também no microcosmo da Prainha, mostrando como muitas vezes o local é o reflexo do global, e vice-versa. É de se esperar que estas concepções venham a influenciar os afetos dos sujeitos em relação ao lugar.

5.2 Caracterização da pesquisa

Nesta pesquisa foi adotada uma abordagem multimétodos, que corresponde ao uso de dois ou mais métodos de acordo com os objetivos almejados na pesquisa. Essa abordagem, “embora possa representar um significativo trabalho adicional na coleta e análise dos dados, tem o propósito de diminuir os vieses inerentes à adoção de procedimentos que ressaltem apenas um aspecto do objeto em estudo” (GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2011).

A abordagem multimétodos tem sido muito utilizada nos estudos de Psicologia Ambiental diante da grande variedade de dados que podemos obter quando nos dedicamos ao estudo da relação pessoa-ambiente. Essa variedade se deve especialmente ao caráter transdisciplinar que os estudos dessa natureza normalmente costumam ter, pois dialogam com várias disciplinas como arquitetura, sociologia, geografia, paisagismo, biologia, ecologia, planejamento urbano, educação, antropologia, etc. No caso de nosso estudo, em que, além do viés da Psicologia Ambiental, também serão utilizados conceitos e problematizações da Psicologia Comunitária, o uso dessa ferramenta se tornou necessário.

Essa abordagem tem sido utilizada tanto na combinação de métodos quantitativos com qualitativos, como na combinação de diferentes metodologias qualitativas, em nosso caso utilizamos as duas formas de combinação.

No projeto inicial desta dissertação o público-alvo seria exclusivamente os moradores adultos da Prainha do Canto Verde, de ambos os sexos e idades variadas, que participam cotidianamente das ações comunitárias. Utilizaríamos as seguintes abordagens qualitativas para gerar os dados: A observação participante; a realização de GF (grupos focais); e a aplicação do IGMA⁸ (BOMFIM, 2010).

Na fase de qualificação do projeto nos foi sugerida e acatada a sugestão, que pesquisássemos dois grupos para entender melhor as diferenças entre eles: Sujeitos que participam cotidianamente das ações comunitárias, e sujeitos que não participam das ações comunitárias. Como iremos relatar abaixo, tivemos dificuldade em localizar sujeitos que não participam nunca das atividades da comunidade para a realização das entrevistas, dessa forma mantivemos o primeiro grupo, porém incluímos no segundo, além dos sujeitos que não participam, pessoas que poucas vezes estavam presentes nas atividades.

Vale ressaltar que esta pesquisa se debruçou especificamente em um determinado tipo de participação que foi a participação comunitária de caráter político, ou seja, a participação que busca a transformação local e global sob um viés de cidadania, ética e justiça, em uma busca da superação de injustiças sociais e da emancipação da comunidade. Esta decisão implicou na escolha do nosso locus de pesquisa, pois diante do histórico de conquista e participação da Prainha do Canto Verde, entendemos que lá encontraríamos de forma farta este tipo de participação, o que de fato aconteceu.

Com os dois grupos foram aplicados os IGMAs. Com o grupo dos não participantes não foi possível realizar o grupo focal, assim, em substituição a este, foi realizado entrevistas individuais. Por fim complementarmente, a pesquisa utilizou também uma metodologia quantitativa a partir da análise das categorias da escala

⁸ Apêndice 01

Likert⁹, que analisou afirmações voltadas para a avaliação dos respondentes em uma escala de 0 a 5. Essa escala é complementar ao IGMA (BOMFIM, 2010).

A pesquisa foi realizada com moradores adultos da Prainha do Canto Verde, de ambos os sexos, com idade entre 18 a 73 anos, de diferentes escolaridades, desde sujeitos sem alfabetização até o ensino superior completo. A análise se deu a partir de dois grupos. Grupo 01: Sujeitos que participam cotidianamente das atividades comunitárias; Grupo 02: sujeitos que não participam cotidianamente das atividades comunitárias (incluindo aí os sujeitos que não participam nunca). No grupo focal tivemos a participação de quinze sujeitos (todos exclusivamente do grupo 01), nas entrevistas dez (todos exclusivamente do grupo 02), e da aplicação do IGMA participaram trinta e três pessoas (participantes dos dois grupos), dessas, vinte costumavam participar das atividades (grupo 01) comunitárias e treze não (grupo 02). Dos vinte sujeitos do grupo 01, treze participaram do grupo focal (dois dos quinze que participaram do GF não chegaram a entregar os mapas) e sete apenas do IGMA. Dos treze do grupo, sete participaram das entrevistas e seis não. Os outros três entrevistados (dez ao todo) foram sujeitos que aceitaram participar das entrevistas mas não quiseram realizar os mapas afetivos.

A pesquisa teve os seguintes objetivos:

Objetivo geral

Analisar a inter-relação entre os processos de participação comunitária da Prainha do Canto Verde e a relação afetiva pessoa-ambiente

Objetivos específicos

⁹ A escala likert é uma escala psicométrica das mais conhecidas em pesquisas quantitativas, ela busca retratar o nível de concordância ou discordância de uma declaração. Em nosso caso utilizamos uma escala que varia de 1 a 5 (1= discordo totalmente; 2= discordo; 3= nem concordo nem descordo; 4= concordo; 5= concordo totalmente)

- Investigar o modo de vida dos moradores da Prainha do Canto Verde.
- Entender de que maneira ocorre a participação comunitária dos moradores da localidade.
- Descobrir que afetos (sentimentos e emoções) estão presentes na relação dos sujeitos com o ambiente.

5.3 Inserção no campo e dificuldades encontradas

5.3.1 Primeiros contatos

Já tinha o costume de visitar a Prainha do Canto Verde antes de passar na seleção de mestrado, não é a toa que meu projeto aprovado na referida seleção já estava previsto para ser realizado nesta localidade. Tinha o costume de visitá-la na média uma vez por ano e sempre acompanhava notícias sobre ela através de jornais e pela internet. Fiz duas visitas a praia antes da qualificação do projeto, a qual aproveitei para me aproximar dos moradores e começar algumas investigações exploratórias. Essas duas visitas, tiveram também a intenção turística, embora já estivesse realizando anotações dos eventos interessantes que presenciava e conversando informalmente com os moradores sobre questões comunitárias.

Logo depois da qualificação do projeto, o primeiro passo para a realização de pesquisa com seres humanos em nosso departamento de psicologia é a obtenção da autorização do comitê de ética em pesquisa com seres humanos¹⁰. Ele foi solicitado em agosto de 2014 e não foi concedido logo, pois foi solicitado que tivéssemos uma autorização do local em que seria realizado o estudo. Foi a partir da necessidade de se conseguir essa autorização que foi realizado o primeiro contato com a comunidade para falar sobre a possibilidade da realização desta pesquisa.

Fomos pela manhã de uma sexta-feira, em agosto de 2014, não havíamos conseguido realizar nenhum contato para avisar da visita, pois os telefones na localidade raramente tem sinal. Chegamos por volta de 9h da manhã e fomos até a

¹⁰ Anexo 01

sede da AMPCV, lá estava tendo uma reunião naquele momento sobre turismo comunitário, uma das lideranças me disse que procurássemos o presidente da associação que estava em outra reunião lá perto. Chegando lá, o presidente que estava reunido com lideranças e entidades de fora da Prainha propôs que marcássemos uma reunião com ele e outras lideranças locais, no mesmo dia as 14h, na sede da AMPCV.

Ao chegarmos na sede da AMPCV, as lideranças ainda não haviam chegado. Quando a primeira liderança chegou, como estava sem a chave me chamou para conversarmos em cima de uma jangada que havia na frente da sede, enquanto chegava mais duas lideranças para a reunião. Quando as outras lideranças chegaram acabamos ficando lá, em cima da jangada, em um clima bastante informal. Uma das lideranças nos explicou que estávamos em cima da Jangada SOS Sobrevivência, marco na história do lugar, eu já conhecia a história da jangada mas não sabia que se tratava dela até aquele momento.

Nesse encontro explicamos detalhadamente as três lideranças a intenção de realizar a pesquisa, e solicitamos a autorização que necessitávamos para remeter ao Comitê de ética em pesquisa com seres humano, eles foram bastante acolhedores e demonstraram interesse, mas informaram da impossibilidade de emitir esta autorização, pois como a Prainha do Canto Verde está localizada em uma Reserva Extrativista, para que seja realizado qualquer tipo de pesquisa no local, é necessário a emissão de uma autorização pelo Instituto Chico Mendes¹¹.

Nesse mesmo final de semana já iniciamos o contato com a comunidade de forma informal, conversando, procurando saber mais sobre a história do local, criando vínculos. Pessoalmente, tive uma agradável noite com a comunidade no sábado, especialmente pois em uma pousada de turismo comunitário próximo a que eu estava hospedado (que funciona também um pequeno restaurante), haviam alguns nativos que moravam em Fortaleza e que estavam fazendo uma excelente roda de violão e música com moradores locais, e que foram bastante acolhedores. Assim se iniciou o encontro com a comunidade permeado de sentimentos de alegria e integração, e de maneira bastante informal.

¹¹ Anexo 02.

Na reunião com as lideranças locais fomos orientados sobre o que fazer para solicitar a autorização do Instituto Chico Mendes para pesquisa, que tem um sistema próprio na internet para tal. Para completar essa tarefa, tivemos a assessoria dos funcionários do referido Instituto, que foram bastante solícitos. Realizamos todos os trâmites necessários e no dia 10 de setembro de 2014 conseguimos a autorização. Era o único documento que faltava para conseguirmos a autorização do Comitê de ética em pesquisa com seres humanos, que foi imediatamente remetido por meio de seu sistema, mesmo assim houve muita demora na resposta. Depois de várias ligações buscando entender o motivo da demora, apenas no dia 29 de outubro de 2014 saiu a autorização do Comitê.

Nesse meio tempo, como já tínhamos autorização do Instituto Chico Mendes os moradores da comunidade permitiram que começássemos a acompanhar mais de perto as atividades, participando das reuniões e encontros coletivos. Porém até que fosse emitido a autorização do comitê de ética não iniciamos nenhuma outra fase metodológica. Depois da emissão do referido documento tratamos de entrar em contato com as lideranças locais para agendar a aplicação dos instrumentos metodológicos.

5.3.2 Investigando os sujeitos que participam das ações comunitárias

Para realizar o grupo focal, que objetivou discutir tanto a participação comunitária dos sujeitos, quanto a sua relação com o lugar (incluindo o modo de vida na comunidade), o primeiro passo foi o contato com lideranças da AMPCV para saber da possibilidade de articulação, junto a comunidade, a formação de um grupo para a realização desta atividade. Solicitamos as lideranças a inclusão tanto de pessoas que são articuladas e que sempre participam das reuniões, quanto com pessoas que não participam, ou que pelo menos eram menos articuladas. As lideranças informaram que “[...] praticamente todos vem, pelo menos de vez em quando, para as reuniões maiores” e que os que não vinham, ou vinham menos, era porque eram muito resistentes, já que o trabalho de convocar a comunidade inteira

era uma constante, e dessa forma provavelmente não atenderiam a convocatória para essa atividade também.

Dessa forma, o combinado foi que as lideranças convidariam para o grupo focal os sujeitos que já participavam cotidianamente das atividades comunitárias e posteriormente, a partir destes, buscaríamos entrar em contato com aqueles que não participavam das reuniões. Naquele momento ainda não sabíamos, mas este seria uma das maiores dificuldades da pesquisa, conseguir sujeitos que não participassem das atividades comunitárias, mas que aceitassem participar da pesquisa. Com os sujeitos que não participam cotidianamente das atividades comunitárias não foi possível realizar o grupo focal, dessa forma, realizamos entrevistas individuais.

Houve alguma dificuldade inicial para marcar o dia do grupo focal, era necessário ajustar os horários do pesquisador com a árdua agenda da comunidade, que se reunia para as mais diversas atividades praticamente todos os dias, desde reuniões ampliadas com a comunidade, até as reuniões menores como dos conselhos ou para decidir questões específicas. Acabamos ajustando essa atividade para quinze dias depois de nossa conversa, uma sexta-feira, dia 05 de setembro de 2014, às 19h da noite.

Confirmamos a reunião por email dois dias antes, mas confesso que fiquei com muito receio do seu esvaziamento por se tratar de um dia/horário normalmente encarado como inconveniente. Solicitamos que as lideranças convidassem em torno de quinze pessoas, e pedimos que avisassem que a reunião seria filmada.

Na sexta-feira, chegamos à Prainha do Canto Verde cerca de trinta minutos antes do combinado e fomos direto para a sede da associação que ainda estava fechada, o que me deixou ainda mais preocupado. Então, parti para a pousada para me acomodar, organizar o equipamento de vídeo, bem como o lanche que havíamos levado para a comunidade.

De volta à associação, dez minutos antes do combinado, já havia pelo menos umas sete pessoas na porta esperando pela sua abertura, que aconteceu logo em seguida. Com menos de dez minutos de atraso começou a reunião, com

quinze membros da comunidade, exatamente o número de pessoas que eu havia solicitado, sendo então esse o número de sujeitos que compuseram o grupo focal. Essa prontidão dos moradores em participar de uma reunião convocada por alguém com o qual ainda tinham pouco contato, em um horário normalmente percebido como inconveniente, foi um fato que nos chamou a atenção, demonstrando a grande articulação e mobilização daquela comunidade.

Organizamos a mesa do lanche enquanto os moradores iam chegando e sentando em um círculo formado no meio da associação. Haviam homens e mulheres de idades bastante variadas. Quando a maior parte dos sujeitos já estavam sentados no círculo, peguei a câmera para encaixá-la no tripé e posicioná-la para a filmagem, quando ouvi um dos moradores soltando uma “piada” e vários outros rindo. Fiquei sem entender bem o que havia acontecido, até que uma das lideranças esclareceu em tom de brincadeira: “Daniel, estão perguntando se você vai entregar este vídeo para o Gomes¹²”. Esse fato foi seguido de uma sonora risada dos presentes. Como já vinha tendo conversas informais com a comunidade, já sabia de quem este participante estava falando, e que ele era pessoa não bem vista pelos presentes, ou seja, percebido como uma ameaça.

Depois disso, como que para confirmar o que a liderança estava dizendo, o mesmo sujeito fez questão de enfatizar “Porque para sair filmando a minha cara, não é fácil assim não”. O tom era de piada e várias pessoas riam, mas mostrava uma legítima preocupação em não fortalecer os movimentos entendidos como contrários aos interesses da comunidade, e sinalizava a desconfiança de um povo que vive em meio a profundos conflitos entre interesses comunitários e privados, e que precisa se proteger, tanto pessoal, como coletivamente.

¹² Gomes é um nome fictício que demos ao empresário que possui vários hectares de terra ao qual nos referimos no capítulo três. Muito conhecido por ter lutado contra a Reserva Extrativista na parte terrestre, não é visto com bons olhos por grande parte da comunidade, especialmente a parcela mais engajada nas lutas comunitárias, considerado muitas vezes como um inimigo, apesar de ter influência e ser admirado por uma parte dos moradores, por prestar assistência a parcela da comunidade, em especial os mais críticos da Reserva Extrativista

Aproveitamos esse momento para entregar o TCLE¹³ (Termo de consentimento livre e esclarecido) e lhes tranquilizar quanto ao sigilo das informações. Entregamos duas vias, já assinadas pelo pesquisador, e lemos o documento inteiro enquanto eles acompanhavam. Combinamos que se houvesse qualquer dúvida poderiam interromper no ato e solicitar esclarecimentos. No final lhes foi solicitado que assinassem as duas vias, uma para ser devolvida e outra para ficarem.

Houve algumas interrupções para melhor compreensão do documento. Uma das que nos chamou a atenção aconteceu na parte do TCLE na qual dizia que eles não seriam identificados. Um dos moradores questionou o porque da não identificação dos sujeitos e perguntou “qual seria o problema de usar o nome das pessoas? Se as pessoas estão aqui falando e ajudando, é justo que apareça o nome daquelas que falaram, que ajudaram, que construíram”.

Informamos sobre a necessidade do sigilo para preservar as pessoas: que essa era uma exigência de todas as pesquisas utilizando seres humanos. Explicamos também que na dissertação iria constar que se tratava da Prainha do Canto Verde, o que seria excluído seria apenas a identificação individualizada de cada fala, para evitar possíveis constrangimentos.

Como no TCLE falava da aplicação do IGMA eles pediram para ver logo esse documento. Entregamos para eles, dando rápidas explicações e prometendo maiores detalhes no final da nossa discussão de grupo, já que eles só iriam preencher o IGMA posteriormente. Então, explicamos os objetivos da pesquisa, bem como a trajetória que acabou levando a ela.

Pouco antes de começar as discussões um dos moradores levantou o braço e perguntou se eu tinha a autorização do Instituto Chico Mendes para realizar o estudo. Respondi que a autorização já havia sido entregue para as lideranças locais antes da articulação do evento, mas que havia levado mais uma cópia dela, a qual anexei com a autorização do Comitê de Ética para pesquisa com seres humanos, e passei para o grupo, pedindo para eles circularem entre si.

¹³ Apêndice 02

Pudemos perceber que o nível de questionamento da comunidade é bastante elevado, a conscientização crítica gerada por anos de movimento fez com que o nível de exigência dos sujeitos para participar da pesquisa e o número de questionamentos gerados, também pela necessidade de proteção diante dos inúmeros conflitos sócio-políticos que acontecem na localidade, sejam altos.

Realizamos a atividades sem contratempos até aproximadamente 22:30. Como dissemos, já havíamos entregado o IGMA. Não havia como aplicá-lo ainda naquele dia, fizemos apenas uma leitura conjunta e esclarecemos algumas dúvidas.

Tínhamos cerca de seis caixas de lápis de cor, oferecemos algumas para que levassem para casa para fazerem lá caso desejassem, muitos disseram que possuíam em casa, e alguns levaram. Informamos que passaríamos o dia seguinte inteiro na associação e que esses poderiam vir nos entregar, ou fazer nela mesmo caso preferissem, e estaríamos ali para sanar quaisquer dúvidas. No dia seguinte ia haver uma atividade comunitária onde vários deles estariam presentes. Alguns nos trouxeram já prontos, outros fizeram na nossa presença no sábado, e três deles não comparecerem. Dessa forma tínhamos doze IGMA's preenchidos. No domingo, pedimos que os sujeitos participantes indicassem outros sujeitos para a aplicação dos IGMA's, que já se encontravam lá presentes para a atividade deles, e conseguimos mais dez, formando vinte e dois no total.

Nos mapas iniciais vinte marcaram a opção de “participantes e apenas dois” não participantes”. Iniciamos as análises e pela saturação vimos que já tínhamos um bom número de sujeitos participantes. Teríamos que iniciar a busca pelos sujeitos que não participam das atividades. Neste momento já tínhamos percebido a impossibilidade de realizar um grupo focal com esses sujeitos, a falta de engajamento dificultaria muito esse encontro coletivo, desta forma optamos por realizar entrevistas.

5.3.3 Investigando os sujeitos que não participam das ações comunitárias

As entrevistas foram necessárias pois necessitávamos investigar os sujeitos que não participavam das ações comunitárias, mas não conseguimos agrupar estes para realizar o grupo focal. Realizar a pesquisa com esse público foi a

maior dificuldade encontrada na realização da pesquisa por conta de duas grandes dificuldades.

A primeira foi o desafio de encontrar pessoas que não participavam de nenhuma reunião ou atividade comunitária. A tradição de engajamento local e os vários convites das lideranças para a presença dos sujeitos nas reuniões fazia com que praticamente todos fossem, pelo menos, para os encontros mais importantes. Esse fato nos fez flexibilizar o público procurado, passando a aceitar dentro do grupo sujeitos que iam poucas vezes aos encontros coletivos, e que normalmente só compareciam para os mais importantes. Só houve dois sujeitos que declararam, nas entrevistas, que nunca participavam de tais atividades.

Para localizar as pessoas que participavam menos das atividades comunitárias, e realizar tanto a aplicação do IGMA quanto a entrevista, utilizamos a metodologia não probabilística SnowBall (ou bola de neve), que consiste em a partir de um respondente pedir indicação para um outro sujeito dentro do mesmo grupo procurado (sujeitos que não participam das atividades comunitárias). Dessa forma ficamos nos deslocando de casa em casa, conforme os moradores nos iam indicando participantes, a procura desse público alvo. Essa metodologia reduziu a nossa primeira dificuldade, pois não a indicação dos próprios moradores nos possibilitou chegar a esse público.

Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente até que seja alcançado o objetivo proposto (o ponto de saturação) [...] Portanto é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede. (BALDIN; MUCHOZ, 2011, p. 132)

A segunda dificuldade encontrada foi que os moradores que iam sendo indicados, ou seja, os sujeitos que participam pouco, tinham muita resistência para dar a entrevista ou responder o IGMA: diziam que não gostavam, não queriam, não tinham o que falar. Muitas vezes era necessário alguma insistência para conseguir explicar sobre o que era a pesquisa, e muitos mesmo assim não participaram. Na faixa de seis a oito sujeitos indicados como pouco ou não participantes, se

recusaram a fazer parte da pesquisa, mesmo depois que explicamos detalhadamente sobre o que se tratava.

As entrevistas foram realizadas tanto com sujeitos que realizaram o IGMA e também concordaram em dar a entrevista, quanto com aqueles que depois de abordados mesmo se negando a fazer o mapa se mostraram receptíveis para conversar e fazer a entrevista. Foram entrevistados dez moradores ao todo.

O objetivo das entrevistas era de complementar o grupo focal com a visão dos sujeitos que não participam das atividades comunitárias, para entender melhor as diferenças entre estes dois grupos e tentar compreender o motivo da falta de participação. Dessa forma no decorrer da análise das entrevistas fomos fazendo comparações com o resultado do grupo focal para enfatizar as diferenças encontradas entre os sujeitos que participam cotidianamente das ações comunitárias daqueles que não o faziam.

Os conteúdos coletados a partir deste instrumento foram menores que os do grupo focal, especialmente pela resistência desse público em se alongar nas conversas, ou como falamos, muitas vezes até mesmo de participar de alguma forma da pesquisa. Além disso, normalmente, os grupos acabam se instigando mutuamente e fazendo emergirem conteúdos, coisa que não acontece nas entrevistas individuais.

Percebemos que alguns moradores pareciam ter receio de dar entrevista. Um deles nos perguntou “É com câmera? Se for com câmera não dou entrevista não.” Explicamos a ele que não, que iríamos apenas gravar o áudio, mas mesmo assim ele disse que não iria dar a entrevista. Alguns moradores disseram que a “associação nova” orientava seus associados a não dar entrevista, dados pessoais, nem conversar com sujeitos de fora sobre a Prainha. Não sei se isto é verdade, mas sei que tive muitas recusas tanto no preenchimento do IGMA quanto em realizar a entrevista, e nenhum sujeito que preencheu o documento ou foi entrevistado se declarou como fazendo parte da referida associação.

Depois de dois dias inteiros utilizando essa metodologia, foram aplicados mais vinte IGMAs. Mesmo esses sujeitos tendo sido indicados como não

participantes pelos moradores, nove deles, no preenchimento marcaram a opção de “participantes”. Como já tínhamos atingido o ponto de saturação com os sujeitos participantes, deixamos esses nove de fora das análises e juntamos os onze restantes, com os dois que já tínhamos recolhido (chegando a treze), ficando a amostra total de trinta e três IGMAs: vinte de sujeitos que participam e treze que não participam.

5.4 Metodologias Utilizadas

5.4.1 Observação Participante

O início da investigação se deu por meio da aproximação gradual do pesquisador as atividades comunitárias, o início da fase da observação participante. Nela o pesquisador se coloca em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, partilhando da vida deles. Essa fase serviu como um momento exploratório da pesquisa, acontecendo de forma gradual para ganhar confiança da comunidade. Sua análise, diferente das outras metodologias, não serão realizadas em um tópico específico, as experiências vivenciadas foram utilizadas de forma difusa no decorrer de toda a dissertação.

Na observação participante o pesquisador buscou criar proximidade com a realidade dos moradores a partir de conversas, caminhadas pela comunidade e especialmente da participação nas reuniões e atividades da entidade. O objetivo foi analisar a participação popular, o engajamento político dos moradores, seu modo de vida, e sua relação com o lugar.

Ao todo realizei onze viagens para a localidade sendo que em cinco delas passei três dias, em três passei dois dias, e em outras três cheguei pela manhã e sai no início da noite. Conversei com muitos sujeitos de maneira informal em vários momentos, acompanhei encontros da comunidade para decidir temáticas diferentes como o que fazer com verbas comunitárias, de informações sobre benefícios que estavam sendo repassados (verba de um projeto do Incra), de planejamento de atividades diversas do ano, e do mapeamento da comunidade pela equipe da

geografia da UFC, além das visitas para aplicar as metodologias específicas do projeto.

5.4.2 Grupo Focal e entrevistas

Os grupos focais são uma técnica de geração de dados por meio das interações grupais ao se discutir tópicos eleitos pelo pesquisador. “Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e a entrevista em profundidade” (GONDIN, 2003, p. 151). Funciona de forma semelhante a uma entrevista coletiva, porém na entrevista o pesquisador age de forma mais diretiva, interrogando os sujeitos em uma relação um a um. No grupo focal o pesquisador assume o papel de facilitador das discussões, levantando as temáticas relevantes a sua pesquisa, e explorando-a a partir dos conteúdos que vão surgindo, pedindo maiores explicações, solicitando a opinião de mais membros quando alguém relata algo, fazendo questionamentos para melhor explorar os assuntos, e assim por diante.

O pesquisador no grupo focal deve fazer com que emergjam as representações dos sujeitos, tendo cuidado para explorar as temáticas que surgirem espontaneamente, mas sem se afastar do tema que pretender investigar. A estrutura pouco rígida do instrumento dá liberdade para o pesquisador explorar e elucidar questões que não necessariamente estavam previstas inicialmente no roteiro.

O objetivo dos grupos focais era se aprofundar em duas macro temáticas especialmente:

1 - Como se davam os processos de participação popular, o que lhes motivava/desmotivava e como se organizavam.

2 - Como era o modo de vida na localidade, especialmente a relação dos sujeitos com o ambiente (incluindo aí as pessoas que fazem parte da comunidade).

Para investigar a participação popular realizamos os seguintes questionamentos: Como se dá a participação popular na Prainha do Canto Verde? O que leva os sujeitos a participar/não participar das atividades?

Já para elucidar melhor o modo de vida na comunidade realizamos três questionamentos iniciais: Como é a vida na Prainha do Canto Verde? Como a comunidade se relaciona? O que pensam em relação a Reserva Extrativista? Essa última temática foi incluída para elucidarmos melhor as peculiaridades que é a vida dentro de uma Reserva Extrativista, já que isto traz situações peculiares para a comunidade, como o fato da posse da terra ser coletiva.

Para uma melhor análise dos conteúdos discursivos dos sujeitos do grupo focal, dividimo-los duas grandes categorias analíticas: Participação comunitária na Prainha do Canto Verde; O modo de vida na comunidade. Essa duas categorias foram divididas em subcategorias¹⁴.

As entrevistas buscaram compreender o ponto de vista dos sujeitos que não participam das ações comunitárias, tanto sobre o processo de participação social da comunidade, quanto sobre o modo de vida, para complementar a visão sobre esses pontos. As perguntas realizadas foram as mesmas do grupo focal, colocando apenas um questionamento extra que foi: “Como você compararia a Prainha do Canto Verde com as outras localidades que você tem conhecimento?” Essa pergunta foi acrescentada pois no grupo focal essas comparações surgiram espontaneamente e queríamos comparar as respostas dos sujeitos que participam com aqueles que não participam.

Como as entrevistas foram feitas com sujeitos que não participam e estes obviamente tinham menos contribuição para dar sobre o processo participativo não separamos nas duas grandes categorias anteriores. Desta forma surgiram sete temáticas que serão analisadas.¹⁵

Para deixar claro a diferença entre os discursos dos sujeitos que realizaram o grupo focal (participam cotidianamente das ações comunitárias) daqueles que foram entrevistados (não participam cotidianamente das ações comunitárias), nas análises utilizaremos a terminologia “participante” para o primeiro e “entrevistado” para o segundo.

¹⁴ Veremos as subcategorias no item 2.1 desta dissertação.

¹⁵ Elas serão apresentadas no item 5.2 desta dissertação.

Utilizamos a terminologia “participante” e “entrevistado” e não adotamos nomes fictícios para os sujeitos por dois motivos principais: primeiro para enfatizar a distinção entre o grupo dos sujeitos que participam das atividades daqueles que não participam, tendo em vista que se usássemos nome fictícios, o leitor poderia momentaneamente não saber a qual dos dois grupos os sujeitos participam e gostaríamos que essa distinção ficasse clara em todos os momentos. O segundo motivo foi que, como nos grupos focais e entrevistas muitas vezes surgiram opiniões íntimas dos sujeitos inclusive sobre disputas políticas internas, optamos por não caracterizar os sujeitos, revelando dados como idade, sexo e profissão por uma questão ética, pois como a localidade que realizamos a pesquisa possui poucos habitantes, esses dados facilitariam o reconhecimento dos sujeitos. Dessa forma, dar nomes fictícios sem dar as características pessoais dos sujeitos, como sexo, idade e profissão seria fora de propósito.

Vale ressaltar que o grupo focal foi filmado, pois como eram vários participantes teria sido muito difícil analisar de quem era cada discurso no momento em que falassem. Já nas entrevistas, como eram realizadas apenas com um sujeito, foram gravados apenas áudios. Ambos aconteceram com a autorização dos participantes. Todo o conteúdo foi inteiramente transcrito para chegarmos às categorias analisadas.

5.4.3 Mapas Afetivos

Como relatamos, essa metodologia foi desenvolvida por Bomfim para facilitar a apreensão dos afetos em relação ao ambiente, tendo em vista a dificuldades de fazê-lo apenas pelo discurso dos sujeitos. Assim, esse método será de fundamental importância para a apreensão dos afetos de dois grupos de moradores da comunidade em relação a Prainha do Canto Verde, aqueles que participam das atividades comunitárias, e aqueles que não participam das atividades comunitárias, algo imprescindível para se atingir os objetivos deste estudo.

5.4.3.1 – Composição do IGMA

O instrumento gerador dos mapas afetivos completo foi constituído pelos seguintes itens:

1 – Desenho

Foi solicitado que o sujeito fizesse um desenho que representasse sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir a Prainha do Canto Verde. O desenho em si não será analisado, porém em aplicações anteriores já foi percebido que este item é de suma importância para um aquecimento para as respostas, servindo como um mobilizador para emergirem os sentimentos do sujeito em relação ao lugar.

2 – Significado do desenho

Nesse item é solicitado que o respondente explique brevemente que significado o desenho tem para ele. O que o sujeito relata sobre o desenho é o que será analisado pelo pesquisador, não cabe aqui, nem em nenhum outro momento da análise qualquer tipo de análise ou interpretação do desenho em si, mas sim das respostas escritas sobre ele.

3 - Sentimentos

Nesse momento é solicitado que a pessoa descreva os sentimentos que o desenho lhe despertou. Percebemos que novamente o respondente é levado a se conectar com seu desenho, que serve como ponte para que os sentimentos e emoções pelo lugar possam emergir.

4- Síntese dos sentimentos

Aqui é solicitado que o participante escreva seis palavras que resumam seus sentimentos em relação ao seu desenho. O respondente pode repetir o que já escreveu desde que cada uma das palavras corresponda a ordem solicitada 1 a 6. O conteúdo pode variar de sentimentos, qualidades, substantivos, ou outras expressões. O objetivo de se construir essa síntese é aumentar a clareza dos sentimentos, tanto para o pesquisado quanto para o processo de análise do pesquisador.

5 – O que pensa da Prainha do Canto Verde

Solicitamos que o sujeito respondesse o que pensa da Prainha do Canto Verde. Percebemos que este item não se remete ao mais ao desenho e sim a localidade em si. Ele dá espaço para que o sujeito discorra livremente sobre suas opiniões e impressões sobre o lugar.

6 – Comparação

Aqui questionamos que se o sujeito tivesse que fazer uma comparação entre a Prainha do Canto Verde e algo, com o que compararia. Esse item “permite a elaboração de metáforas e caracteriza-se por ser uma nova síntese de compreensão do sentido da comunicação complexa do afeto [...] o sujeito é convidado a elaborar imagens da cidade através de sua capacidade de fazer analogia” (BOMFIM, 2010, p. 146)

7 – Categorias da Escala Likert

Essa etapa é constituída por afirmativas que serão respondidas pelo sujeitos a partir de uma escala de 0 a 5 (discordo totalmente, discordo, nem concordo nem discordo, concordo, concordo totalmente). Inicialmente essas afirmativas foram construídas a partir das cinco imagens (agradabilidade, pertencimento, contraste, insegurança e destruição) geradas a partir dos mapas.

Nas pesquisas utilizando os mapas afetivos em cada pesquisa se construíam as afirmativas a partir de pré-testes, porém, recentemente foi realizado por Bomfim et al (2014) o trabalho de validação da escala de estima de lugar que poderá ser utilizada em todos os estudos utilizando esse instrumento. Em nossa pesquisa já utilizamos esta escala validada, que passou a ser a parte complementar, quantitativa, do IGMA.

No processo de validação da escala as afirmativas relativas a categoria de contraste foram excluídas por sua ambiguidade de ser, dependendo do caso, tanto revelador de estima potencializadora, como de estima despotencializadora de ação. O objetivo era se chegar a quatro fatores: Pertencimento, agradabilidade, destruição e insegurança. Porém, após a aplicação dos critérios psicométricos (BOMFIM et al, 2014), se chegou a apenas dois fatores: O de estima potencializadora de ação (junção das imagens de pertencimento com

agradabilidade) e Estima despotencializadora de ação (junção das imagens de destruição e insegurança)

Dessa forma a escala conta com dois fatores, ao todo com 41 afirmativas sendo 17 dela pertencem ao fator indicador de estima potencializadora e 24 ao fator de estima despotencializadora de ação.

8 – Dados pessoais

Por último serão questionadas as características sócio-demográficas do sujeito: Escolaridade, sexo, quanto tempo mora no local, origem, idade e se o sujeito participa de ações comunitárias na localidade.

5.4.3.2 Análise dos IGMAs

Os mapas afetivos utilizam a partir de uma abordagem qualitativa uma análise de conteúdo categorial. Em sua análise, as informações colhidas nos oito itens de sua composição, que apresentamos, foram arranjadas pelo pesquisador em uma tabela, que possui sete categorias: Identificação, estrutura, significado, qualidade, sentimento, metáfora e sentido.

As categorias de análise “identificação”, “significado”, “qualidade”, “sentimento” e “metáfora” são formadas a partir das informações contidas de forma literal no próprio mapa afetivo, ou seja, são organizações do conteúdo reproduzindo de forma fiel o discurso dos respondentes.

A categoria, nomeada de “sentido” possui interpretações dadas pelo pesquisador. Essa categoria consiste em uma interpretação sintética da metáfora do respondente baseada nas informações contidas nas demais informações constitutivas do mapa. O pesquisador irá decifrar o sentido da metáfora a partir dos demais conteúdos trazidos pelo sujeito: sentimentos, qualidades, significados, etc. Essa investigação de sentido a partir das palavras do próprio sujeito foi baseada nos métodos de análise realizados por Vygostky.

Já a categoria “estrutura” classifica os mapas em “cognitivos” ou “metafóricos”, essa classificação não é feita da análise dos desenhos, mas sim do

que os respondentes escrevem quando é solicitado que relatem o significado do desenho, se o respondente disser que o desenho representa algo concreto, por exemplo uma casa, uma ponte, uma estrada, ele é classificado como “cognitivo”, caso diga que representa algo subjetivo, como “a união”, “a força”, “o perigo”, é classificado como “metafórico”.

Vale ressaltar que um mesmo desenho pode ser tanto metafórica como cognitiva, já que o que se analisa não é o desenho e sim o que o sujeito relata dele.. Um sujeito que desenha uma casa por exemplo, pode afirmar tanto que o desenho “representa a sua casa”, se configurando como uma estrutura cognitiva, ou que o desenho “representa que sua comunidade é como sua casa”, que passa a ser uma estrutura metafórica.

Além disto, também iremos classificar o mapa de acordo de acordo com as cinco categorias¹⁶ de imagens geradas, que trazem relação com os afetos, que são: Pertencimento, Agradabilidade, Contraste, Insegurança, Destruição.

Segue abaixo o modelo de análise contendo todas as categorias analisadas no quadro:

Quadro 1: Síntese do processo de categorização do Mapas Afetivos

Identificação	Estrutura	Cognitivo ou Metafórico
Escolaridade:	Significado	Explicação do respondente sobre a significação do desenho.
Idade:	Qualidade	Atributos do desenho e da Prainha do Canto Verde, apontados pelo respondente.
Sexo:	Sentimento	Expressão afetiva do respondente ao desenho e a Prainha do Canto Verde
Quanto tempo mora local:	Metáfora	Comparação da Prainha do Canto Verde com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração de metáforas.
Origem: Entidade Associativa:	Sentido	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos)

Fonte: BOMFIM (2010)

¹⁶ O item 2.2.7 traz uma explicação pormenorizada de cada uma das cinco categorias.

CAPÍTULO 06 – ANÁLISE DOS DADOS

6.1 Grupo Focal

O principal objetivo com o grupo focal foi de entender melhor de que forma acontece a participação comunitária dos moradores da Prainha do Canto Verde, e também buscamos ampliar o entendimento sobre o modo de vida na comunidade. Vale ressaltar que neste momento iremos analisar apenas as respostas obtidas no grupo focal, ou seja dos sujeitos que participam cotidianamente das atividades comunitárias. Com os sujeitos que não participam, foram realizadas entrevistas, que serão analisadas posteriormente. Quando realizarmos as análises das entrevistas iremos trazer comparação com os dados obtidos no grupo focal, confrontando o discurso daqueles que participam com aqueles que não participam.

Dividimos a análise conteúdos do grupo focal em duas grandes categorias analíticas: Participação comunitária na Prainha do Canto Verde; O modo de vida na comunidade. Essas duas grandes categorias foram divididas em subcategorias conforme pode ser observado abaixo:

Participação comunitária na Prainha do Canto Verde

- A prática da Participação
- Dedicção de tempo ao movimento
- O que motiva a participação
- A origem da formação participativa
- O rodízio de funções
- Cansaço e transição na organização comunitária
- O desejo de perpetuação do Movimento e do modo de vida nativo

O modo de vida na Comunidade

- Intimidade e tranquilidade da comunidade
- Relação com o tempo e a natureza
- Sensação de segurança
- Solidariedade e partilha
- Sentimento de pertencimento familiar
- Divergências na Prainha do Canto Verde
- As mudanças em curso na comunidade
- Comparação com outras comunidades
- As melhorias vindas com a Reserva Extrativista

6.1.1 Participação Comunitária na Prainha do Canto Verde

6.1.1.1 A prática da Participação

Praticamente todos os sujeitos que participaram do grupo focal eram militantes tanto das questões da terra quanto do mar, assim os primeiros temas discutidos foram exatamente as suas lutas, o que os motivava, como esse processo era construído. O engajamento e busca participativa da comunidade pelos ideais coletivos chegaram muitas vezes a me emocionar.

Como mostramos, as lutas comunitárias na Prainha do Canto Verde não foram construídas do dia para a noite, e sim em uma longa história de mobilizações que precisou ser construída. A organização dos sujeitos no grupo focal já demonstrou como esse engajamento contínuo se refletiu na postura dos sujeitos. A primeira coisa que nos chamou atenção foi como a palavra circulava de forma tranquila e orquestrada, apesar do grupo ter sido composto por quinze pessoas, em nenhum momento dois sujeitos falaram ao mesmo tempo. Além disso, embora obviamente uns falassem mais que os outros, a palavra circulava de maneira democrática de forma, muito fluida. Sempre que um queria falar, levantava a mão e só tomava a palavra quando o anterior estava calado. Essa naturalidade na verdade é reflexo de uma intensa agenda a qual a comunidade cumpre.

E a gente fica muito feliz quando termina um trabalho, quando começa um trabalho. E a vida da gente é assim, é dia é noite, é reunião todo dia, duas por dia, nossa comunidade é assim mesmo. Eu só tenho que agradecer a todo mundo que contribui né? (Participante 015)

Mas pra resistir a isso desde o início se tem uma dinâmica de reunião eu acho que não tem um dia na semana, de domingo a domingo que na comunidade não aconteça uma reunião. (Participante 08)

As pessoas olham assim e pensam que é fácil, mas a história não é de hoje. É por isso que é fácil hoje reunir isso aqui. (Participante 02)

Pudemos perceber que muitas lideranças daquela localidade continuam o trabalho para além de suas fronteiras, sendo requisitados e compondo fóruns estaduais e nacionais, em diferentes áreas como turismo comunitário, pesca, Reserva Extrativista, etc. Dessa forma as discussões se dão não apenas no nível local, como são ampliadas para o estadual e nacional.

Eu participei também ou participo né? De alguns conselhos nacionais representando os pescadores, e na discussão do uso do território pelos povos das comunidades tradicionais e também das reservas extrativistas. Então sou uma liderança que está além das fronteiras da comunidade. (Participante 02)

Então assim, hoje eu já milito além da Prainha do Canto Verde como já participo de outras reuniões, do Estado mesmo. (Participante 07)

Participo buscando alternativas para pesca, turismo, até para educação, para saúde, buscando, participando de reuniões as vezes aqui em Fortaleza, as vezes a nível nacional (Participante 011)

Percebemos que a militância gerada pela participação comunitária não permanece apenas dentro das fronteiras desta, indo além, formando laços com outros movimentos, buscando a modificação de estruturas de âmbito nacional e mundial. Scherer-Warren (2002) usa o termo “glocalização” para relatar a possibilidade de criar alternativas a globalização a partir de iniciativas de resistência da sociedade civil local e de suas redes transnacionais, fazendo com que o global penetre no associativismo local. A partir dos problemas comunitários locais são formados elos em macro níveis (estadual, nacional, global) que possam buscar soluções amplas para diversas comunidades com problemáticas coincidentes. Dessa forma, agindo localmente provocamos mudanças globais, da mesma forma

que articulando esforços para mudanças políticas estruturais a nível global e nacional os problemas locais também são aplacados.

O impacto do global no local e do local no global fica extremamente evidenciado quando estamos falando de meio ambiente, sabemos que ações locais de destruição não são vivenciadas apenas naquele contexto onde foram provocadas, mas podem provocar influencia em grande escala, atingindo localidades totalmente diversa das primeira. O problema do “desaparecimento” da lagosta na Prainha do Canto Verde é um exemplo disto, pois várias evidencias apontam que um dos seus causadores é mudança de temperatura dos oceanos, que tem relação direta com o efeito estufa e a destruição da camada de ozônio provocado pelo modo de vida das civilizações modernas. Assim, se as populações locais sofrem por um problema gerado em escala global, nada mais adequado que se unam e pressionem por soluções efetivas para os problemas globais que estão lhe atingindo.

Após as primeiras explanações dos moradores sobre a sua forma de participação já era perceptível que estávamos diante de um grupo de pessoas que eram acostumadas ao exercício do debate, faziam isso com muito desenvoltura, e visivelmente ficavam a vontade na arte de dar e receber opiniões e ideias. Em nenhum momento o grupo ficava parado, nem duas pessoas falavam no mesmo momento, sempre dinâmico, um parava o outro continuava. É claro que isso se devia também ao fato de ser um grupo razoavelmente homogêneo em ideais, todos ligados a AMPCV, a favor da reserva, etc, ou como diria um dos participantes: “Aqui mesmo nesse grupo talvez você encontre coisas bem parecidas, mas quando você for ouvir mais gente da comunidade eu acho que você vai encontrar outras respostas” (Participante 11). Nas grandes assembleias aonde vinha praticamente toda a comunidade, e especialmente quando havia alguma divergência entre as duas associações, pudemos perceber que os diálogos eram mais incisivos e as discussões mais constantes.

6.1.1.2 Dedicção de tempo ao Movimento

Pudemos perceber a partir das discussões ocorridas no grupo focal que a comunidade dá grande valor a história de luta que construiu, e tem consciência que

foi o esforço de muitos anos que fizeram com que a Prainha do Canto Verde se destacasse desta maneira.

A gente tem que ser forte, mas não só de boca, mas de agir também. Então nós temos essa praia bela, que você hoje está aqui porque aqui é uma história muito longa, e com um esforço muito grande das pessoas né? Dos nativos aqui da região.(Participante 015)

A comunidade é uma comunidade dinâmica o tempo todo sabe? É uma comunidade que ao longo da sua historia conseguiu a resistência do território....apesar de hoje ainda tem conflito mas a comunidade tem resistido a isso. (Participante 08)

Os moradores conversaram também sobre como o ritmo da comunidade contribui para essa aproximação entre os moradores, que é um passo dado para a organização comunitária. A integração e busca por soluções na comunidade não se estende apenas as reuniões oficiais mas acontecem no dia a dia da dinâmica cotidiana do coletivo. “A melhor integração da comunidade é estes momentos, embaixo do barracão na beira da praia, e discordando ou concordando com algumas coisas da comunidade mas a pauta de debate esta ali debaixo” (Participante 08).

Percebemos que isso ocorre em parte porque como a atividade principal é a pesca e esta não depende de horários rígidos e burocratizados para acontecer, a comunidade parece ter mais tempo de discutir e potencializar ações coletivas. Aqueles sujeitos que trabalham em outras atividades, com horários menos flexíveis, parecem sentir falta de usar mais seu tempo em benefício da comunidade.

Eu me importo muito como esta minha comunidade, não posso contribuir tanto porque tenho um trabalho que me prende o dia todo, mas sempre que posso eu me esforço de estar contribuindo com força de trabalho, contribuindo com ideias, e é isso né? Acho o que a gente tem construído, tem construído assim, com a força de trabalho de alguns, com quem tem mais tempo que a minha carga horaria, trabalhando direto, por essa comunidade (Participante 11)

Como eu trabalho (atividade formal) eu estou sempre trabalhando, mas no final de semana quando a comunidade precisa eu estou aqui. (Participante 12)

Ficou claro que para os sujeitos que participaram do grupo focal participar das ações comunitárias, dar sua opinião, é de extrema importância. As reuniões são vistas como um importante espaço para o crescimento da comunidade.

Se tem uma reunião ou duas e se é pra debater pautas de interesse da comunidade seja pro território, seja pra pesca, seja pra saúde, seja pra qualquer seguimento da comunidade, mas esta ali a discussão. Isso está interlaçado nas veias das lideranças de muito moradores.

Acreditar no poder dessas reuniões e mobilizações resulta em se doar para elas. O encontro em particular no qual realizamos o grupo focal acabou mais de 22h da sexta-feira, e o cotidiano das reuniões faz com que os horários a serem doados para a construção comunitária sejam muitos, ou até mesmo de tempo integral. “ Tem pessoas aqui que se empenham demais. Hoje um presidente da associação dos moradores ele tem que se empenhar quase 24 horas” (Participante 08).

Fica visível que o diálogo e o debate são fortemente estimados por esta comunidade. Para Vygotsky (2004), o que permite a formação e desenvolvimento de nossa consciência é a palavra, o signo, que é apreendido no contato social, dessa forma o contato social é promotor de expansão de consciência. Para Freire (1970), a formação da consciência crítica, ou seja, o processo de conscientização dos sujeitos, só se dá por meio do diálogo, a partir desse processo a comunidade pode se emancipar e se desenvolver. A importância e a prática do diálogo revela que essa “receita” é seguida na Prainha do Canto Verde, promovendo a potencialização tanto dos sujeitos comunitários quanto da comunidade como um todo, o que é facilmente comprovado pelas inúmeras vitórias conquistadas pela coletividade, como a Reserva Extrativista, que como veremos, é promotora de mais direitos para os seus moradores.

6.1.1.3 O que motiva a Participação

A grande questão ao qual nos debruçamos neste momento foi: Porque estes sujeitos se doam tanto para a comunidade? Porque estão tão dispostos a promoverem tantas reuniões, inclusive entrando pela noite e nos finais de semana? No grupo focal eles deram algumas respostas a estes questionamentos. A forma como eles se colocam mostra que na verdade esse engajamento e essas reuniões não são um sacrifício (embora como veremos, sejam cansativas) mas um prazer, como um vício ou uma paixão.

Uma das coisas que eu vejo é que o movimento se torna uma paixão da gente, e uma coisa que a gente não consegue fugir. A gente pode até dizer assim, não, eu não quero mais, eu não vou participar mais mas, é uma coisa que é como a droga, cada vez você quer mais participar, mas você quer tá dentro, então assim o movimento de tá sempre pensando no outro, sempre pensando na solidariedade, na fraternidade, que a gente possa viver melhor que a gente possa ajudar as outras pessoas, respeitar, conviver melhor, acho que assim, isso faz agente, quando a gente fala de fraternidade faz a gente não sair de uma luta em defesa do bem comum. (Participante 02)

Se a gente parar a gente adocece, hoje eu vejo que se a gente parar a gente adocece, por que a gente esta num ritmo assim de tanta informação, do que a gente tem que fazer, que a gente tem que agir, isso faz a gente viver. E viver com vontade de preservar a prainha. Com certeza se não fosse essa luta a prainha do canto verde não tinha muito sentido, como eu vejo em muitas comunidades não vejo sentido nenhum, a prainha a gente gosta pro que a gente sente essa paixão de estar lutando cada vez mais. (Participante 07)

Eu comecei de pequeno, ainda garoto, ainda com a brincadeira, participando, acabei me viciando, é quando a gente pensa que não tem mais o que fazer aparece. E aí é que faz a gente viciar mais (Participante 13)

Percebemos que os moradores falam da história de luta e da participação comunitária como algo do qual eles não conseguem escapar, que lhes produz vida, de grande carga afetiva. Percebemos que sua participação na vivencia e organização cotidiana, ela gera vida e potencia nos indivíduos, tanto que estes quando não estão participando se sentem adoecidos e despotencializados.

Sawaia (2002b) relata a importância da participação deixar de ser um imperativo categórico que obriga o sujeito a renunciar a suas necessidades e desejos particulares como condição para viver em sociedade. Para a autora a participação não é um dever, uma obrigação, um ato de moralidade, e não é realizada por altruísmo, mas pelo desejo de ser feliz e ser livre, de não ser comandado e governado. Para a autora, a participação só pode ser vista como um dever e uma obrigação, e não uma condição humana emancipadora natural que leva a vida, em situações contingenciais como no sistema capitalista no qual a única lógica imperante é a da lucratividade.

[A participação] é paixão que leva os homens a se comporem com outros homens o que significa que só por contingências históricas nega-se o caráter participativo da subjetividade, como, por exemplo, no capitalismo, em que, pela mediação de forças sociais, a subjetividade é apropriada e devorada pela lógica do lucro, sustentando formas de não participação

ou pseudo-participação como o individualismo e a participação em prol dos interesses dos outros (SAWAIA, p. 123, 2002b).

6.1.1.4 A origem da formação participativa

Percebemos que boa parte dos moradores mais engajados da comunidade são nativos da região e trazem uma história de ligação com o movimento, calcadas em sua própria formação familiar e comunitária. O sentido de luta comunitária desses sujeitos parece está entranhado em sua cultura por ter sido formador da própria identidade dos sujeitos.

A exemplo disso podemos narrar o simples fato de na Associação Comunitária ter várias fotos de muitos de seus membros e líderes, ainda crianças, brincando entre si enquanto seus pais, engajados, se reuniam e davam vários passos para a construção do movimento que seria exemplo não só no litoral leste do Ceará, como toda a costa pesqueira do país. Dessa forma foi perceptível que boa parte dos sujeitos que hoje são a base do engajamento pela luta comunitária da Prainha do Canto Verde, cresceram já dentro do movimento, se formaram ouvindo as discussões de seus pais, tios e vizinhos sobre como construir um lugar melhor para toda a coletividade.

E ai a gente que era mais jovem, os filhos, ficava brincando enquanto os adultos traziam a gente, aí acabamos com o passar do tempo se envolvendo nisso, ai depois veio o grupo de jovens, ai vem os conselhos, como a gente estava dentro do movimento acaba se envolvendo, tomando gosto pelas coisa. (Participante 09)

Eu também sou da comunidade, eu nasci aqui. E assim como boa parte do grupo a gente vem desde a infância aqui participando. (Participante 08)

Também eu venho da militância juvenil né dos encontros de jovens, minha formação veio da infância, depois se envolvendo com a juventude, minha participação começou também assim nessa questão da igreja, e como minha família já participava do movimento a gente foi também, se engajando e vivenciando (Participante 10)

Sou pescador, sou nativo, tou ai na luta desde criança também, (Participante 05)

Sou pescador, sou liderança aqui da comunidade nativa, desde criança venho participando e logo cedo eu vi que é importante a gente participar das atividades, dos objetivos coletivos da comunidade. (Participante 11)

Eu participei de quase todos os movimentos aqui, primeiro como criança depois como jovem, como adulto, e hoje além da comunidade [...] (Participante 2)

Sou nativo, pescador, e o que eu tenho pra dizer aqui é muito parecido. É a mesma coisa. Eu comecei de pequeno, ainda garoto, ainda com a brincadeira, participando, acabei me viciando (Participante 13)

Fica patente aqui a identificação da história de militância como algo que nasceu com o sujeito, pautado em sua história familiar e comunitária. Esse discurso e os desdobramentos dele foram muito impactantes para mim como pesquisador, primeiro por está no discurso de muito sujeitos, mas depois por algo que é impossível de se traduzir aqui por palavras que é o sentimento que estes passavam quando falavam de seu passado, da sua história, da sua infância, da sua identidade.

Não é nossa intenção fazer generalizações, sabemos que as construções são plurais e várias histórias de vida diferentes podem conduzir a caminhos convergentes, assim como histórias semelhantes levar a caminhos divergentes. Apesar de muitos dos sujeitos mais participativos, ou mesmo lideranças, narrarem sua participação como algo que surgiu na infância a partir de um contexto comunitário e familiar específico, o discurso não é hegemônico. Alguns sujeitos já entraram adultos no movimento:

Há dez anos eu participo dos movimentos da comunidade mas participando mesmo desde que começou aquele negocio de conselho e formação conselho, eu comecei a participar, participei do primeiro conselho, representando as mulheres, era de pescadoras, depois virou de mulheres, e agora represento como titular o grupo de mulheres, e participo de todo o movimento, sou da associação de moradores, do conselho da escola, a gente vai se encaixando, aqui é assim. (Participante 14)

Eu antes tava de fora, quando era mais jovem tinha um olhar de figurante hoje eu tenho um olhar de protagonista. É muito importante estar com vocês, aprender com vocês, então a vida é assim, feita de trocas. (Participante 03)

Outro sujeito, para fazer contraponto ao discurso da maior parte dos moradores, que se baseia na repetição dos caminhos dos pais, nos conta que:

Participo porque um dom que eu tenho mesmo, eu nasci com isso no sangue, não é de família por que minha família não tinha nada disso na época que eu era criança eu não lembro de nada disso, ninguém podia

nem falar porque era na época da ditadura, quanto mais fazer movimento comunitário. (Participante 01)

Um fato que me chamou a atenção é que, enquanto a maior parte dos moradores utilizaram para justificar sua participação o discurso da paixão, vício, desejo de participar, este sujeito foi o que como justificativa expressou um discurso mais inflamado, e o único que falou de ódio e revolta.

Eu com 7 anos de idade eu criei um ódio de político que se eu tivesse veneno nos olhos quando eu visse um político eu matava ele de longe. Eu imagino, deus teve plena certeza que eu sou descendente de escravo e tenho certeza que se eu tivesse vivido a escravidão, a escravidão em si mesmo, porque escravo a gente sempre é, mas a escravidão em si mesmo se eu tivesse vivido, eu era um escravo totalmente revoltado, rebelde, não me encaixo com certas coisas, essas coisas de comunidade está no meu sangue (Participante 01).

Ficamos refletindo se os sentimentos que levam os sujeitos a participar seriam distintos quando estes já iniciam esta participação de forma bem precoce, levado pelo interesse e costume da família e comunidade, onde o livre expressar é visto de maneira positiva e incentivado, e quando o sujeito se engaja a partir de uma outra realidade, como a de nosso participante, que viveu em um período de ditadura militar e cerceamento de ideias. Esse é um tema interessante que pode ser aprofundado em outros estudos.

Para a maioria dos sujeitos que investigamos acreditamos que o histórico de participação entendido como algo natural e praticado desde a infância fez com que a Prainha do Canto Verde se destacasse nesse sentido, sendo entendida hoje como uma referência com vários prêmios e reconhecimento.

6.1.1.5 O rodízio de funções

Algo que ficou perceptível através das discussões do grupo foi como as posições ocupadas pelos sujeitos dentro do movimento são rodiziadas. Não parece haver nenhum centralismo, em vários momentos muitos participantes relataram fazer parte de diferentes posições dentro do movimento. Assim como aparentemente muitos passam algum tempo em posições de maior destaque e das quais é

necessário uma maior dedicação de tempo, sendo posteriormente substituído por outros.

Já estou com quarenta, quarenta e um, quarenta e dois anos aqui (nos movimentos comunitários) construí minha família aqui, tenho mais de 40 anos aqui, participei de todos os movimentos da Prainha do Canto Verde depois que foi criado o movimento comunitário. Todo o movimento que teve aqui eu participei. Fui presidente da associação, fui presidente de conselho, participei de todos os conselhos criados nessa comunidade, de saúde de educação, sei nem de quantos conselhos foi criados, participei de todos (Participante 01)

Também sou antiga né? Participei de vários grupos, hoje eu participo dos grupos das mulheres, mas a gente ta na luta né? (Participante 06)

Então o que que eu sou hoje? Já passei pela associação comunitária, já fui presidente de diversos conselhos, hoje eu estou no grupo gestor, também no conselho deliberativo da reserva, as vezes a gente ate costuma dizer, tem umas lideranças que são Bombril, mil e uma utilidades. (Participante 08)

6.1.1.6 Cansaço e transição na organização comunitária

Diante deste quadro não é de se estranhar que os sujeitos muitas vezes narrem um certo cansaço diante do movimento comunitário. Percebemos que pessoas mais velhas, que contribuíram mais, justamente em decorrência disto, trazem o discurso do cansaço e do esgotamento de participar do movimento como algo presente, embora fique explícito que o desejo de participar ainda persista, pois estes acabam normalmente não se afastando de todo, mas se afastando das atividades mais atenuantes e centrais, permanecendo presente em vários momentos, como nas decisões centrais que exigem a presença mais consistente da comunidade, ou em momentos de debates mais descontraídos, como este grupo focal que organizamos.

Participo porque tenho gosto, hoje estou saindo né? Estou velho não tenho mais idade pra essas coisas não, mas participei muito (Participante 16)

Sou pescador, nativo da prainha do canto verde, participo já faz muito tempo, estou tentando segurar as pontas, porque a gente vai ficando velho e não vai mais aguentando as pancadas, é assim. (Participante 04)

Sai do conselho porque não tenho mais nervo pra aguentar essas coisas não ai eu sai fora se eu ficasse ali ia perder a cabeça porque o controle eu já tinha perdido. Eu não me aguento mais não, já tenho 65 anos, já vivi muitas coisas, fui o primeiro presidente dessa associação, eu rodava Fortaleza de pé porque não tinha dinheiro pra pegar ônibus nem taxi o

que foi de sofrimento eu peguei nesses dois anos que passei.
(Participante 01)

Dessa forma as novas gerações vão aos poucos assumindo as posições ociosas deixadas pelas velhas lideranças, enquanto estas continuam colaborando, porém em um ritmo menos intenso, fazendo com que o movimento de transição ocorra de forma continuada, sem quebras, unindo o vigor e a vontade das novas gerações com a experiência das mais velhas.

[...] pela influencia do meu Pai, né? como ele bem citou (seu Pai estava presente da discussão e tinha falado um pouco antes) nós atendemos, eu digo nós por que eu e outros irmãos meus, aprendemos, a se envolver com essa luta, entendendo que ela tem que ser feita por nos mesmos né, quando nosso pai cansa então é a hora da gente assumir. Se bem que eu comecei , ele não estava cansado como ele diz agora, mas entendemos que a gente de uma forma ou de outra a gente esta ligado pela terra, e é por ela que a gente faz esse movimento ai a mais de 30 anos (Participante 11)

E hoje a gente tem muito que substituir os mais velhos, né? Muitas lideranças foram os nossos pais, alguns dos que começaram já não estão aqui entre nós, já faleceram, outros não moram mais na comunidade, mas a luta esta ai, a luta continua (Participante 08)

Assim, os pais podem ter certeza da continuidade do seu trabalho por meio de seus filhos, ficando tranquilos e entendendo que a luta pela terra, por um lugar melhor, vai continuar neles. “As vezes eu acho que eu vou morrer, alguém vai ficar e a peregrinação é grande. Não morre nunca.” (Participante 06)

6.1.1.7 O desejo de perpetuação do Movimento e do modo de vida nativo

Apesar do processo de renovação do movimento vir ocorrendo gradualmente de forma bastante positiva, em algumas falas os sujeitos demonstraram ter medo que a história de luta deles venha de algum modo se perder, ou que as novas gerações não percebam a preciosidade que é o lugar em que moram. Quando os moradores estavam discutindo as vitórias alcançadas pela comunidade no decorrer de décadas de luta comunitária, e o quanto a Prainha do Canto Verde é uma comunidade diferenciada, uma das moradoras mais antigas, e antiga militante das causas comunitárias ressaltou:

Agora isso precisava muito passar numa assembleia grande, passar nas escolas, e os pais nas suas casas passar para os seus filhos, a comparação daqui pra outra comunidade. Porque o que eu vejo hoje uma coisa que precisa ser trabalhada muito é: Como as crianças e com os jovens valorizar mais a nossa comunidade? O lugar que você mora, a casa que você mora, você mesmo. Meus filhos, meus netos, meus bisnetos. Por que passar a coisa de pai pra filho isso é muito importante. É como um professor ensinar um jovem ou uma criança. Então o que eu vejo aqui é que muitos não passam isso, como eu, mas isso é importante. Eu fico me perguntando, e cadê os professores? Cadê o povo dessa comunidade que sabe que aqui tem uma historia? Todo mundo aqui sabe, e isso precisa ser passado, precisa ser debatido. Precisa dizer: meu filho isso aqui é assim, isso aqui foi desse jeito, vamos valorizar. Quem vier que a gente conte a historia da prainha que é assim e assado. Muitas pessoas, às vezes, ficam lá em casa, querem saber da historia, e eu perguntou: fulano não orientou não? Não. Então precisa ter mais uma comunicação, precisa nós falar, eu ando por ai eu falo muito, aqui é assim e assim, e vocês tem que valorizar! (Participante 06)

Percebemos assim a ânsia da participante de fazer com que as novas gerações entendam o que é e de que maneira se construiu a Prainha do Canto Verde. Ela ressalta a importância de que este conhecimento seja passado de Pai para Filho, fazendo questão de passar para todos a história que lhe constituiu, que constituiu seus filhos, e da qual ela tanto se orgulha.

Percebemos que os moradores nativos tem uma grande preocupação com o desenvolvimento sustentável da região. Especialmente quando utilizamos a definição da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1988), que diz que o desenvolvimento sustentável é aquele que garante "atender as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também às suas" (p. 9). É patente a vontade que seus filhos tenham terra, e possam viver de uma forma melhor do que eles viveram, mas em um ambiente agradável e preservado. Esse desejo ajuda a fazer com que essa luta se perpetue.

Como vimos, a identidade dos sujeitos como participantes dos movimentos comunitários, formada desde a mais tenra idade, parece ter contribuído muito para que o processo de engajamento seja tão consistente neste local. Assim preservar a história do movimento parece de grande importância para preservar a própria identidade da comunidade, tida como participativa e engajada, reforçando assim o processo de identificação dos sujeitos com o engajamento. Melhor

explicando, passar essa história e mostrar como a comunidade é especial justamente por ser combativa pode ser fundamental para manter esse mesmo animo nas próximas gerações. A partir disso é fácil compreender a perspectiva de futuro dos moradores da comunidade, que apareceram espontaneamente em momentos diferentes de nosso diálogo:

A facilidade que o Brasil fornece, eu digo isso porque no tempo dos meus pais era mais difícil fazer luta, já é um pouco mais fácil em termo de mobilidade, e eu acredito que pros nossos filhos vai ser mais fácil ainda. (Participante 02)

A gente pode até não conseguir manter a Prainha por décadas com essa tranquilidade, com esse clima, mas na velocidade que vai eu sei que a gente ainda vai ter muito tempo com essa qualidade de vida, que a gente tem aqui, porque viver na prainha é como no paraíso. (Participante 11)

E o futuro da prainha é cada vez melhorar. Eu me sinto mais seguro hoje, olhe os jovens que tão saindo agora, porque na minha época, porque quando era meu pai e outras pessoas, as pessoas viviam menos. A minha filha tem uns alunos aqui fazendo faculdade, e essa moçada quando chegarem as vez deles, vão chegar com o direito de conversar com qualquer outra comunidade. Preparados pra isso porque na minha época não tinha isso, eu sinto que nossos jovens são muito mais preparados. (Participante 06)

Percebemos que as expectativas da comunidade em relação ao seu futuro, e especialmente a como seus filhos conduzirão esse futuro é bastante positiva. Esperam que a comunidade se preserve no seu modo de ser, com sujeitos que serão ainda mais capacitados que eles para lutar e conquistar os seus direitos.

É assim que a toda uma primeira geração de lutadores pode se sentir honrada por ter combatido “o bom combate” sabendo que seus filhos embora cansados conseguirão passar para os seus netos o que será necessário para preservar seu território e modo de vida para seus bisnetos. E que a segunda geração pode ficar tranquila que seus filhos tomarão conta da sua terra, e levará até seus netos aquilo que seus pais tanto lutaram para preservar. E que terceira pode levar a frente o desafio de gerar seus filhos em sua terra, sob as bênçãos dos seus avós e o conselhos dos seus pais. Da mesma forma que a quarta geração pode nascer em paz, sabendo que serão cuidados e educados pelos seus pais, usufruindo daquilo que os seus bisavós ensinaram seus avós a preservar.

6.1.2 O modo de vida na comunidade

6.1.2.1 Intimidade e tranquilidade na comunidade

O primeiro fato que os moradores chamaram atenção na discussão sobre o modo como vivem foi o fato de todos na localidade se conhecerem. “Todo mundo aqui se conhece, primeira coisa, né? (Participante 15) A Prainha do Canto Verde tem pouco mais de 1100 moradores, e até mesmo como pesquisador, com pouco tempo de contato com a comunidade, ao andar pelas ruas você já conhecia um grande número de pessoas. Isso ajuda as pessoas a se reconhecerem, de fato, como uma comunidade. Soma-se a isso ao tratamento pessoal que os sujeitos acabam se dando, um dos participantes chamou a atenção que: “na comunidade 99% tem apelido, você encontra as pessoas por apelido” (Participante 08). Percebemos assim o sentido de unidade nesta comunidade, não no sentido de homogeneidade, mas no sentimento comum de fazer parte de algo, na intimidade vivenciada no local, no reconhecimento recíproco dos seus membros.

A rotina da comunidade foi descrita pelos moradores como algo de grande tranquilidade. Em minha experiência como pesquisador o que senti foi que a própria relação dos moradores com o tempo na Prainha do Canto Verde é muito diferente, as coisas parecem nunca ter pressa. Quase sempre que cheguei na Prainha para conversar com alguma liderança, moradores, etc, fui calmamente convidado a sentar e inúmeras vezes me percebi divagando com os moradores sobre outros temas que não tinha nenhuma relação direta com minha pesquisa por longos minutos antes de entramos no assunto.

A calma dos moradores foi perceptível muitas vezes para mim inclusive no preenchimento do instrumento de pesquisa. Muitas vezes alguns sujeitos se deixavam perder por muito tempo no seu preenchimento, por vezes puxando outros assuntos conosco ou conversando entre si, rindo, perguntando coisas para nós sobre Fortaleza, a universidade, ou outros temas quaisquer, ou mesmo se compenetrando em alguns casos por mais de uma hora no seu desenho, procurando pacientemente um lápis de cor específico que melhor relevasse algum detalhe sobre aquilo que coloria.

Na Prainha é fácil irmos a tardinha e encontrarmos grupos de pescadores e moradores embaixo dos barracões, em longas conversas. Em uma observação mais alongada percebemos facilmente que muitos nem mesmo foram para o mar, mas foram devagar se juntando aqueles que estavam voltando de sua atividade de trabalho, os grupos chegam a formar vinte a trinta sujeitos, em sua maioria homens, e ao se aproximar é fácil perceber que os assuntos são os mais diversos. De alguma forma essa tranquilidade parece está ligada a sua atividade principal que é a pesca, a falta de horários rígidos de trabalho parece contribuir com um clima de tranquilidade e incentivar a interação entre os moradores.

A vida cotidiana é até pacata se for relacionar a prainha com outras praias litorâneas vizinhas nossas, ela tem uma vida cotidiana pacata, tem a pesca, que vai e vem todo dia com aquele período com mais tempo, ou período que não pesca, ou se pesca é aquela pesca com um menor relevância por conta do período do vento, nesse mesmo período agora, e ai fica um grupo de pescadores que não tem o que fazer, ai fica falando da vida dos outros na praia, mas isso faz parte do cotidiano da praia. (Participante 08)

E a vida é essa, amanhece o dia, algumas embarcações vão pro mar outras não, todos os dias sai carro aqui pras cidades de Beberibe e Aracati, que leva gente e volta e ai é esse processo, e as fofocas da vida dos outros, são as coisas mais naturais (Participante 07)

Eu sou pescador e a gente tem essa cultura aqui de sair quatro horas da manha vai pro mar pescar lá e quando volta, volta de três da tarde, quatro da tarde, cinco horas. (Participante 13)

6.1.2.2 Relação com o tempo e com a natureza

Esse tempo disponível e a liberdade de realizar as rotinas de trabalho de forma mais flexíveis parece ser muito relevante para trabalho comunitário. O trabalho faz parte da vida natural do pescador, é ele que o controla, não o trabalho que controla o sujeito. O pescador pode organizar seu tempo de acordo com suas necessidades, deixando tempo disponível para as causas comunitárias. “Aqui é bom porque a gente tem muito tempo e liberdade para se dedicar as coisas coletivas” (Participante 02)

A interação com a natureza, a extensa praia, o vento e o mar, foram ressaltadas como importantes na relação dos sujeitos com a Prainha. Essa relação também ajuda a construir uma estima de lugar mais positiva nos sujeitos.

Quer dizer assim né o dia a dia nosso é bom. Aqui por que como os meninos já falaram, mora em uma fraternidade, a gente tem essa praia que a gente pode andar, pode caminhar na praia, aqui tem muitas coisas boas, escola boa, a vista do meu tempo, maravilhosa, então hoje tem tudo o jovem tem tudo pra crescer na vida e a gente também ne que vai ficando velho, pode passear, só esse ar que a gente recebe é maravilhoso. (Participante 06)

Algo forte que o Prainheiro tem é a relação com a natureza, a natureza aqui está em todo canto e o prainheiro tem essa relação com a natureza. Isso a gente não perde. (Participante 07)

O mar é tudo para mim, é do mar que eu tiro meu sustento, dos meus meninos, tudo. (Participante 04)

Tuan (1980) retrata que os ambientes abertos, naturais, com um maior contato com a natureza aumenta a sensação de apego ao lugar dos indivíduos. Alguns estudos apontam para maiores sensações de agradabilidade em locais onde os sujeitos tem esse contato com a natureza viabilizado, o que podemos perceber na Prainha do Canto Verde.

6.1.2.3 Sensação de Segurança

Além do contato com a natureza, e da tranquilidade no ritmo do dia-a-dia, outro tópico que foi comentado, e que casa com este último foi o da sensação de segurança que os prainheiros experimentam na sua localidade. Possivelmente o fato de ser uma comunidade de poucos habitantes, razoavelmente isolada, a qual todos os moradores se conhecem, e que a atividade econômica principal é o extrativismo, ajuda a entender a sensação de tranquilidade vivenciada no local, porém o sentimento de comunidade existente na localidade também ajuda a manter essa sensação.

Outra coisa que me deixa feliz de ver isso aqui, que nas outras comunidades eu não encontro é essa liberdade que a gente tem de você sair dez horas da noite de casa vai pra casa de qualquer outra pessoa numa precisão e a gente tem isso assim garantido que a gente vai sabendo que vai chegar em casa tranquilo que não vai acontecer nada que em outros lugares a gente não pode fazer isso (Participante 07)

Por exemplo, bate papo até dez, onze horas em casa com a porta aberta e a gente espera que não acontece nada. Você pode até cair ai embriagado que não acontece nada, se cair liso é capaz de amanhecer é com dinheiro, ninguém faz nada, o pessoal vê e tem é medo: Ah aquele homem está é morto! (Participante 08)

6.1.2.4 Solidariedade e Partilha

Os moradores que participaram do grupo focal percebem sua comunidade como um local no qual a solidariedade e a partilha acontecem de forma bastante recorrente. Em pequenos exemplos os moradores vão nos narrando de que forma realizam uma rede de cooperação mútua:

Quando a pessoa chega do mar sempre tem aquele amigo mais próximo, aquele parente, para o qual você tira um peixe, dá um peixe. Isso continua muito forte, aquele parente você sempre dá um peixe, partilha. Você vê que o cara chega do mar muitas vezes o cara fica quase sem levar nada porque tirou o de comer, chegou um, partiu, outro, partiu, ai chegou o derradeiro amigo, partiu o peixe.

Pude presenciar algumas vezes na comunidade cenas como essa embaixo dos barracões. As pessoas vão chegando devagar enquanto os pescadores que estavam no mar dividem entre si, de forma igualitária o pescado. Cada um destes acaba presenteando algumas pessoas que estão ali, e a dinâmica acontece de forma mais ou menos silenciosa. As pessoas não pedem o peixe, simplesmente se aproximam, ficam conversando a “espera” de ser presenteadas, sabendo que quando elas próprias chegarem do mar o mesmo deve ser feito. Tudo isso acontece quase como se fosse um ritual, presenciei isso ocorrendo algumas vezes, mas tive dificuldade de identificar exatamente como ocorria, apenas quando um dos moradores, que havia inclusive estado comigo em um desses momentos, e também estava presente no grupo focal nos explicou:

Por exemplo, naquela visita que você teve aqui a gente foi até uma jangada, lembra? Talvez você não percebeu, mas para nós aqui é a coisa mais comum do mundo, ninguém fica prestando atenção realmente se vai acontecer mas quando termina aquele movimento da jangada muitos dali sai com um, nós chamamos, mercado de peixe, com quatro ou cinco peixes que alguém deu, e nós temos aqui as vezes debaixo do barracão tem os malandros [rindo] também que vão pro mar ou não vão, ou passa semanas sem ir pro mar, espera quando a jangada chega despachar, eles ficam só ali esperando [muitas pessoas rindo]. Sabe que é teu amigo e não sei o que, aí o sujeito fala: “quer um peixe ai, né fulano?” e acaba levando o peixe pra levar pra comer e vender pra

comprar a farinha. Tudo isso acontece, esse processo sabe.
(Participante 08)

Dessa forma, pertinho do por do Sol na Prainha do Canto Verde é só ir para próximo do mar que diariamente esse ritual se repete, ficam diversas pessoas em torno das jangadas que chegaram do mar, jogando conversa fora, falando dos mais diversos assuntos locais, nacionais ou internacionais, esperando os pescadores separarem e tratarem o peixe, e a espera de levar algum pescado de presente.

Além da partilha cotidiana os moradores narraram também de que forma a comunidade se organiza para ajudar alguém que esteja necessitando como um morador que esteja enfermo e que não possa cuidar do sustento de sua família:

E outra coisa que é importante, eu achava muito legal, até um tempo desse atrás quando alguém da comunidade caia doente tinha uma pessoa, qualquer uma pessoa: “Um amigo nosso caiu doente!”. Ai a gente ia pra de baixo do barracão, ai uma pessoa se encarregava: “Cada jangada que chegar vamos pedir um peixe pra fulano”. Ai tinha um grupo e dizia: “eu vou ficar pegando o peixe pra fulano”. Ai o cara chegava ai dizia: “Fulano, arranje ai um peixe pra fulano, o cara esta doente não esta podendo pescar. Esta acontecendo isso e isso.” Ai cada embarcação daquela dava um peixe, se chegasse dez jangadas o cara recebia dez peixes. Ai o cabra vendia cinco peixes e levava cinco peixes pra família dele, isso era uma coisa que eu vi e vejo e que você não vê em outras comunidades. Isso tinha muito, ainda tem, mais tinha mais.
(Participante 07)

Percebemos que os vínculos comunitários na região se formam também a através de relações de solidariedade e ajuda mútua. Como sabemos a Prainha do Canto Verde tem sua principal atividade econômica a pesca desde que se originou. O isolamento fazia com que as relações econômicas fossem muito mais informais que nas cidades grandes, a permuta era muito praticada, em substituição da relação monetária formal, que é muito mais rígida. Hoje a Prainha do Canto Verde já é bem mais monetarizada, mas a tradição de uma economia informal e mais solidária ainda é uma herança que pode ser parcialmente percebida na comunidade.

Essas coisas diminuíram mais, mas a troca as vezes ainda acontece. Se eu dou um peixe pra um amigo que é um agricultor aculá ele vai me recompensar com uma goma, farinha. Ainda tem isso ainda, não é forte como antigamente, mas hoje ainda tem (Participante 13)

Isso já vem de muito tempo atrás, e se mantem da mesma forma né? Hoje é menos, porque antigamente nos tínhamos uma troca de

alimentação sem dinheiro, como era, nos tínhamos um vizinho aqui que ele não pescava, mas ele tinha farinha da mandioca e tinha o coco e tinha goma, aí o amigo dele foi para o mar, ele não tinha o dinheiro pra comprar o peixe mas quando ele vinha trazia o coco e trazia a goma. Ai quando ele chegava ele dizia rapaz passei na tua casa e deixei um negocio pra você, aí o cara já sabia que ele queria o peixe. Ele sabia que ele precisava da goma que ele não tinha e existia essa troca. (Participante 11)

Chegava do mar o pescador dava peixe pra aquelas pessoas que estavam lá depois do morro aculá, que a gente chama campestre, vinha com a farinha, com o coco, com a goma, dava pra o pescador o pescador dava o peixe (Participante 01)

Percebemos por este relato do morador que as relações de troca não funcionavam em uma lógica “toma lá da cá” como funciona hoje mercado monetário comum. Não havia uma unidade monetária como por exemplo: “três cocos valem um peixe”, como acontece em uma relação comercial usual hoje, que usa o dinheiro para intermediar os valores. As coisas funcionavam de uma forma que se assemelhava a algumas sociedades comunitárias primitivas, onde aquilo que um tinha era compartilhado com o outro e vice-versa, para que assim todo o grupo pudesse sobreviver junto. Não era apenas a falta de unidade monetária que diferenciava essa relações das de hoje, mas o sentido da troca que era totalmente diferente do que é uma relação comercial contemporânea. Enquanto em uma relação comercial tradicional o objetivo é obter uma vantagem individual na sociedade narrada por esse indivíduo os objetivos são coletivos, é a sobrevivência e o bem-estar de todos.

Em relação a solidariedade, ela acontecia não só dentro da comunidade como também na ajuda a sujeitos de outros locais do entorno, que viviam em situação mais precária que os da Prainha:

Aqui tem uma comunidade que é de Juazeiro que vinha muito pra cá pra arranjar peixe, a gente dava esse peixe às vezes não era nem em troca de nada. É por que eles vinham de lá porque passava necessidade mesmo, era muito difícil conseguir peixe lá. E aí a gente dava esse peixe. Hoje não mais porque depois que o governo passou a ter esses bolsa família aí e eles não precisam vir mais. (Participante 04)

Claro que a Prainha do Canto Verde já mudou muito desde os tempos em que era isolada até os dias atuais, o comércio já se intensificou, temos atividades de turismo, e outras fontes de renda, porém boa parte do sentimento de valorização do

coletivo, vivenciado de forma intensa neste período, parece ter se preservado. Preservar parte desses aspectos pode ser um grande diferencial que fez com que a localidade tivesse se tornado referência na luta comunitária, pois consegue mais facilmente retirar a ênfase do individual e colocar no coletivo.

6.1.2.5 Sentimento de pertencimento familiar

Outro fator relevante que surgiu no grupo focal foi o fato de na Prainha do Canto Verde toda a comunidade se identificar como vinda de apenas duas famílias que originaram a todos. Percebemos que de certa forma os moradores se sentem como se de fato fossem parentes, se reconhecendo como uma unidade.

A prainha se tornou assim porque na Prainha é praticamente uma família só. Hoje tá se misturando algumas pessoas que vem, fica por aqui, se junta com os nativos. O rapaz vem se junta com a nativa, vem uma pessoa lá de fora se junta com um nativo acaba misturando. Aqui ou aculá varia também, alguém vende uma casa e vem uma pessoa de fora, mas ainda é 95% ou 90% de pessoas nativas. E como isso aqui se resumia em duas famílias. Essas famílias traziam aquela tradição que os meninos já falaram, que é de dividir, dar o peixe. (Participante 01)

O que fez a prainha ser um lugar especial eu acho que a prainha é uma família, vem de duas famílias só. Aquilo que você for, irmão, é tio, é sobrinho, é parente. Então isso foi o que fez essa união toda você lutar por uma mesmo objetivo que seu irmão que seu parente. Porque aqui 95% das pessoas são nativas. Porque em outras comunidades mora mais gente de fora que não nasceu do que nativo. Porque os nativos vão embora as pessoas de fora chegam aí cada um tem um pensamento diferente. Aqui todo mundo nasceu vendo o outro, jogando bola junto, o amor por aquela pessoa é grande. Por mais que a gente tenha raiva ali às vezes, na conversa, não concorda com o que ele fala, mas ele não tem coragem de chegar lá e agredir. Fala alto, mas depois se aquieta. (Participante 13)

Assim a identificação comum e até mesmo o sentimento de unicidade familiar foi um terreno bastante fértil para se arar as lutas comunitárias, ou com outras palavras, foi a partir desse sentimento de cuidado recíproco baseado na partilha e na solidariedade que foi erguida a luta comunitária na Prainha do Canto Verde. Em um local onde partilhar o alimento já é algo comum e cotidiano compartilhar expectativas e lutas coletivas fica bem mais fácil.

Então essa solidariedade de repartir o peixe já vem de raiz, como os meninos disseram, até que chega a esse ponto do movimento quando a

gente chegou ao ponto de ter que se organizar em comunidade pra lutar por um objetivo comum (Participante 01)

Com a força de fraterna força comum e isso é o que eu acho que torna a prainha do canto verde essa especialidade. (Participante 12)

6.1.2.6 Divergências na Prainha do Canto Verde

Vale ressaltar que apesar do clima de solidariedade que retratamos, as opiniões na Prainha não são todas convergentes, muito pelo contrário, a disputa por aqueles que são a favor da reserva terrestre e aqueles que são contra é bastante incisiva.

Eu gosto muito da prainha, tem muitas coisas boas, também tem muitas coisas ruins também, especialmente por causa dessa briga entre nativos. (Participante 12)

Aqui tem o pessoal do contra, né? Eu sou até a favor que exista outra associação pelo contrario queria que existisse para que essa associação não ficasse acomodada. É melhor a gente fazer porque se a gente não fizer tem alguém no pé da gente. Mas que essa associação lutasse por um direito objetivo, não da maneira como eles fazer. Alguma coisa que eles sabem que não podem fazer é que eles lutam ao contrario. Ele só querem estragar. (Participante 09)

De qualquer maneira, os moradores expõe que apesar dos conflitos eles conseguem se entender sem maiores prejuízos:

Tá ai, tem ai a outra associação que as vezes a gente não concorda com o que eles falam mas ninguém entra com eles no murro, a gente discute deixa eles lá, não tem aqueles problemas de agressão entendeu? Não tem aqui. Desde que eu sou pequeno só teve um homicídio eu estou com 52 anos, então porque? Aqui é uma família, é isso ai (Participante 13)

6.1.2.7 As mudanças em curso na localidade

Apesar do discurso da maioria que retrata a comunidade como bastante solidária alguns moradores também relataram mudanças que vem ocorrendo: descrevem como se essa liga comunitária estivesse aos poucos se dissolvendo, apesar desse processo aparentemente ser mais lento do que o que ocorre nas comunidades próximas.

Essa coisa da solidariedade é muito forte, mas nós estamos perdendo, assim que essa relação entre os vizinhos esta caindo muito, no passado

apesar dos vizinhos serem mais distantes, cinquenta ou sessenta metros uns dos outros, eles conversavam mais hoje. Por outro lado eu compreendo que a internet a televisão, esse tempo que nós utilizamos na televisão, que nos dá essas informações, ou não, era o tempo que nós utilizávamos para conversar muitas vezes com o vizinho. (Participante 02)

Algo que chamou nossa atenção foi que em muitas falas nas quais os sujeitos contavam como acontece a solidariedade na Prainha utilizavam o verbo no passado, como se estivessem falando de um outro tempo, mas logo depois muitas vezes um morador do lado, ou o próprio sujeito que estava falando corrigia dizendo: “mas ainda acontece isso, mas menos”, ou “mas ainda é assim”.

O avanço da globalização gera pressões para a formação de um estilo de vida comum a todo o planeta, este estilo segue padrões e preceitos do sistema capitalista onde valores como o consumismo e o individualismo nunca foram tão estimados. Bauman (2003) alerta para uma tendência da sociedade moderna para evitar o outro, conduzindo a uma auto-segregação dos sujeitos.

A globalização e seus coronários comércio e comunicação globais criam pressões em direção a uma uniformidade cultural de estilos de vida. O alinhamento progressivo da globalização trouxe, com razão, o temor de uma padronização de valores e de um crescente anonimato. Nesse contexto ela é considerada, por muitos de nossos cidadãos, como ameaça a identidade. (MOSER, p. 190, 2001)

A Prainha do Canto Verde apesar de ser um local onde pudemos constatar um grande número de vínculos inter-pessoais entre seus moradores e sentimentos de cooperação e solidariedade, com certeza não passa imune e impune aos efeitos da globalização.

Aqui os aspectos físicos do local ganham uma grande importância na modificação que vem ocorrendo na localidade. Até por volta de 1980 a Prainha era totalmente isolada geográfica e socialmente. Os trajetos eram feitos apenas a pé ou por carros de animais, e raramente os sujeitos saíam da localidade. Um veículo (jeep) vinha apenas semanalmente a localidade, nas sextas-feiras, e era considerado o ônibus da comunidade, que transportava de tudo cargas e mercadorias, até doentes e alunos que iam estudar fora da comunidade, a partir da quinta série (GALDINO, 2014).

Esse aspecto físico (o isolamento) influenciava o comportamento social da comunidade, pois o fato de não poder contar com ninguém de fora da comunidade, e o baixo alcance das políticas públicas no local, aumentava a necessidade de apoio mútuo comunitário, formando mais redes de solidariedade que as existentes em comunidades interligadas.

Esse aspecto físico, por outro lado, também era facilitador da exploração da população, pois a venda dos peixes se davam por atravessadores que podiam pagar praticamente o que quisessem pelo pescado, já que os moradores não tinham onde armazená-los e necessitavam escoar a produção diretamente.

Atualmente a estrada liga a Prainha do Canto verde a Fortaleza em menos de duas horas e em pouquíssimos minutos os moradores podem chegar em Aracati ou centro de Beberibe¹⁷. Muitos jovens fazem segundo grau ou faculdades nestas duas localidades, se deslocando até lá diariamente e sofrendo influencias de novos contextos culturais. Eles têm acesso a internet que lhe conecta com o mundo todo, e até os pescadores utilizam o GPS dos seus celulares para auxiliar seu dia-a-dia no mar, cotidianamente.

Percebemos que junto a globalização são transmitidos os valores do mundo conectado, dos padrões hegemônicos, ameaçando a forma de vida comunitária nativa, que é baseada na solidariedade e cooperação. O que parece acontecer na Prainha do Canto Verde para que a comunidade ainda consiga atrasar este processo, preservando em grande escala o seu modo de vida, é justamente a luta dos movimentos sociais e da participação comunitária, que estão sempre afirmando o seu desejo de permanecer mantendo sua identidade cultural, sem que isso impeça que os sujeitos participem dos benefícios e vantagens da globalização, como por exemplo, a instrução de seus filhos, o uso do GPS no seu trabalho de pesca e até mesmo a criação de redes que compartilham informação conectando sua luta a movimentos sociais a níveis regional, nacional e internacional, aumentando a união pela transformação da realidade social.

¹⁷ Locais de médio porte no entorno da Prainha do Canto Verde.

6.1.2.8 Comparação com outras localidades

De qualquer maneira, apesar desse possível decréscimo no sentimento comunitário ou de solidariedade do local, os sujeitos seguem se percebendo como uma comunidade especial, diferenciada, e que possui uma história impar servindo de exemplo para seu entorno e para boa parte de nosso litoral. A Prainha já ganhou cinco prêmios internacionais de turismo socialmente responsável, boa parte da política nacional de pesca saiu de discussões nesse território, sua organização comunitária serve de modelo para boa parte da costa litorânea brasileira.

Eu acho que na questão da pesca principalmente na questão da lagosta, a grande maioria das propostas que se tem hoje em nível nacional, muitas delas saíram daqui, em reuniões de pescadores daqui sobre defeso, sobre o que deveria fazer pra melhorar a pesca, então isso é muito importante porque essa oportunidade que a gente atende (Participante 02)

Tantas comunidades que começaram com a gente que já abriram porque existe um grupo maior que resiste, isso não é qualquer um que consegue, isso é um trabalho muito grande. (Participante 07)

No decorrer do debate no qual apresentavam como era viver na Prainha do Canto Verde, suas vantagens e contra pontos, bem como o modo de vida comunitário, os moradores começaram a espontaneamente comparar a Prainha do Canto Verde com outros locais, especialmente com a capital do Estado e com as praias de seu entorno.

A comparação com Fortaleza girou muito em relação ao modo de vida mais pacato que os cidadãos tem lá, a falta de segurança das grandes capitais, e carência de contato com a natureza, evidenciando a identidade dos sujeitos em relação ao seu local.

As vezes as pessoas falam sobre a saída daqui para Fortaleza, e até tentam dizer pra mim que é outra coisa viver na cidade, que é bom viver na cidade, mas eu nunca, nunca pensei, nunca coloquei isso na minha cabeça de sair daqui. (Participante 08)

Mesmo nunca tendo vivido em outro canto eu sei que não quero uma vida na cidade, eu vou lá em Fortaleza e quero voltar no mesmo dia, porque a correria é outra, o ar é outro o ambiente é outro a insegurança é outra, o contato com a natureza, são muitas coisas que me fazem preferir esse lugar. (Participante 11)

Já em comparação com as praias vizinhas a tendência dos sujeitos que participaram do grupo focal foi de perceber sua comunidade como um local especial devido aos avanços que eles conseguiram conquistar, que as localidades do entorno não conseguiram, especialmente em relação a conquista da terra. Na Prainha do Canto Verde o nativo tem a garantia do direito ao terreno para construir a sua moradia, enquanto em outras comunidades a especulação e o avanço do turismo faz com que muitos moradores não tenham terra. Assim, a luta da comunidade fez com que ela gerasse novos direitos a seus moradores, o que não existe em outras localidades.

Eu levo em consideração, essa historia de resistência, vamos comparar a prainha hoje com Canoa Quebrada. O que um nativo tem direito em Canoa, e o que que um nativo tem direito na Prainha? Uma mulher aqui que esta pensando em engravidar ela já pensa que o filho tem direito a um espaço sem custo nenhum de dinheiro. (Participante 07)

A minha filha eu não sei nem quando ela vai pensar em construir uma casa, mas no dia que ela se interessar, tem espaço. Pessoas que saíram daqui pequenas, foram para Fortaleza e depois de velho voltaram porque tem lugar para morar. A onde é que existe isso nos outros cantos? (Participante 08)

Para ilustrar a diferença entre a Prainha e outros litorais na questão do drama para ter o próprio local para morar, uma das lideranças ilustra a partir de uma experiência que havia presenciado, com mais alguns sujeitos do grupo, duas semanas antes:

Uruau¹⁸ o que aconteceu? A associação dos moradores de lá ficou com uma área, demilitaram uma área para associação dos moradores, pra sortear, pra fazer sorteio para os moradores, a demanda que ia necessitando o pessoal ia sorteando um lote de terra para os moradores que iam precisando. Nós chegamos em um dia lá que tinha três lotes de terra, e se eu não me engano era seis ou era sete famílias, pra ser sorteada. E o lote lá era 7x10metros, não é como o nosso aqui é que 12x25. Então saíram de la três famílias sorrido se abraçando e saiu o resto chorando. Por que não conseguiu e pra eles conseguirem fazer a casa deles eles teriam que comprar e isso custava muito dinheiro e eles não tinham dinheiro. (Participante 08)

Os moradores que participaram do grupo focal, ressaltando que eram em sua maioria mais engajados, fizeram uma crítica a visão dos moradores da Prainha, em especial os mais jovens, que em uma busca para crescer na vida de forma rápido acabavam muitas vezes não dando o valor que sua localidade merecia e não

¹⁸ Nome de uma localidade praieira do Estado.

percebendo esse diferencial da Prainha do Canto Verde. Nesta comparação está implícita a comparação entre a forma como os participantes percebem as condições econômicas dos moradores da sua localidade e das outras regiões do entorno.

Uma outra coisa, que esta muito forte no dia a dia do prainheiro é essa questão de sempre achar que não estar bem economicamente ou bem de vida. Isso também é uma coisa, não é dizer que lá fora o pessoal tão bem de vida, a grande maioria não consegue assimilar o que eu preciso pra viver bem. Muitos deles dizem que não tem trabalho, as coisas não estão boas, ai eu olho para pessoa: a casa boa, pescando sete oito dias no mês, tem mês que passa um dia sem ir um dia no mar, está merendando, está almoçando, fica no colégio, celular no bolso, uma moto, e cara está dizendo que não está bem. (Participante 07)

O interesse dos prainheiros comparando com vinte anos atrás ele é um pouco diferente. No tempo que eu era criança eu via muito as discussões debaixo do barracão, o que der pra gente ir comendo, o feijão ou a farinha né? Vamos levando. Hoje o papo não é esse né? É o papo da moto, do melhor celular, então isso também houve uma pequena mudança que é essa questão da angustia de que sempre achar que não está bem né? Nós somos muito imediatistas, é uma cultura muito brasileira, mas na beira de praia como a nossa nós somos mais imediatistas ainda em querer chegar em determinada condição no sentido econômico ou no sentido do desejo, num espaço de tempo que outros na cidade levam vinte anos, trinta anos. Eu quero dizer que às vezes um jovem ou uma família que está começando ele quer começar já com uma casa chique com um carro na garagem né? Ou ter uma internet em casa coisa que tem gente em outros cantos que as vezes passam vinte ou trinta a anos e as vezes nem conseguem. E ele aqui com idade de vinte, vinte e dois anos já quer esse patamar, então esse imediatismo que as vezes, de querer chegar lá rápido. (Participante 02)

Percebemos que por trás desta crítica se desenvolve duas visões distintas sobre a Prainha. É interessante que o sujeito acima que criticava a forma de pensar dos “prainheiros” é também prainheiro, apesar de se identificar obviamente como alguém que pensa diferente destes que ele criticou. De uma forma geral essa crítica parece está direcionada a uma parte das pessoas que não participam das atividades comunitárias e que tem uma maior tendência a perceber a localidade sob aspectos mais negativos. Nas entrevistas quando abordaremos sujeitos que não participam muito das atividades iremos ampliar esta discussão.

No grupo focal alguns sujeitos relataram que a visão mais crítica de perceber a Prainha se deve a falta de conhecimento ou mesmo de contato mais constante com outras realidades, do grupo de criticavam, como podemos perceber:

Ele não consegue enxergar por não sair tanto da prainha, que tem pessoas em torno da prainha que não esta bem mesmo, por que não

tem um pedaço de terra pra morar, não tem nem sequer uma casa nem de palha, e não tem essa liberdade tanto tempo pra se dedicar a coisas coletivas ou de seu interesse próprio. (Participante 02)

Eu as vezes sai daqui e vou para as comunidades vizinhas, ai eu saio pensando: "Ai rapaz, a Prainha está cheia de problemas". Aí chego lá e fico conversando e escuto tanta historia do local que eu digo: "Ah, está bom, nós estamos em muito melhor que a situação de vocês aqui". Então eu acho que eu penso assim, as pessoas que moram na prainha muitas vezes não dão valor, mas sei que é a minoria, 80% deles dão valor sim. (Participante C10)

Dessa forma apenas quando saiam da Prainha é que percebiam que a realidade de fora era mais difícil que a realidade local e acabavam retornando:

Para nós que mora aqui é fácil demais, as pessoas que queriam sair daqui para fora, vivem a vida lá fora ai elas dão mais valor porque a vida lá fora é bem diferente do que nós temos aqui. E quando você não sai, muitas pessoas, amam mas muitas não amam. E cada dia que passa, pra quem já passou um tempo fora, aqui é o primeiro lugar do mundo que você não precisa comprar espaço pra construir pra morar. (Participante 08)

Apesar da crítica que os sujeitos pesquisados fizeram ao imediatismo de alguns prainheiros, a percepção deles foi de que, mesmo assim os moradores da Prainha tem um nível de informação e debate da realidade, não só local, como também nacional e internacional, bem superior aos sujeitos de seu entorno.

O prainheiro ele é muito informado. Se nós for pegar um preieiro, tanto faz ser jovem como não, comparado com alguém da cidade ele está muito mais atualizado nas noticias a nível de mundo e a nível de região, eu fico observando enquanto as pessoas tão falando de coisas que os prainheiros já estão lá na frente, pela essa questão de agente ter tempo por que as pessoas da cidade ou que estudam ou que trabalham, a gente tem tempo pra assistir o jornal do meio dia, jornal da noite, podemos discutir e bater papo debaixo dos barracões, estamos aqui nas reuniões então assim ele é muito informado. (Participante 02)

Essa sensação de que os moradores locais são bem informados possivelmente traz uma relação com os processos de conscientização comunitária que ocorrem espontaneamente através das inúmeras atividades dialogadas, debates, oficinas, fóruns e plenárias, dessa forma os moradores locais desenvolvem uma maior visão crítica e procuram estar bem informados, processando de forma crítica essa informação.

Podemos articular aqui com o conceito de cultura para Freire (1979). Para ele a cultura é a aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição crítica e criadora e não uma justaposição de informações armazenadas e não

incorporadas na plenitude da vida do sujeito, e a formação da cultura acontece por meio do diálogo entre os homens.

A cultura, para Paulo Freire, tem, com efeito, um sentido muito diferente e muitíssimo mais rico do que tem no uso ordinário. A cultura – por oposição à natureza, que não é criação do homem – é a contribuição que o homem faz ao dado, à natureza. Cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens. (FREIRE, 1979, p. 222)

6.1.2.9 As melhorias vindas com a Reserva Extrativista

Um marco das conquistas, que vem os ajudando a manter o mesmo modo de vida na comunidade, foi o decreto que instituiu a Reserva Extrativista, que além de garantir uma maior preservação ambiental tanto no mar quanto na terra deu muito mais autonomia para os moradores para regularem suas próprias normas.

Eu considero que a importância da reserva porque através dela que se garante o decreto que garante essa terra e parte dos recursos naturais do mar tem uso exclusivo e cuidado dessa população. Ao mesmo tempo o governo, mesmo com suas limitações, nos apoia, inclusive com pessoas e instrumentos humanos ou estrutural claro que a gente tem esse controle de manter esse modo de vida. (Participante 08)

Hoje nós estamos com o poder público municipal, nós estamos com o governo federal e ainda tem a pressão muito forte de terceiros querendo ganhar pedaço de terra e as vezes até ganhando mesmo. Eu acho que a reserva foi importante porque ela está dando essa oportunidade a organização da prainha. O governo federal e outros parceiros se unindo dentro das suas limitações, no sentido de garantir esse modo de vida, por isso a reserva está sendo de grande importância. (Participante C7)

Outra importância também é que a nossas regras elas estão cada dia ficando mais forte. E aí o que acontece as nossas regrinhas? Porque muita gente chamava de “regrinha”(sentido pejorativo). Cada dia esta pegando força. A prefeitura tem que respeitar que antes não respeitava. Algumas pessoas que acham que são os donos da verdade tem que respeitar. Porque não é só mais aquela regrazinha que meia dúzia organizado conseguir contornar, conseguia passar por cima. Hoje, a própria justiça tem o conhecimento dessa regra. Quem já viu o nosso regulamento da terra antes de ser reserva alguém ser multado? Alguém ficar com essas pendências? Hoje está ficando. Eu acho que a reserva trouxe isso. (Participante C2)

Um dos moradores destacou que se a vitória da reserva não tivesse sido alcançada provavelmente o poder da mobilização popular seria bem menor, isso porque os incentivos governamentais que são gerados a partir da dela, como

empréstimos para desenvolvimento econômico, bolsas, etc, são muitos, e isso ajuda a articular a comunidade, primeiro dando recursos necessários para a realização da mobilização, e mostrando que a articulação e luta dão retorno, reforçando o compromisso e empenho comunitário.

E eu destaco ainda que se não fosse a reserva nós estava organizado, mas nós estava só com dez pessoas (na frente do movimento) na Prainha do Canto Verde, doze, não estava com trinta ou quarenta, porque as comunidades que não era reserva e que tinha grupo organizado igual a nossa, nos últimos quatro ou cinco anos não seguraram. Foi assim com Tatajuba, foi assim com Maceió, lá em Camucim.¹⁹ Quer dizer que nós também não tinha aguentado, como a cada dia a gente vem mostrando, mesmo o único apoio que aqui ou acolá nós tínhamos, era do poder público municipal e hoje nós estamos com o poder público municipal, nós estamos com o governo federal (Participante 02)

Os nativos vão conseguindo fazer valer a sua vontade pois o conselho deliberativo da Reserva Extrativista, que tem o papel de regulamentar a região abrangida pela Resex, apesar de ser composto por representantes externos (ICMBio, capitania dos portos do Ceará, superintendência do IBAMA, Prefeitura de Beberibe, etc) possui muitos representantes da comunidade (AMPCV, AIMPCVA, grupo das mulheres, dos pescadores, da juventude, da cultura, etc) fazendo que as decisões sejam compartilhadas, porém garantam o atendimento dos interesses da população local.

No conselho deliberativo pegamos pessoas de todos os cantos, da universidade, do Chico Mendes (Instituto), governo do estado, prefeitura, marinha, para onde a gente for tem uma pessoa que conhece a nossa história, faz parte do conselho deliberativo e nós temos a maior cadeira lá dentro, porque qualquer coisa errada, vamos para o voto e dá certo. Qualquer órgão que pensar que está ajudando e depois cismar, botar na cabeça deles que eles querem mudar que nós não quer, nós vamos pra votação e eles caem. Eles não tiram a gente, mas nós tira eles. (Participante 02)

Além das vantagens expostas, a Resex deu muita visibilidade para a comunidade da Prainha do Canto Verde, ela é hoje a maior reserva ambiental do estado do Ceará. O fato de se instituir uma Reserva, além das facilidades de incentivo promovidas pelas políticas públicas, acaba trazendo um maior destaque e reconhecimento da comunidade por pessoas que estão distantes, até mesmo de

¹⁹ Localidades praieiras do entorno.

outras reservas pelo país, que podem unificar as bandeiras de luta, ampliando ainda mais as conquistas.

A prainha já era um pouco conhecida em nível nacional, e a partir da reserva que se uniu com outras reservas, ela passa a ser também defendida por outras lideranças de outras comunidades de outros estados, que muitos deles nem conhece a verdade (Participante 12)

Tem muitas pessoas que nem conhecem a Prainha que defendem a prainha. Isso eu acho que a reserva nesse sentido aí é muito positiva né? (Participante 07)

Tem vários movimentos que apoiam a nossa luta. Movimentos que nunca tínhamos nem ouvido falar mas que ouviram falar sobre a gente, e que vem somar, vem contribuir. (Participante 08)

Scherer-Warren (2002) explana sobre a importância de se fazer redes de solidariedade e estratégicas entre os atores e as organizações de luta cidadã. Ele fala da importância que redes construídas, a partir do tecido social comunitário, cruzem-se com redes construídas a partir do tecido social associativista. Dessa forma os movimentos sociais podem ser frutos do encontro da tradição com a utopia de transformação. Movimentos comunitários podem se articular com movimentos ambientalistas, trocando experiências e cooperação mútua. “Dessa forma problemas da comunidade locais podem se projetar na escala planetária, de forma que novas formas de solidariedade sejam formadas entre os povos”. (Scherer-Warren, p. 53, 2002)

Também foi relatado pelos moradores, e também pela equipe do Instituto Chico Mendes, que a Resex da Prainha do Canto Verde é diferenciada quando comparada com outras reservas extrativistas, especialmente pela velocidade que consegue construir seus organismos de gestão. Isso se deve especialmente pela capacidade de articulação da comunidade. Como falamos, as reuniões nunca param, dessa forma o processo de construção está sempre caminhando.

Para ilustrar, podemos citar o exemplo do mapeamento georreferenciado da área, processo longo que busca mapear toda a área da Prainha, casas, marcações, fontes de água, árvores, etc, e que tivemos a oportunidade de acompanhar uma parte. Esse processo é muito completo e exige diversos ajustes. Ele foi feito conjuntamente pelo departamento de Geografia da UFC e a comunidade, foram doze encontros seguidos nos sábados para realiza-lo. No final a

própria equipe da UFC confessou que achava que a comunidade não iria aguentar realizar o mapeamento na intensidade que foi feito e que ficaram impressionados com a resistência da comunidade na realização do intento.

Uma coisa é certa que a velocidade que a organização que nós estamos indo é como se as outras reservas estão indo de Gol e nós estamos indo de Ferrari. Reserva que tem dez anos, oito anos, doze anos, agora que estão implantando, agora que terminaram o conselho, né? Nós já implantamos os conselhos, já estamos terminando o acordo de gestão, já estamos terminando os beneficiários, estamos acessando os créditos do INCRA, a bolsa verde, tudo isso são coisas que mostram que nós, que essa organização aqui, vem fazendo a diferença. (Participante 12)

A reserva foi um marco dentro da história de luta da comunidade, foi uma grande conquista que vem possibilitando outras conquistas. “Parecia que a luta mesmo essa coisa mais ferrenha ia parar com a criação da reserva, mas não, continua ai , parece que na mesma força né? Se ainda tem embate a gente continua combatendo, é isso.” (Participante 11). Assim percebemos que a reserva hoje potencializa essa luta, pois legitima as decisões coletivas dos moradores e ao mesmo tempo permite a conservação da natureza. Ela é de grande importância não só na preservação física do ambiente, incluindo aí sua biodiversidade, como também a preservação cultural e do atual modo de vida da comunidade.

6.2 Entrevistas

A análise de conteúdo das entrevistas foi composta de sete categorias: A falta de participação comunitária; A visão sobre a tranquilidade da Prainha; Questões econômicas e falta de emprego; Sensação de segurança/insegurança; Problemas enfrentados pela comunidade; Conflitos entre os moradores; Reserva Extrativista.

Utilizamos a terminologia “participante” para relatar o discurso dos sujeitos que fizeram parte do grupo focal (e participam cotidianamente das ações comunitárias). Para enfatizar a diferença das falas deste primeiro grupo, para a dos entrevistados (que não participam cotidianamente das ações comunitárias)

utilizaremos a terminologia “entrevistado” no discurso deste segundo grupo, conforme explicamos na metodologia.

Aqui traremos algumas comparações com os resultados dos grupos focais, para ressaltar a diferenciação entre os pensamentos, posicionamentos e sentimentos entre os sujeitos participantes e os não participantes.

6.2.1 A falta de participação comunitária

A maior parte das entrevistas que fizemos foi de sujeitos que não participam muito das atividades comunitárias, mas que iam a algumas reuniões ampliadas da reserva. Ou seja, que embora não tivessem um compromisso participativo, não tinham nenhum empecilho em participar deste processo.

Para falar a verdade eu não vou. Porque não sou associada a associação aí as vezes eu vou mas as vezes eu não vou não. (Entrevistado 02)

Eu custo a ir, mas aqui ou aculá eu participo. (Entrevistado 03)

Não vou muito não, só vou quando eles dão o papelzinho para a gente ir, para explicar algum benefício (Entrevistado 06)

Eu nem ia para reunião, mas chegaram o pessoal aí e falou com a gente, porque eu não ia aí eu comecei aí, mas não vou sempre não. É bom porque daí a gente vai ter alguma coisa né? Está conversando, está decidindo né? (Entrevistado 01)

Apenas dois moradores relataram que nunca participam das reuniões. Vale ressaltar que estes dois sujeitos se recusaram a participar da parte da pesquisa que incluía o preenchimento do IGMA, apenas aceitaram ser entrevistados.

Eu realmente nunca vou. Já fui, mas não vou não, não gosto. (Entrevistado 10)

Eu não participo de nada, nada, nada, nada, nada, nada. (Entrevistado 08)

Apesar da pouca participação deste grupo a maior parte dos moradores relatou que concorda com as atividades e acha que elas trazem ganhos para a população:

Das que eu fui eu achei bom né? Porque eles querem tentar trazer projeto para cá, aumentar mais a praia né? (Entrevistado 02)

Tudo que tem aí eu concordo, embora que eu não frequento muito. Mas eu acho bom quem frequenta, aqui e aculá eu frequento, e acho bom, porque eu moro aqui na reserva, sou de dentro, sou moradora (Entrevistado 04)

Eu acho bom. Não sei porque não participo. Mas é bom pra gente né? Eles conseguem várias coisas aqui para a comunidade. Seria até bom eu participar mesmo, eles chamam, mas eu vou, mas não vou sempre. (Entrevistado 06)

Alguns sujeitos trazem razões pessoais para a falta de participação, mas os principais motivos são a falta de compreensão e os conflitos que ocorrem especialmente nas reuniões ampliadas, que envolvem decisões deliberativas da Reserva, na qual as visões das duas associações muitas vezes são contrapostas:

Porque eu não vou mesmo. Tenho preguiça, por isso. (Entrevistado 02)

Eu não vou por causa dos meninos que eu cuido, né? Tenho que ficar olhando eles. (Entrevistado 04)

Para falar a verdade eu não entendo muito bem não. Porque é aquela coisa uns fala mal do outro, outro fala bem do outro, e você fica naquele circo, você não sabe nem de que lado você esteja, você fica só observando. (Entrevistado 03)

Quando começa as vezes que tem briga, eu saio de fininha. (Entrevistado 11)

É que eles dizem que tem uma reunião sobre “isso”, aí quando chega lá estão falando de outra coisa, demora muito para falar daquilo que eu quero saber, fica falando de outras coisas de outras reunião que já passou, aí as vezes não estou nem prestando atenção e nem entendo o que tão falando. (Entrevistado 05)

6.2.2 A visão sobre a tranquilidade da Prainha

Os relatos dos moradores entrevistados coincidem com a visão obtida no grupo focal quanto a tranquilidade do local. A maior parte dos entrevistados narrou a comunidade como um local tranquilo e sossegado.

Aqui a vida é boa, tranquila, a gente não vê nenhum tipo de violência. (Entrevistado 01)

Rapaz, viver aqui é bom assim o descanso. (Entrevistado 03)

Aqui não tem muito movimento, é bem calmo (Entrevistado 09)

Alguns sujeitos como aconteceu no grupo focal conotaram isto positivamente se identificando com a calma e identificando o local como bom para viver por conta deste aspecto, identificando-o como um lugar agradável e bom para criar os filhos, discurso que foi unânime no grupo dos sujeitos que participam frequentemente das ações comunitárias.

É uma moradia muito boa. Nos outros cantos a gente não pode andar, as crianças não podem brincar, não podem ser livre. Aqui eles podem ficar brincando em todo canto e a gente fica tranquila. No Iguape, de onde vim, não tinha essa liberdade que tenho aqui, porque lá é interior mas bem dizer é uma cidade. (Entrevistado 04)

Parajuru, Maceió, sobre esses lugares aí a Prainha é muito mais melhor, mais descansado, mais tranquilo. (Entrevistado 06)

A prainha em relação aos lugares próximos é melhor porque aqui tem mais condições que em outros lugares que a gente vê que não tem nada. Por que tem, um lugar bem ali que é a Coreia que realmente não tem nada, mas aqui tem. É tranquilo mais tem. Aqui é muito melhor que os outros lugares. (Entrevistado 01)

Por cima de pau e pedra aqui é mais melhor que os lugares aqui perto, pra mim, não sei para os outros. Aqui é bom porque não tem muita gente de fora. Por que os de fora trás as coisas ruins né? Se muita gente de fora que tomasse de conta aqui era mais violento. Quando tem aqueles piqueniques que vem gente de fora e fica aí na praia, eu pelo menos, os meus (filhos e netos que cria) não saem de casa para ir tomar banho para ir para um canto e para outro não, porque eu não deixo, onde tem o pessoal de fora pode trazer muita coisa ruim. Teve um tempo aí que vieram uns tive uma briga aí foi uma violência medonha aí na praia, o pessoal de fora. (Entrevistado 04)

Porém com os sujeitos que participam menos das atividades comunitárias o discurso não foi homogêneo como aconteceu no grupo focal, pois alguns viam a tranquilidade do local como algo inconveniente, como se isso significasse um atraso, gerando problemas para a comunidade. Vale ressaltar que os dois sujeitos que não participam de nenhuma atividade comunitária, estão entre os sujeitos que compartilharam essa percepção mais negativa da tranquilidade.

A prainha é mais tranquila já os outros lugares são mais movimentados, tem mais coisas, cada qual tem seu emprego, tem sua vida para viver melhor, porque aqui não tem nada. (Entrevistado 03)

A prainha não tem uma lotérica para poder a gente pegar um dinheiro tem que ir para uma localidade próxima, não tem uma farmácia, tem mais pouca como se fala, então aí é ruim né? (Entrevistado 08)

Pra vocês que estão passeando (pesquisadores, turistas, etc) é tudo ótimo. Para a gente que mora aqui a gente sente falta das coisas. (Entrevistado 10)

Digamos Beberibe você sabe que é uma cidade pequena mas que se torna uma cidade grande, tem emprego, tem muitas coisas para as pessoas viver. (Entrevistado 03)

6.2.3 Questões econômicas e falta de emprego

Percebemos que boa parte dos sujeitos que não participam das ações comunitárias relacionam a tranquilidade do lugar com falta de desenvolvimento e renda. A principal problemática relatada de forma praticamente unânime entre os entrevistados foi a falta de emprego.

Eu nunca fiz nada nessa praia, nunca trabalhei aqui, aí a ruindade é só essa mesma. (Entrevistado 01)

Emprego da onde que tem aqui? Não tem. Emprego aqui é só a pesca mesmo. (Entrevistado 08)

É ruim porque não tem emprego para poder se manter. (Entrevistado 10)

Ter alguma coisa para a pessoa trabalhar para não ficar só em casa. Muitas pessoas precisam de um trabalho não tem (Entrevistado 04)

Porque não tem trabalho, para uns e outros não, né? Como tem o trabalho no colégio, quem é professor, quem é zelador, mas se não for a pesca aqui, o pescador não tem nada melhor. (Entrevistado 06)

A economia da localidade está toda ancorada na pesca. Vários entrevistados relatam essa atividade econômica como a salvadora da sobrevivência na região. Porém, percebemos que os moradores da comunidade não se referem a ela como trabalho. Peguemos como o exemplo o entrevistado 01 que nos afirmou acima que nunca trabalhou na Prainha. Porém pouco depois ele nos conta que: “Se tem uma coisa que eu adoro é a pesca. Quando a gente vai para dormida, que é o alto, que a gente chama, passa quatro dias, três noites. E quando não, a gente sai cinco horas da manhã e volta três da tarde. Sempre que posso estou no mar”. No discurso dele ele nunca trabalhou, embora seja um pescador ativo, ou seja, para ele pescar não é trabalhar.

Ainda nas falas acima, o entrevistado 06 se refere como exemplo de trabalho aqueles moradores que exercem a atividade de professor, zelador, etc, ou seja, os “sujeitos que trabalham” são os que possuem vínculo empregatício, e dá a

entender que quem não possui essas atividades então acaba tendo que sobreviver da pesca.

É muito curioso que em uma comunidade que sobrevive essencialmente da pesca os sujeitos não se referirem a ela como um trabalho. O objetivo da pesquisa não era se aprofundar nas questões econômicas e de trabalho, mas acreditamos que um estudo posterior que buscasse entender melhor porque esse fenômeno acontece fosse interessante. De qualquer maneira caso realmente os moradores não se refiram a pesca como trabalho, em uma comunidade que sobrevive essencialmente desta atividade, fica fácil entender porque a sensação de desemprego generalizado é tão grande.

No grupo focal os sujeitos que tinham trabalho formal relatavam que queriam participar, porém “trabalhavam”, como se os demais, por serem pescadores, não trabalhassem. Não tivemos a oportunidade de explorar melhor essa questão pois a percepção deste fato só se deu já na análise dos dados.

Para se ter uma ideia da relevância da pesca para a região, e notar como ela se encontra marcada na representação de lugar dos sujeitos, faremos um breve parêntese para colocar algo que nos chamou a atenção na metodologia dos mapas afetivos: Dos trinta e três desenhos gerados pelos moradores, na metodologia dos mapas afetivos, quando solicitamos que os sujeitos representassem a praia, quatorze deles, mais de 40%, possuíam visivelmente a retratação de pelo menos uma jangada.

Não é apenas a falta de emprego a única reclamação que envolve a questão econômica dos sujeitos entrevistados. Um destes, que era comerciante, reclamou muito da falta de movimento na praia, da falta de turistas.

O movimento cadê? E hoje é sábado. Estou aberto desde de manhã, e o que eu vendi aqui foi pra vocês. Por exemplo, Canoa Quebrada rola dinheiro, aqui não. [...] É porque caiu muito esse negócio de peixe. Caiu muito. Tudo depende de muita coisa, se tá bom pra você, está bom pra mim. Aqui é assim. Se está bom pros pescadores está bom pra gente. Tudo depende um do outro. A vida é essa. Por exemplo, lá em Beberibe está ruim pra todo mundo. (Entrevistado 10)

A falta de pescado no mar foi algo que ouvimos muitos pescadores reclamar durante o decorrer da pesquisa, não só na Prainha do Canto Verde mas

em muitas localidades próximas também. Eles vem enfrentando a queda na pesca da lagosta há vários anos, e nestes últimos a captura da lagosta foi quase zero. Isso vem acontecendo pela soma de dois fenômenos, um local e um global. O primeiro é a pesca utilizando compressor por boa parte dos barcos que vem de lugares vizinhos pescar nessa parte do litoral, especialmente do Rio Grande do Norte. Essa prática é ilegal mas a fiscalização não é suficiente para contê-la. O segundo é a mudança climática que vem acontecendo devido ao aquecimento global, que tem modificado a temperatura dos oceanos, alterando toda a vida marinha.

Vale apenas retornar aqui a discussão do desenvolvimento sustentável. Kuhnen (2011) adverte que o grande desafio do desenvolvimento sustentável é de equilibrar o crescimento econômico equitativo entre as nações e conservação do meio ambiente. Isso ocorre também nos micro contextos.

Percebemos que os moradores que participam das atividades comunitárias não levantaram em nenhum momento as dificuldades econômicas enfrentadas no local e enfatizaram bastante a questão da preservação alcançada na localidade. Já aqueles que não participam também relataram a importância do contato com a natureza, mas enfatizaram as dificuldades econômicas do lugar.

Podemos refletir que o grande desafio é justamente conseguir um desenvolvimento sustentável para a comunidade, que contemple o desenvolvimento nos aspectos econômicos, porém possibilitando a preservação do meio ambiente. Apesar de não termos investigado a questão a fundo, parece haver um antagonismo na localidade onde os moradores mais ativistas tendem a focar na preservação, enquanto os menos participantes enfatizam os desejos de um maior desenvolvimento econômico. Apontamos aqui uma tendência, e não queremos retratar isso nenhuma unanimidade em nenhum dos dois grupos.

Os projetos sociais do governo, voltados para as reservas extrativistas, de certa forma ajudam economicamente a região contrabalanceando um pouco a necessidade do desenvolvimento. Essa contribuição é fundamental até mesmo como contrapartida social do governo e da sociedade, pois diante da necessidade de uma maior preservação de pelo menos locais estratégicos nacionais, como as unidades de conservação, e diante das dificuldades de exploração econômica que enfrentam

essas regiões quando comparadas as terras não protegidas, nada mais justo que a sociedade ajude a arcar financeiramente com o desenvolvimento destas localidades.

Sabemos que a solução para esse conflito não é nem um pouco simples nem em nível global nem no local. O desafio de desenvolver economicamente preservando os recursos naturais é um dos maiores desafios do mundo moderno. A Prainha já tem buscado alternativas nesse sentido como o turismo ambiental, mas talvez um dos aspectos relevantes para ser levantados na localidade, como apontamento desta pesquisa, seja a necessidade fomentar discussões comunitárias, sobre como gerar um desenvolvimento local sem comprometer o equilíbrio natural.

6.2.4 Sensação de segurança/insegurança

A visão dos moradores entrevistados sobre a segurança na região também foi divergente, alguns deles fizeram coro ao resultado encontrado no grupo focal, compartilhando uma visão do lugar como um ambiente seguro e sem riscos para seus moradores e turistas.

A gente não vê nenhum tipo de violência. (Entrevistado 01)

Aqui é seguro, não é que nem a gente vê nos outros cantos aí morte, assalto, e aqui não tem por enquanto aqui. É um lugar bom, tranquilo. (Entrevistado 04)

Aqui a gente pode andar a qualquer hora despreocupado que não acontece nada. (Entrevistado 09)

Porém a sensação de segurança também não é unânime, alguns entrevistados relataram uma outra percepção, a de que a Prainha já foi um lugar muito seguro mas que hoje em dia não é mais tão tranquila assim.

A Prainha já foi boa. A gente dormia até com as portas abertas, por causa da droga não é mais assim. (Entrevistado 06)

Antigamente você podia simplesmente deixar suas coisas na praia. Já teve pessoas assaltada aqui varias vezes Teve gente que foi assaltada que alugou ali a casa redonda. Lá já foi assaltada várias vezes. (Entrevistado 10)

Eu já fui assaltado aqui e em Fortaleza nunca aconteceu isso comigo, está entendendo? (Entrevistado 08)

Sabemos que a sensação de segurança do sujeito não condiz apenas com a realidade da segurança do local, mas que possui um viés subjetivo, é isso que faz com que um mesmo lugar possa ser percebido como seguro por uns e inseguro outros.

Algo que chamou nossa atenção foi que a participante que relatou que antes podia dormir com as portas abertas, mas que agora não podia mais, morava em uma casa bastante pobre que era feita de palha de coqueiro, material muito frágil e que pode ser penetrado com facilidade por qualquer sujeito que deseje entrar na casa, não sendo a porta fechada um empecilho para isto, mostrando que a sensação de segurança/insegurança é subjetiva e não objetiva.

Comparando os relatos do grupo focal com o das entrevistas temos um apontamento que sinaliza que a participação nas atividades comunitárias e a sensação de segurança estão relacionadas, já que no grupo dos sujeitos que participam das ações comunitárias nenhum relato de insegurança surgiu, diferente do que aconteceu no segundo grupo. A relação afetiva do sujeito com o local pode alterar a percepção da segurança/insegurança que ele possui deste. É relevante notar que os dois sujeitos que nunca participam das atividades comunitárias relataram sensações de insegurança na localidade.

Percebemos então uma correlação entre a participação comunitária e o sentimento de segurança na localidade. Mas o que explica esta correlação? Cerqueira (2012) explica que a sensação de segurança está ligada ao sentimento de que as pessoas que estão ao seu redor podem representar um apoio para o sujeito. Dessa forma o enfraquecimento dos laços sociais, acarreta em perda de confiança o que gera um sentimento de insegurança em relação ao local. Assim sujeitos que estão mais envolvidos com a comunidade tem uma tendência a se sentirem mais protegidos em seu território, enquanto os que não se envolvem tanto tem uma tendência a se sentirem mais inseguros.

6.2.5 Problemas enfrentados pela comunidade

Além da falta de emprego e os relatos de insegurança os moradores narraram outros problemas que vem afligindo a comunidade. Os relatos que traziam a chegada das drogas ilícitas na localidade como algo que vinha prejudicando a sociedade local esteve presente em alguns discursos, mesmo que alguns relatassem que nas cidades grandes esse problema ainda era mais sério.

Depois que entrou essa droga já esta começando a fica mais ruim ne? Porque assim você tem um filho, você fica preocupado com seu filho, ai de uma hora para outra quando você vem saber do seu filho está nesse serviço, já não presta mais. Ele não vai dizer: 'mãe, eu me envolvi com isso'. Os outros é que vão saber, quando você vem saber ele já está tomado nas drogas, você já não pode mais fazer nada. (Entrevistado 03)

Esse negócio de droga que acaba com tudo, festa não, porque aqui não tem esse negócio de festa, maioria é só esse negocio de droga, mas acho que é todo canto. (Entrevistado 04)

Tem umas coisas ai, droga, isso e aquilo mas é pouca, não é como cidade grande né? (Entrevistado 02)

Além da droga outro problema que os moradores narraram foi a falta de assistência do governo, relatando tanto a escassez de médicos e medicamentos, como a falta de agentes de saúde.

Agente de saúde que não vem, a gente quer saber de uma coisa, não tem. O meu menino aqui vai fazer sete meses e não sei nem quantos quilos ele tem. Tem vacina atrasada dele, era para mim ter dado sexta feira mas como sexta feira não tem atendimento no posto só tem dia de quinta, está atrasada. (Entrevistado 04)

Medico aqui é a coisa mais difícil. Porque se vem para você conseguir uma ficha aqui para você se consultar você tem que sair três horas da manhã aqui no posto. O medico quando vem atende poucas pessoas e ainda não traz medicamento, anota num papel e diz: 'Vá comprar'. Sem ter dinheiro, como é que compra? Para mim a saúde aqui é muito devagar. (Entrevistado 06)

Tivemos mais discursos relatando os problemas da comunidade dentre os sujeitos que não participam cotidianamente das ações comunitárias que no grupo focal. Acreditamos que isso tenha acontecido, não porque eles não sofram com problemas semelhantes, mas sim, pois devido aos sentimentos deste segundo grupo, em relação ao lugar, serem mais potencializadores, houve uma ênfase mais das coisas positivas que das negativas. No segundo grupo os relatos foram mais

mistos, tendo mais espaço para emergirem os problemas cotidianos enfrentados pela comunidade.

6.2.6 Conflitos entre os moradores

Assim como no grupo focal também surgiram relatos sobre os conflitos que ocorrem nos espaços políticos da Prainha do Canto Verde. Vimos acima que os entrevistados relataram que os motivos que os fazem não participar das reuniões da comunidade, além da falta de compreensão são as brigas que ocorrem nestes espaços.

Se for ter uma reunião da Reserva Extrativista amanhã, tem que vir policial, senão não termina a reunião. Em cada porta tem que ter uma polícia armada. A ultima reunião que teve foi o problema da reserva. As pessoas agriem umas as outras. (Entrevistado 08)

Esse negocio de associação é um negocio muito complicado o pessoal briga demais não sabe resolver as coisas. (Entrevistado 04)

Porque aqui é muito complicado. A prainha esta muito complicado. Uma vez eu estava aqui e dois pescadores quase se matam, se agarram, brigam, um fala uma coisa o outro fala outra. (Entrevistado 08)

Percebemos que na visão dos sujeitos que não participam cotidianamente nas ações comunitárias os conflitos são percebidos de forma bem mais intensa que para o grupo que participa. Como podemos lembrar, no grupo focal, apesar de relatar os conflitos que ocorrem, os sujeitos deram ênfase na sua capacidade de solução pacífica, entendendo que em os moradores da Prainha são um grande família. É bem curioso isto, pois são os sujeitos que participam das atividades que estão mais propensos a se envolver nestes conflitos. Assim, os sujeitos que se envolvem nos conflitos, dão menos ênfase as “brigas” que aqueles que não estão diretamente envolvidos, que possuem uma visão mais negativa destes eventos, servindo até como motivo para afasta-los das atividades comunitárias.

Tivemos a oportunidade de observar também a divergência de opiniões dentro da mesma família. Não tivemos oportunidade de investigar melhor mas presenciemos esse fenômeno duas vezes durante a aplicação das entrevistas, e exatamente com os dois sujeitos que relataram nunca ir as reuniões comunitárias, e

que apresentaram uma visão mais negativa sobre os movimentos de participação popular.

As entrevistas dos sujeitos que não participam cotidianamente das atividades comunitárias ocorreram quase sempre dentro de suas residências, e nesses dois casos, as esposas interromperam a entrevista para se contrapor a opinião do marido. Ambas não participam cotidianamente das atividades comunitárias, mas relataram que iam para algumas reuniões.

No primeiro caso, havia ocorrido um fato no dia anterior que foi a retirada das marcações (estacas) que moradores tinham feito de forma irregular. A marcação irregular acontecia bastante antes da reserva, e continuava ocorrendo algumas vezes depois que esta foi instituída. A marcação irregular acontece geralmente quando os moradores colocam cercas em pedaços da praia próxima de sua residência, como que ampliando o seu território, muitas vezes para guardar terra para seus filhos mais novos, ou que moram em Fortaleza. Essas marcações são irregulares, pois dentro da reserva o processo para se solicitar a demarcação de terra para os filhos dos moradores tem um caminho burocrático que precisa ser seguido. É necessário entrar com uma solicitação e a terra é concedida dentro do plano de manejo, e possui uma metragem especificada, de preferência próximo a residência dos pais. Ou seja, não é simplesmente ir lá e cercar um determinado terreno que lhe pareça conveniente.

O marido (entrevistado 08) criticava atitude da gestão da reserva em parceria com o Instituto Chico Mendes de ter derrubado as cercas, alegando que era assim, com a cerca, que os moradores poderiam garantir uma terra futuramente para seus filhos. A sua esposa entrevistou de forma bastante incisiva lhe criticando e dizendo que era justamente a derrubada das cercas, e a proteção conseguida por meio da Reserva Extrativista que possibilitava que a terra estivesse garantida para seus filhos.

O segundo caso ocorreu com o entrevistado 10 que foi o único sujeito que relatou desejo de ir embora da Prainha do Canto Verde. Quando ele teceu críticas a reserva e disse que iria procurar uma cidade maior para viver, ela o interrompeu e

disse que se ele fosse iria sozinho, sem ela e os filhos. Completou dizendo que: “Quando tem muito acesso também vira bagunça. Aqui, só não vira bagunça porque tem essa Reserva Extrativista. Se não já tinha virado bagunça”.

6.2.7 Reserva Extrativista

Também em relação a Reserva Extrativista encontramos posicionamentos divergentes entre o grupo que não participa muito das atividades comunitárias. Alguns moradores percebem a reserva como uma conquista importante para a comunidade.

Acho que essa reserva aí é o que faz com que nós tenhamos a terra garantida para os nossos filhos. Se não fosse isso eu nem sei como é que estava isso aqui agora. Daqui a pouco isso aqui era uma Canoa Quebrada, tudo era dos gringos. (Entrevistado 09)

Do jeito que estava se não tivesse sido feito a Reserva eles tinham tomado tudo dos nativos. A única solução para a gente na época era mesmo o governo federal. (Entrevistado 07)

Os moradores relataram também alguns benefícios conquistados pelas lutas comunitárias, algo que traz uma intrínseca relação com a Reserva Extrativista, já que ela é responsável pela vinda de muitos projetos para a comunidade, como a recente parceria com o INCRA, e pelo recebimento da “bolsa verde”²⁰. Mas relataram que esses benefícios não chegam para todas as pessoas.

Muitas pessoas aqui são beneficiadas com os projetos lá que são da Reserva, né? Teve o projeto do Incra agora que ele (marido) entrou, mais outro pessoal aí, a bolsa verde. (Entrevistado 06)

Para o pessoal eu acho que é bom, eu nunca ganhei nada não, sobre negocio da comunidade eu nunca fui beneficiada com nada de comunidade, nada, nada, nada, nada. Aqui já veio muita coisa de comunidade, veio banheiro, caixa d’água, vazante, veio tudo, tudo, muita coisa mas para mim não, nunca, minha casa aqui não tem nem um pau sobre negocio de associação não. Mas eu dou graças a deus porque meus filhos já ganharam, minha irmã já ganhou, minha filha, estou muito agradecida, eu não ganhei, mas estou muito agradecida por eles. (Entrevistado 04)

²⁰ O Programa de Apoio à Conservação Ambiental, Bolsa Verde, lançado em 2011, concede a cada trimestre, um benefício de 300,00 às famílias em situação de pobreza que vivem em áreas que são consideradas prioritárias para conservação ambiental.

Percebemos que com a Reserva Extrativista existe a ampliação de direitos por parte da comunidade. Scherer-Warren (2002) afirma que a tradição cultural política brasileira, é predominantemente autoritária e elitista e a apropriação de alternativas mais populares sempre foi cooptada pelas elites detentoras de poder, embora se justificando por discursos pseudodemocráticos. Porém, o autor relata que na ação intercruzada de múltiplas formas de organização começam a criar legitimidade novas formas de agir democraticamente, modificando o cenário nacional e gerando uma série de conquistas. Dentre estas, estão a criação de novos direitos a partir da regulação de dispositivos da Constituição Federal de 1988, que só estão sendo obtidos pela formação de variadas redes de movimentos sociais organizados. Dentre estes está a criação de novas Unidades de Conservação, como ocorreu em 2009 na Prainha do Canto Verde com a criação da Reserva Extrativista. As reservas extrativistas, bem como outras formas de unidades de conservação, criam importantes direitos para a comunidade local como contribuem para a conservação do planeta.

Surge também aí a ideia da necessidade de criação de novos direitos (os direitos de terceira geração), que venham dar respostas às exigências criadas pelos valores dos novos movimentos sociais, como em relação a degradação ambiental, seja por meio de lutas mais gerais, como pela criação de Unidades de Conservação, Áreas de Proteção Ambiental, e Movimento da Cidadania pelas águas, seja em outras mais territorializadas como nas experiências das Agendas 21 Locais. (SCHERER-WARREN, p.49, 2002)

Também encontramos moradores demonstrando desconhecimento em relação ao que era a Reserva Extrativista, alguns dizendo que não entendiam porque aquele lugar era considerado uma, ou até afirmando que ali não havia Reserva. Também houve reclamação sobre a falta de fiscalização, que é fundamental para qualquer Resex, especialmente em relação a parte marítima, que faz com que alguns moradores desacreditem dos benefícios dela.

Sobre a reserva aqui na praia já faz muito tempo que tem essa reserva, mas nunca ninguém viu nada dessa reserva aqui,. Porque reserva a negrada (pessoas) diz que existe, mas nunca ninguém viu. Nunca chegou gente aqui para dar o baculejo (fazer a fiscalização) aqui nas coisas que é pra dar, as vezes chega barco ai que nem a negrada foram ontem aí, chegaram de fora e levaram o material da gente. Aí cadê essa reserva? Não tem reserva. Tem na boca deles, mas não chega gente ai para dizer impedir as coisas erradas. (Entrevistado 01)

Se existe reserva eu não sei, por que eu não participo da associação, eu não sei. Reserva para mim é uma coisa reservada, tipo um zoológico, aqui não é uma reserva, eu não acho uma reserva. (Entrevistado 02)

Teve uma reunião aqui com várias pescadores porque estava vindo mergulhador de Maceio, vindo pescar aqui levando as Marambaia. Estavam levando tudo. Cadê a fiscalização? Cadê a reserva? (Entrevistado 07)

Um dos moradores fez uma crítica ao desrespeito das normas instituídas de forma coletiva pela Reserva Extrativista, e pela falta de punição para os sujeitos que cometem as infrações.

Aqui chegaram dizendo que era proibido a pessoa ir pro mar só, não podia ir para o mar só, e a maioria tá indo, todo dia tem ai cabra só no mar. Aí não tem, a negrada (pessoas) dizem que tem fiscalização, mas não tem, porque era pra ter. Não pode ir pro mar só? Não pode ir pro mar só. Tem que obedecer. (Entrevistado 01)

Outro entrevistado fez também uma crítica a falta de investimento em estudo na área, em especial para sanar os problemas da pesca, como o desaparecimento da lagosta. Ele acredita que se na Reserva Extrativista tivesse mais vigor nas fiscalizações e ela conseguisse atrair mais estudos científicos eles não estariam passando por dificuldades em relação a falta de pescado.

Eles fizeram a Reserva Extrativista e não apresentaram nenhuma proposta. Nenhum diagnostico. Nós não temos do governo federal, da universidade, nada voltado pra pesca aqui. Por que aqui não tem lagosta. Acabou-se. Não tem lagosta. Porque que não tem lagosta? Por que uma reserva com cinco anos, era pra ter alguma idéia. [...] O pessoal da universidade há cinco anos estão aqui dentro. E até agora ninguém soluciona nada. Vamos ver, vamos pesquisar, vamos fazer um estudo na reserva. (Entrevistado 07)

Este entrevistado critica os responsáveis por gerir a Reserva por se preocupar muito mais com a parte terrestre que com a marítima. Ele diz que “Se você for pra uma reunião da Reserva Extrativista e for discutir esse problema eles ignoram. Querem falar sobre regulamento, essas coisas. Por exemplo, não tem nunca uma reunião sobre o mar, sobre a questão da pesca. Por exemplo agora vai ter.” (Entrevistado 07). Poucos minutos antes, quando já estávamos conversando, uma liderança passou convidando-o para uma reunião para discutir a questão da pesca e pedindo ajuda na convocatória. Vale ressaltar que acompanhamos a reunião do qual falava, voltada para discutir os problemas da pesca, que aconteceu no dia seguinte, mas o mesmo não esteve presente.

Quanto à fiscalização, os próprios fiscais do Instituto Chico Mendes com que conversamos compartilharam que não conseguiam fazer a fiscalização necessária por falta de verba, elas ocorrem apenas em momentos pontuais e não de forma contínua, dependendo da liberação de recursos que segue uma agenda nacional.

Percebemos que os sujeitos que não participam cotidianamente das atividades tem um olhar mais crítico para a reserva, talvez isso aconteça por não estarem empenhados e comprometidos nas soluções que são buscadas cotidianamente de forma coletiva. Conciliar interesses divergentes, opiniões contrárias, na busca por um bem comum, que seja justo para todos, por meio da democracia, é uma tarefa de grande desafio.

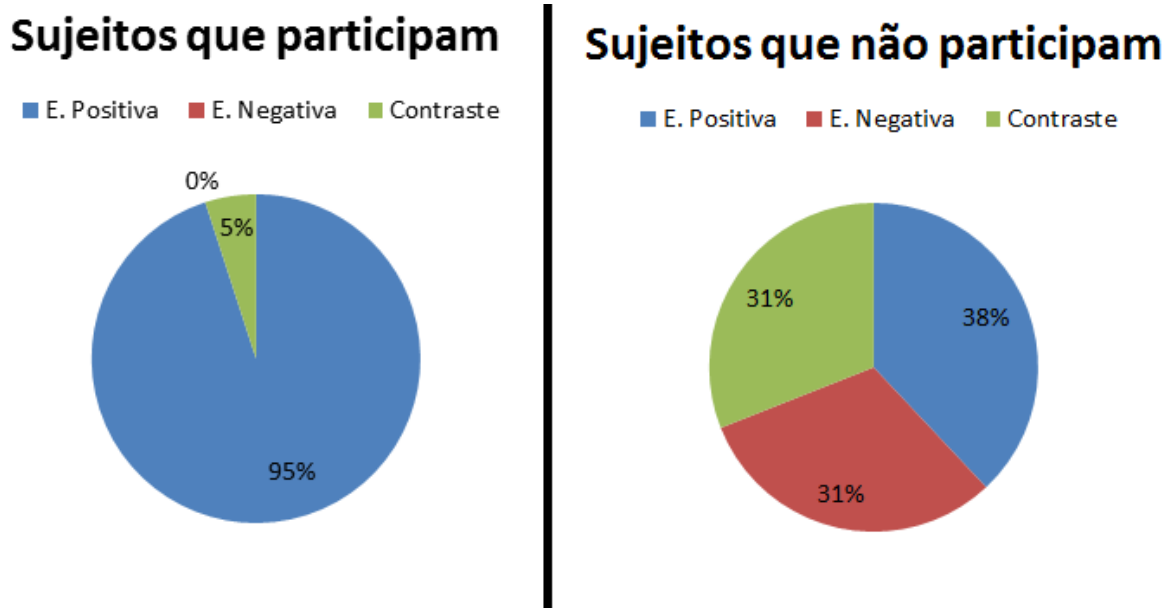
6.3 Mapas Afetivos

Foram analisados um total de trinta e três mapas afetivos, de sujeitos de dezoito a setenta e três anos, ambos os sexos, de nível educacional que variava entre o analfabetismo (foi dado a possibilidade de fazerem apenas o desenho e ditarem o conteúdo) e o ensino superior completo. Vinte se classificaram como participantes das atividades comunitárias, e treze como não participantes.

Vimos no item 2.2.7 que a estima de lugar positiva, abriga as categorias de “agradabilidade” e “pertencimento” e que a estima de lugar negativa compreende as categorias “insegurança” e “destruição”, e ainda que a categoria “contraste”, por sua ambiguidade, pode ser indicadora de qualquer uma destas estimas.

A partir da análise da parte qualitativa dos mapas afetivos pudemos comprovar que a participação comunitária na Prainha do Canto Verde aumenta a estima positiva de lugar, tendo em vista que um número significativamente maior de sujeitos que participam das ações comunitárias (grupo 01), ou seja 95% dos sujeitos, possuem um estima positiva de lugar, enquanto no grupo dos que não participam, 38% possuem essa estima. Quando comparamos a estima negativa percebemos que nenhum dos sujeitos que participam possuem essa estima, enquanto 31% dos sujeitos do grupo 02 apresentam a estima negativa.

Gráfico 1: Distribuição percentual da estima de lugar

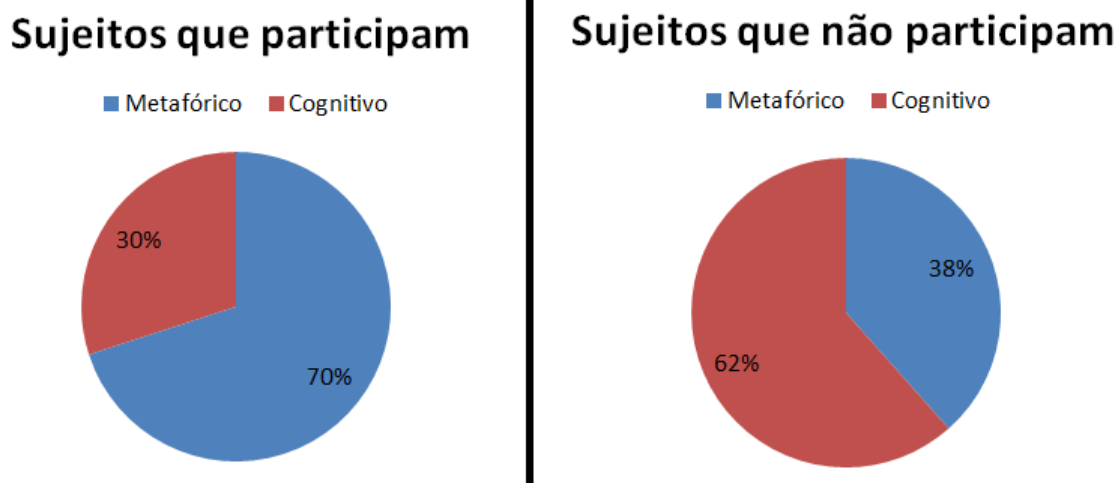


Fonte: elaboração própria

Dessa forma percebemos que os sentimentos e emoções dos moradores da Prainha em relação ao seu lugar trazem uma correlação com sua participação nas atividades comunitárias, assim como demonstrou a tese de Bomfim (2010) que afirma que a “estima é um indicador da ação do indivíduo na cidade e de sua participação cidadã. A estima pode ser tomada como eixo orientador da implementação de ações que pretenda buscar o envolvimento da população em questões urbanas e ambientais” (BOMFIM, p. 219, 2010).

Quanto à análise da estrutura dos mapas, dos vinte sujeitos que participam das atividades comunitárias tivemos quatorze mapas metafóricos (70%) e seis cognitivos (30%). Já dos sujeitos que não participam dos treze mapas tivemos cinco metafóricos (38%) e oito cognitivos (62%). Alguns estudos anteriores utilizando a metodologia dos mapas afetivos já tinham indicado que estimas positivas tem uma maior tendência de retratar mapas metafóricos enquanto estimas negativas uma maior concentração de mapas cognitivos. Essa tendência se confirma também aqui, mostrando que a estima influencia a capacidade de metaforização do sujeito em relação ao lugar.

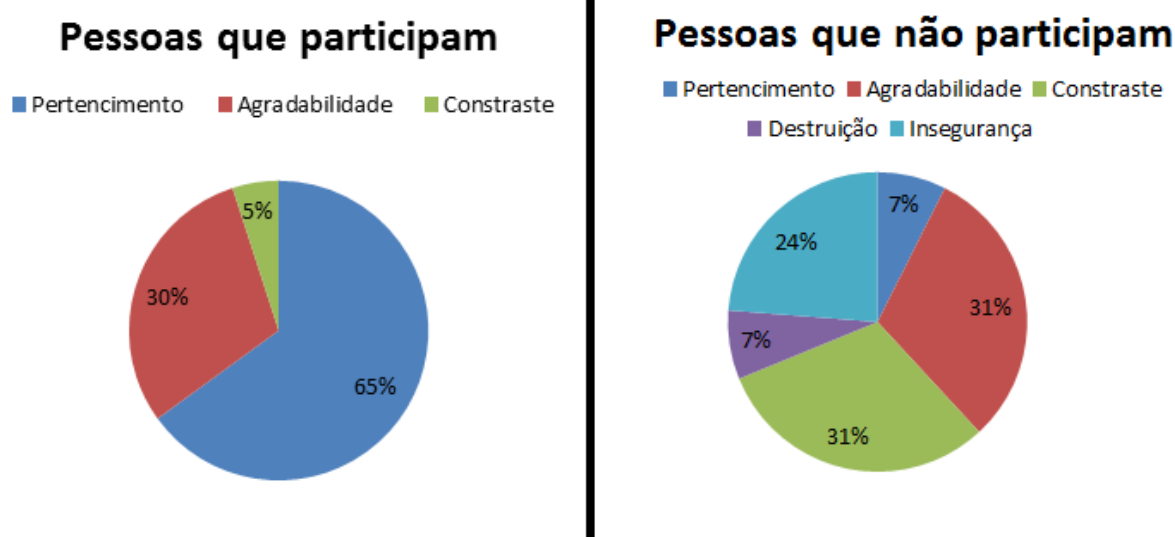
Gráfico 2: Distribuição percentual da estrutura dos mapas afetivos



Fonte: elaboração própria

Em relação à categorização das imagens formadas na pesquisa, dos vinte mapas dos sujeitos que participam das atividades comunitárias foram formadas treze imagens de pertencimento, seis de agradabilidade e uma de contraste. Já dos sujeitos que não participam das atividades comunitárias, dos treze mapas foram formadas quatro imagens de agradabilidade, uma de pertencimento, quatro de contraste, três de insegurança e uma de destruição.

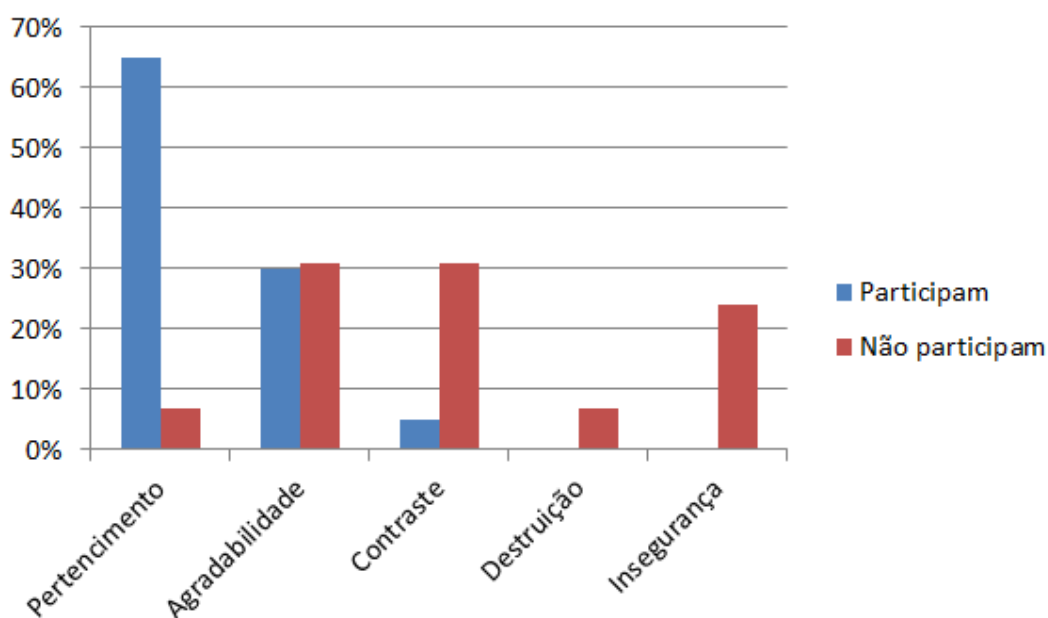
Gráfico 3: Distribuição percentual das imagens dos mapas afetivos



Fonte: elaboração própria

Fazendo uma análise comparativa entre os dois grupos, a partir de cada categoria de imagem, temos o seguinte resultado: Na categoria “pertencimento” foi apresentado o maior índice de diferenciação entre os dois grupos: 65% retrataram esta imagem no grupo 01, enquanto no grupo 02 encontramos apenas 7% de pertencimento. Na categoria “agradabilidade” os resultados foram bem semelhantes: 30% no grupo 01 e 31% no grupo 02. Na categoria “contraste” apenas 5% de sujeitos a retrataram no grupo 01 contra 31% no grupo 02. As categorias “insegurança” e “destruição” não foram representadas no grupo 01 e tiveram respectivamente os índices de 24% e 7% no grupo 02.

Gráfico 4: Distribuição percentual comparativa das imagens dos mapas afetivos



Fonte: elaboração própria

Abaixo analisaremos cada uma das cinco categorias de imagens presentes neste estudo: Pertencimento, agradabilidade, contraste, insegurança e destruição. Apresentaremos cada uma delas trazendo alguns mapas para exemplificar, tanto de sujeitos participantes de ações comunitárias, quanto dos não participantes de ações comunitárias e deixaremos nos apêndices a totalidade dos mapas afetivos analisados. No apêndice 03 traremos os mapas afetivos dos sujeitos participantes de ações comunitárias, e no apêndice 04 traremos os mapas afetivos dos sujeitos não participantes de ações comunitárias.

6.3.1 Imagem de “pertencimento”

Figura 1: Prainha do C.V. Música “Vilarejo”



Fonte: Sujeito participante de ação comunitária

Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Superior	Significado	Este desenho tenta representar como vejo e sinto o Canto Verde. Coloco o desenho das belezas da Prainha dentro de um coração, pois é um lugar que amo muito e que também admiro pela história construída e por tudo que é.
Idade: 24 Sexo: F	Qualidade	Uma praia diferenciada, onde os moradores têm direito para decidir o que é melhor para todos. Um local de luta. Uma comunidade articulada que tem cuidado de preservação da natureza, da sua cultura.
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentimento	Tranquilidade, amor, gratidão, pertencimento, luta
Origem: Prainha do CV	Metáfora	Música “vilarejo” da Marisa Monte. “Há um vilarejo alí, onde areja um vento bom, na varanda, quem descansar ver o horizonte deitar no chão, para acalmar o coração,... terra de heróis, lares de mães, paraíso se mudou para lá”
Associada à AMPV	Sentido	A Prainha do C.V. Música Vilarejo , é aquela em que seu pertencimento , se evidencia no cuidado de seus moradores com preservação da natureza e da sua cultura, despertando sentimentos como tranquilidade, amor, gratidão, pertencimento, sendo assim semelhante ao vilarejo ao qual Marisa Monte retrata em sua música.

A participante em questão participa do núcleo de juventude da AMPCV há dez anos sendo um lugar que ela ama e destacando a participação popular com uma atividade pautada na preservação tanto da natureza como da cultura local.

Figura 2: Prainha do C.V. Cardume de Sardinhas



Fonte: Sujeito participante de ação comunitária

Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Fundamental Idade: 40 Sexo: F Quanto tempo mora local: Nascimento Origem: PCV Associada à AMPV	Significado	Um conjunto de belezas naturais e recursos, modo de vida, liberdade e paz.
	Qualidade	Uma comunidade tradicional e uma RESEX que promove o presente da comunidade e o futuro
	Sentimento	Paz, liberdade, integração
	Metáfora	Cardume de Sardinhas – “que se sente ameaçada pelos predadores e se unem para que ninguém seja comido, e mesmo que alguém fique de fora acabam escapando o máximo de indivíduos”
	Sentido	A Prainha do C.V. Cardume de Sardinhas é aquela em que o pertencimento se traduz pelo empenho que sua comunidade tem para permanecer unida e assim se fortalecer contra qualquer ameaça preservando sentimentos de paz, liberdade e integração.

A respondente deixa clara a necessidade da comunidade se defender, isso faz referência aos diversos conflitos de interesse que existem na Prainha, onde a comunidade precisa se proteger do confronto de eventuais interesses particulares com os da comunidade. Outro fato interessante neste mapa é que a metáfora ter sido a de um “cardume de peixe” mostrando que os sujeitos normalmente utilizam aquilo que está em seu contexto para se expressar, seja por palavras, seja por imagens.

Figura 3: Prainha do C.V. Paraíso IV²¹



Fonte: Sujeito não participante de ação comunitária

Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Alfabetizado	Significado	Este desenho é a minha casa, tudo que eu tenho antes de Deus. Na minha vida e na minha família.
	Qualidade	Um lugar maravilhoso onde nasci e me criei, vivo até hoje com meus pais e outros familiares, que construí minha família e onde vou viver até que Deus permita. Um verdadeiro refúgio.
Idade: 45 Sexo: M	Sentimento	Paz, aconchego, tranquilidade, segurança, amor
	Metáfora	Paraíso
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentido	A Prainha do C.V. Paraíso IV é aquela na qual o pertencimento pode ser percebido pelo desejo dos seus nativos de permanecerem na comunidade e constituírem a sua própria família, percebendo-a como um verdadeiro refúgio que proporciona sentimentos de paz, aconchego, tranquilidade, segurança e amor.
Origem: PCV		
Sem filiação		

²¹ Colocamos a indicação de numeração “IV” pois outras três imagens utilizaram a palavra “paraíso” como metáfora. As demais imagens seguem nos apêndices 3 e 4.

O sujeito enfatiza que é seu lugar porque é onde nasceu, onde vive seus pais, e onde ele escolheu ter também os seus filhos, isso mostra como as raízes desse sujeito estão fincadas neste local, apesar dele não participar das ações comunitárias. Ele foi o nosso único mapa que gerou uma imagem de pertencimento dentre o grupo que não participa das atividades comunitárias.

O pertencimento foi a imagem que predominou nos mapas dos sujeitos que participam das atividades comunitárias, praticamente dois terços da totalidade deste grupo, ou seja, 65%. Já dentre os sujeitos que não participam o percentual de sujeitos incluídos nesta categoria foi de apenas 7%. Os sentimentos que mais apareceram nos treze mapas de pertencimento com sujeitos do grupo 01 foram: União (cinco vezes), tranquilidade (quatro), amor (três), liberdade (três), alegria (duas), partilha (duas), paz (duas), e pertencimento (duas). Também apareceu uma única vez as palavras: amizade, animação, colaboração, coletividade, compreensão, comunhão, coragem, desenvolvimento, determinação, esperança, espontaneidade, fé, força, fraternidade, gratidão, integração, luta, prosperidade, reconhecimento, respeito, satisfação, solidariedade e valorização. No único mapa de pertencimento dentre os sujeitos que não participam das atividades, surgiram os seguintes sentimentos: paz, aconchego, tranquilidade, segurança e amor.

A palavra união ter sido a mais citada evidencia que na Prainha do Canto Verde o pertencimento se manifesta especialmente pela força do “sentimento de comunidade”, tendo em vista que estes moradores se veem e se reconhecem com um laço de identidade grupal, assim como também identificam nesses laços uma rede de apoio e confiança compartilhada (GÓIS, 2008). Dessa forma a potência de ação dos moradores é mobilizada pelo sentimento de comunidade que nos mapas afetivos se evidenciaram através da: disponibilidade de discutir problemas, colaboração para um bem-comum, evidenciação da importância de permanecer unido, no cuidado de estarem sempre velando pela comunidade, na busca por partilhar tanto alegrias quanto dificuldades, no sentimento de solidariedade

manifestado, no reconhecimento de uma história de luta compartilhada, e pela crença de pertencerem a uma comunidade especial.²²

O cuidado com a comunidade em alguns mapas foi relacionado a uma preocupação também de proteção a natureza, apontando para uma potência de ação que se relaciona com a preservação ambiental local. Estes dados parecem apontar para algo que já se evidenciou em outros estudos de Psicologia Ambiental que é a correlação entre o pertencimento e a preservação.

De todas as categorias esta foi a que mais foi se evidenciou: a ação dos sujeitos no cuidado com o coletivo e até mesmo com a natureza. Percebemos aqui o maior índice de diferenciação entre os sujeitos participantes dos não participantes. A sumária diferença de 65% de imagem de pertencimento para apenas 7% dos não participantes evidencia a correlação entre a participação comunitária na Prainha do Canto Verde e o sentimento de pertencimento.

A potencia de ação das imagens de pertencimento se revelam a partir do cuidado dos moradores na superação de suas própria dificuldade, e vão além de si, revelando também o cuidado de uns com os outros. O “conatus” mesmo sendo expressão do desejo individual é fundamento de sociabilidade tendo em vista que se realiza por meio do encontro com o outro (BRANDÃO, 2008).

Potencia de ação é da ordem do encontro, pois remete ao outro, incondicionalmente. O objetivo de cada um é rentabilizar maximamente sua potência, diz Espinosa, ao mesmo tempo que afirma que só o conseguimos quando nos unimos a outros, alargando o nosso campo de ação. Os homens realizam-se com os outros e não sozinhos, portanto, os benefícios de uma coletividade organizada são relevantes para todos, e a vontade comum a todos é mais poderosa do que o conatus individual, e o coletivo é produto de consentimento e não do pacto ou do contrato. (SAWAIA, p. 118, 2002b)

Os mapas afetivos evidenciaram estes encontros mostrando como a partir do outro os sujeitos conseguiram se fortalecer. Além da “união” outros sentimentos foram apontados pelos moradores que geraram imagem de pertencimento que

²² Todas essas características foram citadas nos mapas de pertencimento e podem ser consultadas no apêndice 03.

podem ser remetidos aos bons encontros espinosanos, tais como: partilha, colaboração, coletividade, comunhão, fraternidade, integração.

São elementos do processo de apropriação tanto a ação-transformação como a identificação simbólica (CAVALCANTE, NOBREGA, 2011). O pertencimento dos moradores denota um alto nível de apropriação coletiva por meio destes dois processos, sendo o primeiro demonstrado na luta pela posse da terra e o segundo na organização para o constante melhoramento do lugar, tanto de seu desenvolvimento quanto de sua conservação.

6.3.2 Imagem de “agradabilidade”

Figura 4: Prainha do C.V. Planta



Fonte: Sujeito participante de ação comunitária

Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: 1º grau menor Idade: 59 Sexo: F	Significado	Uma comunidade bonita, natural com suas culturas e tradições.
	Qualidade	Uma comunidade bonita, tranquila, organizada que luta pelos seus direitos e modos de vida. Um local de muita beleza e vida.
	Sentimento	União, amor, prosperidade
Quanto tempo mora local: Nascimento Origem: PCV Associada à AMPV	Metáfora	“Uma planta que cresceu começou a florir, dar frutos e que hoje continua crescendo e espalhando seus galhos”
	Sentido	A Prainha do C.V. Planta é aquela em que a agradabilidade pode ser percebida tanto pelas suas belezas naturais quanto pelo florescimento da organização de luta dos seus moradores para preservar suas culturas e tradições, suscitando sentimentos de união, amor e prosperidade.

A imagem acima destaca o misto entre a beleza natural e a beleza da própria comunidade com suas “culturas e tradições”. Ela demonstra a percepção da respondente do desenvolvimento e prosperidade que a comunidade vem tendo ao longo dos tempos, porém conseguindo manter os aspectos locais como a cultura e se manter bela e sem degradação.

Figura 5: Prainha do C.V. Minha Casa



Fonte: Sujeito não participante de ação comunitária

Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: 1º grau	Significado	A natureza
	Qualidade	Um lugar bom para se viver
	Sentimento	Paz, calma, tranquilidade, liberdade
Idade: 43	Metáfora	Com a minha casa
Sexo: Feminino Quanto tempo mora local: --- Origem: ---- Sem filiação	Sentido	A Prainha do C.V. Minha Casa é aquela em que a agradabilidade se manifesta através do contato com a natureza e por ser um local bom para se viver, gerando sentimentos como paz, calma, tranquilidade e liberdade.

Apesar do respondente não ter preenchido há quanto tempo mora no local, ele escreveu que: “não participo das atividades comunitárias por que não sou daqui”. Diante da lacuna no preenchimento do formulário, não sabemos há quanto tempo o sujeito reside na localidade, mas chama a atenção que, apesar de sentir que a Prainha pode ser comparada com sua casa, não se sente a vontade para

participar das reuniões das associações, mostrando uma possível falta de apropriação do lugar.

A categoria “agradabilidade” teve um percentual muito semelhante entre os sujeitos do grupo 01, de 30%, e os sujeitos do grupo 02, de 31%. Entre os sujeitos do grupo 01 os sentimentos que mais apareceram foram: amor (quatro vezes), seguido de felicidade, harmonia, liberdade, paz, segurança, tranquilidade (todas duas vezes), e alegria, amizade, bem-estar, prosperidade, respeito, simplicidade e união (apenas uma vez). Já entre os sujeitos do grupo dois foram: paz (três vezes), amor, felicidade, e liberdade (duas vezes), bem-estar, calma, harmonia, mansidão e tranquilidade (uma vez). Fica clara uma semelhança tanto em relação aos sentimentos que foram muito semelhantes, quanto em relação as proporções encontradas nos dois grupos nesta categoria.

O que indicou a sensação de agradabilidade foi a paz, calma e tranquilidade da região destacando especialmente suas belezas naturais. A exaltação da natureza revelando a beleza do verde da região, do sol, da praia e do mar estiveram presentes em vários mapas, fazendo com que o local fosse percebido de forma impar pelos moradores que construíram essa categoria de imagem, retratando a localidade como um paraíso, local sem igual, ou “melhor lugar do mundo”. Nos relatos surgiu também a associação da agradabilidade não só a natureza em si, mas ao fato dela ser preservada.

A categoria agradabilidade alcançou um alto índice tanto com os sujeitos do grupo 01 como dos do grupo 02. Nossa suposição era que esta categoria iria, assim como pertencimento, ter um percentual maior entre os sujeitos do grupo 01 que com os sujeitos do grupo 02.

É sabido que os lugares que proporcionam uma íntima relação com natureza costumam elevar os índices de imagens de agradabilidade. Podemos supor que o fato da Prainha do Canto Verde além de ter uma natureza exuberante possuir uma forte política de preservação ambiental, e cotidianas atividades promotoras de desenvolvimento comunitário, pautado na preservação do modo de vida nativo, especialmente devido às ações comunitárias, fez com que as características de

agradabilidade fossem altas para os dois grupos. Quando formos discutir a análise quantitativa dos dados iremos aprofundar um pouco mais o entendimento do porque a categoria agradabilidade conseguiu um índice alto com os dois grupos.

Dessa forma, dentre as categorias de imagens indicadoras de estima positiva, em nosso estudo, a participação comunitária está mais relacionada ao sentimento de pertencimento ao lugar que a sensação de agradabilidade.

6.3.3 Imagem de “contraste”

Figura 6: Prainha do C.V. Família



Fonte: Sujeito participante de ação comunitária

Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: 1º grau	Significado	O meu desenho pra mim ele diz que eu moro numa praia muito linda, que tem um sol maravilhoso, muitos coqueiros e um mar lindo.
Idade: 50 Sexo: F	Qualidade	Um local maravilhoso, com muito verde, um paraíso, pena que algumas pessoas não dão valor e não ajudam a preservar.
Quanto tempo mora local: 42 anos	Sentimento	Paz, alegria, amor
	Metáfora	Família - se uma mãe tem 10 filhos e dois der muito problema, nunca vai ser completa.
Origem: --- Associada à AMPV	Sentido	A Prainha do C.V. Família o contraste pode ser percebido pois apesar de sua natureza maravilhosa, infelizmente alguns não lhe preservam, ela funciona como em uma família em que uns colaboram para o bem comum, mas outros nem tanto, mesmo assim o sentimento de quem lá vive está permeado de paz, alegria e amor.

Percebemos uma preocupação do sujeito com a preservação do local e uma crítica aqueles que ele julga que não contribuem para esse fim, demonstrando um contraste entre o pertencimento dos que cuidam com a destruição provocada pela degradação provocada pelos que não ajudam. Este contraste se revela como potencializador, tendo em vista que o sujeito parece se colocar dentro do grupo dos que cuidam. Essa foi a única imagem de contraste encontrada entre os sujeitos que participam das atividades comunitárias.

Figura 7: Prainha do C.V. Sem Trabalho



Fonte: Sujeito não participante de ação comunitária

Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Superior	Significado	A forma que eu vejo a prainha
	Qualidade	Um lugar que está faltando bastante coisas para se tornar um belo lugar, inclusive emprego, mas que queremos melhorar do modo que todos os moradores de organizem melhor nos seus espaços. Na prainha não tem trabalho, nos outros lugares sim.
Idade: 21 Sexo: F	Sentimento	União, colaboração, convivência, solidariedade.
	Metáfora	Local sem trabalho.
Quanto tempo mora local: ---	Sentido	A Prainha do C.V. Sem Trabalho é aquela em que seu contraste é marcado por um lado pela falta de emprego que assola o lugar e por outro pela busca dos moradores de se organizarem nutridos por sentimentos de união, colaboração, convivência e solidariedade.
	Origem: Parajuru	
Sem filiação		

A respondente levantou a questão da falta de emprego na Prainha do Canto Verde, o que gera o problema da falta de circulação de renda no local. Os problemas econômicos foram fonte de muitos relatos tanto na metodologia dos mapas afetivos como nas entrevistas, especialmente entre o público não participante das ações comunitárias.

A categoria “contraste” obteve apenas uma imagem (5% do total) entre os sujeitos que participam das ações comunitárias relevando os sentimentos de: paz, alegria, e amor. Já entre os sujeitos que não participam 31% representaram esta categoria, um total de quatro sujeitos, os sentimentos que apareceram foram: alegria, solidariedade, tranquilidade e união aparecendo duas vezes, e amor, calma, colaboração, convivência, esperança, liberdade, paz e prazer, apenas uma vez.

Relatamos anteriormente que a categoria contraste, por conta de sua ambiguidade, não aponta necessariamente para uma estima de lugar nem potencializadora nem despotencializadora de ação. Em nosso caso, devido a qualidade dos sentimentos que surgiram como alegria, esperança, liberdade, união, colaboração, de forte conotação positiva e a ausência de sentimentos despotencializadores como medo e tristeza, fica clara a tendência potencializadora da estima dos sujeitos que apresentaram imagens desta categoria na Prainha do Canto Verde.

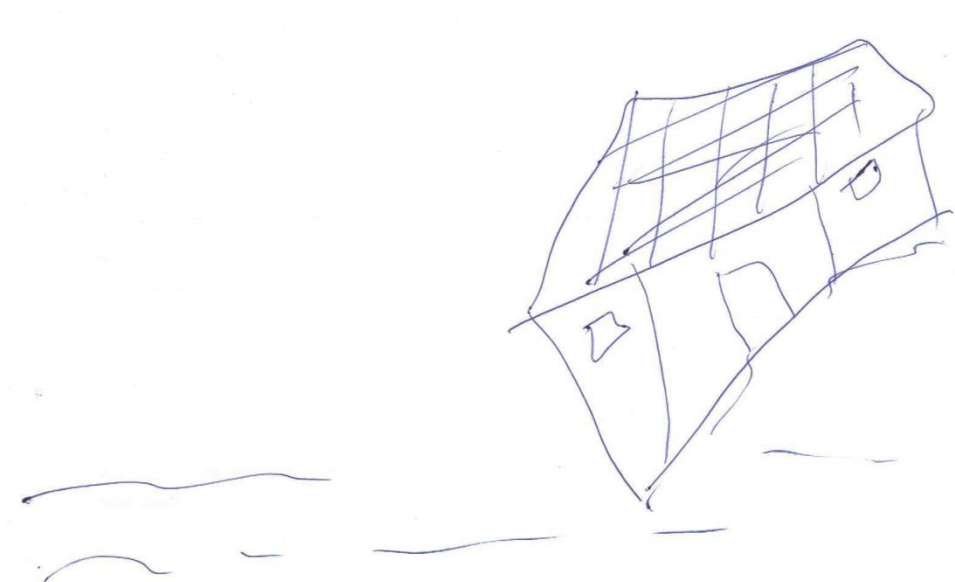
As características de contraste normalmente evidenciaram por um lado os problemas sócio econômicos da cidade, como falta de renda e trabalho, e em outros casos as brigas e falta de colaboração dos moradores, e por outro lado as belas características naturais do local que serviam até para providenciar o sustento local por meio da pesca, aplacando a fraca economia, e da capacidade de organização e superação dos problemas de forma conjunta, com união e colaboração.

Apesar dos sujeitos evidenciarem aspectos positivos e negativos do lugar, os sentimentos indicaram uma maior estima positiva que negativa. Podemos supor que o forte sentimento de comunidade, o engajamento e a preservação ambiental existente, tenham sido alguns dos fatores diferenciais para que mesmo em meio a

uma visão antagônica exista uma tendência a expressão de sentimentos potencializadores.

6.3.4 Imagem de “insegurança”

Figura 8: Prainha do C.V. Perigo



Fonte: Sujeito não participante de ação comunitária

Identificação	Estrutura	Metáforica
Escolaridade: Ensino Médio	Significado	O perigo das dunas, morador em perigo.
	Qualidade	Na prainha do Canto Verde tem pouco emprego.
	Sentimento	Medo.
Idade: 32 Sexo: F	Metáfora	Perigo
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentido	A Prainha do C.V. Perigo é aquela em que sua insegurança pode ser percebida pela vulnerabilidade em que vive parte dos moradores pelo perigo constante de ter suas casas na rota do movimento espontâneo das dunas gerando sentimentos de medo nestes sujeitos.
Sem filiação		

Neste mapa afetivo a respondente trouxe um problema comum na Prainha do Canto Verde, por ser um local com dunas. As dunas não são fixas e se movem de um local para o outro, com o passar dos tempos, dessa forma muitas casas sofrem com essa ação. É comum ver várias casas se valendo de técnicas

artesanais como a utilização de palhas de coqueiro para tentar sanar o problema. Mesmo assim é possível ver na Prainha casas abandonadas, especialmente construções paradas no meio por conta deste efeito.

A categoria “insegurança” não foi retratada entre os participantes do grupo 01, no grupo 02 elas surgiram em três imagens, o equivalente a 24% do total. No primeiro mapa surgiu apenas o sentimento “medo”, no segundo, apenas “disputa” e no terceiro os sentimentos: tristeza, infelicidade, depressão.

Morando nos centros urbanos sempre temos uma tendência de associar o sentimento de insegurança dos moradores com a violência. Nos mapas afetivos da Prainha do Canto Verde, porém, elas retrataram outras realidades diferentes: O medo relacionado ao perigo que é o movimento das dunas, que muitas vezes destrói a residência dos moradores; a vulnerabilidade econômica local; e “super povoação” da comunidade gerando angústia sobre a futura moradia de seus filhos.²³

O medo do morador de seus filhos não terem onde morar no futuro, marca uma profunda diferença perceptual entre sujeitos participantes e não participantes de ações comunitárias, já que um dos aspectos mais evidenciado por este primeiro grupo, no decorrer deste estudo, foi o orgulho que eles tem por saber que vivem em uma comunidade que assegura o direito de terra para os seus filhos, devido a existência da Reserva Extrativista. Isso pode se relacionar ao fato de alguns sujeitos que não participam das ações comunitárias relataram (nas entrevistas) não entender bem o que era a Resex, mostrando que talvez este medo seja fruto de desconhecimento, coisa que os sujeitos participantes não sofrem, devido ao seu nível de conscientização sobre a comunidade e suas regulações.

Os sentimentos de medo, tristeza, infelicidade se relacionam na teoria espinosana e concretamente neste caso com a passividade, se mostrando dessa forma uma potência de padecimento. Os respondentes desta categoria enfrentam problemas concretos como o avanço das dunas, os problemas econômicos, e o medo de seus filhos não terem onde morar, porém, aparentemente, não apresentam

²³ Consulta a partir do apêndice 04.

movimentação para saná-los, cuidado e engajamento na superação, revelando aqui um conformismo que aponta para o padecimento.

Vimos que os sentimentos de segurança e insegurança são determinados por uma série de fatores, físicos, subjetivos e sociais, independente da concretude do risco ou ameaça que o sujeito de fato está vivenciando. Aparentemente este sentimento está, entre outros fatores, ligado a participação e relação social dos sujeitos, uma vez que, mesmo tendo tido uma maior amostra de sujeitos que participam das atividades comunitárias nenhum deles retratou tal sentimento em relação ao lugar, enquanto os que não participam, apesar de comporem uma menor amostragem formaram três imagens de insegurança.

6.3.5 Destruição

Figura 9: Prainha do C.V. Que o mar está levando



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: ---	Significado	O mar acabando com muitas casas que estão próximas dele
Idade: 20	Qualidade	É um lugar bom de se morar e muito calmo, e que é muito triste ver a história se destruindo.
Sexo:F	Sentimento	Tristeza, Angústia, lamento, revolta, infelicidade, sofrimento
Quanto tempo mora local:	Metáfora	Lugar que o mar está levando
Nascimento	Sentido	Na Prainha do C.V. Que o Mar Está Levando , a sua destruição se caracteriza por conta do avanço do mar que destrói as casas que ficam na beira da praia, provocando sentimentos de tristeza, angústia, lamento, infelicidade e sofrimento nos moradores.
Origem:		
Sem filiação		

A respondente chama a atenção para um problema que foi muito pouco relatado pelos moradores, mas que é muito dramático especialmente para os residentes mais próximos do mar. Em boa parte do litoral cearense o mar tem avançado e isso vem acontecendo também na Prainha do Canto Verde e em algumas praias vizinhas. Algumas casas já foram destruídas e é perceptível o esforço dos moradores para preservá-las. Vale ressaltar que esse problema não é generalizado e acontece apenas em uma área da comunidade mais próxima do mar, talvez por isso o relato não tenha sido tão frequente.

A categoria “destruição” não foi retratada no grupo 01 e apareceu apenas uma vez no grupo 02. Os sentimentos associados a essa imagem foram: tristeza, angústia, infelicidade, lamento, revolta e sofrimento. Na imagem são retratados apenas sentimentos que retratam uma estima negativa, sendo desta forma indicadora de despotencialização.

A imagem retratou a destruição do avanço do mar e os sentimentos dos moradores diante da destruição, especialmente daqueles que tem suas casas mais próximas da beira do mar, e que são mais atingidos por este fenômeno. O avanço e recuo do mar é um fenômeno natural, porém este é potencializado pela ação humana, como podemos citar o exemplo da construção de barreiras litorâneas, que solucionam problemas em algumas áreas, mas causam impactos em outras.

Os fortes sentimentos suscitados pelo respondente provavelmente são de alguém que sofre/sofreu diretamente com este impacto, tendo sua vida modificada por este problema. Assim a localização física residencial deste sujeito, ou de sua família, parece ser definidora de seus sentimentos.

Além dos sujeitos diretamente implicados no avanço do mar, a imagem de destruição pode impactar também no turismo local, e conseqüentemente a renda da região, tendo em vista que a devastação das casas, provoca um forte impacto visual, contrastando com as belezas do lugar especialmente no local em que os turistas mais procuram, a beira do mar.

6.3.6 Análise estatística complementar

Para analisar a correlação entre a estima de lugar do sujeito e a participação comunitária na Prainha do Canto Verde, realizamos uma análise “test-T de amostras independentes”, o seu objetivo é testar se existe diferença entre a média de duas amostras diferentes, no nosso caso os sujeitos que participam de atividades comunitárias, e aqueles que não participam.

A diferença entre o índice de Estima Positiva (ou potencializadora) no grupo de sujeitos participantes de atividades comunitárias ($4,42 \pm 0,36$) e o índice de Estima Positiva no grupo de sujeitos não participantes de atividades comunitárias ($3,46 \pm 0,43$) foi estatisticamente significativa ($t = 6,92$; $gl = 31$; $p < 0,001$).

A diferença entre o índice de Estima Negativa (ou despotencializadora) no grupo de sujeitos participantes de atividades comunitárias ($2,12 \pm 0,40$) e o índice de Estima Negativa no grupo de sujeitos não participantes de atividades comunitárias ($2,92 \pm 0,65$) também foi estatisticamente significativa ($t = -3,97$; $gl = 31$; $p < 0,001$).

Figura 10: Tabela comparativa dos dados quantitativos

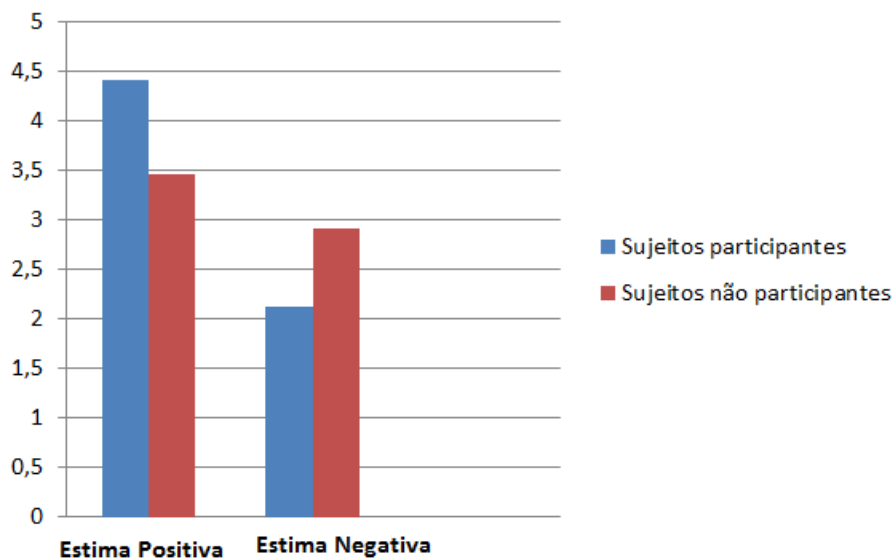
grupo de sujeitos		N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média	teste-t para Igualdade de Médias		
		t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
							Inferior	Superior
Estima Positiva	participam	20	4,4176	,35852	,08017			
	nao participam	13	3,4615	,43015	,11930			
Estima Negativa	participam	20	2,1229	,48581	,10863			
	nao participam	13	2,9199	,66612	,18475			
Estima Positiva	Variâncias iguais assumidas	6,920	31	,000	,95611	,13817	,67432	1,23790
	Variâncias iguais não assumidas	6,652	22,399	,000	,95611	,14374	,65833	1,25389
Estima Negativa	Variâncias iguais assumidas	-3,977	31	,000	-,79696	,20040	-1,20567	-,38824
	Variâncias iguais não assumidas	-3,719	20,207	,001	-,79696	,21432	-1,24372	-,35019

Fonte: elaborada por meio do programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)

Dessa forma conseguimos encontrar uma correlação entre a participação comunitária e estima de lugar. Os sujeitos que participavam das atividades comunitárias apresentaram uma média significativamente superior para Estima Positiva e significativamente inferior para Estima Negativa quando comparados aos sujeitos que não participavam. Fica comprovado assim a relação entre participação

comunitária e estima de lugar na Prainha do Canto Verde, tanto na análise qualitativa dos mapas afetivos quanto na quantitativa, conforme podemos ver na análise gráfica abaixo:

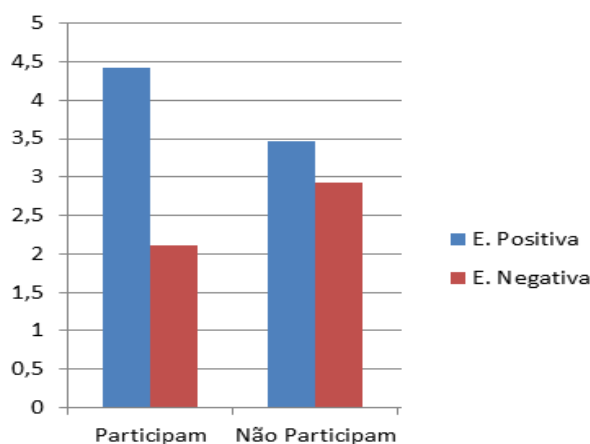
Gráfico 5: Distribuição dos dados quantitativos brutos da estima de lugar



Fonte: elaboração própria

Quando comparamos apenas os sujeitos participantes percebemos que a média de estima positiva (4,42) é bem maior que a de estima negativa (2,12), chegando a ultrapassar o dobro de sua pontuação. Porém quando comparamos apenas os sujeitos não participantes percebemos que a média de estima positiva (3,37), apesar de ser inferior a do outro grupo, é superior a de estima negativa (2,92).

Gráfico 6: Comparativo dos dados quantitativos entre os sujeitos que participam/ não participam das ações comunitárias



Fonte: elaboração própria

Mesmo sabendo que o objetivo principal aqui é obter a diferença entre estes dois grupos, parece relevante os dados brutos dos sujeitos que não participam demonstrarem um maior índice de estima de lugar positiva que negativa. Infelizmente os dados só medem as estimas positivas e negativas e não as cinco categorias de imagens, mas se pensarmos em uma combinação entre os dados qualitativos e quantitativos, podemos supor que o alto índice de escala positiva, também no grupo dos sujeitos que não participam, se deve ao alto índice de agradabilidade também neste grupo. Acreditamos que a implicação dos sujeitos comunitários no local impacta em vários fatores ambientais, físicos e sócio-culturais, que influencia a estima positiva também dos sujeitos não participantes, que apesar de não ser tão alta quanto a dos participantes, é maior que a negativa.

Segue abaixo uma tabela incluindo a categoria de todas as imagens dos trinta e três mapas, com suas metáforas, e seus valores de estima positiva e negativa. Ou seja, combinando os resultados qualitativos e quantitativos dos mapas afetivos de cada sujeito.

Tabela 1: Combinação entre dados quantitativos e qualitativos de cada mapa afetivo analisado

Metáfora	Imagem	E. Positiva	E. Negativa	Participação
Música "Vilarejo"	Pertencimento	4,88	1,29	SIM
Família	Contraste	4,53	2,08	SIM
Planta	Agradabilidade	4,82	2,13	SIM
Sem Igual	Agradabilidade	4,00	3,17	SIM
Onda do Mar	Pertencimento	4,82	2,08	SIM
Teia	Pertencimento	4,76	2,21	SIM
Vela	Pertencimento	4,24	2,21	SIM
Rede de Pessoas	Pertencimento	4,65	2,04	SIM
Melhor lugar do mundo	Pertencimento	4,12	2,63	SIM
Cardume de Sardinhas	Pertencimento	4,53	2,42	SIM
Terra Sagrada	Agradabilidade	4,53	2,04	SIM
Vida de Jesus Cristo	Pertencimento	4,24	2,71	SIM
Pedra Preciosa	Pertencimento	4,12	1,88	SIM
Paraíso	Pertencimento	4,88	1,33	SIM
Lugar Harmônico	Agradabilidade	3,94	2,13	SIM
Paraíso da Comunidade	Pertencimento	4,53	1,92	SIM
Casa	Agradabilidade	4,06	2,13	SIM
Paraíso II	Pertencimento	4,35	2,71	SIM
Incomparável	Pertencimento	4,71	1,17	SIM
Diferente de lugares vizinhos	Pertencimento	3,65	2,21	SIM
Sem trabalho	Contraste	3,24	2,29	NÃO
Sem turismo	Contraste	2,94	2,71	NÃO
Perigo	Insegurança	3,65	4,25	NÃO
Boa	Agradabilidade	3,12	3,08	NÃO
Linda	Agradabilidade	3,35	2,96	NÃO
Sem fonte de renda	Insegurança	3,12	3,58	NÃO
Paraíso III	Agradabilidade	4,18	2,46	NÃO
Que o mar está levando	Destruição	3,65	2,92	NÃO
Cidade	Insegurança	2,94	2,71	NÃO
Paraíso IV	Pertencimento	4,24	3,88	NÃO
Minha casa	Agradabilidade	3,18	2,67	NÃO
Cidade II	Contraste	3,71	2,71	NÃO
Diferente de Canoa Quebrada	Contraste	3,71	1,75	NÃO

Fonte: elaboração própria

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *locus* de nosso estudo ter sido a Prainha do Canto Verde, como relatamos anteriormente, não foi uma decisão aleatória. Os contatos iniciais com a localidade, bem como as diversas conquistas obtidas pela comunidade, como a batalha pela transformação da área em uma Reserva Extrativista, demonstrando assim uma luta coletiva por territorialidade, mas apontando também para a busca de preservação ambiental, parecia um cenário bastante fértil para entender os aspectos da participação comunitária comprometida politicamente com as causas sociais, bem como a relação de estima dos sujeitos com o ambiente, estabelecendo algumas conexões entre estas duas dimensões.

Encontramos um modo de vida onde os laços de solidariedade e a cooperação se encontram presentes no dia a dia, onde o ritual de “oferecer o peixe” para os companheiros é vivenciado cotidianamente, e o cuidado com os outros se evidencia na coleta solidária de pescado entre os pescadores, quando um dos moradores está adoentado e não pode trabalhar. Apesar disso, encontramos um grande conflito político na região, entre aqueles que são favoráveis à Reserva Extrativista na parte terrestre, e aqueles que não são, gerando vários desentendimentos.

Percebemos o sistema de troca comunitária como algo ainda vivo na localidade, embora cada vez menos praticado, mas demonstrando que a economia pautada no capital não é a única a acontecer na localidade. E cabe evidenciar que esse sistema de troca, especialmente como era praticado nas décadas passadas, diferente da lógica capitalista, não encontra seu fim na acumulação, mas sim na partilha, tendo em vista que não se baseia em uma quantificação exata dos bens a serem trocados, como na relação capitalista onde o objetivo é cada um dos sujeitos tirar a maior vantagem possível, pelo contrário, tem seu objetivo em atender as necessidades da comunidade como um todo, sabendo que dessa forma todos saem ganhando.

Essas características do modo de vida local se refletem especialmente a partir de um sentimento de comunidade que esteve presente no discurso dos dois

grupos estudados, embora tenha aparecido de forma mais frequente e enfática dentre o grupo dos sujeitos que participam das atividades comunitárias. Estas características se evidenciaram nos sujeitos da pesquisa através da: disponibilidade de discutir problemas, evidenciação da importância de permanecer unido, na busca por partilhar tanto alegrias quanto dificuldades, no sentimento de solidariedade manifestado, no reconhecimento de uma história de luta compartilhada, e na crença de seus moradores de pertencerem a uma comunidade especial.

Percebemos, porém, que boa parte destes traços trazem relação com um fator físico específico: o isolamento da localidade. O isolamento da ajuda externa deve ter colaborado para que a comunidade necessitasse de um forte apoio interno baseado na solidariedade comum. Com a construção de estradas que a interligam aos mais variados locais, e o avanço das redes de comunicação, a Prainha do Canto Verde se insere cada vez mais no mundo moderno globalizado, modificando seus costumes e necessidades.

Dessa forma encontramos uma comunidade em transição, que vem perdendo lentamente seus traços comunitários e que, embora às vezes negue isso, talvez porque em boa parte é justamente isto o que eles mais têm lutado para preservar, tem dificuldade de manter os mesmos costumes solidários das décadas passadas.

Ressaltamos que essa transição da qual falamos, embora aconteça na Prainha do Canto Verde, parece ocorrer de forma bem mais lenta que nas localidades vizinhas, pelo que pudemos observar, e pelo relato de seus próprios moradores. Acreditamos que é a intensidade das lutas comunitárias que tenha permitido que essa comunidade se destacasse das demais em seu nível de preservação do modo de vida e da natureza em si.

Ainda como influência deste modo de vida tradicional, encontramos aspectos de muita tranquilidade no ambiente, rico na harmonia entre os sujeitos e a natureza. A maior atividade econômica é a pesca, que parece não ser sequer encarada pelos moradores como trabalho, talvez por ser uma atividade extrativista, ou seja, uma atividade de vida, ligada à ancestralidade, que se faz no contato direto

com a natureza, e em uma relação harmônica de colaboração com os outros homens, onde o fruto posteriormente é compartilhado.

Quanto ao objetivo de entender de que maneira ocorre a participação comunitária na localidade, em nosso estudo tivemos contato especialmente com um tipo específico de participação: a participação comunitária ético-política, ou seja, marcada pela potência de ação e pela capacidade de ser afetado pelo outro, e com o outro. Uma participação realizada não pela obrigação, mas sim pelo desejo, pela paixão, por uma necessidade do sujeito de fazer parte, e especialmente pela alegria de na busca pelo desenvolvimento comunitário promover seu próprio desenvolvimento pessoal enquanto sujeito, se fazendo cada vez mais livre, rompendo os limites da comunidade, e se aventurando na articulação com compromissos sociais ainda mais amplos, na busca pela emancipação humana, em uma rede que se estende para vários outros locais do planeta. Entendendo que “problemas comunitários locais impactantes também podem se projetar na escala planetária, criando novas formas de solidariedade entre os povos”. (SCHERER-WARREN, p. 53, 2002)

Esse tipo de motivação se encontra ancorada na própria identidade participativa dos moradores, que em boa parte percebiam a participação como uma atividade integrada à vida, como trabalhar, se dedicar à família ou ao lazer. Ela é vista como algo que lhes dá prazer e entusiasmo, considerado até mesmo uma paixão ou um vício. Para boa parte dos moradores participar era algo “natural”, afinal muitas lideranças de hoje cresceram brincando no chão da associação, enquanto seus pais somavam esforço para solucionar os problemas da época. Desta forma, a identidade destes sujeitos acabou sendo construída pela necessidade e pelo desejo de participar.

Fica patente então que não existe nenhum tipo de esforço em participar. Muitos sujeitos encontram esforço é em não participar, quando por algum motivo, como o cansaço, querem se colocar de fora da esfera participativa mas não conseguem, descrevendo a participação como um vício, algo pelo qual não se pode escapar.

Acreditamos que esta é a maneira potente de se encarar a participação tendo em vista que ela é vida, é se empoderar das decisões locais na busca de emancipação, faz parte da luta por liberdade e do processo de não ser governado, cerceado. Desta forma, em nosso ponto de vista, qualquer trabalho que busque incentivar a participação popular precisa se pautar nesta compreensão, para não correr o risco de buscar a imposição de uma moral participativa, que apenas destorce a potencialização do processo participativo, tornando-o impositivo e, desta forma, chato, cansativo e despotencializador.

Percebemos neste estudo, especialmente entre os sujeitos participantes das ações comunitárias, um profundo reconhecimento pelas gerações de seus ascendentes na luta por direitos fundamentais, e um grande cuidado com as futuras gerações, especialmente no que toca a posse da terra e sua preservação, e a manutenção do modo de vida local. Dessa forma, acreditamos que categorias como participação, sentimento de comunidade e apego ao lugar, pudessem ser vistas a partir da ótica das famílias.

Segundo Vygotsky (1998), a experiência social é formadora da consciência humana, entendida a partir de seus elementos tanto cognitivos como afetivos. A partir desta pesquisa refletimos que para uma melhor investigação desta questão seria relevante incluir nos estudos sobre a participação, além da visão sobre a comunidade a qual está inserida, o olhar sobre o grupo social familiar que participa, tendo em vista que a identidade participativa dos sujeitos, encarando a participação como algo natural e alegre, como algo triste e desmotivador, ou mesmo como uma obrigação moral, pode estar relacionado a componentes formados desde a infância e trazer componentes do contexto familiar do sujeito. Acreditamos que esta temática pode ser bastante relevante para investigações posteriores.

Quanto ao objetivo principal deste trabalho, que foi encontrar a relação entre os afetos dos sujeitos em relação ao lugar e a participação comunitária na Prainha do Canto Verde, percebemos que, tanto na análise qualitativa dos mapas afetivos, quanto na análise quantitativa complementar, foi demonstrado que os afetos positivos em relação ao lugar estavam significativamente mais associados

aos sujeitos participantes de atividade comunitária e os afetos negativos mais associados aos não participantes.

Na análise qualitativa esta diferença se evidenciou especialmente a partir da categoria “pertencimento” quando 65% dos sujeitos participantes retrataram esta imagem enquanto só 7% no grupo dos não participantes. Também se evidenciou pelas imagens de “insegurança” e “destruição” não terem aparecido entre os sujeitos do grupo 01 e terem atingido um percentual de 24% e 7% respectivamente no grupo 02. A “agradabilidade” foi a categoria que teve um índice mais próximo entre os dois grupos, 30% no grupo 01 e 31% no grupo 02. Já a categoria “contraste” obteve 5% no grupo 01 e 31% no grupo 02.

Dessa forma, na Prainha do Canto Verde, a categoria “pertencimento” foi a que mais pode ser relacionada com o grupo de participantes, e as categorias “destruição”, “insegurança” e “contraste”, com o grupo dos sujeitos não participantes. Já na análise quantitativa, o resultado se evidenciou por uma maior estima positiva no grupo 01 (4,42) que no grupo 02 (2,12) e uma maior estima negativa no grupo 02 (2,92) que no grupo 01 (2,12).

Dessa forma, pudemos comprovar a tese de Bomfim (2010), que indica que a estima positiva de lugar tem a tendência a produzir uma maior potência de ação, enquanto uma estima negativa tem uma maior tendência a produzir uma potência de padecimento. A potência de ação se evidencia não só pela participação, mas pela qualidade da participação, que promove a emancipação tanto do sujeito da comunidade quanto do desenvolvimento comunitário.

Os principais sentimentos encontrados no grupo dos participantes foram: a tranquilidade, liberdade, paz, alegria, amizade, felicidade, partilha, pertencimento, prosperidade, respeito, e segurança. Percebemos que todos os sentimentos tem conotação positiva. Os principais encontrados no grupo dos não participantes foram: amor, paz, tranquilidade, alegria, felicidade, infelicidade, liberdade, solidariedade e tristeza. Percebemos aqui um misto de sentimentos com conotação positiva e negativa, porém com um maior número dos primeiros que dos segundos.

Algo que saltou aos olhos na análise dos mapas afetivos foi que o público participante das ações comunitárias possui uma média de idade de 40,9 anos e o público não participante, uma média de idade de 28 anos, sendo, dessa forma, uma diferença de 12,9 anos. Como nossa pesquisa utilizou uma amostra não probabilística, outros fatores podem ter influenciado para essa grande diferença etária entre os grupos, porém, esses dados apontam a importância de uma pesquisa comparativa entre população jovem e adulta, que busque analisar se de fato a participação vem diminuindo no local, e os motivos que vem provocando este fenômeno, tendo em vista que a queda participativa pode vir a enfraquecer os movimentos de luta, impedindo a preservação futura daquilo que os moradores tanto lutaram para conquistar. Além disto, entendemos que seja necessária a realização de atividades que visem à implicação da juventude na participação das ações locais, como, por exemplo, ações extensivas voltadas para a juventude, que busquem incentivar o protagonismo juvenil, trabalhar a memória de lugar e o sentimento de comunidade a partir de espaços voltados para este público, como a escola.

Apesar da comprovação da diferença entre os dois grupos estudados pela pesquisa, quando nos detemos nos dados brutos da parte quantitativa, pudemos perceber que ambos (participantes e não participantes) tiveram um maior índice de estima positiva que negativa. Acreditamos que isto, aliado ao alto índice de agradabilidade dos mapas dos não participantes, nos aponta para a hipótese de que a participação comunitária na Prainha do Canto Verde é tão impactante que provoca modificações ambientais que alteram os sentimentos também daqueles que não participam.

Relatamos isso nos baseando na própria definição de Psicologia Ambiental que a define como inter-relacional, ou seja, que indica que modificamos o ambiente em que vivemos, e este, por sua vez, nos modifica, sendo, desta forma, dialético (MOSER, 1998). As categorias de estima de lugar, identidade de lugar e sentimento de comunidade são imbricadas em si e se relacionam com a implicação dos indivíduos na preservação ambiental.

Desta forma, uma comunidade que se destaca em seu nível de organização participativa, qualificada da forma como a descrevemos aqui, acaba

produzindo mudanças ambientais, tanto no nível físico, como sócio-cultural. Ou seja, acreditamos que a força gerada pela participação potencializadora de ação altera diversos aspectos ambientais como: o aumento da preservação ambiental local; ampliação dos laços solidários, impactando o sentimento de comunidade dos sujeitos; maior solução dos problemas físicos, sociais e econômicos da localidade; geração de novas garantias como a conquista da Reserva Extrativista, que trouxe vários projetos e gerou novos direitos para os sujeitos da comunidade.

Estes fatores são promotores de desenvolvimento comunitário, o que impacta na forma como todos os moradores percebem a comunidade e o ambiente. Seria interessante posteriormente um estudo que pudesse abranger mais áreas do entorno local, comparando o modo de vida e a participação de diversas praias, assim teríamos uma maior clareza de quanto esta participação tem se revertido em benefícios concretos para a comunidade, impactando na própria identidade dos moradores.

Porém, podemos nos arriscar a dizer que a ação comunitária também vem modificando a relação de identificação e pertencimento dos sujeitos em relação ao lugar, tendo em vista que ela evidencia o orgulho de pertencer a uma comunidade especial e o cuidado com o ambiente, ao mesmo tempo em que amplia o sentimento de comunidade local, atingindo não só os sujeitos que participam das atividades mas indiretamente também aqueles que não participam. Não é a toa que a participação, de uma forma ou de outra, vem se generalizando nesta localidade, e sendo potência de ação, se expandindo tanto dentro como fora dos limites comunitários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. P. Para uma caracterização da Psicologia Social brasileira. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, 2012. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/ry33kb>>. Acesso em: 09 dez. 2014.

ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. **Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES. Beberibe, 2011. Disponível em: <<http://prainhadocantoverde.org/associacao-dos-moradores/>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. *Snowball* (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação. PUCPR: Curitiba, **Anais...** 07 a 10 de novembro de 2011.

BRANDÃO, I. R. **Afetividade e participação na metrópole**: Uma reflexão sobre dirigentes de ONGs da cidade de Fortaleza. 2008. 220f. Tese (doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008 São Paulo. 2008.

BRASIL. **Constituição Federal**: Lei 9.985, de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, 18 de julho de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm>. Acesso em: 28 set. 2012.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOCK, A. M. B. Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In: BOCK, A. M. B. (Org.), **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003.

BODERNAVE, J.E.D. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BOMFIM, Z. A. C. Afetividade de ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, J. P.; GÜNTHER, H. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

_____. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: UFC, 2010.

_____. ALENCAR, H. F.; FERREIRA, T. L. M.; NOBRE, B. A. L., MARTINS, A. K.; FEITOSA, M. Z. S.; ARAUJO, L. M. A. Affective Maps: Validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. In: GARCIA-MIRA, R.; DUMITRU, A. (Orgs), **Urban Sustainability, Innovative Spaces, Vulnerabilities and**

Opportunities. Instituto de Estudios y investigación psicossocial: Xoan Vicente Viqueira, 2014. p. 131-147.

CARVALHO, B. P; SOUZA, T.M.S. A “escola de São Paulo” de Psicologia Social: apontamentos históricos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 713-721, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n4/v15n4a06.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2014.

CASTRO, R. F.; ALVES, C. V. P. Consciência em Vygotsky: aproximações teóricas. *In: IX AnpedSul, Caxias do Sul, 2012. Anais...* Caxias do Sul: UCS, 2012.

CAVALCANTE, S; ELIAS, T. F. Apropriação. *In: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (Orgs.). Temas básicos em Psicologia Ambiental.* Petrópolis: Vozes, 2011.

CAVALCANTE, S; NÓBRAGA, I. M. A. Espaço e lugar. *In: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (Orgs.). Temas básicos em Psicologia Ambiental.* Petrópolis: Vozes, 2011.

CERQUEIRA, Y. M. S. F. Criminalidade, sensação de insegurança e “desvinculação” do lugar. *In: Anais do III Seminário Internacional Urbicentros.* Salvador: 2012. Disponível em <<http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST133.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2015.

CEARÁ. Decreto 4.340, de junho de 2009. Dispõe sobre a criação da Reserva Extrativista Prainha do Canto Verde, no Município de Beberibe, no Estado do Ceará, e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** Brasília, 5 de junho de 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Dnn/Dnn12059.htm>. Acesso em: 28 set. 2012.

CHAUI, M. **Espinosa: uma filosofia da liberdade.** São Paulo: Moderna, 1995.

COLE, M.; SCRIBNER, S. Introdução. *In: VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

CORRALIZA, A; BERENGUER, J. Emoción y ambiente. *In: ARAGONÉS, J.I.; AMÉRIGO, M. Psicologia Ambiental, 3ªed.* Ediciones Pirámide: Madrid, 2010.

DEMO, P. **Participação é conquista: noções de política social participativa.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ELALI, G. A. **Relações entre comportamento humano e ambiência: Uma reflexão com base na Psicologia Ambiental.** Rio Grande do Norte: UFRN, 2010.

ESPINOSA, B. **Ética demonstrada à maneira dos geômetras.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

_____. **Teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Educação na Cidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. *In*: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

GLEIZER, M. A. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GÓIS, C. W. L. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: Viver, 1994.

_____. Psicologia Comunitária. *In*: SILVA, M. F. S.; AQUINO, C. A. B. (Org.). **Psicologia Social**: desdobramentos e aplicações. São Paulo: Escrituras, 2004. p. 137- 161.

_____. **Psicologia Comunitária**: atividade e consciência. Fortaleza: Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

_____. **Saúde comunitária**: pensar e fazer. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

GALDINO, J. W. **Educação e movimentos sociais na pesca artesanal**. Fortaleza: UFC, 2014.

GOMES, A. O; VIEIRA NETO, J. P. **Historiando Prainha do canto verde**. Fortaleza: Instituto Terramar. 2010.

GÜNTHER, H; ELALI, G. A; PINHEIRO, J. Q. Multimétodos. *In*: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, 2003, v. 12, n. 24, p. 149-161. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

HALL, E. T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HISTÓRICO DA LUTA DA COMUNIDADE NA JUSTIÇA E NO CAMPO. Beberibe, 2011. Disponível em: <<http://prainhadocantoverde.org/historico-da-luta-da-comunidade-na-justica-e-no-campo/>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

KUHNEN, A. Percepção ambiental. *In*: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LANE, S. T. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. A psicologia social e uma nova concepção do homem para psicologia. *In*: LANE, S. T.; CODO, W. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

LIMA, D. M. A.; BOMFIM, Z. A. C. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na Psicologia Comunitária e Psicologia Ambiental. **Psico**, 2009, v. 40, n. 4, p. 491-497.

LOOS, H.; SANT'ANA, R. S. Cognição, afeto e desenvolvimento humano: a emoção de viver e a razão de existir. **Educar**, 2007, n. 30, p. 165-182.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política: livro I. Tomo I**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MATIAS, H.J.D.; PINHEIRO, J. Q. Desenvolvimento sustentável: um discurso sobre a relação entre desenvolvimento e natureza. **Revista Psicologia e Sociedade** [online]. 2008, v. 20, n.1, p. 134-143. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a15v20n1.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

MOVIMENTO DOS PESCADORES DO ESTADO DO CEARÁ 1941-2009. Beberibe, 2011. Disponível em: <<http://prainhadocantoverde.org/historia-do-movimento-dos-pescadores-do-estado-do-ceara-1941-%E2%80%93-2009/>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

MOSER, G. Psicologia Ambiental no Novo Milênio: Integrando a Dinâmica Cultural e a Dimensão Temporal. *In*: TASSARA, EDA (Org.). **Panoramas interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano**. São Paulo: EDUC, 2001.

_____. Psicologia Ambiental. *In*: **Estudos de Psicologia (Natal)**. 1998. v. 3, n. 1, p. 121-130. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/cpjpg9>>. Acesso em: 29 set. 2012.

_____. A Psicologia Ambiental: Competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. *In*: **Psicologia USP**, 2005, n. 16, p. 279-294. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n1-2/24666.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2012.

MOURÃO, A.R.T; CAVALCANTE, S. Identidade de lugar. *In*: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PETRONI, A. P.; SOUZA, V. L. T. Vigotski e Paulo Freire: contribuições para a autonomia do professor. **Revista Diálogo Educacional**, 2009. v. 9, p. 351-361.

PINHEIRO, J. Q. Psicologia Ambiental: espaços construídos, problemas ambientais, sustentabilidade. **Estudos de Psicologia (Natal)** [online]. 2003, v. 8, n. 2, p. 209-213. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000200002>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

PINTO, F. E. M. Os (des) afetos da inteligência: o possível diálogo entre cognição e afetividade. **Publicatio UEPG – Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes**. 2005. v. 13, n. 1. p. 7-12.

PONCZEK, R. L. **Deus, ou seja, a natureza**: Spinoza e os novos paradigmas da Física. Salvador: EDUFBA, 2009.

PRAINHA DO CANTO VERDE: BERÇO DO MOVIMENTO DOS PESCADORES DO CEARÁ. Beberibe, 2011. Disponível em: <<http://prainhadocantoverde.org/prainha-do-canto-verde-berco-do-movimento-dos-pescadores-do-ceara/>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

PRESTES, Z. **Lev Vigotski e os desafios da educação socialista**. Niterói: UFF, 2013.

SAWAIA, B. B. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. *In*: CAMPOS, R. H. F. (Org.). **Psicologia Social Comunitária**: da solidariedade a autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **As artimanhas da Exclusão. Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A afetividade como fenômeno ético político e locus da reflexão crítico epistemológica da Psicologia Social**. Mimeo, 2003.

_____. Participação social e subjetividade. *In*: SORRENDINO, M. **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC, 2002.

SHERER-WARREN, I. Movimentos sociais e participação. *In*: SORRENDINO, M. **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC, 2002.

SILVA, G. Sobre o “medo” e a “esperança” em Baruch de Espinosa. **Lugar Comum**. 2003. n 18, p. 21-24. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120859Sobre%20o%20medo%20e%20a%20esperan%C3%A7a%20em%20Baruch%20de%20Espinosa%20-%20Gerardo%20Silva.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

TUAN, Y.F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VYGOTSKY, L. S. **Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos:** Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Teoria e método em psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

XIMENES, V. M.; VIEIRA, E. M. Conscientização: em que interessa este conceito à psicologia. **Psicologia e Argumento**, 2008. v. 26, n. 52, p. 23-33.

APÊNDICE 01

IGMA

1- Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir a Prainha do Canto Verde.

2.- As seguintes perguntas fazem referência ao desenho que foi feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões:

2.1- Explique brevemente que significado o desenho tem para você.

2.2- Descreva que sentimentos o desenho lhe despertou.

2.3 - Escreva seis palavras que resumam seus SENTIMENTOS em relação ao seu desenho.

_____	_____
_____	_____
_____	_____

2.4 – Caso alguém lhe perguntasse o que pensa da Prainha do Canto Verde, o que diria?

2.5 Se você tivesse que fazer uma comparação entre a Prainha do Canto Verde e algo, com o que você compararia?

3. As frases abaixo dizem respeito a avaliações, impressões e sentimentos que você pode ter acerca de diversos lugares. Pensando **na PRAINHA DO CANTO VERDE**, leia atentamente cada uma e indique seu nível de concordância. Para tanto, considere a escala de resposta ao lado. Por favor, procure não deixar sentenças em branco e, sabendo que não há respostas certas ou erradas, tente responder da forma mais sincera possível.

A Prainha do Canto Verde é um lugar QUE/ONDE:		Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
		1	2	3	4	5
1.	Considero como algo meu.	1	2	3	4	5
2.	Acho agradável.	1	2	3	4	5
3.	Está poluído.	1	2	3	4	5
4.	Tenho a sensação de que estou desamparado.	1	2	3	4	5
5.	Me sinto sossegado.	1	2	3	4	5
6.	Procuro cuidar.	1	2	3	4	5
7.	Não trocaria por nada.	1	2	3	4	5
8.	Tenho possibilidade de melhorar de vida.	1	2	3	4	5
9.	Considero parte da minha história.	1	2	3	4	5
10.	Me comprometo com sua melhoria.	1	2	3	4	5
11.	Parece abandonado.	1	2	3	4	5
12.	Desconfio das pessoas.	1	2	3	4	5
13.	Me envergonha.	1	2	3	4	5
14.	Poderia comparar com minha própria casa.	1	2	3	4	5
15.	Consigo as coisas que busco.	1	2	3	4	5
16.	Há riscos.	1	2	3	4	5

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
17. Sinto medo.	1	2	3	4	5
18. É ruim.	1	2	3	4	5
19. O perigo é constante.	1	2	3	4	5
20. Acho feio.	1	2	3	4	5
21. Me indigna.	1	2	3	4	5
22. Tenho a sensação de relaxamento.	1	2	3	4	5
23. Tenho oportunidades.	1	2	3	4	5
24. Me sinto tranquilo.	1	2	3	4	5
25. Com estruturas precárias.	1	2	3	4	5
26. Se não estou nele, quero voltar.	1	2	3	4	5
27. Tenho boas condições climáticas (chuva, sol, calor, frio, etc.)	1	2	3	4	5
28. Me sinto identificado com ele	1	2	3	4	5
29. Admiro por sua beleza.	1	2	3	4	5
30. Me deixa com raiva.	1	2	3	4	5
31. Considero ter boa estrutura física.	1	2	3	4	5
32. Sinto que faço parte.	1	2	3	4	5
33. Me sinto sufocado.	1	2	3	4	5
34. Estou próximo a tudo que preciso	1	2	3	4	5
35. As coisas que acontecem nele são importantes para mim.	1	2	3	4	5
36. Tenho prazer.	1	2	3	4	5
37. Tenho vários amigos.	1	2	3	4	5
38. Me sinto ansioso.	1	2	3	4	5
39. É atraente para mim.	1	2	3	4	5
40. A cultura é de fácil acesso.	1	2	3	4	5
41. Sinto que estou desprotegido.	1	2	3	4	5
42. Pessoas com deficiência, idosos e gestantes podem se locomover com facilidade.	1	2	3	4	5
43. Me deixa orgulhoso.	1	2	3	4	5
44. Me faz sentir nojo.	1	2	3	4	5
45. Me sinto inseguro.	1	2	3	4	5
46. É desprezível.	1	2	3	4	5
47. Amo.	1	2	3	4	5
48. Devo estar alerta.	1	2	3	4	5
49. Me divirto .	1	2	3	4	5
50. Tem tudo a ver comigo.	1	2	3	4	5
51. Está destruído.	1	2	3	4	5
52. Tenho a sensação de que algo ruim pode acontecer.	1	2	3	4	5
53. Há sujeira.	1	2	3	4	5
54. Defenderia se necessário.	1	2	3	4	5
55. Tudo pode acontecer.	1	2	3	4	5
56. Me sinto apegado.	1	2	3	4	5

APÊNDICE 02

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a participar, de forma voluntária, da pesquisa intitulada “Vinculação Afetiva pessoa-ambiente na Prainha do Canto Verde: Processos de Participação Popular na Comunidade”, que tem por objetivo analisar qual a relação entre os processos de participação popular da comunidade da Prainha do Canto Verde e os sentimentos e emoções dos indivíduos pelo ambiente. Melhor explicando, nosso empenho é em entender como a participação popular dos sujeitos desta comunidade e os seus sentimentos e emoções destes em relação a praia se inter-relacionam.

Os dados obtidos nesta investigação servirão à construção da dissertação de mestrado do pesquisador, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a orientação da professora Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.

Caso aceite colaborar com este estudo, sua participação consistirá em participar dos grupos focais, que são rodas de conversa, com mais moradores da comunidade, na qual serão discutidos temas que nos ajudem a entender como acontece a participação popular dos moradores na comunidade, bem como quais são os sentimentos e emoções que estes sentem em relação a Prainha do Canto Verde. Serão realizadas filmagens destas conversas. Por último solicitaremos o preenchimento individual do instrumento gerador dos Mapas Afetivos – o qual se constitui de um desenho elaborado por você retratando a Prainha do Canto Verde e que contém algumas perguntas relativas ao seu desenho e ao seu ambiente.

Garantimos que não haverá identificação de seu nome nem nas filmagens/gravações nem no instrumento. Não serão fornecidas a terceiros quaisquer informações que conduzam à sua identificação. Igualmente, seu nome não será citado na dissertação, artigos, relatórios ou qualquer outro meio de divulgação da pesquisa.

A recusa ou aceitação em participar desta pesquisa não acarretará qualquer contratempo, desconforto ou prejuízo físico, mental ou material a você. A pesquisa também não lhe proporcionará qualquer retorno financeiro. Oferecemos como principal benefício desta pesquisa os resultados que, esperamos, contribuirão para o conhecimento e as discussões acerca do tema pesquisado. Acreditamos que tanto o resultado da pesquisa quanto as discussões realizadas podem ser benéficas a comunidade da Prainha do Canto Verde. Sua colaboração na pesquisa deve ser livre e espontânea e você poderá desistir de participar dela a qualquer momento, sem que isto implique qualquer tipo de prejuízo para você. Se em algum momento você se sentir desconfortável com os temas abordados nos encontros ou com os questionamentos do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos você pode se isentar de responder. Da mesma maneira, a qualquer momento você poderá ter acesso às informações referentes aos procedimentos da pesquisa.

Após ler este termo e ter esclarecidas todas as suas dúvidas, caso concorde em participar da pesquisa, pedimos que assine este documento, que será expedido em duas vias, ficando uma com você e a outra com a pesquisadora. Caso surjam

dúvidas em qualquer outro momento ou deseje retirar sua participação, você poderá comunicar-se com o pesquisador Daniel Welton Arruda Cabral por meio do correio eletrônico: daniel_welton@hotmail.com, pelo telefone (85) 8797.5750 ou pela Coordenação do Mestrado Acadêmico em Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, situada à Avenida da Universidade, 2762 – Benfica, CEP: 60.020-180, telefones: (85) 3366-7661 ou (85) 3366-7651. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFC, vinculado ao Hospital Universitário Walter Cantídio, que se localiza à Rua Francisco Pedro, nº 1290 – Rodolfo Teófilo, CEP: 60430-370, pelo e-mail: cephuwc@huwc.ufc.br, ou pelos telefones (85) 3366-8589 ou (85) 3366-8613.

Eu, _____, após ser informado pelo pesquisador acerca dos objetivos da pesquisa e a importância de minha colaboração, declaro que compreendi tudo o que me foi informado e concordo em participar do projeto proposto, estando de acordo com o que está registrado acima.

Fortaleza, _____ de _____ de _____ .

Assinatura do sujeito da pesquisa

Daniel Welton Arruda Cabral

APÊNDICE 03

MAPAS AFETIVOS DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DE
AÇÕES COMUNITÁRIAS

Prainha do C.V. Música “Vilarejo” - Imagem de pertencimento



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Superior	Significado	Este desenho tenta representar como vejo e sinto o Canto Verde. Coloco o desenho das belezas da Prainha dentro de um coração, pois é um lugar que amo muito e que também admiro pela história construída e por tudo que é.
Idade: 24 Sexo: F	Qualidade	Uma praia diferenciada, onde os moradores têm direito para decidir o que é melhor para todos. Um local de luta. Uma comunidade articulada que tem cuidado de preservação da natureza, da sua cultura.
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentimento	Tranquilidade, amor, gratidão, pertencimento, luta
Origem: Prainha do CV	Metáfora	Música “vilarejo” da Marisa Monte. “Há um vilarejo alí, onde areja um vento bom, na varanda, quem descansar ver o horizonte deitar no chão, para acalmar o coração,... terra de heróis, lares de mães, paraíso se mudou para lá”
Associada à AMPV	Sentido	A Prainha do C.V. Música Vilarejo , é aquela em que seu pertencimento , se evidencia no cuidado de seus moradores com preservação da natureza e da sua cultura, despertando sentimentos como tranquilidade, amor, gratidão, pertencimento, sendo assim semelhante ao vilarejo ao qual Marisa Monte retrata em sua música.

A participante em questão participa do núcleo de juventude da AMPCV há dez anos, a imagem que retrata do local é de pertencimento, sendo um lugar que ela ama e destacando a participação popular com uma atividade pautada na preservação tanto da natureza como da cultura local.

Prainha do C.V. Família - Imagem de contraste



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: 1º grau	Significado	O meu desenho pra mim ele diz que eu moro numa praia muito linda, que tem um sol maravilhoso, muitos coqueiros e um mar lindo.
Idade: 50 Sexo: F	Qualidade	Um local maravilhoso, com muito verde, um paraíso, pena que algumas pessoas não dão valor e não ajudam a preservar.
Quanto tempo mora local: 42 anos	Sentimento	Paz, alegria, amor
	Metáfora	Família - se uma mãe tem 10 filhos e dois der muito problema, nunca vai ser completa.
Origem: --- Associada à AMPV	Sentido	A Prainha do C.V. Família o contraste pode ser percebido pois apesar de sua natureza maravilhosa, o sol maravilhoso, coqueiros e mar lindo, infelizmente alguns não lhe preservam, ela funciona como em uma família em que uns colaboram para o bem comum, mas outros nem tanto, mesmo assim o sentimento de quem lá vive está permeado de paz, alegria e amor.

Percebemos uma preocupação do sujeito com a preservação do local e uma crítica aqueles que ele julga que não contribuem para esse fim, demonstrando um contraste entre o pertencimento dos que cuidam com a destruição provocada pela degradação provocada pelos que não ajudam. Este contraste se revela como potencializador, tendo em vista que o sujeito parece se colocar dentro do grupo dos que cuidam. Essa foi a única imagem de contraste encontrada entre os sujeitos que participam das atividades comunitárias.

Prainha do C.V. Planta - Imagem de agradabilidade (05)



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: 1º grau menor Idade: 59 Sexo: F	Significado	Uma comunidade bonita, natural com suas culturas e tradições.
	Qualidade	Uma comunidade bonita, tranquila, organizada que luta pelos seus direitos e modos de vida. Um local de muita beleza e vida.
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentimento	União, amor, prosperidade
	Metáfora	“Uma planta que cresceu começou a florir, dar frutos e que hoje continua crescendo e espalhando seus galhos”
Origem: PCV Associada à AMPV	Sentido	A Prainha do C.V. Planta é aquela em que a agradabilidade pode ser percebida tanto pelas suas belezas naturais quanto pelo florescimento da organização de luta dos seus moradores para preservar suas culturas e tradições, suscitando sentimentos de união, amor e prosperidade.

A imagem acima destaca o misto entre a beleza natural e a beleza da própria comunidade com suas “culturas e tradições”. Imagem construída por uma moradora antiga da localidade (59 anos) e filiada há 27 anos à associação. Ela demonstra a percepção da respondente do desenvolvimento e prosperidade que a comunidade vem tendo ao longo dos tempos, porém conseguindo manter os aspectos locais como a cultura e se manter bela e sem degradação.

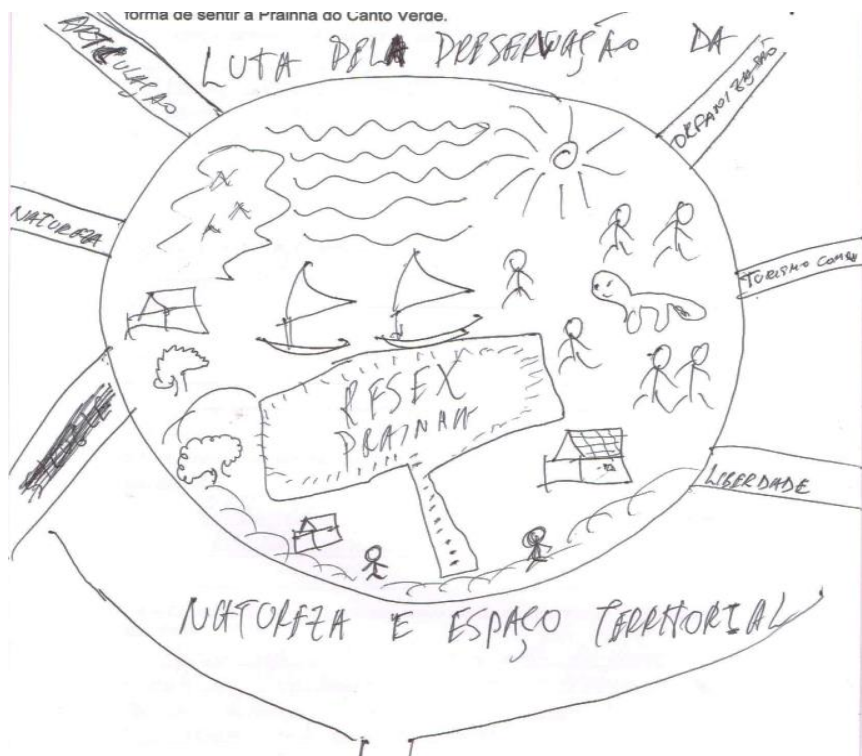
Prainha do C.V. Sem Igual - Imagem de agradabilidade (07)



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Ensino Médio	Significado	As belezas da prainha.
	Qualidade	O por do sol dá um sentimento de tranquilidade, leveza, de viajar para uma outra esfera.
Idade: 27 Sexo: F	Sentimento	Amor, harmonia
	Metáfora	Não tem comparação cada canto tem um canto e um encanto.
Quanto tempo mora local: 27 Origem: Nascimento	Sentido	A Prainha do C.V. Sem Igual é aquela em que a agradabilidade se faz perceber pela sua incomparabilidade no encanto de todos os seus cantos e na tranquilidade do seu por do sol que transborda sentimentos de amor e harmonia.
Associada à AMPV		

Associada há três anos e atuante no antigo “grupo de pescadoras” e atual “grupo de mulheres”, a respondente construiu uma imagem de agradabilidade, dando destaque aos aspectos naturais e retratando a uma imagem incomparável da praia, com sol, coqueiros, estrada e casas.

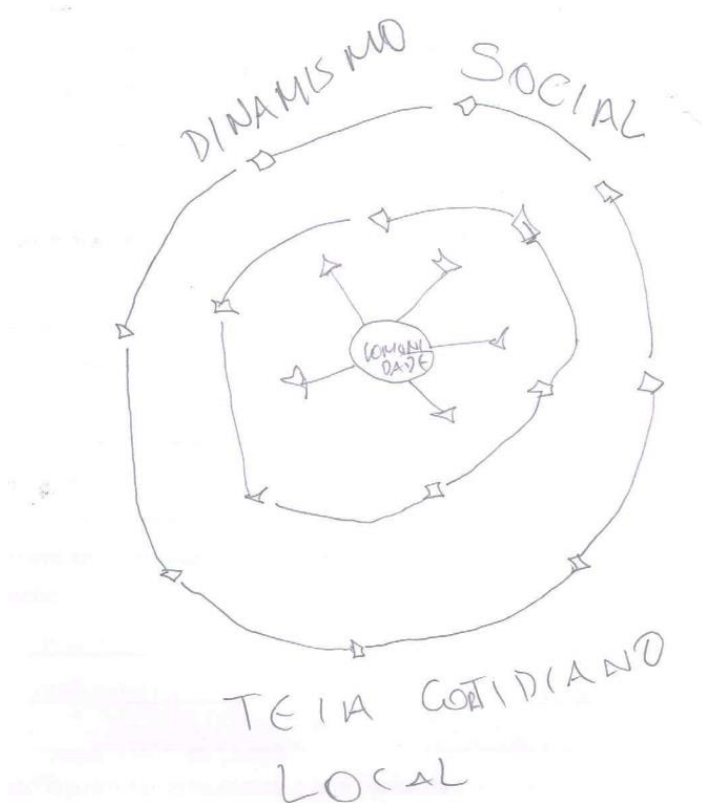
Prainha do C.V. Onda do Mar - Imagem de pertencimento (08)



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Superior Idade: 26 Sexo: M Quanto tempo mora local: Nascimento Origem: PCV Associado à AMPV	Significado	Representa de forma sucinta a filosofia de vida, o modelo de como as pessoas se relacionam na comunidade.
	Qualidade	É um modelo de uma comunidade que luta constantemente e bravamente por seus direitos. É uma comunidade que prioriza a sustentabilidade do meio e o compromisso com as lutas, local de articulação.
	Sentimento	Tranquilidade, determinação, solidariedade, liberdade.
	Metáfora	Com as ondas do mar – Encanta a quem conhece e está em constante movimento.
	Sentido	A Prainha do C.V. Ondas do Mar é aquela em que seu pertencimento pode ser percebido pelo constante movimento de sua comunidade, que nunca para, priorizando a sustentabilidade do meio que se mobiliza a partir de sentimentos como tranquilidade, determinação, solidariedade e liberdade.

O desenho retrata o modelo de vida vivido na Prainha do Canto Verde, pautado na luta por criação de direitos e pela preservação ambiental e que tem no centro de tudo isto, como o desenho muito bem representa, a Resex. O desenho se concentra especialmente no funcionamento e na organização comunitária na qual o respondente se inclui, sendo classificado desta forma como uma imagem de pertencimento.

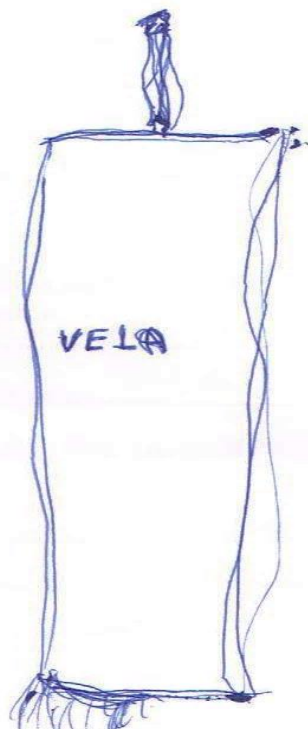
Prainha do C.V. Praia Teia – Imagem de pertencimento



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Ensino Médio Idade: 40 Sexo: M	Significado	Interrelação dos moradores em um bem comum, dinâmica e uma teia social
	Qualidade	Um belo lugar para se viver e criar sua família. Um espaço público de discutir seus problemas e solução para todos.
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentimento	União, prosperidade
	Metáfora	Teia
Origem: PCV	Sentido	A Prainha do C.V. Teia é aquela em que o pertencimento se traduz pela sua rede comunitária está sempre disponível a discutir seus problemas e buscar uma solução comum para todos gerando um sentimento coletivo de união e prosperidade.
Associado à AMPV		

O foco deste mapa está na interatividade, o respondente é nascido na Prainha do Canto Verde e acredita que o seu local de nascimento é o contexto perfeito para criar a sua própria família, sendo a explicação para isto a forma como a comunidade se organiza e se ajuda mutuamente. A visão da Prainha como um lugar perfeito para se criar a família esteve presente também nas conversas dos círculos de cultura.

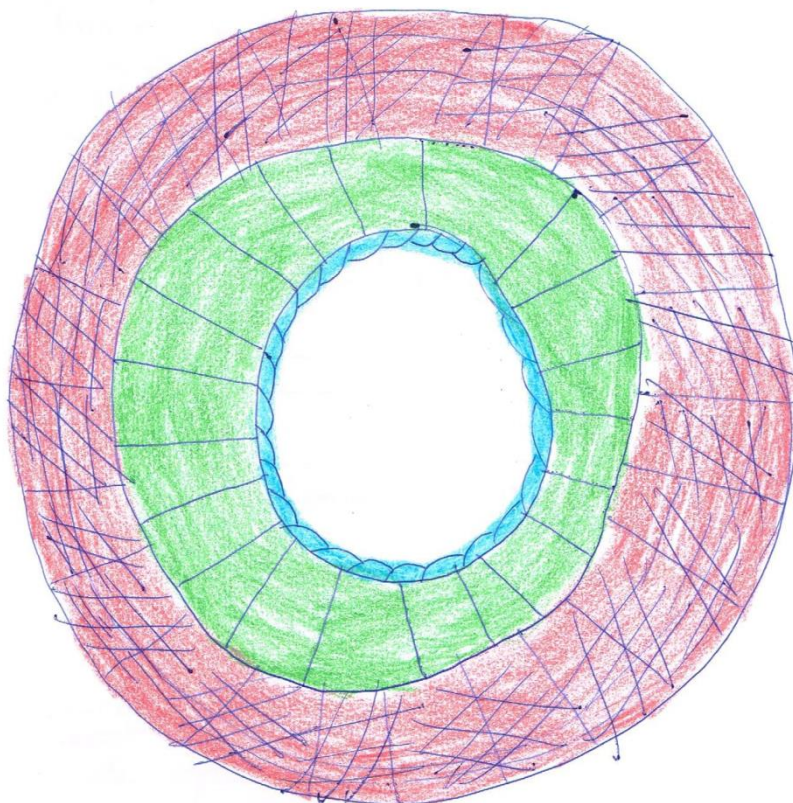
Prainha do C.V. Vela – Imagem de pertencimento (10)



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Ensino Médio	Significado	Que o movimento da comunidade nunca se apague em nossa luta.
	Qualidade	Um lugar muito bom de se morar, uma comunidade que se preocupa com o bem de todos os moradores.
Idade: 39 Sexo: M	Sentimento	Esperança, fé, amor, respeito, partilha, união
	Metáfora	Vela
Quanto tempo mora local: 30 anos	Sentido	A Prainha do C.V. Vela é um local em que seu pertencimento se traduz pela capacidade de seus moradores de estarem sempre colaborando uns com os outros e velando pelo bem comum, gerando sentimentos de esperança, fé, amor, respeito, partilha e união.
Origem: Associada à AMPV		

A imagem de uma chama que nunca apaga serve para representar a história de luta da comunidade, que tem uma história de relevância há muitos anos, sendo uma referência para várias comunidades pesqueiras, justamente por ser extremamente contínua, tendo em vista que as reuniões e discussões estão sempre acontecendo independente da época do ano ou horário do dia.

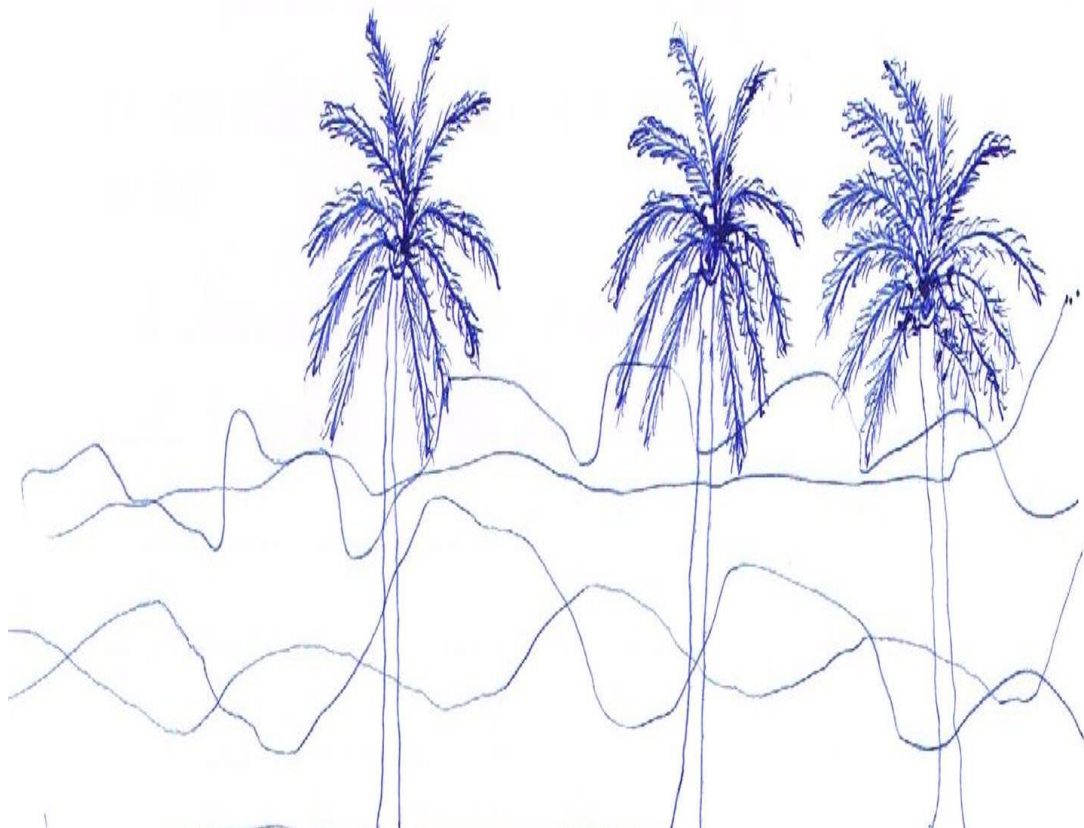
Prainha do C.V. Rede de Pessoas – Imagem de pertencimento (11)



Identificação	Estrutura	Metafórica
Escolaridade: Fundamental Idade: 36 Sexo: M	Significado	Rede de Pessoas organizadas pensando no bem comum.
	Qualidade	É um lugar especial, bonito, vale a pena morar, a comunidade faz a gente ter liberdade e pode se comunicar com a natureza e as pessoas.
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentimento	Fraternidade, união, partilha, comunhão, coragem.
	Metáfora	Rede de Pessoas
Origem: PCV Associado à AMPV	Sentido	A Prainha do C.V. Rede de Pessoas é aquela em que o pertencimento pode ser percebido pela intensa interação dos moradores com a natureza e entre si, pensando no bem comum e compartilhando sentimentos de fraternidade, união, partilha, comunhão e coragem.

Além da integração comunitária que já foi discutida em outros mapas surge aqui também a questão da relação dos sujeitos com a natureza que aparece como outro elemento importante nesta localidade, essa relação é relevante pois sabemos que ambientes naturais normalmente produzem sentimentos mais potencializadores que os urbanos.

Prainha do C.V. Melhor Lugar do Mundo – Imagem de agradabilidade



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Fundamental	Significado	Mostra que a prainha é um pedaço do paraíso, com uma natureza linda.
	Qualidade	Um paraíso, com muito bem-estar.
Idade: 65 Sexo: M	Sentimento	Felicidade, simplicidade
	Metáfora	Melhor lugar do mundo
Quanto tempo mora local:43	Sentido	Na Prainha do C.V. Melhor Lugar do Mundo a agradabilidade pode ser percebida pela incomparabilidade de suas belezas naturais que diferente de todos os outros lugares parecem um pedaço do paraíso e transmitem sentimentos de felicidade e simplicidade.
Origem: Beberibe		
Associado à AMPV		

Prainha do C.V. Cardume de Sardinhas – Imagem de pertencimento



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Fundamental	Significado	Um conjunto de belezas naturais e recursos, modo de vida, liberdade e paz.
Idade: 40 Sexo: F	Qualidade	Uma comunidade tradicional e uma RESEX que promove o presente da comunidade e o futuro
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentimento	Paz, liberdade, integração
Origem: PCV	Metáfora	Cardume de Sardinhas – “que se sente ameaçada pelos predadores e se unem para que ninguém seja comido, e mesmo que alguém fique de fora acabam escapando o máximo de indivíduos”
Associada à AMPV	Sentido	A Prainha do C.V. Cardume de Sardinhas é aquela em que o pertencimento se traduz pelo empenho que sua comunidade tem para permanecer unida e assim se fortalecer contra qualquer ameaça preservando sentimentos de paz, liberdade e integração.

A respondente deixa claro a necessidade da comunidade se defender, isso faz referência aos diversos conflitos de interesse que existem na Prainha, onde a comunidade precisa se proteger do confronto de eventuais interesses particulares com os da comunidade. Outro fato interessante neste mapa é que a metáfora ter sido a de um “cardume de peixe” mostrando que os sujeitos normalmente utilizam aquilo que está em seu contexto para se expressar, seja por palavras, seja por imagens.

Prainha do C.V. Terra Sagrada – Imagem de agradabilidade (16)



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Fundamental Idade: 31 Sexo: M	Significado	Significa que hoje na prainha temos liberdade de participar, trabalhar, e buscar
	Qualidade	Apesar da grande diferença que temos na comunidade temos uma boa relação entre moradores e partilha.
	Sentimento	Alegria, paz, tranquilidade, liberdade
Quanto tempo mora local: Nascimento	Metáfora	Terra Sagrada – Um local que foi feito com o pensamento que seria abençoado por Deus
	Sentido	A Prainha do C.V. Terra Sagrada é aquela em que a agradabilidade pode ser observada através da partilha e boa relação entre seus moradores, o que faz com que estes sintam que estão em um local abençoado por Deus, gerando sentimentos de alegria, paz, tranquilidade e liberdade.
Origem: PCV		
Associada à AMPV		

A metáfora do desenho casa perfeitamente com os sentimentos suscitados por ele: alegria, paz, tranquilidade. A respondente que possivelmente tem alguma religiosidade liga o local que mora com a terra prometida por Deus no antigo testamento bíblico para o seu povo escolhido, uma espécie de paraíso na Terra.

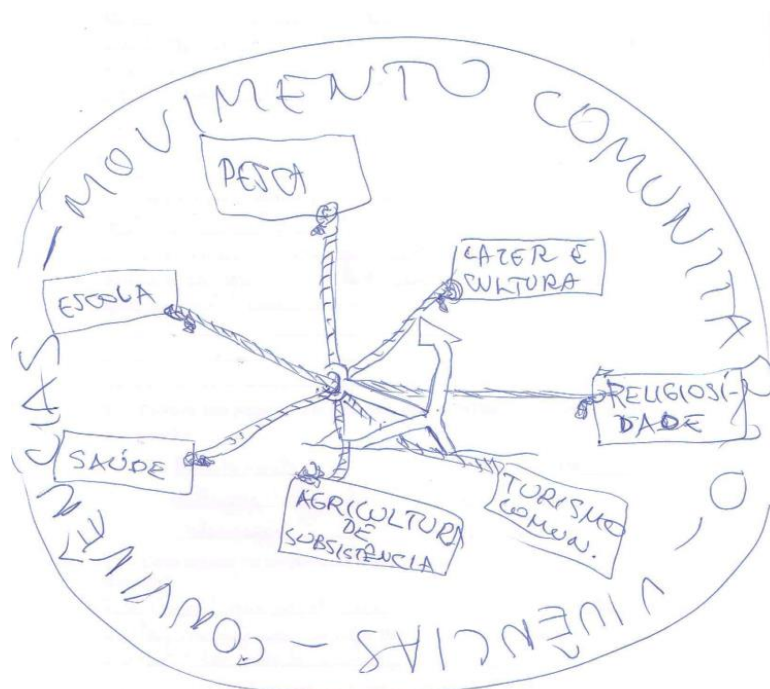
Prainha do C.V. Vida de Jesus Cristo – Imagem de pertencimento (17)



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Fundamental 7 Idade: 31 Sexo: M Quanto tempo mora local: Nascimento Origem: PCV Associada à AMPV	Significado	Modo de vida da minha comunidade que sempre está preservado para as futuras gerações.
	Qualidade	Uma das praias mais preservadas do nosso país e que as pessoas mantem o seu modo de vida entre a natureza e preservação e pela sobrevivência
	Sentimento	Tranquilidade
	Metáfora	Vida de Jesus Cristo – Que venceu a batalha ante os inimigos.
	Sentido	A Prainha do C.V. Vida de Jesus Cristo é aquela na qual o pertencimento se manifesta através da luta conjunta da comunidade que sempre vence as batalhas fundamentais para a preservação da natureza e manutenção do modo de vida local, gerando um sentimento de tranquilidade.

Um aspecto relevante retratado neste mapa afetivo é a articulação da respondente entre o esforço pela preservação ambiental e o cuidado com as gerações futuras. O pertencimento como algo não apenas momentâneo, mas sim integrado temporalmente no futuro, ou seja, perenizado por meio do desejo de preservação pensando nas novas gerações que virão.

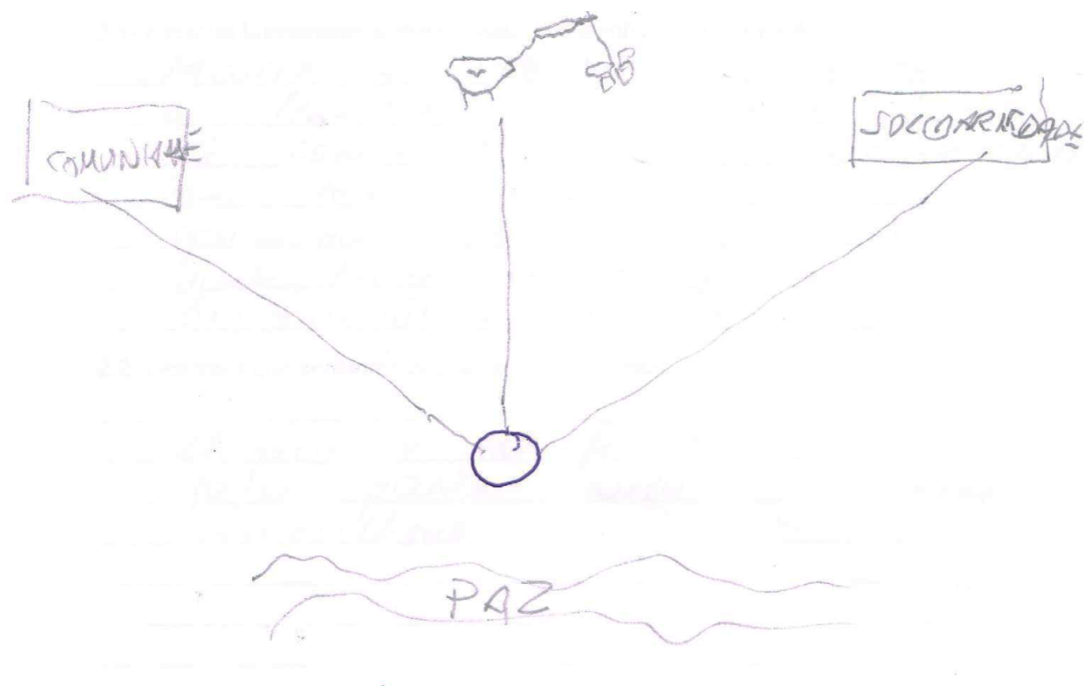
Prainha do C.V. Pedra Preciosa – Imagem de pertencimento (18)



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Superior Idade: 37 Sexo: M	Significado	Significa que nós estamos ligados e articulados pela terra que é nosso bem principal, junto com o mar.
	Qualidade	É um lugar ideal para ter tranquilidade, longe da violência, insegurança, e da “prisão” que é a cidade grande. Onde pode se sentir o calor humanos e as relações, conhecer todo mundo, falar com todo mundo, partilhar alegrias e dificuldades. Viver de modo livre sem a pressão do capital e sendo valorizada.
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentimento	Pertencimento, reconhecimento, coletividade, desenvolvimento, valorização
Origem: PCV	Metáfora	Pedra Preciosa – Que ao longo dos anos vem sendo trabalhada para que se chegue a um valor cada vez maior
Associada à AMPV	Sentido	A Prainha do C.V. Pedra Preciosa é um local onde o pertencimento se manifesta pela capacidade de sua comunidade partilhar suas alegrias e dificuldades, e assim ao longo dos anos vem sendo lapidada e brilhando cada vez mais, compartilhando sentimentos como reconhecimento, coletividade, e desenvolvimento e valorização

A respondente além de enfatizar a capacidade de organização e desenvolvimento da comunidade, faz uma crítica ao modo de vida das cidades urbanas colocando o estilo de vida da Prainha como mais tranquilo e sociável.

Prainha do C.V. Paraíso – Imagem de pertencimento (26)



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Ens Médio	Significado	Mostra a história e o destino da Prainha, da luta da terra da comunidade com solidariedade, e da busca do desenvolvimento e da conservação da biodiversidade
Idade: 73 Sexo: M	Qualidade	Um grande exemplo de desenvolvimento das comunidades do litoral do mundo inteiro.
	Sentimento	Alegria, Amor, Força, Satisfação, União, Animação
Quanto tempo mora local: 23	Metáfora	Um paraíso
	Sentido	A Prainha do C.V. Paraíso é aquela na qual o pertencimento se manifesta a partir da solidariedade e da luta coletiva pela terra, fazendo com que o local seja um exemplo de desenvolvimento para as comunidades litorâneas de todo o mundo, gerando sentimentos como alegria, amor, força, satisfação, união e animação.
Origem: Suíça		
Associada à AMPV		

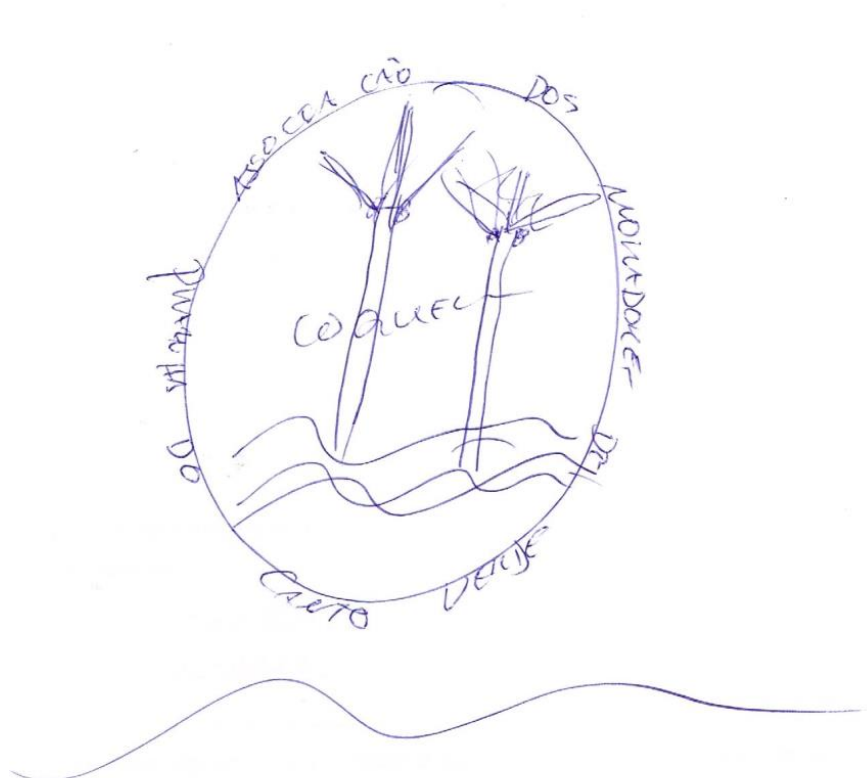
Vale ressaltar que apesar do respondente ser estrangeiro, foi gerada uma imagem de pertencimento tão forte que este compara positivamente a Prainha com todas as comunidades litorâneas do mundo. A imagem gerou sentimentos de alegria, amor, força, união, satisfação e animação o que apontam para uma inserção bastante potencializadora na comunidade.

Prainha do C.V. Lugar Harmônico – Imagem de agradabilidade (02)



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Ens Médio	Significado	A natureza onde nós vivemos, porque ela nos traz paz, alegria e bem estar
	Qualidade	Um lugar lindo, muito aconchegante onde a praia é maravilhosa
Idade: 43 Sexo: F	Sentimento	Amor, paz, felicidade, bem-estar, harmonia, segurança
	Metáfora	Com um lugar harmônico
Quanto tempo mora local: 28 anos	Sentido	A Prainha do C.V. Lugar Harmônico é marcada pela agradabilidade , sendo um local lindo e muito aconchegante de convivência com a natureza, que proporciona sentimentos como amor, paz, felicidade, bem-estar, harmonia e segurança.
Origem: Parajuru		
Sem Filiação		

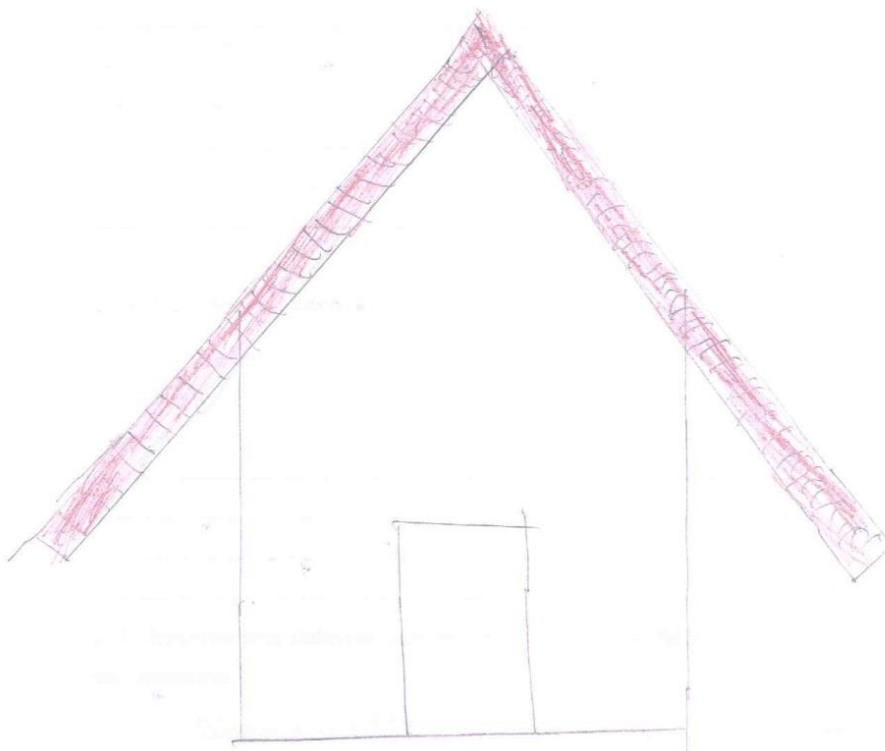
Prainha do C.V. Paraíso da Comunidade - Imagem de Pertencimento



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: 1º grau	Significado	Uma história que muitos “punhos” ajudou a construir
	Qualidade	Uma comunidade muito boa, organizada, onde muitas pessoas trabalham para o bem coletivo
Idade: 64 Sexo: M	Sentimento	Espontaneidade, alegria
	Metáfora	Um paraíso da comunidade, que depende muito dela
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentido	A Prainha do C.V. Paraíso da Comunidade é aquela em que seu pertencimento é percebido pela sua bela história de luta, onde muitas pessoas uniram seus “punhos” para lutar e trabalhar para o bem coletivo com sentimentos de espontaneidade e alegria.
Origem: Prainha do CV		
Associada à AMPV		

O sujeito que retratou o mapa já participa das atividades ligada a associação há 33 anos, e coloca ela no centro de sua atenção na elaboração do mapa, retratando a AMPCV como algo que representa a própria comunidade, ele retrata uma imagem de pertencimento com foco comunitário, enfatizando o aspecto coletivo e compartilhado das lutas da comunidade da Prainha do Canto Verde.

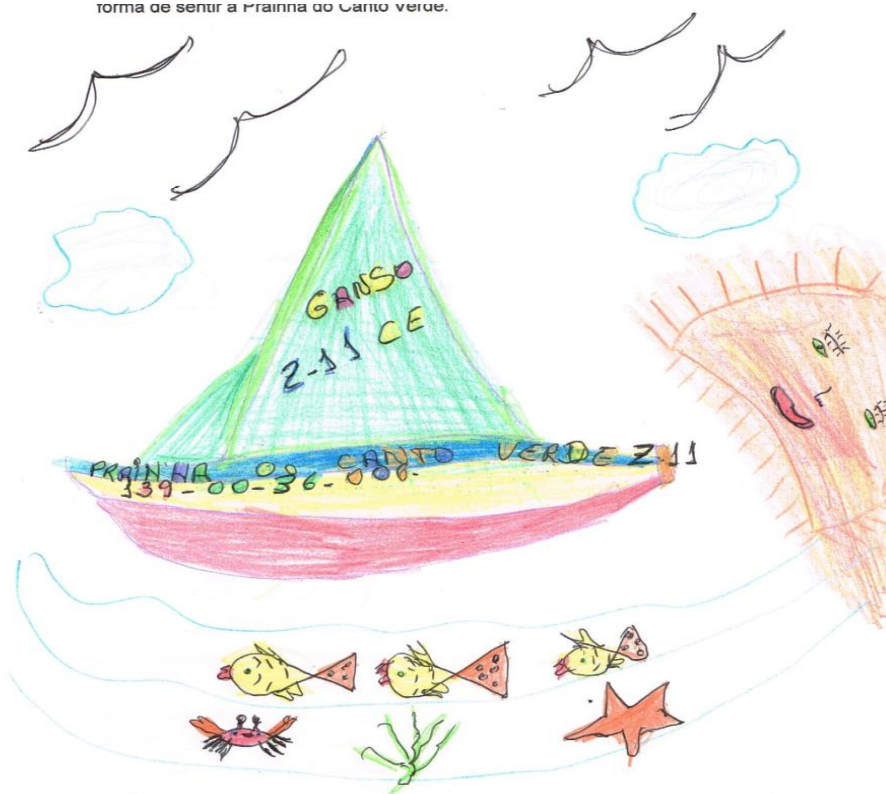
Prainha do C.V. Casa - Imagem de Agradabilidade



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: 1º grau Idade: 37 Sexo: M Quanto tempo mora local: Nascimento Origem: PCV Renda: 400,00 Associado à AMPV	Significado	Porque é sua morada
	Qualidade	É uma praia boa, calma, que tem tranquilidade e paz
	Sentimento	Tranquilidade, Respeito, Segurança, liberdade, amor, amizade
	Metáfora	Casa
	Sentido	A Prainha do C.V. Casa é aquela que a agradabilidade pode ser percebida pela sua tranquilidade e paz, local de morada, que proporciona sentimentos de respeito, segurança, liberdade, amor e amizade.

Prainha do C.V. Paraíso II²⁴ – Imagem de Pertencimento

torna de sentir a Prainha do Canto verde.

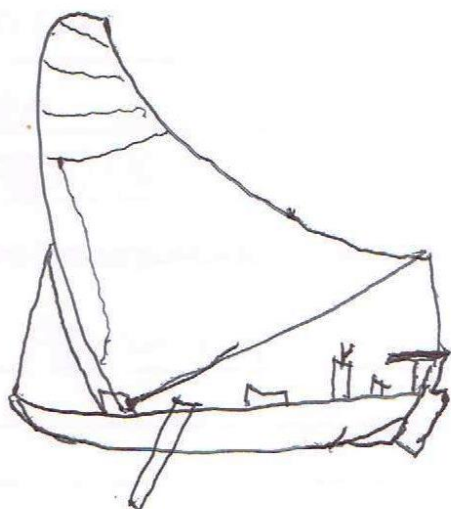


Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Fundamental Idade: 31 Sexo: M	Significado	O paraíso que é a Prainha
	Qualidade	É um lugar ótimo, muito belo, de gente boa, apesar de ter muitas coisas complicadas eu não deixo a minha Prainha por nenhum outro local do Brasil.
	Sentimento	Tranquilidade, paz
	Metáfora	Paraíso
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentido	A Prainha do C.V. Paraíso II é aquela em que seu pertencimento pode ser percebido no desejo de seus moradores de não quererem lhe deixar por nenhum outro local do Brasil, emanando sentimentos de tranquilidade e paz.
Origem: PCV		
Associada à AMPV		

Apesar de ter muitas características de agradabilidade como o reforço as belezas locais, paz e tranquilidade a imagem é de pertencimento pois este respondente reforça o aspecto que não deixaria a Prainha por nenhum outro local do Brasil, mostrando sua ligação com o local, o qual mora desde seu nascimento.

²⁴ Colocamos a indicação de numeração "II" pois outra imagem já foi nomeada com a mesma metáfora "paraíso" por outro sujeito. Assim, metáforas com a mesma nomenclatura serão numeradas.

Prainha do C.V. Incomparável – Imagem de pertencimento



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Analfabeto	Significado	O meu trabalho. Sou pescador, vivo da pesca. É o machado e a foice, é o mar. Eu sou isso. Trabalho em riba dessa Jangadinha. Me tirando aqui da terra estou nessa jangada.
Idade: 49 Sexo: M	Qualidade	É um local positivo, onde não precisamos comprar terreno.
Quanto tempo mora local: 42 anos	Sentimento	Liberdade, Amizade,
	Metáfora	Incomparável. Não consigo comparar com nada, é único.
Origem: Aracati	Sentido	A Prainha do C.V. Incomparável é um local de pertencimento pois é do seu mar que os pescadores retiram o seu sustento e na sua terra que podem construir sua casa, sem necessidade de comprar terreno, se tornando um recanto único, e gerando sentimentos de liberdade e amizade.
Associado à AMPV		

Percebemos aqui a importância do mar e da pesca para os moradores da comunidade. O respondente retratou sua jangada como algo que representasse a própria prainha do canto verde. Sem escolaridade, antes de fazer o desenho, ele relatou que era a única coisa que sabia desenhar. Uma rápida olhada nos desenhos dos respondentes percebemos que a jangada é retratada em diversos deles, mostrando que sua ligação com a natureza não fica restrita apenas a terra, mas penetra os limites marítimos.

Prainha do C.V. Diferente de Lugares Vizinhos – Imagem de pertencimento



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Superior Idade: 23 Sexo: M	Significado	É a forma em que a Prainha se encontra hoje
	Qualidade	Eu penso que vai melhorar de modo que as pessoas o convertam para sua melhoria utilizando melhor seus espaços, debatendo para que tenha mais oportunidade para os seus nativos.
	Sentimento	União, compreensão, colaboração
Quanto tempo mora local: Nascimento	Metáfora	Com um local “diferente dos lugares vizinhos” – Porque aí fora você encontra oportunidades e outras maneiras de viver, mais ao mesmo tempo está se arriscando com os perigos que ele oferece
Origem: PCV Sem filiação	Sentido	A Prainha do C.V. Diferente de Lugares Vizinhos é aquela em que seu pertencimento se manifesta pela crença de sua comunidade de que são diferentes dos demais, pois estão se tornando um local melhor cada vez melhor, sustentados por sentimentos de união, compreensão e colaboração.

Aqui a respondente faz uma comparação da praia com lugares vizinhos, mostrando que a Prainha do Canto Verde tem mais espírito comunitário, união e segurança, mas que não traz oportunidade para seus moradores. Provavelmente ela está comparando a localidade com as praias do entorno que tem um turismo mais desenvolvido, onde a geração de renda é mais potencializada, mas que o turismo predatório e a especulação, acabam diminuindo o clima comunitário e contribuindo com a sensação de insegurança.

APÊNDICE 04

MAPAS AFETIVOS DOS SUJEITOS NÃO PARTICIPANTES
DE AÇÕES COMUNITÁRIAS

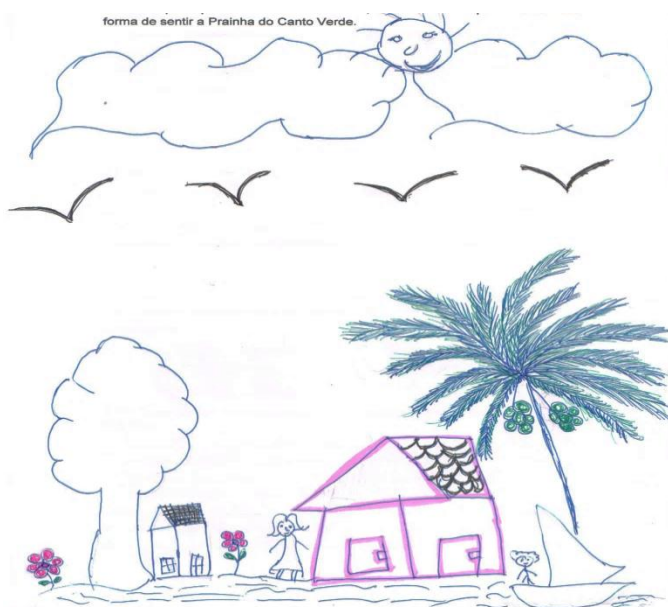
Prainha do C.V. Sem Trabalho – Imagem de Contraste



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Superior Idade: 21 Sexo: F Quanto tempo mora local: --- Origem: Parajuru Sem filiação	Significado	A forma que eu vejo a prainha
	Qualidade	Um lugar que está faltando bastante coisas para se tornar um belo lugar, inclusive emprego, mas que queremos melhorar do modo que todos os moradores de organizem melhor nos seus espaços. Na prainha não tem trabalho, nos outros lugares sim.
	Sentimento	União, colaboração, convivência, solidariedade.
	Metáfora	Local sem trabalho.
	Sentido	A Prainha do C.V. Sem Trabalho é aquela em que seu contraste é marcado por um lado pela falta de emprego que assola o lugar e por outro pela busca dos moradores de se organizarem nutridos por sentimentos de união, colaboração, convivência e solidariedade.

A respondente levantou a questão da falta de emprego na Prainha do Canto Verde, o que gera o problema da falta de circulação de renda no local. Esse problema foi ressaltado também por outros moradores nas entrevistas.

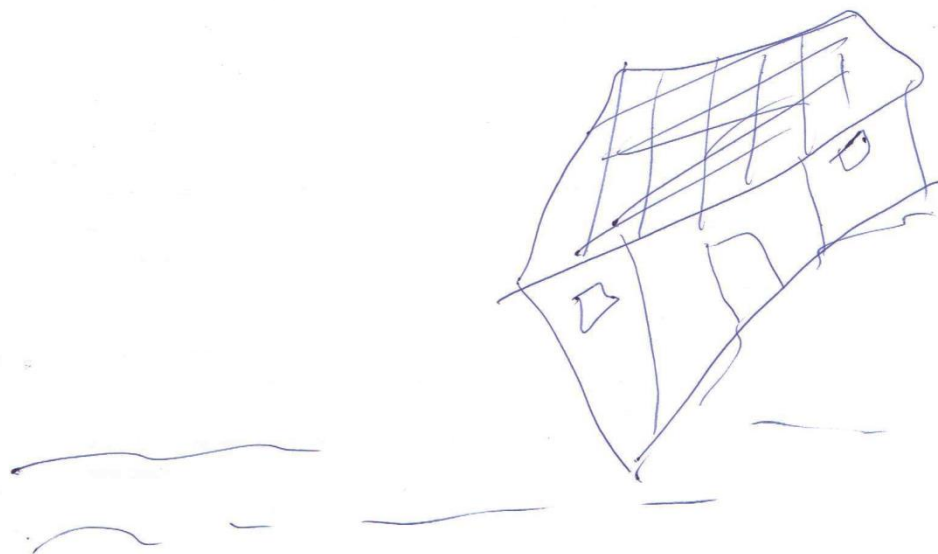
Prainha do C.V. Comunidade Sem Turismo – Imagem de contraste



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Superior	Significado	Está mostrando uma árvore, coqueiro, e uma casa em um dia de sol quente. É uma imagem com muito verde, coqueiro e uma vila de pescadores e uma dona de casa.
Idade: 21 Sexo: F	Qualidade	É um lugar bom para se viver mas não tem trabalho para as pessoas da comunidade. Muitas vezes os jovens quando terminam o ensino médio vão para Fortaleza trabalhar.
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentimento	Alegria, amor, união solidariedade.
Origem: PCV	Metáfora	Comunidade sem turismo – está cada vez mais fraco e a comunidade fica excluída do turismo
Sem filiação	Sentido	A Prainha do C.V. Comunidade Sem Turismo é aquela em que seu contraste se manifesta por um lado pela sua exclusão dos circuitos mais turísticos do Estado, levando a perda de renda na localidade, e por outro lado por ser um local bom para se viver e com muito verde, suscitando sentimentos de alegria, amor, união e solidariedade.

A respondente chama atenção além da problemática da falta de emprego para a falta de turismo que piora a situação econômica da localidade como um todo. Vale ressaltar que o problema do turismo não apareceu em nenhum dos mapas dos sujeitos que participam das atividades comunitárias. A falta de geração de renda na localidade aparece novamente foco dos problemas enfrentados pela comunidade, o que faz com que os jovens sejam obrigados a sair do seu local para tentar a vida nas grandes cidades.

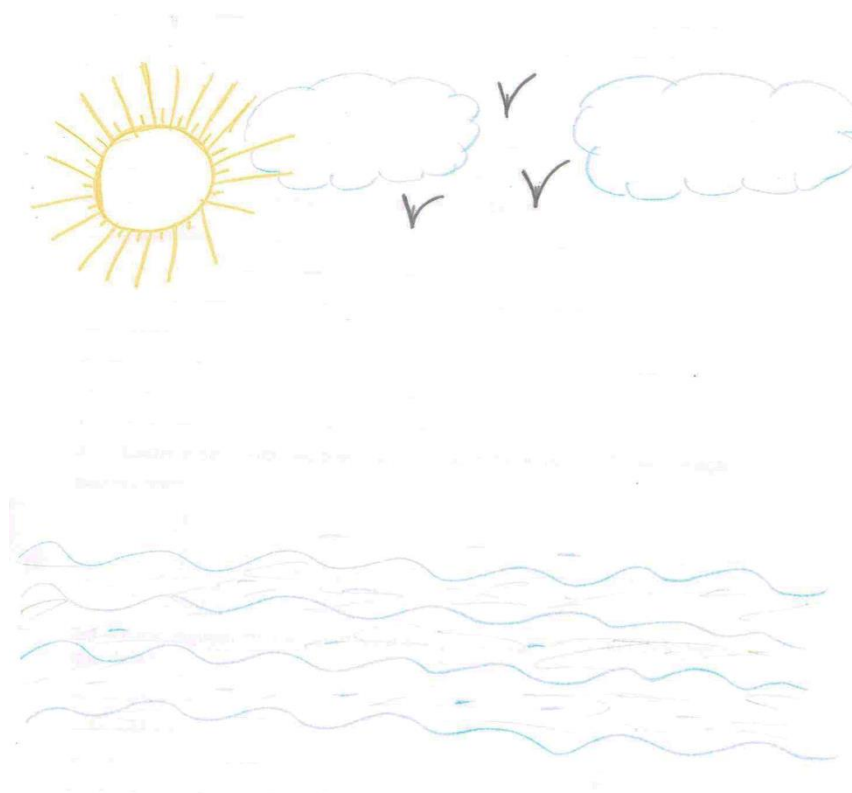
Prainha do C.V. Perigo – Imagem de insegurança



Identificação	Estrutura	Metafórica
Escolaridade: Ensino Médio	Significado	O perigo das dunas, morador em perigo.
	Qualidade	Na prainha do Canto Verde tem pouco emprego.
	Sentimento	Medo.
Idade: 32 Sexo: F	Metáfora	Perigo
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentido	A Prainha do C.V. Perigo é aquela em que sua insegurança pode ser percebida pela vulnerabilidade em que vive parte dos moradores pelo perigo constante de ter suas casas na rota do movimento espontâneo das dunas gerando sentimentos de medo nestes sujeitos.
Sem filiação		

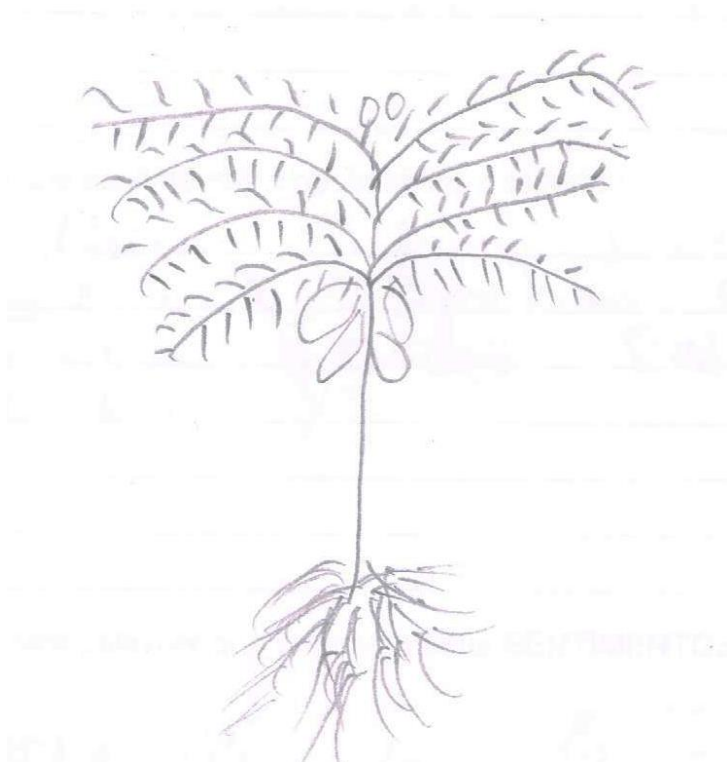
Neste mapa afetivo a respondente trouxe um problema comum na Prainha do Canto Verde, por ser um local com dunas, apesar de praticamente não ter sido abordado nos outros instrumentos de geração de dados. As dunas não são fixas e se movem de um canto para o outro com o passar dos tempos, dessa forma muitas casas sofrem com essa ação. É comum ver várias casas se valendo de técnicas artesanais como a utilização de palhas de coqueiro para tentar sanar o problema. Mesmo assim é possível ver na Prainha casas abandonadas, especialmente construções paradas no meio por conta deste efeito. Vale ressaltar que fazer a construção das casas de acordo com o plano de manejo, que é feito a partir de um estudo da área, pode minimizar os problemas.

Prainha do C.V. Boa – Imagem de agradabilidade



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Ensino Médio Idade: 19 Sexo: F Quanto tempo mora local: 3 anos Origem: Fortaleza Sem filiação	Significado	A paisagem que eu vejo quando chego na Prainha: Sol e mar.
	Qualidade	Que é um lugar bom para um dia de lazer.
	Sentimento	Paz, harmonia, felicidade, amor
	Metáfora	Praia boa
	Sentido	Na Prainha do C.V. Boa a agradabilidade fica evidenciada em um dia de lazer, no qual pode se desfrutar do seu sol e do seu mar, experimentando sentimentos de paz, harmonia, felicidade e amor,

Prainha do C.V. Linda – Imagem de agradabilidade



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Ensino Médio Idade: 44 Sexo: F Quanto tempo mora local: Nascimento Origem: Sem filiação	Significado	Que meu pé de coqueiro é parte da Prainha, porque tem muito verde.
	Qualidade	É um lugar com muito verde e árvores bonitas, e muito bom para se morar. Com uma bela natureza.
	Sentimento	Bem-estar.
	Metáfora	Com uma praia linda
	Sentido	A Prainha do C.V. Linda é aquela em que a agradabilidade se evidencia através de suas belezas naturais, um lugar com muito verde, árvores bonitas, muito bom para se morar e que suscita sentimento de bem-estar.

Prainha do C.V. Sem Fonte de Renda - Imagem de insegurança



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Fundamental Incompleto	Significado	Simboliza alimento para a comunidade
	Qualidade	Aqui as pessoas brigam muito sem necessidade, é um lugar onde as pessoas brigam muito por terra e não se preocupam em buscar emprego para a comunidade.
Idade: 35	Sentimento	Disputa
Sexo: M	Metáfora	Comunidade sem fonte de renda
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentido	A Prainha do C.V. Sem Fonte de Renda é aquela em que a insegurança é gerada pela instabilidade econômica do local, e pela desarmonia de seus moradores que perdem energia com brigas pela terra e não conseguem solucionar o problema da falta de emprego na comunidade, gerando um sentimento de disputa.
Origem:		
Sem filiação		

Percebemos que o respondente enfatizou os conflitos existentes na Prainha e os percebe de forma muito negativa. Apesar deste morador ter nascido na localidade, participa pouco dos movimentos comunitários, e possivelmente, essa imagem de desarmonia e conflito que possui do seu lugar.

Prainha do C.V. Paraíso III – Imagem de agradabilidade



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: Ensino Médio	Significado	Representa tranquilidade e a natureza preservada.
	Qualidade	Terra boa de morar, lugar tranquilo.
	Sentimento	Paz, felicidade, liberdade, amor, mansidão
Idade: 28 Sexo: F Quanto tempo mora local: 18 anos	Metáfora	Paraíso
	Sentido	A Prainha do C.V. Paraíso III é aquela em que a agradabilidade pode ser percebida tanto na sensação dos sujeitos de que estão em um lugar tranquilo, como a partir do contato com a natureza preservada, suscitando sentimentos de paz, felicidade, liberdade, amor e mansidão.
Origem: Fortaleza		
Associada a AMPCV		

Nos chamou atenção nesse mapa que apesar da respondente declarar no questionário que participa poucas vezes das ações comunitárias, ela é filiada a AMPCV. Encontramos apenas esse questionário nessa situação, o que nos levou a pensar que talvez ela valorize e acompanhe as lutas locais, mas por algum motivo específico não pode participar muito das atividades.

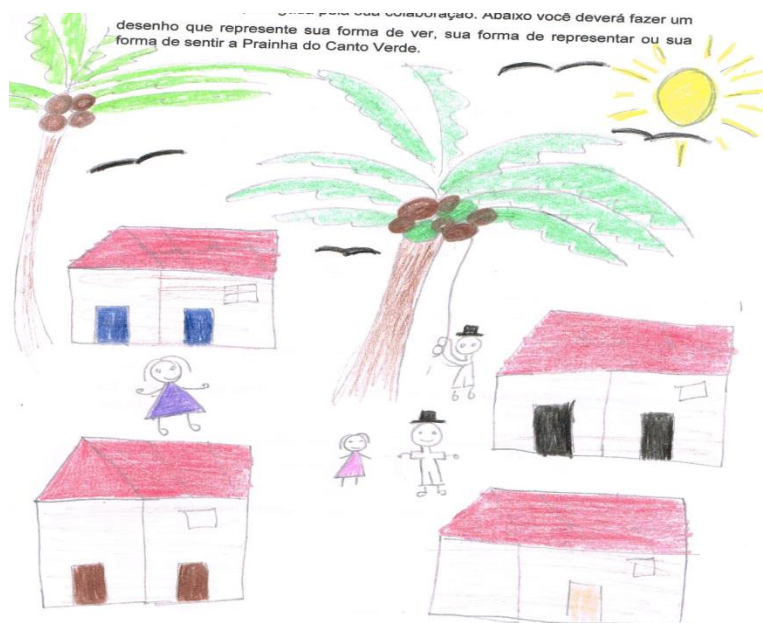
Prainha do C.V. Que o Mar Está Levando – Imagem de destruição



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: ---	Significado	O mar acabando com muitas casas que estão próximas dele
Idade: 20	Qualidade	É um lugar bom de se morar e muito calmo, e que é muito triste ver a história se destruindo.
Sexo:F	Sentimento	Tristeza, Angústia, lamento, revolta, infelicidade, sofrimento
Quanto tempo mora local:	Metáfora	Lugar que o mar está levando
Nascimento:	Sentido	Na Prainha do C.V. Que o Mar Está Levando , a sua destruição se caracteriza por conta do avanço do mar que destrói as casas que ficam na beira da praia, provocando sentimentos de tristeza, angústia, lamento, infelicidade e sofrimento nos moradores.
Origem:		
Sem filiação		

A respondente chama a atenção para um problema que foi muito pouco relatado pelos moradores, mas que é muito dramático especialmente para os residentes mais próximos do mar. Em boa parte do litoral cearense o mar tem avançado e isso vem acontecendo também na Prainha do Canto Verde e em algumas praias vizinhas. Algumas casas já foram destruídas e é perceptível o esforço dos moradores para preservá-las. Vale ressaltar que esse problema não é generalizado e acontece apenas em uma área da comunidade mais próxima do mar, talvez por isso o relato não tenha sido tão frequente.

Prainha do C.V. Cidade – Imagem de insegurança



Identificação	Estrutura	Metafórico
Escolaridade: E. Superior Incompleto	Significado	Representa que a nossa comunidade está ficando sem espaço.
Idade: 19	Qualidade	Uma comunidade que era boa mas que agora já não é tanto porque está crescendo e estamos ficando sem espaço, um lugar que gera angústia por não sabemos se nossos filhos vão ter lugar para fazer a sua casa, porque do jeito que está eu acho que não.
Sexo: F	Sentimento	Tristeza, infelicidade, depressão
Quanto tempo mora local: Nascimento	Metáfora	Com uma cidade, antes aqui era como no campo, agora é como na cidade.
Sem filiação	Sentido	Na Prainha do C.V. Cidade a insegurança é causada pelo crescimento da localidade, que tem provocado angústia em seus moradores, por eles não puderem saber se seus filhos terão espaço para morar lá, fazendo com que surjam sentimentos de tristeza, sofrimento e depressão.

Aqui a insegurança está ligada ao sentimento de angústia provocado pelo crescimento da Prainha e o medo de que esse fato comprometa a possibilidade de seus filhos morarem no lugar futuramente. Interessante que alguns mapas, especialmente dos sujeitos participantes, bem como o grupo focal realizado com o mesmo público, trouxeram exatamente uma visão oposta, a de que na Prainha podem ter a segurança que a futura moradia dos seus filhos está assegurada por conta da Resex.

Prainha do C.V. Paraíso IV – Imagem de pertencimento



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Alfabetizado	Significado	Este desenho é a minha casa, tudo que eu tenho antes de Deus. Na minha vida e na minha família.
	Qualidade	Um lugar maravilhoso onde nasci e me criei, vivo até hoje com meus pais e outros familiares, que construí minha família e onde vou viver até que Deus permita. Um verdadeiro refúgio.
Idade: 45 Sexo: M	Sentimento	Paz, aconchego, tranquilidade, segurança, amor
	Metáfora	Paraíso
Quanto tempo mora local: Nascimento	Sentido	A Prainha do C.V. Paraíso IV é aquela na qual o pertencimento pode ser percebido pelo desejo dos seus nativos de permanecerem na comunidade e constituírem a sua própria família, percebendo-a como um verdadeiro refúgio que proporciona sentimentos de paz, aconchego, tranquilidade, segurança e amor.
Origem: PCV		
Sem filiação		

O sujeito representou o paraíso que é a Prainha do Canto Verde como uma casa, incluindo aí a sua família. Ele enfatiza que é seu lugar porque é onde nasceu, onde vive seus pais, e onde ele escolheu ter também os seus filhos, isso mostra como as raízes desse sujeito estão fincadas neste local, apesar dele não participar das ações comunitárias. Ele foi o nosso único mapa que gerou uma imagem de pertencimento dentre o grupo que não participa das atividades comunitárias.

Prainha do C.V. Minha Casa – Imagem de agradabilidade



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: 1º grau	Significado	A natureza
	Qualidade	Um lugar bom para se viver
	Sentimento	Paz, calma, tranquilidade, liberdade
Idade: 43	Metáfora	Com a minha casa
Sexo: Feminino Quanto tempo mora local: --- Origem: ----- Sem filiação	Sentido	A Prainha do C.V. Minha Casa é aquela em que a agradabilidade se manifesta através do contato com a natureza e por ser um local bom para se viver, gerando sentimentos como paz, calma, tranquilidade e liberdade.

Apesar do respondente não ter preenchido há quanto tempo mora no local, ele escreveu que: “não participo das atividades comunitárias por que não sou daqui”. Diante da lacuna no preenchimento do formulário, não sabemos há quanto tempo o sujeito reside na localidade, mas chama a atenção que, apesar de sentir que a Prainha pode ser comparada com sua casa, não se sente a vontade para participar das reuniões das associações, mostrando uma possível falta de apropriação do lugar.

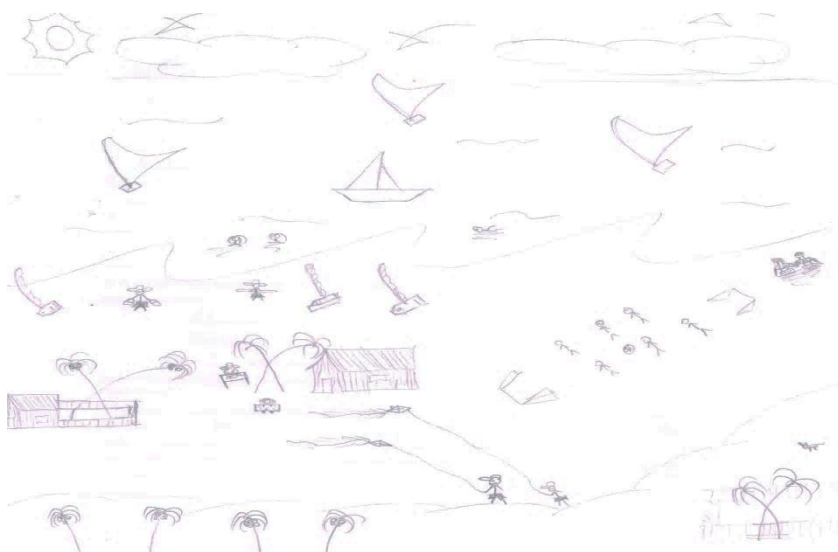
Prainha do C.V. Cidade II – Imagem de contraste



Identificação	Estrutura	Metafórica
Escolaridade: ---	Significado	É a pesca, que é uma forma de sobreviver para os prainheiros.
Idade: 18	Qualidade	A prainha é um local que não tem trabalho para os moradores.
Sexo: M	Sentimento	Prazer
Quanto tempo mora local:	Metáfora	Com uma cidade
Nascimento	Sentido	A Prainha do C.V. Cidade II é aquela em que seu contraste reside no fato de apesar de faltar trabalho para os seus moradores eles ainda conseguem retirar o seu sustento da pesca, sobrevivendo e mantendo um sentimento de prazer com esta atividade.
Origem:		
Sem filiação		

O respondente tem 18 anos, e está é uma das fases mais críticas para a questão do emprego, é nela que normalmente o jovem termina o ensino médio e precisa arrumar uma atividade. Alguns dos moradores nesta faixa não se identificam tanto com a pesca como seus pais, e querem atividades mais rentáveis financeiramente, o que acaba levando muitos deles para cidades maiores, é possível que este respondente esteja passando por este conflito neste momento.

Prainha do C.V. Diferente de Canoa Quebrada²⁵ – Imagem de Contraste



Identificação	Estrutura	Cognitivo
Escolaridade: Ensino Médio Idade: 19 Sexo: M Quanto tempo mora local: Nascimento Origem: Sem filiação	Significado	A comunidade em que eu vivo e as belezas que nela existem
	Qualidade	Uma comunidade que já lutou muito pela posse da terra, comunidade guerreira, Mas ao mesmo tempo uma comunidade desunida pois há duas associações, uma a favor da reserva e outra não, com isso os moradores ficam desunidos. Lugar calmo e bonito, com suas culturas crenças e costumes.
	Sentimento	Alegria, tranquilidade e esperança.
	Metáfora	Diferente de Canoa Quebrada, se não tivesse a Reserva Extrativista talvez estaríamos sem lugar para vivermos, vendida para os gringos, como é Canoa.
	Sentido	A Prainha do C.V. Diferente de Canoa Quebrada é aquela na qual seu contraste reside no fato de que apesar de sua comunidade já ter lutado muito pela posse da terra e assim diferente de outras localidades ter conseguido preservá-la, os diferentes posicionamentos dicotomizam a localidade, desunindo os moradores, mas apesar disto é possível perceber sentimentos de alegria, tranquilidade e esperança.

O respondente chama atenção para o conflito político da região que é a disputa entre as duas associações, uma que defende a reserva e outra que é contra. Apesar disto, ele se coloca do lado da primeira, entendendo que é luta em defesa da terra que vem protegendo a localidade de acabarem nas mãos de estrangeiros.

²⁵ Canoa Quebrada é uma cidade turística conhecida nacionalmente próxima a Prainha, local que foi muito atingido pelo turismo predatório e que é conhecido no litoral leste pela fama de praticamente todos os comerciantes locais, donos de restaurantes, bares e pousadas serem estrangeiros.

ANEXO 01

PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA COM SERES HUMANOS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VINCULAÇÃO AFETIVA PESSOA-AMBIENTE NA PRAINHA DO CANTO VERDE: PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE

Pesquisador: Daniel Welton Arruda Cabral

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 36511314.4.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 851.440

Data da Relatoria: 29/10/2014

Apresentação do Projeto:

Projeto de dissertação do aluno Daniel Welton Arruda Cabral, orientado pela prof. Dr. Zulmira A. Bonfim, tem como foco o estudo a relação entre a participação popular na comunidade da Prainha do Canto Verde e a vinculação afetiva pessoa-ambiente no contexto em questão. Para isso, ancora-se nos referenciais da Psicologia Ambiental e da Psicologia Comunitária. A pesquisa é de natureza qualitativa e se realizará com dez moradores adultos da Prainha do Canto Verde, de ambos os sexos, tanto aqueles que participam de movimentos sociais na comunidade quanto

já ativos e organizados politicamente, quanto os demais moradores, que não fazem parte de organismos de organização comunitária. Para a produção dos dados, o projeto prevê a utilização de observação participante da dinâmica comunitária e a realização de grupos com moradores (chamados de Círculos de Cultura, no âmbito do referencial teórico utilizado no projeto) para a discussão do tema da participação popular e da relação das pessoas com a comunidade. Além disso, o projeto prevê também a aplicação do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos, técnica que foi desenvolvida pela orientadora do mestrando em questão, em 2003. Como esse último procedimento metodológico de produção de dados, pretende-se complementar a investigação dos sentimentos e afetos da pessoa em

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-270

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

Fax: (85)3223-2903

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 851.440

relação ao ambiente. Assim, o instrumento gerador dos mapas afetivos que a pesquisa pretende utilizar será constituído dos seguintes itens: desenho – será solicitado que o morador desenhe e represente sua forma de ver e sentir a Prainha do Canto Verde; significado – buscará esclarecimentos sobre o que os sujeitos quiseram representar com o desenho; sentimentos – síntese dos sentimentos provocados pelo desenho; o que pensa da praia – falar de forma livre o que pensa da localidade em questão; questionamento a que o sujeito compararia a Prainha lugar algo – encontrar uma metáfora para a forma como o sujeito percebe o lugar; e por fim questionar sobre a participação do sujeito nas atividades comunitárias. A análise de dados ocorrerá por meio de análise de conteúdo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar a inter-relação entre os processos de participação popular da comunidade da Prainha do Canto Verde e a vinculação afetiva pessoa-ambiente.

Objetivos secundários: Identificar o “sentimento de comunidade” dos moradores da Prainha do Canto Verde; Descobrir que afetos (sentimentos e emoções) estão presentes na relação dos sujeitos com o ambiente; Investigar de que maneira ocorre a participação popular dos moradores da comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos, eles são mínimos, tendo em vista que o tema da pesquisa e os seus procedimentos metodológicos não representam ameaça à dignidade e integridade dos participantes, visto que busca entender como a participação popular dos sujeitos na comunidade se relaciona com seu processo de vinculação com o ambiente. No tocante aos benefícios, eles incidem na possibilidade de que os resultados da pesquisa contribuam para a reflexão sobre a ampliação de modos de participação popular que contribuam para fortalecer a relação dos sujeitos com o ambiente em questão.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para o campo da Psicologia. Objetivos pertinentes e congruentes com o delineamento metodológico proposto no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresentou ao CEP: Folha de rosto devidamente preenchida e assinada pelo chefe de departamento do curso de psicologia da UFC; Projeto de pesquisa; Modelo de TCLE; Orçamento

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127
Bairro: Rodolfo Teófilo **CEP:** 60.430-270
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 **Fax:** (85)3223-2903 **E-mail:** comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 851.440

financeiro detalhado; Currículo LATTES do pesquisador principal

Carta de solicitação de apreciação do projeto ao COMEPE com assinatura do pesquisador e da orientadora;
Declaração assinada pelo pesquisador principal e pela orientadora em que concordam com a submissão do projeto à apreciação do projeto ao COMEPE. O pesquisador ainda apresentou documento em que justificando a não apresentação de documento específico de "autorização do local" onde será realizada a pesquisa, pelo fato de se tratar de uma investigação que não se dará em uma instituição específica, mas sim em uma comunidade.

Recomendações:

Não há recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto atende aos princípios éticos e, no entendimento da relatoria, não apresenta pendências documentais que inviabilizem sua aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FORTALEZA, 30 de Outubro de 2014

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador)

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127
Bairro: Rodolfo Teófilo **CEP:** 60.430-270
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 **Fax:** (85)3223-2903 **E-mail:** comepe@ufc.br

ANEXO 02

AUTORIZAÇÃO PARA ATIVIDADES COM FINALIDADE
CIENTÍFICA DO INSTITUTO CHICO MENDES DE
CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE



Ministério do Meio Ambiente - MMA
 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
 Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 45637-1	Data da Emissão: 10/09/2014 14:32	Data para Revalidação*: 10/10/2015
* De acordo com o art. 33 da IN 154/2009, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Daniel Welton Arruda Cabral	CPF: 003.681.073-88
Título do Projeto: VINCULAÇÃO AFETIVA PESSOA-AMBIENTE NA PRAINHA DO CANTO VERDE: PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE	
Nome da Instituição : UFC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	CNPJ: 07.272.636/0001-31

Cronograma de atividades

#	Descrição da atividade	Início (mês/ano)	Fim (mês/ano)
1	Observação Participante	09/2014	10/2014
2	Formação dos Círculos de Cultura com a Comunidade	10/2014	11/2014
3	Aplicação do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos	11/2014	12/2014
4	Análise de Dados	12/2014	03/2015
5	Apresentação dos dados obtidos como devolutiva para Comunidade	03/2015	04/2015

Observações e ressalvas

1	As atividades de campo exercidas por pessoa natural ou jurídica estrangeira, em todo o território nacional, que impliquem o deslocamento de recursos humanos e materiais, tendo por objeto coletar dados, materiais, espécimes biológicos e minerais, peças integrantes da cultura nativa e cultura popular, presente e passada, obtidos por meio de recursos e técnicas que se destinem ao estudo, à difusão ou à pesquisa, estão sujeitas a autorização do Ministério de Ciência e Tecnologia.
2	Esta autorização NAO exige o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de obter as anuências previstas em outros instrumentos legais, bem como do consentimento do responsável pela área, pública ou privada, onde será realizada a atividade, inclusive do órgão gestor de terra indígena (FUNAI), da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, ou do proprietário, arrendatário, posseiro ou morador de área dentro dos limites de unidade de conservação federal cujo processo de regularização fundiária encontra-se em curso.
3	Este documento somente poderá ser utilizado para os fins previstos na Instrução Normativa IBAMA n° 154/2007 ou na Instrução Normativa ICMBio n° 10/2010, no que especifica esta Autorização, não podendo ser utilizado para fins comerciais, industriais ou esportivos. O material biológico coletado deverá ser utilizado para atividades científicas ou didáticas no âmbito do ensino superior.
4	O titular de licença ou autorização e os membros da sua equipe deverão optar por métodos de coleta e instrumentos de captura direcionados, sempre que possível, ao grupo taxonômico de interesse, evitando a morte ou dano significativo a outros grupos; e empregar esforço de coleta ou captura que não comprometa a viabilidade de populações do grupo taxonômico de interesse em condição in situ.
5	O titular de autorização ou de licença permanente, assim como os membros de sua equipe, quando da violação da legislação vigente, ou quando da inadequação, omissão ou falsa descrição de informações relevantes que subsidiaram a expedição do ato, poderá, mediante decisão motivada, ter a autorização ou licença suspensa ou revogada pelo ICMBio e o material biológico coletado apreendido nos termos da legislação brasileira em vigor.
6	Este documento não dispensa o cumprimento da legislação que dispõe sobre acesso a componente do patrimônio genético existente no território nacional, na plataforma continental e na zona econômica exclusiva, ou ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica, bioprospeção e desenvolvimento tecnológico. Veja maiores informações em www.mma.gov.br/cgen .
7	Em caso de pesquisa em UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, o pesquisador titular desta autorização deverá contactar a administração da unidade a fim de CONFIRMAR AS DATAS das expedições, as condições para realização das coletas e de uso da infra-estrutura da unidade.

Outras ressalvas

1	Realizar reunião com a comunidade visando explicar não só ao Conselho Deliberativo, mas aos comunitários objeto da pesquisa, seus objetivos, materiais métodos, resultados esperados e cronograma de execução. Deve estar ciente que, ao término do trabalho, deverá realizar uma reunião de apresentação dos resultados ao Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Prainha do Canto Verde, que fará ampla divulgação à comunidade, ocasião em qual disponibilizará em arquivo digital e impresso, cópia completa do trabalho Científico elaborado, com todos os seus anexos.
---	---

Locais onde as atividades de campo serão executadas

#	Município	UF	Descrição do local	Tipo
1		CE	RESERVA EXTRATIVISTA PRAINHA DO CANTO VERDE	UC Federal

Este documento (Autorização para atividades com finalidade científica) foi expedido com base na Instrução Normativa nº154/2007. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 12297882



Página 1/3



Ministério do Meio Ambiente - MMA
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 45637-1	Data da Emissão: 10/09/2014 14:32	Data para Revalidação*: 10/10/2015
* De acordo com o art. 33 da IN 154/2009, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Daniel Welton Arruda Cabral	CPF: 003.681.073-88
Título do Projeto: VINCULAÇÃO AFETIVA PESSOA-AMBIENTE NA PRAIA DO CANTO VERDE: PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE	
Nome da Instituição : UFC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	CNPJ: 07.272.636/0001-31

Registro de coleta imprevista de material biológico

De acordo com a Instrução Normativa nº154/2007, a coleta imprevista de material biológico ou de substrato não contemplado na autorização ou na licença permanente deverá ser anotada na mesma, em campo específico, por ocasião da coleta, devendo esta coleta imprevista ser comunicada por meio do relatório de atividades. O transporte do material biológico ou do substrato deverá ser acompanhado da autorização ou da licença permanente com a devida anotação. O material biológico coletado de forma imprevista, deverá ser destinado à instituição científica e, depositado, preferencialmente, em coleção biológica científica registrada no Cadastro Nacional de Coleções Biológicas (CCBIO).

Táxon*	Qtde.	Tipo de amostra	Qtde.	Data

Este documento (Autorização para atividades com finalidade científica) foi expedido com base na Instrução Normativa nº154/2007. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 12297882



Página 2/3



Ministério do Meio Ambiente - MMA
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 45637-1	Data da Emissão: 10/09/2014 14:32	Data para Revalidação*: 10/10/2015
* De acordo com o art. 33 da IN 154/2009, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Daniel Welton Arruda Cabral	CPF: 003.681.073-88
Título do Projeto: VINCULAÇÃO AFETIVA PESSOA-AMBIENTE NA PRAINHA DO CANTO VERDE: PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE	
Nome da Instituição : UFC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	CNPJ: 07.272.636/0001-31

* Identificar o espécime no nível taxonômico possível.

Este documento (Autorização para atividades com finalidade científica) foi expedido com base na Instrução Normativa nº154/2007. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 12297882



Página 3/3